



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**MONSENHOR JOSÉ DE CASTRO E O TOMBO DIOCESANO:
PATRIMÓNIO CULTURAL DA IGREJA NA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património

por

Sandra Maria do Vale

ESCOLA DAS ARTES

Setembro de 2020



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

MONSENHOR JOSÉ DE CASTRO E O TOMBO DIOCESANO:
PATRIMÓNIO CULTURAL DA IGREJA NA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património

Por Sandra Maria do Vale

Sob orientação de Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira

ESCOLA DAS ARTES

Setembro de 2020

A meus pais.

A minha irmã.

RESUMO

Os arquivos eclesiásticos assumem grande relevância no âmbito do património cultural da Igreja. Assim sucede com o Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda – Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro, que custodia um valioso espólio documental desta circunscrição eclesiástica.

O projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte (Norte 2020) e pela Câmara Municipal de Bragança, propõem-se conservar e valorizar o património cultural da Igreja no território da Diocese de Bragança-Miranda, a partir do acervo documental integrado no Arquivo e da vida e obra do seu patrono.

Mons. José de Castro (1886-1966), sacerdote, publicista, diplomata e investigador, é autor de uma extensa bibliografia produzida a partir de investigações historiográficas em arquivos, particularmente nos Arquivos do Vaticano. A obra *Bragança e Miranda (Bispado)* consagrou-o como o “historiador da Diocese” e patrono do Tombo Diocesano.

A vida, obra e pensamento de Mons. José de Castro são pilares estruturantes do projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*. Para a prossecução dos objetivos do projeto foi e é fundamental conhecer as múltiplas facetas desta figura proeminente do Património Cultural português.

Palavras-Chave: Património Cultural da Igreja; Diocese de Bragança-Miranda; Tombo Diocesano; Monsenhor José de Castro.

ABSTRACT

The ecclesiastical archives are of great significance in the context of the Church's cultural heritage. So it is with the Diocesan Archive of Bragança-Miranda – Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro, which serve as a valuable documentary repository for this ecclesiastical department.

The purpose of the *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* project, co-financed by the Northern Regional Operating Programme (Norte 2020) and by the Bragança City Council, is to preserve and enhance the value of the cultural heritage of the Church in the territory of the Diocese of Bragança-Miranda, from the documentary collection contained in the Archive and the life and work of its patron.

Msgr. José de Castro (1886-1966), priest, publicist, diplomat and researcher, is the author of an extensive bibliography produced from historiographic research in the Vatican Archives. The work *Bragança e Miranda (Bispado)* enshrined him as the “historian for the Diocese” and patron of the Diocesan Archive.

The life, work and thoughts of Monsignor José de Castro are the cornerstones of the *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* project. In order to pursue the objectives of the project, it was and is fundamental to understand the multiple facets of this leading figure of Portuguese Cultural Heritage.

Keywords: Cultural Heritage of the Church; Diocese of Bragança-Miranda; Diocesan Archive; Monsignor José de Castro.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	9
INTRODUÇÃO	11
1. Mons. José de Castro, figura do Património Cultural da Igreja	12
2. Tombo Diocesano de Bragança-Miranda e Mons. José de Castro	13
CAPÍTULO I - PATRIMÓNIO CULTURAL E PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL DA IGREJA – BREVE ABORDAGEM CONCEPTUAL	18
1. Os conceitos de Património e Património Cultural.....	19
2. Património cultural, memória e identidade – inter-relações e interceções	24
3. O Património Histórico-cultural da Igreja	26
CAPÍTULO II – TOMBO DIOCESANO MONSENHOR JOSÉ DE CASTRO.....	36
1. O Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda	37
2. Constituição do <i>Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro (1986-2016)</i>	50
3. Projeto <i>Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro</i>	61
CAPÍTULO III – MONS. JOSÉ DE CASTRO – VIDA, OBRA E PENSAMENTO.....	65
1. O Nacionalismo Católico em Mons. José de Castro	66
1.1. Formação intelectual e ideológica – contextos e figuras.....	66
1.2. A imprensa católica e a ação política através do jornal <i>Álerta!</i>	71
1.3. Da militância no Partido Nacionalista à participação na resistência monárquica.....	77
1.4. Nos novos caminhos do Nacionalismo.....	88
2. Ação diplomática de Mons. José de Castro.....	95
2.1. A missão de Conselheiro Eclesiástico da Representação Diplomática de Portugal junto da Santa Sé	95
2.2. Singularidades de um protagonista nos bastidores da diplomacia	104

2.3. Sombras e ocaso no trajeto diplomático	114
CAPÍTULO IV – A OBRA BIBLIOGRÁFICA DE MONS. JOSÉ DE CASTRO	129
1. Crónicas na imprensa	130
1.1. Atividade publicista no Brasil	130
1.2. <i>As Cartas</i> no diário <i>Novidades</i>	138
2. Monografias a partir dos arquivos romanos	142
2.1. Relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé.....	142
2.2. D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a participação de Portugal no Concílio de Trento	153
3. Monografias de instituições locais	163
3.1. Associação dos Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança	163
3.2. A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança.....	166
CAPÍTULO V – PATRIMÓNIO CULTURAL DA IGREJA NA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA	171
1. <i>Bragança e Miranda (Bispado)</i> – obra referencial na historiografia da Diocese de Bragança-Miranda.....	172
1.1. Motivações para a realização da obra	172
1.2. Contributos das <i>Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança</i> e de outras fontes primárias	174
1.3. Estrutura interna da obra e elementos de património cultural abordados	182
1.4. Ressonâncias da obra	185
BIO-CRONOLOGIA DE MONS. JOSÉ DE CASTRO (1886-1966).....	194
CONCLUSÕES	227
1. Mons. José de Castro, a vida, a obra e o pensamento	228
2. O Tombo Diocesano e o seu patrono	230
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	232

LISTA DE SIGLAS

ACE – Arquivo da Câmara Eclesiástica
AHD – Arquivo Histórico Diplomático
AHM – Arquivo Histórico Militar
AHP – Arquivo Histórico da Presidência
AHPL – Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa
AMC – Arquivo Marcelo Caetano
ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo
AOS – António Oliveira Salazar
ASSJB – Arquivo do Seminário de São José de Bragança
CEP – Conferência Episcopal Portuguesa
C-ICL – Camões-Instituto da Cooperação e da Língua
CJC – Correspondência José de Castro
CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
FAM – Fundo Amigos do Museu
FCC – Fundo Cardeal Cerejeira
FGC – Fundo do Governo Civil
FJAC – Fundo José António de Castro
FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
FRT – Fundo Raul Teixeira
IAC – Instituto para a Alta Cultura
LTS – Luís Teixeira de Sampaio
MAB – Museu do Abade de Baçal
MNE – Ministério dos Negócios Estrangeiros
MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa
TDMJC – Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro

AGRADECIMENTOS

Manifesto o meu profundo agradecimento a todos quantos, com palavras e ações, contribuíram para a construção do presente estudo, particularmente:

A Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} D. José Cordeiro, pela confiança na concretização deste trabalho;

Ao Luís Teixeira, pela amizade e pelo apoio dispensado ao longo de todo o programa do doutoramento;

Ao Sr. Dr. Amândio Felício e demais colaboradores do Museu do Abade de Baçal, pelo acesso ao arquivo do MAB e pelo acompanhamento na sua consulta.

Aos colaboradores do Arquivo Distrital de Bragança, pela afabilidade e presteza demonstradas;

Ao Diretor do Arquivo Diocesano do Patriarcado de Lisboa, pelo acesso concedido ao Arquivo Cardeal Cerejeira, e ao Sr. P.^º Manuel Rodrigues por me ter possibilitado a consulta do Arquivo;

Aos amigos Fernando, Nelson e Gilles, pelo auxílio na reunião da obra monográfica de Mons. José de Castro;

À Sra. D. Isabel de Castro, pela partilha de memórias da família Castro e pela disponibilização de elementos documentais.

Ao Sr. Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira, por me ter aproximado da figura de Mons. José de Castro e pela orientação prestada ao longo da investigação.

INTRODUÇÃO

1. Mons. José de Castro, figura do Património Cultural da Igreja

A inscrição de Mons. José de Castro (Bragança, 1886-1966) na galeria das mais ilustres personalidades transmontanas do século XX reúne consenso nos meios culturais e eclesiásticos em Portugal. Ao longo da sua vida pública, o sacerdote brigantino foi agraciado com diversas distinções civis, eclesiásticas e culturais, em reconhecimento da intensa e multifacetada atividade que desenvolveu ao serviço da Igreja, do Estado e da Cultura.

Nos cargos que assumiu, Mons. José de Castro notabilizou-se, particularmente, enquanto Conselheiro Eclesiástico da representação diplomática de Portugal junto da Santa Sé, entre 1930 e 1943. Ao longo dos quase treze anos de presença em Roma, retirou assinalável partido da proximidade dos arquivos romanos, designadamente do Arquivo da Legação Portuguesa junto da Santa Sé e do Arquivo Secreto do Vaticano. Lançou-se num extenso trabalho de investigação historiográfica dedicado, sobretudo, à presença de Portugal em Roma e a figuras e acontecimentos que marcaram as relações entre Portugal e a Santa Sé. O referido trabalho de pesquisa e de sistematização de fontes de informação trouxe à luz numerosos documentos fundamentais para a compreensão de acontecimentos e de personalidades que determinaram a ação diplomática de Portugal e o curso da história da Igreja. Das suas investigações arquivísticas resultou a publicação de nove monografias, somadas às três que o autor já havia dado a estampa no Brasil, país onde residiu entre 1912 e 1929, e nas quais compilou um conjunto de crónicas publicadas na imprensa brasileira, alusivas a experiências de peregrinação e à temática franciscana. As doze monografias que constituem o *corpus* bibliográfico mais conhecido de Mons. José de Castro não esgotam, todavia, a sua obra édita. Igualmente assinaláveis são as numerosas crónicas publicadas em periódicos nacionais e estrangeiros que lhe valeram o epíteto de “publicista de fôlego”.

Personalidades de diversos quadrantes e geografias pronunciaram-se publicamente sobre a ação e trabalho bibliográfico de Mons. José de Castro. Mas o reconhecimento dispensado em determinados momentos da sua vida e a aclamação pública de algumas das

suas obras, sofreram a erosão do tempo. Ao falecimento de Mons. José de Castro, em 26 de agosto de 1966, seguiu-se um pesado silêncio apenas interrompido por celebrações pontuais em datas aniversárias.

Somente em 1986, por ocasião da passagem dos cem anos sobre o seu nascimento, o nome do sacerdote voltou a ser evocado na sua cidade natal e na Academia Portuguesa da História, em Lisboa. Entre as poucas iniciativas levadas a cabo para a celebração do centenário, foi de grande relevância para memória futura a publicação de um número especial da revista cultural *Brigantia*, integralmente dedicada a Mons. Castro. Sob a direção de Belarmino Afonso, naquela traçou-se um perfil do sacerdote, publicista, diplomata e investigador, através de testemunhos pessoais e de algumas fontes documentais, nomeadamente bibliografia e correspondência do homenageado. Desde então, um punhado de outros textos fez memória da vida e da obra de Mons. José de Castro. Entre estes, figura a *Bibliografia do Distrito de Bragança*, de Hirondino Fernandes, publicada em 1997, que elenca parte substantiva da bibliografia ativa e passiva do autor.

Em termos globais, os textos que evocam a memória do autor de *Portugal em Roma* reúnem testemunhos de diversas personalidades que com ele privaram e apresentam a bibliografia produzida pelo autor, suportando-se, sobretudo, em notícias e resenhas do trabalho bibliográfico do sacerdote, publicadas na imprensa da época. Não obstante os contributos de tais subsídios para o estudo da vida e da obra do sacerdote, eles mostraram-se insuficientes na resposta a múltiplas interrogações suscitadas em torno do *Monsenhor de Bragança*. Perante estas limitações, afigura-se fundamental empreender uma profunda investigação no âmbito das múltiplas facetas do autor, bem como completar o levantamento da numerosa bibliografia édita que permanece desconhecida e dispersa.

2. Tombo Diocesano de Bragança-Miranda e Mons. José de Castro

Entre a vasta obra bibliográfica de Mons. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)* assume uma relevância particular para a Diocese transmontana, uma vez que trata a sua história desde a fundação à celebração jubilar dos 400 anos (1545-1945).

D. António José Rafael, Bispo de Bragança-Miranda (1979-2001), em diferentes intervenções públicas, denominou Mons. José de Castro como o “historiador da Diocese” e dedicou o seu nome ao Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda. Em 15 de fevereiro de 1987, na eucaristia aniversária que encerrou a celebração do centenário do nascimento de Mons. José de Castro, o Prelado anunciou que o Arquivo Histórico da Diocese passaria a ser designado por *Arquivo Mons. José de Castro*; em 10 de outubro de 1996, no encerramento do *I Congresso Histórico Diocesano*, reafirmou o sacerdote brigantino como patrono do Arquivo Diocesano, doravante nominado *Tombo Diocesano Mons. José de Castro*. Todavia, a dedicação do Tombo Diocesano à memória de Mons. José de Castro encetada por D. António José Rafael, apenas obteve formalização canónica em 2016, através do decreto episcopal n.º 009/2016, de 26 de agosto, do Bispo de Bragança-Miranda, D. José Cordeiro.

As condições estruturais e organizativas do Tombo Diocesano, distantes do cumprimento das premissas do direito canónico e demais documentos normativos acerca do património documental da Igreja, colocaram em evidência a necessidade de uma abordagem integrada à gestão do espólio documental do Tombo Diocesano e a premência de atualizar e preservar a memória do sacerdote brigantino que o tutela.

Dando corpo aos intentos de reabilitação do Tombo Diocesano, em setembro de 2016, a Diocese de Bragança-Miranda participou na apresentação de candidatura a financiamento no âmbito do Programa Operacional Regional do Norte (Norte 2020), enquadrada na prioridade de investimento *6.3. Conservação, proteção, promoção e desenvolvimento do património natural e cultural*. O projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, promovido pela Câmara Municipal de Bragança e organizado tecnicamente por uma equipa de investigadores do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL)/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, obteve aprovação, com início previsto para o ano de 2020.

Face à centralidade conferida a Mons. José de Castro no projeto *Tombo Diocesano*, constatamos uma vez mais, e porventura de modo particularmente premente, limitações no conhecimento produzido até ao momento sobre a multifacetada vida e obra do

sacerdote, cuja magnitude e densidade exige um olhar integrado e sistematizado. Tais limitações haviam sido por nós observadas ainda na fase preparatória do projeto *Tombo Diocesano*, na qual colaborámos, e tornaram-se mais evidentes por via da análise das obras póstumas do autor, organizadas por Henrique Manuel Pereira [2014; 2016], bem como no decurso da organização e participação no congresso *Mons. José de Castro: vida, obra e pensamento*, realizado em Bragança, em 9 de dezembro de 2016. Se o conhecimento até então reunido justificava amplamente o reconhecimento do autor de *Portugal no Concílio de Trento* Mons. José de Castro como figura cimeira do património cultural da Igreja, deixava também perceber que vários aspetos biobibliográficos necessitavam desocultação, clarificação, sistematização, quando não correção.

O presente estudo propõe-se ir ao encontro dessas necessidades, perspetivando igualmente a criação dos alicerces que sustentem o projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, bem como as ações que o constituem. Para o efeito, tomando por objeto a vida, a obra e o pensamento de Mons. José de Castro, são estabelecidos três objetivos fundamentais para o presente trabalho: aprofundar o conhecimento quanto ao processo de formação político-ideológica de Mons. José de Castro e os reflexos do ideário nacionalista no trabalho bibliográfico; compreender a presença e a articulação dos conceitos de património, memória e identidade na obra monográfica do autor, particularmente em *Bragança e Miranda (Bispado)*; contextualizar a produção bibliográfica no trajeto de vida do autor.

Para a prossecução dos objetivos formulados, propomo-nos, no primeiro capítulo, enquadrar o processo de constituição do *Tombo Diocesano Mons. José de Castro* nos documentos referenciais para as questões da salvaguarda do património cultural da Igreja, abordando, para o efeito, alguns conceitos nucleares implicados na definição de *Património Cultural da Igreja*. Pretendemos contextualizar a realidade experimentada pelo património arquivístico da Diocese de Bragança-Miranda nas últimas décadas,

interrogando os principais documentos orientadores e normativos sobre o património cultural da Igreja e a correspondente transposição para a realidade nacional.

O segundo capítulo será dedicado ao processo de constituição do Tombo Diocesano de Bragança-Miranda, percorrendo os principais momentos e acontecimentos que contribuíram para a sua configuração nos moldes em que presentemente se encontra, bem como as linhas-mestras do projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, cujas ações motivaram, em larga medida, a presente investigação.

No terceiro capítulo do estudo, debruçar-nos-emos sobre a vida, a obra e o pensamento de Mons. José de Castro, procurando compreender a sua articulação e interdependência. Para tal, abordaremos a filiação político-ideológica do sacerdote e as eventuais repercussões do seu pensamento no curso que talhou para a obra bibliográfica e para o exercício diplomático ao serviço da Legação de Portugal junto da Santa Sé. Nesse sentido, propomo-nos não só perscrutar as fontes documentais já conhecidas, como alargar o seu repertório, nomeadamente no que respeita às crónicas que assinou na imprensa e à correspondência que trocou com inúmeras personalidades de diversos quadrantes.

O quarto capítulo, dedicado à obra édita do sacerdote, começará por abordar a sua atividade publicista no Brasil ao serviço dos periódicos *A Cruz*, *Jornal do Brasil* e *Correio Paulistano*, seguindo-se a atividade no diário católico português *Novidades*, quer em nome próprio, quer sob pseudónimo. Propomo-nos tratar, desde um ponto de vista temático, a publicação monográfica de Mons. José de Castro realizada a partir das investigações nos arquivos em Roma, procurando contextualizar cada obra, quer no momento vivencial do autor, quer nas circunstâncias políticas que os influenciaram. Para o efeito, serão abordadas as obras cujo tema nuclear são as relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé, seguidas das que decorreram das investigações em torno da figura de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e da participação de Portugal no Concílio de Trento. Ainda neste capítulo, serão consideradas as duas monografias sobre instituições de Bragança realizadas, sobretudo, a partir de arquivos locais.

No quinto capítulo debruçar-nos-emos sobre *Bragança e Miranda (Bispado)* [1946-1948; 1951], obra em quatro volumes e publicação referencial para o estudo da Diocese de Bragança-Miranda. Nela, por excelência, se aborda o património cultural da Igreja nesta circunscrição eclesiástica. Tratando-se da obra que confere mais amplo suporte bibliográfico às ações contempladas no projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, ser-lhe-á dedicada particular atenção. Por conseguinte, partiremos das motivações do autor para a sua realização e passaremos pelo processo de recolha e tratamento de fontes e de bibliografia de suporte, com particular atenção para o papel desempenhado pelas *Memórias Arqueológico Históricas do Distrito de Bragança*, do P.^e Francisco Manuel Alves, Abade Baçal. Após abordagem à estrutura interna da obra e aos elementos de património cultural que nela são abordados, procuraremos refletir sobre a sua receção e ressonância, quer à data da sua publicação, quer nos tempos subsequentes.

Finalmente, será apresentada uma biocronologia da vida de Mons. José de Castro, através da qual se pretende não só facultar informação sobre os acontecimentos mais relevantes no trajeto vivencial do sacerdote brigantino, mas também incluir elementos informativos complementares que possam beneficiar a sua contextualização. De igual modo, a cronologia propõe-se sinalizar acontecimentos que não tendo sido objeto de análise no *corpus* do presente trabalho, constituem indícios para futuras investigações em torno da figura de Mons. José de Castro e da Diocese de Bragança-Miranda ao longo do século XX.

**CAPÍTULO I - PATRIMÓNIO CULTURAL E PATRIMÓNIO HISTÓRICO-
CULTURAL DA IGREJA – BREVE ABORDAGEM CONCEPTUAL**

1. Os conceitos de Património e Património Cultural

O termo *património* conheceu uma evolução semântica significativa ao longo do século XX. Se etimologicamente era utilizado para referir os bens legados pelos pais aos seus filhos, a partir da década de 60 do século XX incorporou paulatinamente o léxico corrente, associado à expressão *património histórico*¹. Encontramos a sua génese nos vocábulos *monumento* e *monumento histórico*, que a investigadora francesa Françoise Choay definiu, considerando e atualizando o pensamento do historiador de arte austríaco, Alöis Riegel. Assim, Choay define *monumento* como “todo o artefacto [...] ou conjunto de artefactos deliberadamente concebidos e realizados por uma comunidade humana [...] no sentido de fazer lembrar à memória viva, orgânica e afetiva dos seus membros, pessoas e acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais constitutivos da sua identidade”². A intencionalidade configura um elemento distintivo face ao conceito de *monumento histórico*. Neste caso, não se trata da criação de uma comunidade atinente à “memória viva”, mas antes de uma escolha “num corpus de edifícios preexistentes, devido ao seu valor para a história [...] e/ou do seu valor estético”, referente a uma “construção intelectual”, que comporta um “valor abstrato de saber”³. Para além da relação com o saber, o monumento histórico implica uma relação com a arte, ao solicitar a sensibilidade estética perante uma experiência concreta, sendo esta dupla relação que torna um monumento histórico pertença de uma dada cultura.

O termo *património*, com o significado que hoje lhe atribuímos, foi proposto pelo historiador de Arte, André Chastel, e adotado pelo ministro francês da Cultura, André Malraux, ao criar o serviço de Inventário, dedicado, precisamente, ao inventário do património⁴. A ele se deve a junção do substantivo *património* ao adjetivo *cultural* quando, em 1959, na qualidade de titular da pasta da Cultura, atribui ao seu ministério a gestão dos museus e dos monumentos históricos, até então sob alçada do ministério da Educação, assim como as competências da então extinta Secretaria de Estado para

¹ Françoise Choay, *As questões do património – Antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 16.

² *Ibidem*.

³ *Ibidem*, pp. 17-18.

⁴ Nathalie Heinich, *La fabrique du patrimoine – de la cathédrale à la petite cuillère*. 4.ª ed. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2012, p. 15.

as Belas-Artes⁵. Malraux e seus seguidores trilharam um caminho pioneiro na Europa ao associar a cultura ao lazer, concebendo-a como objeto de consumo passível de ser redistribuído. Tal relação conduziu a alterações quanto ao seu sentido e à abrangência do termo. Também no que concerne a *património* se verificou um desvio semântico, passando a substituir a expressão *monumento histórico*⁶. Sob o ponto de vista institucional esta alteração conheceu, em França, dois momentos fundamentais: a criação, em 1964, do Serviço do Inventário do Património e a renomeação da Direção dos Monumentos Históricos, em 1978, para Direção do Património⁷. Este movimento obteve acolhimento e difusão à escala mundial com a *Convenção para a Proteção do Património*, publicada pela UNESCO em 1972, na qual foram aglutinadas as noções de *monumento* e de *monumento histórico* que, doravante, integraram definitivamente o conceito de *património*⁸.

No artigo 1.º do referido documento, são elencados os elementos patrimoniais considerados como *património cultural*, distribuídos por três grupos ou categorias:

“Os monumentos - Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos - Grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse - Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.”⁹

A referida Convenção reflete, no seu texto, o movimento de alargamento e de internacionalização verificados no conceito de património, ao longo do século XX. Tal é

⁵ Françoise Choay, *As questões do património [...]*, pp. 35-36.

⁶ *Ibidem*, pp. 36-37.

⁷ *Ibidem*, p. 37.

⁸ *Ibidem*.

⁹ UNESCO, *Convenção para a protecção do património*, 1972. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf> (2019-03-02; 18:00).

evidenciado ao declarar como critério de categorização o valor excecional universal do elemento patrimonial numa perspetiva histórica, estética e científica.

Para Nathalie Heinich, este processo de alargamento do conceito de património operou-se a quatro níveis: cronológico, topográfico, categorial e conceptual. Ao nível cronológico, traduziu-se na progressiva valorização de elementos patrimoniais cada vez mais contíguos à contemporaneidade; ao nível topográfico, ao deixar de ser apenas considerado o valor intrínseco do monumento para se atender também à sua envolvente; ao nível categorial, deixando a categoria de *monumento histórico* de ser exclusiva dos monumentos de prestígio, passando a contemplar obras mormente pela sua singularidade do que pela sua adequação ao cânones da estética tradicional, ou por serem testemunho da vida quotidiana numa dada realidade contextual, constituindo o designado *novo património*¹⁰. Finalmente, a extensão da noção de *património* operou-se também ao nível conceptual, pois a categoria de monumento histórico, antes restringida a obras únicas ou excecionais, passa a atender a um critério de tipicidade, em que a obra detém todas as propriedades características da sua categoria¹¹.

O conceito de *património* conheceu, ainda, um alargamento a dimensões intangíveis, consagrado pela UNESCO, em 2003, na *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. As especificidades inerentes à imaterialidade dos bens levaram ao limite este processo internacional de alargamento conceptual da noção de *património*¹².

Em Portugal, a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, estabeleceu as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, começando por afirmar, no seu artigo 1.º, o *património cultural* como “uma realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura”¹³.

¹⁰ Nathalie Heinich, *La fabrique du patrimoine [...]*, pp. 17-19.

¹¹ *Ibidem*, p. 20.

¹² *Ibidem*, p. 24.

¹³ Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Diário da República: I série-A (N.º 209). In <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf> (2019-03-02; 17:40).

No que respeita ao seu conceito e âmbito, dispostos no artigo 2.º do diploma, são considerados *património cultural*, todos os bens que sejam “testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante” e que, por tal, “devam ser objeto de especial proteção e valorização”. O referido interesse cultural que estes bens deverão comportar compreende, designadamente, o interesse “histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico”. Os bens que integram o património cultural deverão, ainda, refletir valores de “memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade”¹⁴.

No número quatro do mesmo artigo é referido que também compõem o património cultural os bens imateriais “que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas”. De igual modo, contempla os contextos onde se integram estes bens materiais ou imateriais de interesse cultural relevante, caso possuam com estes uma “relação interpretativa e informativa”, apresentando o valor de testemunho¹⁵.

A citada Lei n.º 107/2001, constitui a lei de bases que dita as linhas mestras da política nacional no que respeita à proteção e valorização do património cultural. Por tal, evidencia, desde logo, a preocupação de estabelecer, de forma clara e objetiva, os critérios de elegibilidade dos bens, materiais ou imateriais, passíveis de serem classificados como património cultural.

No âmbito europeu, o Conselho da Europa, reunido em Faro, em 27 de outubro de 2005, redigiu a convenção-quadro relativa ao valor do património cultural para a sociedade, que ficou conhecida por *Convenção de Faro*. Portugal, enquanto estado membro do Conselho e signatário desta convenção, fez publicar o referido documento no Diário da República, em 12 de setembro de 2008¹⁶. No artigo 2.º da *Convenção de Faro, Património Cultural* é definido como “um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Conselho da Europa, *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade [Convenção de Faro]*, 2005 In Diário da República: I série (N.º 177), 12 de Setembro de 2008. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf> (2019-03-03; 19:00).

bens, como um reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução”. Nesta conceptualização são incluídos “todos os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares através do tempo”. O mesmo artigo faz menção à *comunidade patrimonial*, “composta por pessoas que valorizam determinados aspetos do património cultural que desejam, através da iniciativa pública, manter e transmitir às gerações futuras.”¹⁷

A definição acima citada integra a ideia fundamental que, sob o ponto de vista antropológico, subjaz à noção de *património* – “conservar para transmitir”¹⁸. Ao tomar os objetos patrimoniais como recursos herdados do passado, que refletem e expressam elementos identitários a transmitir às gerações futuras, estamos perante a ideia de *legado*, algo recebido do passado que se pretende preservar. Por tal, “assinala a ligação a tempos pretéritos e remete para a complementaridade entre história e património relativamente ao conhecimento do passado”¹⁹. Na génese do conceito de *património cultural* encontramos, assim, a confluência de três representações da realidade – a “perceção do tempo que inexoravelmente passa e ultrapassa indivíduos e gerações”, a “angústia decorrente da inevitabilidade do perecimento individual” e a “esperança de permanência e transmissão intergeracional”²⁰.

Considerando os excertos dos documentos normativos apresentados, de uma forma implícita ou explícita, os conceitos de memória e de identidade perpassam os seus conteúdos orientadores, sendo eles elementos fundamentais na estrutura e na legitimação do discurso que comportam.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Nathalie Heinich, *La fabrique du patrimoine [...]*, p. 29.

¹⁹ Clara Bertrand Cabral, *Património Cultural Imaterial – Convenção da UNESCO e seus contextos*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 29.

²⁰ *Ibidem*, p. 30.

2. Património cultural, memória e identidade – inter-relações e interceções

Nas sociedades ocidentais parece impor-se o “dever de memória”, isto é, a necessidade de as gerações presentes preservarem a memória do passado para a legarem às gerações vindouras²¹. Este imperativo remete-nos para uma dimensão essencial da memória, que Miguel Baptista Pereira define como “a necessidade de se ‘continuar a narrar’ o acontecido através de discursos transgeracionais, a fim de, contra a amnésia, se manter viva a presença do que passou.”²²

O cumprimento do “dever de memória” ou pagamento da “dívida da herança” constitui o dispositivo de construção, conservação e renovação de identidades pois, se por um lado, a memória pode ser definida como “o que do passado é aceite no presente por todos os que a recebem, a reconhecem e a prolongam ao longo de gerações”, há que considerar a ação que o tempo e a historicidade do homem exercem “nas reatualizações e transmissões do recordado.”²³ Na verdade, quer a memória, quer a identidade, são realidades “construídas e plásticas” que, como defende Manuel Castells, se edificam e alteram no tempo por influência de múltiplos fatores, nomeadamente de natureza biológica, histórica, psicossocial, entre outros²⁴.

O património só poderá ser reconhecido enquanto tal se possuir a capacidade para “representar simbolicamente a identidade de um grupo”, pelo que não há consensos neste domínio, podendo desenvolver-se no seio de um mesmo grupo ou comunidade perspectivas antagónicas, complementares ou desconexas com reflexos nos patrimónios que são criados e dados a conhecer²⁵.

O processo de emergência de um património é marcado por tensões e mutações. Tal evidencia-se logo no memento em que a um objeto que foi produzido por um grupo

²¹ *Ibidem*.

²² Miguel Baptista Pereira, “Filosofia e Memória nos Caminhos do Milénio”. *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 8, n.º 16 (out. 1999). Cit. por Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001, p. 26.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Manuel Castells, *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Cit. por Clara Bertrand Cabral, *Património Cultural Imaterial [...]*, p. 31.

²⁵ *Ibidem*.

para responder a um problema específico, se retira a sua funcionalidade original para passar a assumir uma identidade patrimonial que o sujeito lhe reconhece, assumindo uma função renovada no seio do grupo que o detém e exigindo a gestão coletiva do mesmo²⁶. Trata-se, portanto, de um processo que comporta uma intencionalidade e também uma dimensão política, no qual intervêm múltiplos agentes com a sua própria visão do passado. Assim, a construção dinâmica da memória coletiva, “pedra angular do património” que integra as memórias do grupo e as memórias oficiais, é elucidativa da complexidade da relação com o passado²⁷.

Ao atender a estas vicissitudes que marcam a relação entre património, memória e identidade, importa retomar o conceito de *património cultural* que o Conselho da Europa apresenta na *Convenção de Faro*, e que reflete tais complexidades. Nesta definição, contemplada no artigo 2.º, é enfatizado o papel determinante das representações que os grupos constroem relativamente aos recursos herdados do passado, uma vez que estes só serão reconhecidos como património cultural se os sujeitos os identificarem como “um reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições”. Outra complexidade evidenciada pela definição prende-se com o carácter mutável e evolutivo do património cultural, em que o homem, ao interagir com os lugares através do tempo, é ator participante deste processo em permanente evolução. Tal é definitivamente reconhecido na noção de *comunidade patrimonial*, ao ser definida como um conjunto de “pessoas que valorizam determinados aspetos do património cultural que desejam, através da iniciativa pública, manter e transmitir às gerações futuras”²⁸. O património cultural converte-se, assim, num elemento fundamental para a afirmação da identidade cultural, cuja “selección y definición dependen de las valoraciones sociales, ideológicas e intelectuales realizadas en cada momento, así como de las relaciones mantenidas con la memoria y la historia como dimensiones del pasado.”²⁹

²⁶ *Ibidem*, p. 32.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Conselho da Europa, *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade [Convenção de Faro]*, 2005 In Diário da República: I série (N.º 177), 12 set. 2008. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaoFaro.pdf> (2019-03-03; 19:00).

²⁹ Ignacio González-Varas, *Patrimonio Cultural: conceptos, debates y problemas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015, p. 25.

Estamos, portanto, perante uma realidade em que as dimensões da memória e da identidade se entrecruzam de modo dinâmico e conferem significação aos recursos herdados do passado que, no presente, as comunidades pretendem legar às gerações futuras e que permitem que estes sejam, sob o ponto de vista simbólico e social, efetivamente percebidos como *património cultural*.

3. O Património Histórico-cultural da Igreja

Memória e identidade são dois constructos estruturantes da definição de *Património Histórico-cultural da Igreja*.

A Igreja Católica acompanhou as evoluções conceptual e normativa no domínio do património cultural verificadas ao longo do século XX, de uma forma ativa e participante, nomeadamente ao nível das instituições europeias que se debruçam sobre esta problemática. A presença institucional da Santa Sé é assegurada junto da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa por um delegado, e junto do Conselho da Europa por um observador permanente, a que se soma a influência exercida por outros canais diplomáticos e de representação, como o Conselho de Conferências Episcopais da Europa³⁰. Através da participação nas estruturas europeias, a Santa Sé procurou a valorização do património cultural da Igreja, fazendo valer o princípio e que a identidade europeia é indissociável do Cristianismo. Esta foi, precisamente, a temática da alocução sobre a Europa, proferida pelo Papa S. João Paulo II na catedral de Santiago de Compostela, em 9 de novembro de 1982³¹. Seis anos volvidos, o Sumo Pontífice fez publicar a Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, sobre a Cúria Romana, na qual dedicou

³⁰ Santiago Petschen, org., *Europa, Iglesia y Patrimonio Cultural: textos internacionales*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996, pp. 4-14.

³¹ *Ibidem*, p. 66.

seis artigos à constituição e âmbito da *Comissão Pontifícia para a Conservação do Património Artístico e Histórico*.³²

De acordo com o documento pontifício, esta Comissão, estabelecida junto da Congregação para o Clero, tinha a função de “presidir à tutela do património histórico e artístico de toda a Igreja” [art.º 99]. Tal património integra “em primeiro lugar, todas as obras de qualquer arte do passado, que deverão ser guardadas e conservadas com a máxima diligência. Aquelas, porém, cujo uso específico tenha cessado, sejam convenientemente expostas nos museus da Igreja ou noutros lugares.” [art.º 100]. Seguidamente, o documento especificava os bens históricos que assumiam particular importância: “todos os documentos e instrumentos jurídicos, que relatam e testemunham a vida e o cuidado pastoral, bem como os direitos e as obrigações das dioceses, das paróquias, das igrejas e das outras pessoas jurídicas, instituídas na Igreja.” [art.º 101 §1]. Quanto à preservação do património histórico, o mesmo artigo previa que fosse “conservado nos arquivos como também nas bibliotecas, que devem em toda a parte ser confiados a pessoas competentes, a fim de que tais testemunhos não se percam.” [art.º 101 §2].

No que respeita à ação da Comissão Pontifícia, a Constituição Apostólica previa que aquela oferecesse a sua ajuda às igrejas particulares e aos organismos episcopais e, eventualmente, trabalhasse juntamente com eles na constituição de museus, arquivos e bibliotecas e no desenvolvimento de ações de recolha e conservação do património artístico e histórico em todo o território, de molde a colocá-lo “à disposição de todos aqueles que por ele se interessam” [art.º 102]. Ainda no âmbito das atribuições da Comissão Pontifícia, competia-lhe “em entendimento com as Congregações dos Seminários e Institutos de Estudo e do Culto Divino e da Disciplina dos Sacramentos, empenhar-se por que o Povo de Deus se torne cada vez mais consciente da importância e necessidade de conservar o património histórico e artístico da Igreja.” [art.º 103].

Em 25 de março de 1993, a Constituição Apostólica *Pastor Bonus* sofreu alterações. Através da Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *Inde a Pontificatus*,

³² João Paulo II, *Constituição Apostólica Pastor Bonus, sobre a Cúria Romana*, 28 jun. 1988. In http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.pdf. (2019-10-03; 16:00).

o Papa João Paulo II uniu, num só organismo, o Conselho Pontifício da Cultura e o Conselho Pontifício para o diálogo com os Não Crentes, sob a designação *Conselho Pontifício da Cultura*, procurando, deste modo, reforçar o diálogo entre fé e cultura³³. Na Carta Apostólica, o Sumo Pontífice referiu-se à consciência mais viva que se vinha formando nos últimos anos, acerca da relação estreita entre o Conselho Pontifício da Cultura e a Comissão Pontifícia para a Conservação do Património Artístico e Histórico da Igreja, uma vez que “la fe tiende, por su propia naturaleza, a expresarse en formas artísticas y en testimonios historicos que entrañan una gran fuerza evangelizadora y valor cultural, a los cuales la iglesia debe prestar la máxima atención.”³⁴

Para mais efetiva prossecução dos objetivos que estabelecera para a Comissão Pontifícia, o Papa determinou que a Comissão Pontifícia para a Conservação do Património Artístico e Histórico da Igreja passasse a denominar-se *Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja*, conservando as competências previstas nos artigos 100 a 103 da Constituição Apostólica *Pastor Bonus* mas, doravante, gozando de autonomia, com um presidente próprio, que tomando assento no Conselho Pontifício da Cultura e com ele estabelecendo contactos periódicos, assegurasse uma “sintonia de objetivos” e uma “fecunda colaboração recíproca.”³⁵

Em 1994, o conjunto de Cartas e de Convenções internacionais sobre património passou a integrar um documento que aborda especificamente a questão dos bens culturais da Igreja³⁶. Trata-se da *Carta da Vila Vigoni – sobre a Proteção dos Bens Culturais da Igreja*, uma recomendação aprovada por especialistas alemães e italianos que participaram num encontro levado a cabo nos dias 27 e 28 de fevereiro e 1 de março de 1994, promovido pelo Secretariado da Conferência Episcopal Alemã e pela Comissão

³³ João Paulo II, Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *Inde a Pontificatus*, 25 mar. 1993. In http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_25031993_inde-a-pontificatus.pdf. (2019-10-03; 18:00).

³⁴ *Ibidem*, pp. 1-2.

³⁵ *Ibidem*, p. 4, III.

³⁶ Cf. *Cartas e Convenções Internacionais sobre Património*. In <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/> (2019-02-05; 20:30).

Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, subordinado ao tema “A conservação do património cultural como dever do Estado e da Igreja”³⁷.

A *Carta da Vila Vigoni* sublinha no seu primeiro número a função de memória e de identidade do património da Igreja, enquanto legado das gerações precedentes e testemunho identitário decorrente da forma de relação entre Deus e o Homem:

“Os bens culturais constituem a expressão mais forte da tradição cristã vivida por inúmeras gerações de crentes. Como tal, representam uma parte essencial da herança cultural da Humanidade. Do mesmo modo esse património é conjuntamente uma manifestação de Deus à Humanidade e uma elevação do homem para Deus, constituindo testemunhos da identidade e da tradição dos povos”³⁸.

De acordo com o defendido no documento, cabe à Igreja, à Sociedade e ao Estado a responsabilidade de investigar e defender património histórico e de valorizar o seu significado e transmiti-lo às gerações vindouras, pressupondo, para o efeito, a colaboração entre aquelas entidades na defesa e conservação dos bens culturais eclesiais. É destacada a dimensão funcional destes bens culturais, enquanto “recurso primário e instrumento importante da sua atividade pastoral na reevangelização do mundo contemporâneo”, cabendo à Igreja o especial dever de “proteção e manutenção dos seus bens culturais móveis e imóveis”³⁹,

Entre os bens que constituem o património histórico-cultural da Igreja figuram os arquivos eclesiais, verdadeiros elementos primordiais de preservação da Fé. Como declarou o Presidente da Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja, D. Francesco Marchisano, “los archivos de la Iglesia constituyen por su misma esencialidad el instrumento, mediante el cual la Iglesia conserva celosamente la memoria histórica de la vivencia de la fe en las pasadas generaciones.”⁴⁰

³⁷ *Carta da Vila Vigoni - Sobre a Conservação dos Bens Culturais Eclesiais*, 1994. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadevillavigoni.pdf> (2019-02-06; 16:30).

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ D. Francesco Marchisano, “El Archivo, el Archivero y la Archivista eclesial”, In Maria de Lurdes Rosa e Paulo F. Oliveira Fontes, coord., *Arquivística e Arquivos Religiosos: contributos para uma reflexão*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, p. 101.

O reconhecimento da relevância pastoral e histórico-cultural dos arquivos eclesiásticos levou a Santa Sé a dedicar-lhe seis cânones do Código de Direito Canónico, revisto em 1983⁴¹. Os cânones 486 a 491 contemplam, sobretudo, aspetos organizativos dos arquivos nas Cúrias Diocesanas. Determinam que seja observado o máximo zelo na guarda e organização de “todos os documentos respeitantes à diocese ou às paróquias”, instalando em cada Cúria, para este efeito, “o arquivo ou cartório diocesano, onde se guardem [...] os documentos e escrituras relativos aos assuntos diocesanos não só espirituais mas também temporais” [486 §2]. Ao Bispo diocesano é atribuída a máxima responsabilidade na garantia da segurança do arquivo e do sigilo sobre ele impende, figurando entre as medidas previstas para tal, a constituição de um “arquivo secreto” [489 §1]⁴², do qual somente o Bispo deverá ter a chave [490 §1]. A dimensão patrimonial dos arquivos é sublinhada no cânone subsequente, ao exortar o Bispo diocesano a constituir um arquivo histórico, diferenciando-o do arquivo administrativo ou corrente⁴³. O referido cânone 491 determina:

“§ 1. Procure o Bispo diocesano que se guardem diligentemente também os atos e os documentos dos arquivos das igrejas catedrais, colegiadas, paroquiais e de outras existentes no seu território, e se façam inventários ou catálogos em dois exemplares, um dos quais se guarde no próprio arquivo e o outro no arquivo diocesano.

§ 2. Procure também o Bispo diocesano que haja na diocese um arquivo histórico e que sejam diligentemente guardados no mesmo e sistematicamente ordenados os documentos com valor histórico.

§ 3. Para poderem ser consultados ou retirados os atos e documentos referidos nos §§ 1 e 2, observem-se as normas estabelecidas pelo Bispo diocesano.”⁴⁴

⁴¹ Código de Direito Canónico, 1983. In http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf (2019-09-11; 17:00).

⁴² A denominação *Arquivo Secreto* tende a dar lugar a *Arquivo Apostólico*, seguindo a alteração levada a efeito pelo Papa Francisco, que mudou a denominação de *Arquivo Secreto do Vaticano* em *Arquivo Apostólico do Vaticano*, através de Carta Apostólica sob forma de Motu Próprio, de 22 out. 2019. A alteração foi justificada pela mutação semântica do termo *secretum*, atualmente conotada com a palavra *segredo*, no sentido pejorativo de esconder, não revelar e reservar a poucos, deturpando o entendimento quanto à missão deste Arquivo. In http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20191022_archivio-apostolico-vaticano.html (2019-09-11; 19:00).

⁴³ Cf. João Paulo Abreu, “Arquivos eclesiásticos: orientações e normas”. *Theologica*. Braga. 35:1 (2000), pp. 201-225. In http://www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/JPAbreu_Arq_Ecles.pdf (2019-09-11; 17:20).

⁴⁴ Código de Direito Canónico, 1983 [...].

Em 2 de fevereiro de 1997, a *Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja* publicou a carta circular *A Função Pastoral dos Arquivos Eclesiásticos*, na qual dedicou particular atenção aos arquivos, entre os demais bens culturais da Igreja. O documento enquadra o cuidado da Igreja “em conservar a recordação da múltipla e diferenciada ação pastoral através dos arquivos”, no interesse em valorizar os bens culturais que produziu ao longo da história⁴⁵. Os arquivos eclesiais são apresentados como “lugares da memória das comunidades cristãs e fatores de cultura para a nova evangelização”, “um bem cultural de primeira importância” com a peculiaridade de “registrar o percurso feito ao longo dos séculos pela Igreja em cada uma das realidades que a compõem.”⁴⁶

A carta circular apresenta uma reflexão sobre a função pastoral dos arquivos eclesiais assente em quatro pilares:

1 – *A importância eclesial da transmissão do património documental*, no qual a transmissão é perspectivada como movimento da Tradição da Igreja, como memória da evangelização e como instrumento pastoral;

2 – *Os lineamentos de um projeto orgânico*, ou seja, o estabelecimento das linhas básicas de programas de ação para a conservação e valorização do património arquivístico. As referidas *linhas básicas* supõem o potenciamento ou instituição do arquivo histórico diocesano, a adequação do arquivo corrente, a mútua colaboração com as entidades civis, o estabelecimento de orientações comuns pelas Conferências Episcopais e a assunção da direção das estruturas arquivísticas por pessoal qualificado;

3 – *A conservação dos escritos da memória*, tendo presentes as premissas da irrepetibilidade do material documental. Para tal, deverão ser garantidos espaços convenientes para o depósito dos documentos e desenvolvidos inventários e informatizados os acervos;

4 – *A valorização do património documental para a cultura histórica e para a missão da igreja*. Tal propósito é orientado pelo princípio do destino universal do

⁴⁵ Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja. *Carta circular A função pastoral dos arquivos eclesiais*, 2 fev. 1997. In <http://icm.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/CartaCircular.pdf> (2019-09-11; 17:45).

⁴⁶ *Ibidem*.

património arquivístico, que deverá ser colocado à disposição de interessados e estudiosos. O conveniente funcionamento da estrutura arquivística supõe o estabelecimento de um regulamento, em harmonia com o de outros arquivos eclesiásticos e a existência de subsídios bibliográficos que permitam a imprescindível contextualização dos documentos.

Os documentos supranacionais e pontifícios relativos aos bens culturais da Igreja repercutiram-se nas normas e orientações produzidas pelo episcopado português, nomeadamente no domínio documental e arquivístico.

Em abril de 1990, a Conferência Episcopal Portuguesa aprovou, em assembleia plenária, um texto estruturante relativo ao *Património Histórico-Cultural da Igreja*⁴⁷. Como é referido na nota conclusiva do documento, os Bispos portugueses publicaram as suas reflexões e normas pastorais sobre a temática, consciente da relevância teológica, litúrgica, histórica, jurídica e pastoral da matéria considerada, sobre a qual deveria incidir uma reflexão contínua, atendendo a que a gestão e salvaguarda do património em causa deverá cumprir, em todo o tempo, o propósito primordial da promoção do homem e o crescimento da fé, para glória de Deus.

De acordo com o texto, o património eclesiástico é constituído “pelos bens e valores materiais ou imateriais, tangíveis ou intangíveis, nos quais se consubstancia um legado precioso da comunidade de salvação que é a Igreja Católica”⁴⁸. Colocado ao serviço da missão da Igreja, este património foi construído e enriquecido ao longo da história, no exercício da função evangelizadora e pastoral. Assim, para a Igreja, o património eclesiástico assume, em primeira instância, as funções de culto, de catequese, de exercício da caridade, de memória histórica e de reflexo da identidade eclesial.

Detendo-nos particularmente nas duas últimas funções referidas, verificamos que a Igreja considera o património eclesiástico como uma memória universal que deve ser colocado ao serviço de todos. O património é perspetivado, simultaneamente, como a

⁴⁷ CEP, *Património histórico-cultural da Igreja*. 2.ª ed., Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1990. In http://www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/CEP_Patrimonio.pdf (2019-02-06; 19:30).

⁴⁸ *Ibidem*, pp. 4-5.

expressão significativa da tradição viva da Igreja ao longo dos tempos e como elemento integrante do depósito da Fé. Em termos identitários, é no património que a comunidade eclesial se projeta e é também nele que se revê.

Em novembro de 1997, a Conferência Episcopal Portuguesa produziu novo documento alusivo ao património cultural da Igreja. Através de nota informativa, os Bispos de Portugal deram a conhecer as conclusões da Assembleia Plenária realizada em Fátima entre os dias 10 e 13 de maio, dedicada em grande parte ao estudo da conservação e valorização do Património Artístico e Cultural da Igreja. A reflexão dos Bispos sobre as questões patrimoniais decorreu das preocupações, não só com o património herdado e que lhes estava confiado, mas também com a qualidade do património que continuava a ser encomendado aos artistas⁴⁹.

Na mencionada *Nota Informativa sobre o Património da Igreja*, de 1997, são reafirmados os princípios enunciados na publicação de 1990, *Património Histórico-Cultural da Igreja*, nomeadamente no que respeita ao seu conceito e finalidades, bem como às linhas orientadoras para a sua utilização. A par destes, são comunicadas novas deliberações, entre as quais reformulações ao nível da estrutura orgânica responsável pela gestão e salvaguarda do património da Igreja. Nela se estabelece a criação da *Comissão Episcopal do Património Cultural da Igreja* (cujo âmbito recaía sobre o património artístico e museológico, património histórico e património arquivístico), a reformulação da Comissão Nacional de Arte Sacra e Património Cultural, que passou a ser o seu órgão executivo, e a criação da Comissão Nacional dos Arquivos da Igreja, no âmbito da nova Comissão Episcopal. Neste documento é também sublinhada a importância da atuação das Comissões Diocesanas de Arte Sacra⁵⁰.

Em 2005, oito anos após a divulgação da *Nota Informativa*, a conferência dos Bispos portugueses tornou público um novo documento respeitante ao património cultural da Igreja, intitulado *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja*⁵¹. Como o título deixa antever, trata-se de um documento orientador no que respeita à

⁴⁹ CEP, *Nota Informativa sobre o Património Cultural da Igreja*, 1997. In <https://www.bensculturais.com/documentos/1997-NotaInformativaSobrePatrimonioCulturalDaIgreja.pdf> (2019-02-11; 10:50).

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ CEP, *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja*, 2005. In <https://www.bensculturais.com/documentos/2005-PrincipiosEOrientacoesSobreBensCulturaisDaIgrejaCEPpdf> (2019-02-11; 16:00).

posse, administração e utilização dos bens culturais da Igreja, bem como à promoção à criação de valores artísticos.

Uma parte substancial do documento é dedicada à apresentação de procedimentos a adotar nas várias dioceses portuguesas e reitera os princípios basilares que deverão fundamentar qualquer ação da Igreja no que respeita ao seu património cultural, concretamente, o facto de o seu valor e significado serem indissociáveis das finalidades transcendentais a que se destinam presentemente, ou se destinaram no passado. Deste modo, bens materiais e imateriais, tais como imagens, alfaias, símbolos decorativos, vestes, livros, cânticos, costumes tradicionais, usados pela Igreja ao longo dos tempos, para o culto de Deus e o ensino catequético, cumprem o propósito de desempenhar cabalmente a sua missão e dar continuidade à encarnação da ação divina na linguagem humana. Mesmo que estes bens percam o seu uso litúrgico ou expressividade catequética, são considerados um testemunho da tradição, pelo que cabe à Igreja do presente garantir que este legado perdure no futuro.

Dada a riqueza e a relevância do “património documental que a Igreja produziu e conservou, quer em bibliotecas quer em arquivos”, a Conferência Episcopal Portuguesa, no documento *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja*, referiu-se à responsabilidade dos seus detentores para a conservação e disponibilização do espólio custodiado para consulta do público interessado⁵².

Em 2009, no documento final emanado do *II Conselho Nacional dos Bens Culturais da Igreja*, realizado em Braga nos dias 17 e 18 de junho sob o título *Arquivos da Igreja: Memória das Comunidades ao Serviço da Sociedade*, a Conferência Episcopal Portuguesa e o Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja apresentaram orientações mais específicas sobre o património documental da Igreja. No documento é afirmado o reconhecimento dos delegados do Conselho quanto à importância fundamental deste património e dos desafios de salvaguarda e valorização que se

⁵² *Ibidem*.

colocam às entidades eclesiais que o detêm, tendo em vista “a sua partilha generosa com toda a sociedade”⁵³.

Apelando à consecução de “uma efetiva política de memória que responda à necessidade de uma intervenção concertada e responsável na área do património documental da Igreja”, o documento estabelece um conjunto de princípios norteadores da ação da Igreja em Portugal, cinco dos quais direcionados para atuação ao nível diocesano e paroquial. É exortada a valorização e incremento do diálogo “no sentido da corresponsabilização das diferentes estruturas diocesanas, para que todos se sintam envolvidos na tarefa do aprofundamento da identidade coletiva e comunitária, não apenas no sentido da memória, mas também na projeção do futuro”. Aponta como “passo fundamental” a criação de estruturas básicas de arquivo que “avulsem como ponto de referência dos projetos a construir pela comunidade diocesana”, às quais deverão ser afetados técnicos qualificados. Para a conveniente definição de um projeto eclesial na área da memória e da identidade, é defendida a realização de um diagnóstico de situação dos arquivos visando conhecer a realidade e avaliar os meios disponíveis, para potenciar o desenho de projetos de qualidade e que envolvam um leque alargado de parcerias com entidades civis e eclesiásticas⁵⁴.

⁵³ Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja, *II Conselho Nacional dos Bens Culturais da Igreja – Documento Final*. Braga: 17 e 18 de junho de 2009. In <http://www.bcdp.org/v2/images/documentos/doc8.doc> (2019-09-11; 17:00).

⁵⁴ *Ibidem*.

CAPÍTULO II – TOMBO DIOCESANO MONSENHOR JOSÉ DE CASTRO

1. O Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda

O Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda, enquanto arquivo central de uma Igreja particular, integra espólio documental que decorre do exercício pastoral e de governo dos Prelados que assumiram a sua cátedra. Não obstante o âmbito e conteúdo serem semelhantes aos de outros arquivos diocesanos, apresenta particularidades que refletem as vicissitudes históricas da Diocese. Aos acontecimentos políticos, económicos e sociais que afetaram este território ao longo do tempo, somam-se acontecimentos próprios da vida da Diocese, como alterações na sua composição e limites, mudanças da sede do bispado, com consequentes alterações na localização dos serviços eclesiais.

A Diocese de Bragança-Miranda nasceu com a criação da Diocese de Miranda pelo Papa Paulo III, através da bula *Pro Excellentia Apostolicae*, de 22 de maio de 1545⁵⁵. A escolha de Miranda para sede da nova circunscrição eclesial composta pelo território nordeste do Arcebispado de Braga, nem sempre obteve a concordância dos sucessivos prelados que assumiram o seu governo. Perante as vulnerabilidades de segurança da cidade fronteiriça de Miranda e os difíceis acessos ao restante território do Bispado, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques (1758-1770), solicitou a transferência da cátedra episcopal de Miranda para a cidade de Bragança. Tal petição foi autorizada através de carta régia datada de 17 de novembro de 1764. A emissão do documento do soberano deu início, porém, a um processo conturbado de oposição do Cabido aos intentos episcopais de transferência da sede do Bispado. Na obra *Bragança e Miranda (Bispado)*, Mons. José de Castro apresenta a cronologia das diversas diligências tomadas pelo Bispo e pelo Cabido e dos argumentos esgrimidos de parte a parte. Em tempos de regime pombalino e de corte de relações de Portugal com a Santa Sé, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques fez-se valer da proximidade que tinha com o poder régio para nele escudar a decisão de transferência. Por outro lado, o Cabido, após declarar ao Bispo a sua obediência ao Rei, foi colocando objeções à concretização da transferência da cátedra, alegando, sobretudo, “as dificuldades de ereção da Sé em Bragança, a ruína da Sé de Miranda sem fábrica para a sua reparação, o transtorno financeiro dos cônegos,

⁵⁵ Cf. P.º José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1946, vol. I, pp. 1-9.

obrigados a deixar as suas casas e a comprar outras em Bragança muito mais caras”⁵⁶. A estas alegações acrescia o argumento canónico de que a transferência da Sé era de competência pontifícia e a constatação da inexistência de igrejas, na cidade de Bragança, que reunissem as condições consideradas necessárias pelos Cónegos, para a realização do seu múnus. Não obstante a disputa instalada, o cabido funcionou pela primeira vez na cidade brigantina, na igreja de S. Vicente, no dia 20 de fevereiro de 1765, para a celebração de quarta-feira de cinzas. Por provisão do Bispo diocesano, a igreja do colégio dos Padres Jesuítas, entretanto expulsos do território português, serviu provisoriamente de Sé e albergou a paróquia de São João Baptista, não sem que tal gerasse contendas entre o Cabido e o Bispo. A resolução formal quanto à Sé Catedral foi alcançada com a doação régia do colégio e da igreja da Companhia de Jesus, em 2 de setembro de 1768 e pela sanção da mudança da Sé Catedral pelo Papa Clemente XIV, através do breve *Pastoris Aeterni*, datado de 10 de julho de 1770⁵⁷. Mas esta não foi, porém, a solução definitiva para a questão da Diocese de Bragança e de Miranda. Como relata Mons. José de Castro na obra dedicada à história da Diocese, o Papa Clemente XIV, no referido breve *Pastoris Aeterni*, determinou a divisão do Bispado de Miranda em dois bispados – o de Bragança e o de Miranda. Correspondia assim ao pedido apresentado pelo rei D. José I, em 5 de março de 1770, no qual alegava a impossibilidade de que “um só pastor pudesse apascentar tão grande rebanho, conhecendo as suas ovelhas e sendo por elas conhecido”⁵⁸. A coexistência da Diocese de Miranda e da Diocese de Bragança manteve-se até 27 de setembro de 1780, data da bula *Romanus Pontifex*, do Papa Pio VI, que determinou a fusão das duas Dioceses. Com este documento, o Sumo Pontífice atendeu ao pedido da Rainha D. Maria I, apresentado após diversas movimentações diplomáticas e a renúncia de D. Miguel Barreto de Menezes, Bispo de Miranda.

⁵⁶ *Ibidem*, 1948, vol. III p. 35.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 31-43.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 83.

A bula *Romanus Pontifex* sancionou a fusão dos dois bispados numa só circunscrição episcopal, à qual foi atribuída a designação *Diocese de Bragança e Miranda*, e determinou a cidade de Bragança como sede do bispado e da Sé Catedral⁵⁹.

Em Bragança, a residência episcopal estava instalada num edifício que já anteriormente servira de morada temporária ao Bispo de Miranda, nas ocasiões em que aqui se deslocava para o cumprimento dos seis meses de trabalho pastoral anual a que estava obrigado⁶⁰. Tratava-se de um edifício localizado na rua da Carreira, uma das duas ruas que ligavam a Praça de S. Vicente e a Praça do Colégio, dois pontos fundamentais de acesso ao interior da cidade.

A construção do edifício deveu-se à iniciativa do Bispo D. João de Sousa Carvalho (1716-1737), que submeteu as antigas casas pertencentes à Mitra de Bragança a obras de vulto, de modo a criar um espaço de representação condigno⁶¹. Por ocasião da conturbada transferência da sede episcopal da cidade de Miranda para Bragança, sob o governo do sucessor, D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, foram realizadas várias intervenções no edifício, que envolveram a “aquisição de terrenos adjacentes e a ampliação e remodelação da estrutura já existente.”⁶²

O Paço Episcopal de Bragança manteve-se no mencionado edifício da Rua da Carreira até 1912, altura em que o imóvel foi expropriado pelo Estado na sequência da Lei da Separação de 1911. O Bispo de Bragança, D. José Alves de Mariz (1885-1912), assumiu oposição pública às políticas anticlericais do regime republicano instaurado em 5 de outubro de 1910, o que lhe valeu o desterro e a tomada dos bens episcopais pelo Estado. O edifício do Paço passou a albergar vários serviços públicos, nomeadamente a Guarda Nacional Republicana, a Conservatória do Registo Civil, o Arquivo Distrital e Biblioteca Erudita de Bragança e o Museu Municipal de Bragança. Após a incorporação do espólio do antigo Paço Episcopal no núcleo museológico aqui instalado, foi criado o *Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança*, através do Decreto-Lei n.º 2119, aprovado a 13 de novembro e publicado a 4 de

⁵⁹ *Ibidem*, pp. 134-136.

⁶⁰ *Roteiro do Museu do Abade de Baçal*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1994, p. 43.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² João Neto Jacob, *Bragança*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 106.

dezembro de 1915. Sob a direção do P.^e Francisco Manuel Alves, o Abade de Baçal, o Museu estruturou-se e conquistou espaço no edifício⁶³. Em 1935, por ocasião da jubilação e consagração pública do P.^e Francisco Manuel Alves, o Museu Regional passou a denominar-se *Museu do Abade de Baçal*, de acordo com o disposto no decreto 25:232 de 9 de abril de 1935. Já com Raul Teixeira⁶⁴ na direção do Museu, foi realizada uma campanha de obras entre 1937 e 1940, preparando o edifício para albergar o Arquivo Distrital e Biblioteca Erudita no rés-do-chão, e o Museu no primeiro andar⁶⁵. Mas o Museu acabou por se impor e ocupar todo o edifício do antigo Paço Episcopal, onde ainda hoje permanece.

D. José Alves de Mariz faleceu no exílio, em agosto de 1912⁶⁶. Foi sucedido na cátedra da Diocese por D. José Leite Lopes de Faria (1915-1927). Eleito bispo de Bragança e Miranda em 5 de outubro de 1915, D. José Lopes de Faria entrou solenemente na cidade de Bragança em 14 de março de 1916 e nesse dia passou a residir no solar das Baronesas, imóvel pertencente à fidalga família Sepúlveda, propositadamente arrendado e mobilado para albergar o novo prelado na cidade⁶⁷. Mas o Solar das Baronesas não foi, todavia, uma solução duradoura. Num ambiente de forte conturbação política e de hostilidade do regime republicano face à Igreja, o funcionamento do Paço Episcopal e do Seminário em Bragança ficou irremediavelmente comprometido. A solução passou pela instalação do Seminário e da residência do Bispo na vila de Vinhais, a cerca de 30 quilómetros da sede do Bispado, no antigo convento dos franciscanos, arrendado para o efeito a 15 de novembro de 1920⁶⁸. Naturalmente, as diversas contingências mencionadas repercutiram-se no regular funcionamento dos serviços da Câmara Eclesiástica e na gestão dos seus arquivos.

⁶³ João Neto Jacob; Vítor Sá Alves, *Bragança – Roteiros Republicanos*. Matosinhos: QUIDNOVI, 2010, pp. 104-105.

⁶⁴ Raul Manuel Teixeira (1884-1955), conterrâneo e amigo íntimo de Mons. José de Castro e da sua família. Bacharel em Direito, foi professor, magistrado, juiz e secretário efetivo do Governo Civil de Bragança. Distinguiu-se em diversas iniciativas de defesa do património local e regional, nomeadamente no secretariado do *Grupo dos Amigos do Monumentos e Obras de Arte*, determinante na estruturação do Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança. Com a jubilação do P.^e Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) do cargo de diretor do Museu (1925-1935), assumiu a direção desta instituição museológica (1935-1945), desde então denominada Museu do Abade de Baçal. Cf. Hironidino Fernandes, “TEIXEIRA, Raúl Manuel”, *In Bibliografia do Distrito de Bragança – Série Escritores, Jornalistas, Artistas*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2013, vol. VIII, p. 234.

⁶⁵ João Neto Jacob, “O Museu do Abade de Baçal: ontem, hoje e amanhã”. *Brigantia*, n.º 1/2 (jan.-abr. 1996), p. 134.

⁶⁶ P.^e José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, p. 205.

⁶⁷ *Ibidem*, pp. 210; 212.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 223.

D. José Lopes de Faria faleceu no Seminário de São José de Vinhais no dia 23 de agosto de 1927. Sucedeu-lhe D. António Bento Martins Júnior (1928-1932) que tomou posse como bispo de Bragança-Miranda em 7 de outubro de 1928. O Bispo eleito retomou a residência na cidade de Bragança, instalando-se na casa de António Olímpio Cagigal, Delegado de Saúde do concelho, sita na rua que atualmente tem o nome do clínico por topónimo. O Bispo permaneceu nesta habitação até à aquisição de um imóvel para servir de residência episcopal, o que apenas se concretizou em 18 de abril de 1929⁶⁹. A escolha recaiu sobre o edifício do Grémio de Bragança e da antiga Assembleia Brigantina, e que até 1905 havia sido sede do clube regenerador, ano em que foi alvo de penhora pelo Banco de Bragança e posteriormente arrematado em hasta pública. O imóvel, em “construção de pedra e cal, dividida em caves e dois andares, com uma faixa de terreno em toda a volta, e situada a conveniente distância das habitações mais próximas”⁷⁰, sofreu “importantes obras de remodelação”, antes da instalação do Prelado diocesano⁷¹.

No edifício adquirido, além da residência do Bispo, foram instalados os serviços da Câmara Eclesiástica e o Arquivo do Paço Episcopal de Bragança, também conhecido por *Arquivo da Câmara Eclesiástica de Bragança*. De acordo com o levantamento realizado pelo Abade de Baçal, o Arquivo do Paço possuía uma coleção de manuscritos, constituída por “muitos maços de habilitações *de genere* de ordinários e de outros que ficaram só em *prima tonsura*, pertencentes a todas as povoações da diocese e estranhas, tanto portuguesas como espanholas”⁷², a que se somavam “mais de quatrocentos livros do «Registo Paroquial da Diocese»” e outros referentes a freguesias que tendo pertencido à Diocese de Bragança, passaram a integrar a Diocese de Vila Real, aquando da sua criação, em 20 de abril de 1922⁷³.

No terceiro ano de exercício episcopal em Bragança, D. António Bento Martins Júnior foi nomeado coadjutor do Arcebispo de Braga, com direito de sucessão. Tomou

⁶⁹ M. Jerónimo Pires, “Notas Históricas: sobre os Seminários e Prelados da Diocese de Bragança, nos últimos tempos – VI – D. António Bento Martins Júnior e os Seminários”. *Mensageiro de Bragança* (7 set. 1951), p. 1, col. 4.

⁷⁰ *Ibidem*, col. 5.

⁷¹ João Neto Jacob, *Bragança*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 66.

⁷² Cf. Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus, 2000, tomo XI, p. 385.

⁷³ *Ibidem*, p. 388.

posse do cargo em 8 de Setembro de 1932, e vinte dias depois, com o falecimento do Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos, assumiu o governo do Arcebispado bracarense⁷⁴.

D. António Bento Martins Júnior foi sucedido na cátedra de Bragança por D. Luís António de Almeida (1932-1935), eleito Bispo em 7 de outubro de 1932⁷⁵. A entrada solene na sede do Bispado decorreu em 26 de janeiro de 1933, iniciando um curto mandato episcopal que cessou em 1 de novembro de 1935, quando o Papa Pio XI aceitou o pedido de resignação que havia apresentado por motivos de doença⁷⁶.

Com a saída de D. Luís António de Almeida, a Diocese de Bragança enfrentou um longo período de sede vacante. Durante quase sete anos o governo da Diocese foi assegurado pelo Vigário Capitular, Cón. Manuel António da Ressurreição Fernandes, enquanto se aguardava por nova nomeação episcopal.

D. Abílio Vaz das Neves (1938-1965) foi nomeado Bispo de Bragança em 8 de dezembro de 1938 pelo Papa Pio XI, por transferência da Diocese de Cochim, cuja cátedra ocupara desde fevereiro de 1933. Fez a entrada solene na cidade brigantina em 30 de março de 1939 e passou a residir no imóvel que servia de Paço Episcopal desde 1929. O antigo edifício do Grémio de Bragança era agora um edifício multifuncional que contemplava o espaço de residência e de trabalho do Prelado, os aposentos do Vigário Capitular, bem como os de outros sacerdotes e cooperadores. Albergava, igualmente, a Câmara Eclesiástica e o correspondente arquivo.

Em 5 de abril de 1939, D. Abílio Vaz das Neves solicitou ao Secretário da Câmara Eclesiástica a apresentação de “um inventário completo de tudo quanto estiver debaixo da sua guarda e responsabilidade”, com o objetivo de “conhecer mais rápida e facilmente os arquivos da nossa Cúria e os bens móveis e imóveis das Nossas Secretarias e casa episcopal”⁷⁷. Em resposta à petição, foram apresentados a D. Abílio três documentos: o *Inventário dos bens móveis pertencentes ao Paço Episcopal*, assinado pelo Cón. Manuel da Ressurreição Fernandes, Vigário Capitular, uma declaração do Escrivão do Juízo Apostólico, P.^e Albano de Jesus Falcão, na qual afirmava que a

⁷⁴ P.^e José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, pp. 242-243.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 245.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 261.

⁷⁷ Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro (TDMJC), Arquivo dos Bispos: Cx. 86, mç. 1, pt. 1. [Documentação em organização].

Repartição deste Juízo não possuía qualquer bem próprio além dos processos produzidos, e o *Inventário dos bens móveis pertencentes à Câmara Eclesiástica*, assinado pelo P.^e Manuel João de Moraes.

O inventário da Câmara Eclesiástica, datado de 22 de abril de 1939, identificava, nos dois primeiros números, as peças de mobiliário que se encontravam na sua posse. Nos três números subsequentes, indicava as estantes de que dispunha, o acervo que este estanteamento comportava e a respetiva localização nas em diferentes divisões do Paço Episcopal:

“N.º 3 – Três estantes, estando uma com os impressos em uso nesta Secretaria, outra com os últimos processos matrimoniais, e outra com um livro de registo de Cartas de encomendação, um livro de registo de Festas, um livro de registo de binações, um livro de exame de confessor, um livro de exame de repetição, uma coleção completa do Boletim da Diocese, dois volumes do “Semeador”, um número do Boletim da Diocese do ano de 1898, as Constituições do Bispado de Coimbra – 1924 –, o terceiro volume das Instituições Canónicas para uso das Cúrias Episcopais, um livro para registo dos falecimentos dos Reverendos Párcos, um livro de registo das ordenações, um Código de Direito Canónico e vários formulários.

N.º 4 – À esquerda de quem entra no Salão Episcopal há uma estante vazia. A segunda tem processos matrimoniais, alguns de justificação de batismo e de ordenações; a terceira tem unicamente processos matrimoniais; a quarta, habilitações de genere e Patrimónios canónicos; a quinta, registo paroquial anterior a 1860; a sexta, mapas do registo paroquial; a sétima, mapas do registo paroquial, alguns processos matrimoniais, outros de justificação de batismo e colações canónicas. A oitava está vazia.

N.º 5 – No corredor que leva ao Salão há duas estantes, contendo uma vários processos matrimoniais e diferentes impressos, e a outra, processos de ordenações, impressos e vários livros, entre os quais, os seguintes: Constituições do Bispado de Bragança, Estatutos da Sé de Miranda do Douro, vinte e um copiadores contendo Provisões, Portarias, Pastorais, Concursos paroquiais e ofícios para as Autoridades Civis, dois índices desses copiadores, um livro para registo paroquial, um livro para registo dos exercícios do Clero, um livro de renúncias canónicas de benefícios eclesiásticos, um livro de registo de Crisma, um livro de termo de sanidade médica para a apresentação dos Párcos, um livro de registo de róis de confessados, um livro de exame para concurso, dois livros de

Demissórias, um livro para registo de aprovações canónicas de Confrarias, nove livros para registo de cartas de encomendação, dois livros de exame de confessor, um livro de vários registos, dois livros de registo de jurisdições de celebrar e confessar, um livro de vagaturas de igrejas paroquiais, um livro da visita Episcopal às freguesias da Diocese, um livro de registo de Festividades e um livro de registo de Binações.”⁷⁸

A longa citação do *Inventário dos bens móveis* traça-nos um retrato geral da tipologia documental que constituía o Arquivo da Câmara Eclesiástica e elucida-nos quanto à inexistência de espaço próprio e adequado para o seu depósito, o que obrigava à distribuição das estantes com os documentos pela Secretaria da Câmara, salão e corredores da Casa Episcopal.

No término do seu mandato episcopal, D. Abílio Vaz das Neves redigiu um documento intitulado *Inventário Geral do Património da Diocese*, no qual enumerou os bens móveis e imóveis pertencentes à Diocese. Começou por se referir ao Paço Episcopal. Este edifício comportava a residência do Bispo da Diocese, a Câmara Eclesiástica, o Arquivo da Diocese e alguns quartos para os secretários e familiares⁷⁹. Mantinha-se, portanto o carácter multifuncional do edifício, que ao longo dos vinte e seis anos do governo diocesano de D. Abílio fora restaurado e ampliado. As obras no edifício contaram com a participação do Estado depois do incêndio que sofreu em 29 de abril de 1951⁸⁰, através da Direção Geral dos Serviços e Urbanização do Ministério das Obras Públicas e Comunicações.

Na sequência do incêndio, o edifício do Paço Episcopal ficou parcialmente inutilizado e o acervo do Arquivo Diocesano sofreu danos. D. Abílio Vaz das Neves

⁷⁸ TDMJC, Arquivo dos Bispos: Cx. 86, mç. 1, pt. 1 [Documentação em organização].

⁷⁹ TDMJC, Arquivo dos Bispos: Cx. 86, mç. 1, pt. 3 [Documentação em organização].

⁸⁰ O jornal diocesano deu notícia do sinistro na edição que se seguiu ao acontecimento: “Eram cerca de 4 horas do dia 29 de abril quando um estranho rebate de sinos e gritos de incêndio fizeram acordar sobressaltada a cidade de Bragança. Pessoas vizinhas do Paço [...] notaram a fumarada e as chamas a erguerem-se da cozinha daquele edifício, ao fundo do pavilhão esquerdo [...]. As chamas levantaram-se alterosas da cozinha e da sala de jantar que ficava contígua. [...] O incêndio propagou-se daqueles dois aposentos ao quarto do Sr. Vigário Geral, Cónego Manuel António Pires, aos dois corredores que conduzem aos aposentos do Prelado no pavilhão central, à casa de banho, e ao teto das repartições da Câmara Eclesiástica. [...] Verdadeiramente admirável foi a destreza, o arrojo e a meticulosidade com que dezenas de pessoas de todas as idades e categorias sociais trabalharam, retiraram móveis, pesados e frágeis, numerosos livros e maços do arquivo diocesano. Em poucos minutos todo o recheio estava de fora do edifício, sem ter sofrido danos de importância, a não ser a inevitável desorganização do arquivo, que ficou, em parte, inutilizado.” “Incêndio no Paço Episcopal”. *Mensageiro de Bragança* (4 maio 1951), p. 1, col. 2; p. 4, col. 2.

afirmou no *Inventário Geral* de 1965 que apenas terão perecido “alguns documentos sem importância”, no entanto, cinco meses após a ocorrência, o Cón. Manuel Jerónimo Pires referira que o incêndio “devorou cerca da quarta parte [do edifício] e causou considerável prejuízo no arquivo diocesano”⁸¹.

Após a referência ao Paço Episcopal, o *Inventário Geral* enumera os restantes bens móveis e imóveis pertencentes à Diocese com a menção ao Seminário Maior de S. José de Bragança, Seminário de S. José de Vinhais, Colégio de S. João de Brito, Externato Nossa Senhora do Caminho e Casa da Criança Mirandesa. Relativamente aos arquivos e seu acervo, o *Inventário Geral* referiu a existência de um *Arquivo Geral* e de um *Arquivo Secreto*, dispondo cada qual de inventário próprio. O documento encerrou com a referência à situação financeira da Diocese, que vivia “do movimento geral e ordinário”, encontrando-se todas as suas receitas “investidas em obras”⁸².

Em 20 de fevereiro de 1965, O Papa Pio XII aceitou o pedido de resignação, por razões de saúde, apresentado por D. Abílio Vaz das Neves. Sucedeu-lhe D. Manuel de Jesus Pereira (1965-1978), cuja entrada solene em Bragança decorreu no dia 20 de fevereiro de 1965⁸³. Para além das dificuldades de gestão de uma Diocese empobrecida, a braços com encargos referentes às obras em curso e com o processo de construção da nova Catedral em Bragança num impasse⁸⁴, o novo Prelado enfrentou os movimentos de renovação emanados do Concílio Vaticano II, geradores de perturbações em vários

⁸¹ M. Jerónimo Pires, “Notas Históricas: sobre os Seminários e Prelados da Diocese de Bragança [...]”, p. 1, col. 5.

⁸² TDMJC, Arquivo dos Bispos: Cx. 86, mç. 1, pt. 3 [Documentação em organização].

⁸³ TDMJC, Arquivo da Câmara Eclesiástica (ACE), Livro para o registo dos falecimentos dos Presbíteros na Diocese de Bragança (1899-2016).

⁸⁴ A questão da construção de uma nova Sé Catedral em Bragança colocou-se desde a transferência da sede do Bispado de Miranda para a cidade de Bragança, num processo iniciado em 1764 e que se prolongou até 1780. Depois de diversas tentativas levadas a efeito por vários Bispos de Bragança, D. Abílio Vaz das Neves retomou o assunto. Entre 1960 e 1964, o Prelado promoveu um conjunto de iniciativas para a angariação de fundos. Em dez. 1963, foi lançado o concurso de anteprojetos para a Sé de Bragança, organizado pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi atribuído o primeiro prémio (50 mil escudos e a execução da obra), ao anteprojeto apresentado pela equipa constituída pelos arquitetos Francisco Figueira e Luís Vassalo Rosa, o escultor António Alfredo, o engenheiro Eduardo Zuquete e P.º Albino Cleto. Porém, em 26 mar. 1965, a Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes emitiu parecer negativo sobre o anteprojeto da Sé de Bragança. A fundamentação do parecer levantou controvérsia, não só na opinião pública e nos meios artísticos, mas também nos restantes organismos do Estado envolvidos no processo. Este tornou-se um “caso nacional”, paradigmático da tentativa de introdução de um novo programa artístico por parte do MRAR, e a rejeição do mesmo por parte do regime político vigente. D. Manuel de Jesus Pereira opôs-se à interposição de recurso judicial contra o parecer negativo ministerial, como pretendiam os autores do projeto. O Bispo de Bragança encarregou a Comissão Executiva para a construção da Catedral de ponderar uma nova localização para o edifício ou mesmo um novo projeto, de molde a ultrapassar o impasse criado, o que não viria a acontecer durante o seu mandato. Cf. TDMJC, Arquivo dos Bispos, Processo de Construção da Nova Sé (1959-1970). [Documentação em organização].

setores eclesiais. Acometido de doença grave, D. Manuel de Jesus Pereira passou a ser coadjuvado por D. António José Rafael, nomeado Bispo titular de Budua e Auxiliar de Bragança em 13 de fevereiro de 1976⁸⁵. D. Manuel de Jesus Pereira faleceu em 11 de setembro de 1978. Sucedeu-lhe D. António José Rafael, nomeado Bispo titular de Bragança-Miranda em 1 de março de 1979, iniciando um mandato que se prolongou por vinte e dois anos.

Corria o quarto ano do mandato de D. António José Rafael como Bispo titular de Bragança-Miranda quando a Santa Sé fez publicar a versão reformada do Código de Direito Canónico. Eram evidentes as dificuldades da Diocese para dar cumprimento às orientações preconizadas pelo Código de 1983 no que respeita à organização e gestão dos arquivos eclesiais e à salvaguarda do património documental, previstas nos cânones 486 a 491.

O Arquivo diocesano apresentava problemas estruturais difíceis de debelar. Desde logo, as instalações que albergavam o acervo não reuniam as condições físicas necessárias ao cumprimento da missão que lhe estava atribuída. As intervenções realizadas no edifício do Paço Episcopal na sequência do incêndio de 1951 não resolveram a questão do espaço para a devida acomodação do Arquivo. Ao nível dos recursos humanos, a situação era igualmente preocupante. As dificuldades financeiras endémicas da Diocese impossibilitavam a afetação de colaboradores a este serviço. A situação era atenuada com a nomeação de alunos do Seminário que se encontravam na fase final da formação presbiteral para as funções de arquivista. Tais funções eram

⁸⁵ D. António José Rafael nasceu em 11 nov. 1925, em Paradinha, concelho de Moimenta da Beira, Diocese de Lamego. Frequentou o Seminário de Resende e foi ordenado presbítero em 22 ago. 1948. Foi prefeito e professor no Seminário de Lamego, e administrador do jornal “A Voz de Lamego”. Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade de Salamanca, em 1954, foi nomeado vice-reitor do Seminário de Resende e cónego da Sé de Lamego. Naquela Diocese exerceu diversas funções pastorais. Em 1976 foi nomeado Bispo Auxiliar de Bragança e Bispo Titular de Budua, tendo a sua Sagração episcopal ocorrido na Sé de Lamego, em 13 fev. 1977. Na sequência do falecimento de D. Manuel de Jesus Pereira é eleito Vigário Capitular, ficando provisoriamente à frente dos destinos da Diocese. Em 01 mar. 1979, o Papa João Paulo II nomeia-o Bispo Residencial de Bragança-Miranda. Toma posse em 24 mar. 1979, na igreja de S. Francisco, em Bragança. Ao longo do seu ministério, foi responsável pela projeção da nova Catedral de Bragança, que começou a ser construída em 1981, e foi dedicada a 7 out. 2001, no seu último ano à frente da diocese. Resignou em 13 jun. 2001, sucedendo-lhe D. António Montes Moreira. Faleceu em 29 jul. 2018. Cf. <https://www.diocesebm.pt/noticia/falecimento-de-d-antonio-jose-rafael-comunicado>.

acumuladas com outras tarefas administrativas na tesouraria e demais serviços centrais da Cúria Diocesana.

Perante a impossibilidade de cumprir as orientações emanadas pela Santa Sé para as questões dos arquivos eclesiais e do património documental, nomeadamente as previstas pela Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, de 1993, D. António Rafael requereu apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian. Através do seu Serviço de Educação, a instituição concedeu um subsídio “destinado a comparticipar nas despesas com a conservação do património arquivístico da Diocese.”⁸⁶ O apoio financeiro revelou-se, no entanto, insuficiente face à situação instalada, agravada por deficiências na organização interna dos serviços centrais da Cúria e na sua gestão.

Ao longo do mandato episcopal de D. António José Rafael o edifício do Paço Episcopal sofreu várias intervenções no seu interior, visando a reorganização dos espaços. A intervenção ao nível do Arquivo Diocesano passou pela renovação e reforço da estanteria. Persistiram deficiências ao nível da gestão documental integrada e das condições físicas e ambientais necessárias à conservação dos acervos.

Em 13 junho de 2001, o Papa João Paulo II nomeou D. António Montes Moreira como Bispo da Diocese de Bragança-Miranda (2001-2011), sucedendo a D. António José Rafael. O novo Prelado encontrou a Diocese a braços com a ampliação e consolidação de uma vasta rede de Centros Sociais Paroquiais e com as pesadas contas impostas pela construção da nova Catedral. No que respeita ao Arquivo Diocesano, D. António Montes Moreira direcionou a atenção para a melhoria das condições de impermeabilização do edifício de molde a obviar problemas como infiltrações e a garantir o controlo de temperatura e humidade. Para o efeito, interveio ao nível da cobertura do edifício e das caixilharias de portas e janelas, substituindo a madeira por alumínio. Quanto à gestão do Arquivo, procedeu à nomeação de um técnico especializado para o cargo de Diretor, em regime de voluntariado. Não obstante o trabalho empreendido desde então, persistiram problemas fundamentais, nomeadamente ao nível infraestrutural e da conservação e gestão documental, por força da escassez crónica de recursos materiais e humanos.

⁸⁶ TDMJC, Arquivo D. António José Rafael – Cultura e Património [Documentação em organização].

Em 16 de julho de 2011, D. José Manuel Garcia Cordeiro sucedeu a D. António Montes Moreira. Na sua chegada à Diocese de Bragança-Miranda, o Arquivo Diocesano, tal como outros serviços administrativos diocesanos, permanecia instalado no edifício do Paço Episcopal em condições infraestruturais precárias. Entre 2012 e 2015, o novo Prelado tomou medidas respeitantes ao edifício e espaços envolventes, com impacto na conservação preventiva do acervo do Arquivo Diocesano: os serviços centrais da Cúria Diocesana foram deslocados para um edifício contíguo, contribuindo para um acesso mais restrito ao interior do Paço Episcopal, foi realizado o revestimento cerâmico do piso em espaços de passagem, como corredores e átrios, procedeu-se à limpeza e empedramento do espaço exterior do edifício e a agregação e resguardo de conjuntos documentais até então dispersos, pertencentes ao Arquivo Secreto dos Bispos, Secretaria Episcopal e Câmara Eclesiástica.

O Arquivo Diocesano permaneceu, porém, em condições deficientes. Instalado no rés-do-chão da ala norte do Paço Episcopal, confinado a uma sala contígua ao átrio de entrada do edifício, é constituído por uma estrutura em mezanino de madeira de dois pisos, com o pavimento integralmente de soalho e portadas interiores das janelas em madeira. A documentação que comporta apresenta um estado de conservação diverso, variando de acordo com a tipologia. Coexistem séries documentais inventariadas e com um acondicionamento adequado, com outros conjuntos documentais que não sofreram qualquer tratamento arquivístico e que permanecem deficientemente acondicionados. A inexistência de um inventário do acervo em toda a sua extensão dificulta as tarefas de identificação, caracterização e conservação preventiva.

Em termos globais, o acervo do Arquivo Diocesano é composto pelas seguintes séries documentais:

- Registo Paroquial (livros de registo paroquial: batismos, casamentos e óbitos);
- Habilitações a ordens (habilitações *De Genere*);
- Processos matrimoniais;
- Processos judiciais (autos cíveis e crimes);
- Documentação sobre Capelas, Ermidas e Igrejas;
- Documentação sobre Oratórios;
- Documentação sobre Sacrários;

- Documentação sobre Legados Pios;
- Documentação sobre Confrarias e Irmandades;
- Documentação sobre Conventos;
- Documentação sobre Visitas Pastorais;
- Documentação sobre Róis de Confessados;
- Documentação sobre benefícios e cargos (autos de nomeação, confirmação e posse);
- Documentação sobre festividades (requerimentos para a realização de festas);
- Petições (dispensas e licenças);
- Escrituras;
- Documentação sobre a Bula da Cruzada;
- Documentação sobre o óbulo de S. Pedro;
- Documentação sobre Receita e despesa;
- Correspondência (expedida e recebida de diversas instituições);
- Documentação sobre a Mitra (administração dos bens do antístite);
- Breves/Bulas (coleção);
- Documentação sobre o Seminário de Bragança;
- Documentação sobre o Colégio S. João de Brito;
- Documentação sobre o Colégio N. Senhora do Caminho de Mogadouro;
- Coleção de Pergaminhos;
- Imprensa periódica.⁸⁷

O volume elevado de documentos depositados, calculado em 165,5 metros lineares no piso inferior e em 241,70 metros lineares no piso superior⁸⁸, torna evidente a área reduzida do Arquivo Diocesano face ao acervo que comporta. Quase todo o espaço é preenchido pela estanteria e zonas de circulação. Os espaços de consulta e de leitura existentes localizam-se em zonas de circulação e junto das estanterias que comportam os documentos, pelo que não há diferenciação de áreas públicas e de áreas reservadas. O Arquivo Diocesano não dispõe de planos de conservação preventiva, nem, tão-pouco, de planos e de equipamentos de segurança. Trata-se, portanto, de um arquivo sujeito a vários riscos, a necessitar de intervenção multidimensional e integrada.

⁸⁷ Candidatura “Tombo Diocesano – Monsenhor José de Castro”: Memória Descritiva, apresentada no âmbito do Concurso Património Cultural, em resposta ao respetivo convite (Aviso N.º Norte-14-2016-03). Bragança: Câmara Municipal de Bragança; CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (set. 2016).

⁸⁸ *Ibidem*.

2. Constituição do *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro (1986-2016)*

D. António José Rafael norteou o seu mandato episcopal pelo desígnio de engrandecer e afirmar a Diocese que lhe fora confiada, sob o ponto de vista pastoral, social e cultural. Logo nos primeiros anos cerziu um plano que designou de “processo de recuperação diocesana” através do qual pretendeu “proporcionar e promover o ‘retorno’ de todos os valores diocesanos e a ‘renovação’ da Diocese pela via da identidade.”⁸⁹ Tratava-se de um programa de afirmação e de valorização do património cultural da Diocese de Bragança-Miranda, considerado nas dimensões identitária, política e económica, com um claro enfoque regionalista, no quadro nacional e europeu. A concretização deste programa pressupunha que fosse levado à prática um dos *slogans* mais caro ao Prelado: “Ler Bragança, conhecer Bragança, estudar Bragança”, uma atitude que assumia no seu exercício pastoral e que procurava inculcar nos diocesanos, a partir das obras do Mons. José de Castro e do P.^e Francisco Manuel Alves, o célebre Abade de Baçal, os dois historiógrafos da Diocese⁹⁰.

Após ter assumido a titularidade da cátedra de Bragança, D. António Rafael não tardou a evocar a memória de Mons. José de Castro, autor da obra *Bragança e Miranda (Bispado)*, história da Diocese em quatro volumes, publicada entre 1946 e 1951. Fê-lo, aliás, em diversas situações, apontando o sacerdote como figura cimeira do presbitério local. Conhecedor e divulgador entusiasta da obra monográfica de Mons. Castro, particularmente de *Portugal no Concílio de Trento e Bragança e Miranda (Bispado)*, a ele se referia como “o mais erudito e dedicado historiador bragançano.”⁹¹

Em 1986, teve lugar o primeiro centenário do nascimento do sacerdote e investigador brigantino. As celebrações comemorativas foram modestas. Entre as

⁸⁹ D. António José Rafael, “Nota Pastoral ‘Venerável D. Frei Bartolomeu’”. *Mensagem de Bragança* (13 jul. 1984), p. 5, col. 1-2.

⁹⁰ D. José Cordeiro, “Celebração exequial – D. António José Rafael” (30 jul. 2018). In https://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/celebracao_exequial_30.07.pdf (2019-10-11; 14:45); Sublinhado no original.

⁹¹ D. António José Rafael, “Nota Pastoral ‘Venerável D. Frei Bartolomeu’”. *Mensagem de Bragança* (13 jul. 1984), p. 5, col. 1-2.

iniciativas de maior relevo encontram-se a exposição retrospectiva organizada pelo Museu do Abade de Baçal e a sessão de homenagem realizada em Lisboa, na Academia Portuguesa da História. Ambas as iniciativas contaram com a presença de D. António José Rafael⁹².

A exposição, inaugurada em 15 de fevereiro de 1986, integrou essencialmente o espólio de Mons. José de Castro depositado no Museu do Abade de Baçal. Apresentou, para além das obras monográficas do sacerdote, objetos pessoais e de culto, fotografias, um retrato a óleo da autoria de Henrique Tavares, bem como algumas das condecorações com que foi galardoado, nomeadamente as insígnias das comendas de ordens honoríficas civis de Portugal e do Brasil⁹³.

A Academia Portuguesa da História prestou homenagem ao seu académico de número em 8 de abril de 1986, no âmbito de uma sessão solene extraordinária realizada no salão nobre da instituição. Foram oradores Francisco Leite de Faria, que apresentou a comunicação *Portugal em Roma na obra de Monsenhor José de Castro* e Alberto Iria, que discorreu sobre as facetas de historiador, sacerdote e brigantino do homenageado. A par dos habituais académicos e do Bispo de Bragança-Miranda, marcaram presença na sessão amigos do homenageado e uma pequena representação da Casa de Trás-os-Montes em Lisboa⁹⁴.

A efeméride aniversária foi também assinalada na revista *Lumen* e no boletim *Amigos de Bragança*, com a publicação de artigos evocativos da figura de Mons. José de Castro e o seu legado. Tratou-se, no entanto, de “um centenário pobre”, vivido com quase indiferença pelos conterrâneos de Mons. José de Castro, como afirmou o Cón. Belarmino Afonso⁹⁵, diretor da revista cultural *Brigantia*:

⁹² “Notícias em Flash – Trás-os-Montes/Alto Douro: Bragança – O Museu do Abade de Baçal inaugurou uma exposição retrospectiva de Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (21 fev. 1986), p. 2, col. 3-4.

⁹³ João Neto Jacob, “Homenagem – no centenário de Monsenhor José de Castro”. *Amigos de Bragança (Boletim de informação e estudos regionalistas)*, 8.ª série, n.º 1 (mar. 1986), p. 16.

⁹⁴ TDMJC, Arquivo D. António José Rafael, Correspondência P.º Manuel João Antunes Afonso: PT-DBM/DAJR/F/2. [Documentação em organização].

⁹⁵ Cónego Belarmino Augusto Afonso nasceu em Castro Vicente, concelho de Mogadouro, em 13 nov. 1931. Frequentou os Seminários de Vinhais e de Bragança. Foi ordenado sacerdote em 29 jun. 1956 na igreja do Seminário de Bragança. Em 1968 licenciou-se em História na Universidade de Coimbra e em 1975 fez estágio no Arquivo Geral da mesma Universidade. Ocupou o cargo de Diretor do Arquivo Distrital de Bragança. Pároco, professor, foi diretor do semanário diocesano *Mensageiro de Bragança* (1979-1980). Em 1981 fundou a revista cultural *Brigantia*, da qual foi diretor. Faleceu em 2 dez. 2005. Cf. TDMJC, ACE, Livro para o Registo dos Falecimentos dos Presbíteros na Diocese de Bragança (1899-2016).

“a cidade mal se deu conta de uma placa comemorativa que se colocou na casa onde nasceu, bem como de uma sessão que se realizou no Museu Abade de Baçal. A diocese limitou-se a ações episódicas, incapaz de congregar a família sacerdotal na homenagem a um sacerdote que teve o respeito de gregos e troianos.”⁹⁶

A revista *Brigantia* dedicou o segundo número de 1986 a Mons. José de Castro. Esta iniciativa revelou-se determinante para fixar a memória “da Obra e do Homem”, que Belarmino Afonso se propôs evidenciar, sem preconceitos, evocando-a “sem hipérboles nem meias verdades.”⁹⁷ Sob este desígnio, vários sacerdotes, académicos e homens de cultura traçaram o perfil pessoal, intelectual e cultural do sacerdote brigantino. Para tal concorreram as representações construídas a partir da obra monográfica do homenageado, de algumas fontes documentais e das relações pessoais que direta e indiretamente com ele estabeleceram, em diversos contextos de vida e de trabalho. Os quinze textos apresentados nesta edição permitiram coligir dados biográficos fundamentais e elencar fontes nucleares para o conhecimento de Mons. José de Castro, nas suas facetas de sacerdote, publicista, diplomata e investigador, em Portugal, no Brasil e em Roma. Tratou-se, indubitavelmente, de um trabalho de grande valia para memória futura, ainda hoje incontornável na abordagem à vida e à obra do autor.

Em 6 de março de 1987, a escassos dias da conclusão das festividades do primeiro centenário do nascimento do sacerdote brigantino, Hirondino Fernandes⁹⁸, investigador que vinha coligindo e sistematizando a bibliografia dispersa de Mons. Castro no âmbito da obra *Bibliografia do Distrito de Bragança*, interpelou os leitores do *Mensageiro de Bragança* quanto ao significado do legado do sacerdote para a sociedade

⁹⁶ Belarmino Afonso, “Non omnis moriar!”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 295.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ Hirondino da Paixão Fernandes nasceu na freguesia do Parâmio, concelho de Bragança, em 1931. Filólogo, professor, investigador, publicista. No âmbito da dissertação de licenciatura, realizada no início da década de sessenta do século XX, iniciou a constituição de um repositório de autores do distrito de Bragança e respetiva bibliografia. O trabalho desenvolvido ao longo de mais de quatro décadas culminou na edição de *Bibliografia do Distrito de Bragança*, obra em nove volumes, publicada entre 2012 e 2014. Hirondino Fernandes é também autor de vários trabalhos monográficos e de dispersos em periódicos. Cf. António Jorge Nunes, “Nota Breve”, *In* Hirondino Fernandes, *Bibliografia do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2012, vol. I, pp. 9-10.

contemporânea. Constatando a evanescência das iniciativas celebrativas já realizadas referiu:

“Nessa altura [encerramento das comemorações do 1.º centenário do nascimento de Mons. José de Castro], não muitos lembrarão – quantos os terão ouvido? – os discursos anteriores proferidos; poucos, por certo também, terão lido os artigos entretanto dados à estampa; não é difícil imaginar quantos virão a ler os que aguardam publicação.”⁹⁹

Para o autor de *Bibliografia do Distrito de Bragança*, pior do que a indiferença pela comemoração centenária, era o persistente e generalizado desconhecimento da obra monográfica de Mons. Castro, afirmando que “poucos, muito poucos mesmo terão lido as páginas que sobretudo mais importava ler: as do próprio Monsenhor José António de Castro.”¹⁰⁰

O encerramento da celebração aniversária de Mons. Castro teve lugar em 15 de fevereiro de 1987, com a realização de uma missa jubilar na igreja de Nossa Senhora das Graças, em Bragança, presidida pelo Bispo diocesano. Na homilia, D. António José Rafael evocou a memória do “Monsenhor de Bragança”, percorrendo a obra monográfica do investigador e exaltando o papel que desempenhou na historiografia eclesiástica em Portugal, e de modo particular, na historiografia diocesana:

“Bragança deu-nos Mons. José de Castro, e Monsenhor deu-nos Bragança desde quinhentos – a fundação diocesana – e com Bragança devolvem-nos do «tombo» dos arquivos e do esquecimento o Portugal «Romano» e «Tridentino» e «Lisbonense» de Quinhentos. Devolveu-nos as Misericórdias da Rainha das Caldas; devolveu-nos sobretudo o Arcebispo «santo» e «doutor» – o nosso D. Fr. Bartolomeu dos Mártires. [...] Não fora ele, com a sua paixão e determinação de «descobridor lusíada», e ainda hoje a Diocese e o Portugal Eclesiástico do século dezasseis continuaria dormindo sepultado no pó dos Arquivos ou no oceano do esquecimento. Mons. José de Castro foi infatigável pesquisador e historiógrafo desbravador da segunda metade do nosso século dezasseis.

⁹⁹ Hirondino Fernandes, “A virtude da esperança”. *Mensageiro de Bragança/Página Cinco* (6 mar. 1987), p. 1, col. 4.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 3, col. 3.

A nossa História Eclesiástica de 1550 divide-se em duas fases: antes e depois de Mons. José de Castro.”¹⁰¹

Para saldar a “grande dívida” da Diocese para com a memória de Mons. José de Castro, D. António Rafael anunciou na homilia a atribuição do nome do historiógrafo da Diocese ao Arquivo Histórico de Bragança-Miranda, doravante designado “Arquivo «Mons. José de Castro»”. O Prelado justificou tal distinção por considerar que Mons. José de Castro personificou este Arquivo, como ninguém, “no seu labor indefetível de investigador, compilador e historiógrafo” e “‘ressuscitou’ toda a documentação referente à Diocese jazida em Arquivos fora de Bragança.”¹⁰² Deste modo, Mons. José de Castro foi proclamado publicamente patrono do Arquivo Diocesano pelo Bispo de Bragança. Porém, a associação do nome do sacerdote à estrutura arquivística manteve-se num plano informal, uma vez que a mesma não foi sancionada canonicamente.

Em 1996, o nome Mons. José de Castro voltou a ser evocado. O cônego da Sé de Bragança, P.^e Luiz Ruivo, prestou tributo ao “grande bragançano e português de lei”, com a publicação de uma monografia sobre a vida e a obra do sacerdote. Este trabalho não apresentou novidades e tomou por fontes quase exclusivas o número comemorativo da revista cultural *Brigantia*, de 1986, e o seu testemunho pessoal de convivência com o homenageado. Pese as limitações da publicação, esta integrou uma bio-cronologia de Mons. José de Castro, um elemento que os trabalhos anteriores não haviam contemplado¹⁰³.

No mesmo ano de 1996, a questão da atribuição do nome de Mons. José de Castro ao Arquivo Diocesano foi retomada por com D. António José Rafael, por ocasião das celebrações jubilares dos 450 anos da fundação da Diocese de Bragança-Miranda (1545-1995). O Prelado propôs-se fazer das celebrações jubilares um acontecimento marcante para a igreja local e para a cultura brigantina. Estabeleceu para este IX Jubileu diocesano o desígnio de “trazer ao coração a memória dos 450 anos de Nordeste-Diocese” e assim

¹⁰¹ D. António José Rafael, “Monsenhor de Bragança”. *Mensageiro de Bragança/Página Cinco* (6 mar. 1987), p. III, col. 1.

¹⁰² *Ibidem*, p. IV, col. 1.

¹⁰³ Cf. Luiz Afonso Ruivo, *Para conhecer melhor o grande bragançano e português de lei – Mons. José de Castro*. Bragança: (s.n.), 1996.

religar a Igreja e a sociedade local do seu tempo às raízes profundas que a constituíram¹⁰⁴. Para alcançar tal desiderato, nomeou uma comissão executiva composta por seis elementos do clero local: Belarmino Afonso, Presidente; Octávio Sobrinho Alves, Secretário; Adérito Custódio, Tesoureiro; Adelino Paes, José Ribeiro Gomes e José Garcia Cordeiro, Vogais. À comissão cabia a missão de conceber e executar uma programação que sensibilizasse a comunidade para a dimensão cultural e religiosa do acontecimento jubilar.

O “grande e extenso” Jubileu foi assinalado com iniciativas diversas e territorialmente descentralizadas. Teve início nos dias 21 e 22 de maio de 1995 e o encerramento decorreu nos dias 16 e 17 de novembro de 1996, o que permitiu a realização das visitas pastorais às seiscentas comunidades rurais e urbanas da Diocese, mas também assinalar as datas emblemáticas da história do Bispado, iniciando com o aniversário da criação da Diocese de Miranda e concluindo com o aniversário da dedicação da Sé de Miranda. A par das visitas pastorais do Prelado às várias comunidades, foram realizadas conferências e exposições nas quatro zonas pastorais que constituíam o território diocesano (Bragança, Miranda, Mirandela e Moncorvo), com o objetivo de dar a conhecer e de valorizar o património cultural da Diocese transmontana.

Não obstante as múltiplas ações empreendidas, o ponto alto do Jubileu teve lugar no final das comemorações. Entre os dias 7 e 10 de outubro de 1996, decorreu em Bragança o *I Congresso Histórico Diocesano*, que contou com mais de cinquenta comunicações de investigadores e homens de cultura, em torno de diversos temas alusivos ao património diocesano.

Ao longo dos três dias de trabalhos, dois nomes perpassaram as várias intervenções no Congresso. Francisco Manuel Alves, o Abade de Baçal, e Mons. José de Castro, foram evocados como figuras maiores da cultura e da historiografia transmontana e nacional.

¹⁰⁴ D. António José Rafael, “Caminhar com Bragança-Miranda pelo Tempo Nordestino”. In *I Congresso Histórico Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda 1545-1995*: atas, Bragança, 1996. Bragança: Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997, p. XXVIII.

Logo na sessão de abertura do Congresso, D. António José Rafael recordou o Abade e o Monsenhor como duas “máquinas poderosas que tudo revolveram” no arroteamento do solo cultural transmontano¹⁰⁵. Décadas volvidas sobre a publicação das obras *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança e Bragança e Miranda (Bispado)*, o Prelado brigantino interpelou os seus contemporâneos quanto aos frutos de tão frondosa lavra. A seus olhos, a situação era desoladora, pois o terreno mostrava-se “desertificado de cultivadores (verdadeiro ‘mortório’), como antigas vinhas durienses que a filoxera ‘matou’”.¹⁰⁶

Em 1945, Mons. José de Castro ficara associado às grandes celebrações dos quatrocentos anos da fundação da Diocese de Miranda com a publicação do primeiro volume de *Bragança e Miranda (Bispado)*. Cinquenta anos depois, e em novo jubileu, D. António Rafael quis ancorar à celebração jubilar aniversária o nome do “Historiador da Diocese e insigne e distintíssimo historiador” da participação de Portugal no Concílio de Trento. Na sessão de encerramento do *I Congresso Histórico Diocesano*, o Prelado interpelou o auditório: “Como não evocar reconhecido, na qualidade de Bispo de Bragança-Miranda e de português herdeiro da Cultura Lusíada de 1500, esta figura ímpar nordestina da nossa historiografia conciliar e diocesana de 1545 a 1945?”. E declarou: “A Mons. José de Castro dedicamos o *Tombo Diocesano* que fica a ter o seu nome como ‘patrono’.”¹⁰⁷

Através desta declaração pública foi solenizada a atribuição do nome de Mons. José de Castro ao Tombo Diocesano. Todavia, à semelhança do que ocorrera em 17 de fevereiro de 1987, por ocasião da primeira dedicação do nome do “historiógrafo da Diocese” ao Arquivo Diocesano, também esta nova proclamação não foi acompanhada da correspondente formalização canónica episcopal. Por conseguinte, o arquivo da Diocese que o Prelado designou de *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, continuou a ser correntemente denominado *Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda*.

Desde a reafirmação, em 1996, da denominação *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, a atividade da estrutura arquivística prosseguiu como até então,

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. XXIX.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. XLIX.

enfrentando as dificuldades infligidas pela escassez crónica de recursos materiais e humanos, a que cresceu a progressiva deterioração das condições físicas das instalações. Também a figura e a obra de Mons. José de Castro continuaram envoltas em persistente esquecimento.

Em 2014, a Diocese de Bragança-Miranda publicou *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável*¹⁰⁸, integrada na coleção *Presbiterium*, sob organização de Henrique Manuel Pereira. A obra reúne os escritos éditos de Mons. Castro dedicados à vida e obra do “bispo de Trento”, antecedidos de um texto introdutório que não só apresenta e contextualiza as obras bartolomeanas do autor, mas também remete o leitor para a totalidade do trabalho de investigação empreendido pelo sacerdote brigantino nos arquivos do Vaticano e da Legação Portuguesa junto da Santa Sé. A relevância da investigação empreendida por Mons. José de Castro e o reconhecimento que a mesma alcançou são sublinhados com a referência às manifestações de admiração que o P.^e Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, lhe dedicou, através de correspondência enviada.

A amizade e a admiração recíprocas entre as duas figuras da cultura transmontana e nacional foram igualmente abordadas por Henrique Manuel Pereira na comunicação apresentada no Congresso *Vida, obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*, realizado no Auditório Paulo Quintela, em Bragança, nos dias 13 e 14 de novembro de 2015, uma iniciativa integrada nas comemorações do 150.^o aniversário do nascimento do P.^e Francisco Manuel Alves e 100.^o aniversário do Museu do Abade de Baçal. A comunicação *Abade de Baçal e Mons. José de Castro: Afinidades e cumplicidades* integrou as atas do Congresso publicadas na revista cultural *Brigantia*, sob o título *Abade de Baçal e Mons. José de Castro – Património e espessura do passado nordestino*¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Cf. Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável* [Organização e Introdução de Henrique Manuel Pereira; nota de D. José Cordeiro]. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2014.

¹⁰⁹ Henrique Manuel Pereira, “Abade de Baçal e Mons. José de Castro – Património e espessura do passado nordestino”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXIV-XXXV (2016-2017), pp. 213-221.

A ligação entre os dois investigadores foi também a trave mestra de *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves*, editada pela Diocese de Bragança-Miranda em maio de 2016, com organização de Henrique Manuel Pereira, assinalando os cinquenta anos da morte de Mons. José de Castro¹¹⁰. A publicação apresenta como peça nuclear o texto evocativo da memória do P.º Francisco Manuel Alves, da autoria de Mons. Castro, redigido por ocasião do falecimento do erudito Abade, em 13 de novembro de 1947. O texto é antecedido de um preâmbulo enquadrador, com múltiplas referências epistolares e de publicações em periódicos, em que o apreço pessoal e intelectual de ambos é evidenciado. De assinalar também, neste ano de 2016, o artigo redigido por Francisco de Almeida Dias, alusivo à investigação que Mons. José de Castro levou a efeito sobre a presença portuguesa na capital italiana e à ação do sacerdote no Instituto Português de Santo António em Roma¹¹¹.

As investigações de Henrique Manuel Pereira em torno de Mons. José de Castro colocaram em evidência, mais uma vez, a relevância do sacerdote brigantino enquanto figura da cultura portuguesa do século XX e deram impulso à realização de um conjunto de ações a realizar ao longo de 2016 pela Diocese de Bragança-Miranda, no âmbito do cinquentenário da morte do sacerdote.

O Bispo de Bragança-Miranda, D. José Cordeiro, começou por evocar a memória do “ilustre Bragançano, mas desconhecido de muitos Bragançanos”, na homilia da festividade de Nossa Senhora das Graças, padroeira da cidade de Bragança, em 22 de agosto de 2016. Nesta preleção, referiu-se à data aniversária do cinquentenário da morte de Mons. José de Castro que se cumpria no dia 26 de agosto próximo, e no ano em que passavam 130 anos sobre o seu nascimento¹¹².

Data, precisamente, de 26 de agosto de 2016, a ereção canónica do Arquivo Diocesano como *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*. Este ato de formalização

¹¹⁰ Cf. Mons. José de Castro, *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal* [Organização, introdução e cronologia de Henrique Manuel Pereira; nota de Mons. Adelino Fernando Paes]. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016. [Obra póstuma].

¹¹¹ Francisco de Almeida Dias, “Monsenhor José de Castro – A História de Portugal em Roma”. In Alessandrini [et al.], *Scrigni della memoria: Archivos e Fundos Documentais para o estudo das Relações Luso-Italianas*. Lisboa: Universidade de Lisboa/Edição Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2016, pp. 53-71.

¹¹² D. José Cordeiro, Homilia da Solenidade de Nossa Senhora das Graças (22 ago. 2016). In <https://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/Homilia%2022.08.pdf>. (2019-10-11; 16:00).

da denominação e localização do Tombo Diocesano foi estabelecida pelo decreto episcopal n.º 009/2016, de 26 de agosto, nos seguintes termos:

“Sendo necessário, a teor do Direito, que cada Diocese possua um Arquivo Diocesano para guardar com o maior cuidado todos os documentos respeitantes à Diocese ou às Paróquias;

Uma vez que o mesmo já existia, há muitos anos, mas não constava a sua constituição formal, foi constituído pelo nosso Decreto n.º 20/2012, a teor do Cân. 486§2. Havemos por bem determinar:

1. que o Arquivo Diocesano seja denominado Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro;
2. que o mesmo tenha as suas instalações próprias na Casa Episcopal, na cidade de Bragança, e conste publicamente o seu horário de atendimento ao público.”¹¹³

Mas o cumprimento da missão a que o Tombo Diocesano está obrigado à luz do Direito canónico e o imperativo de recuperar a memória do seu patrono, apelaram a uma intervenção abrangente e multidimensional na estrutura e organização arquivística. Para o efeito, um conjunto de investigadores nas áreas da cultura e do património, sob coordenação de Henrique Manuel Pereira, delinearão duas ações a promover pela Diocese de Bragança-Miranda e pela Câmara Municipal de Bragança.

A primeira ação teve lugar em setembro de 2016. Consistiu na elaboração do projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*, concebido por uma equipa de investigadores do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este projeto foi submetido a uma candidatura a financiamento, no âmbito do Programa Operacional Regional do Norte (Norte 2020), enquadrada na prioridade de investimento 6.3. *Conservação, proteção, promoção e desenvolvimento do património natural e cultural*, contando com a Câmara Municipal de Bragança como entidade promotora. A candidatura a financiamento

¹¹³ D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda, *Arquivo Diocesano da Diocese de Bragança-Miranda «Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro»* [Decreto n.º 009/2016 de 26 de agosto]. In http://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/009__arquivo_diocesano__tombo_diocesano_monsenhor_jose_de_castro.pdf (2019-09-14; 18:10).

obteve aprovação e tem o início previsto para o ano de 2020, com um período de execução previsto de dois anos.

Uma segunda ação foi realizada em 9 de dezembro de 2016. Tratou-se do *Congresso Monsenhor José de Castro – Vida, Obra e Pensamento*, um evento científico promovido pela Câmara Municipal de Bragança e pela Diocese de Bragança-Miranda em parceria com a Universidade Católica Portuguesa (Escola das Artes) e a Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares e a Globalização (Universidade Aberta), cuja comissão organizadora foi presidida por Henrique Manuel Pereira.

O Congresso propôs-se visitar e descobrir o percurso biográfico de Mons. José de Castro e particularmente o seu legado cultural¹¹⁴. Para o efeito, na sala de Atos da Câmara Municipal de Bragança marcaram presença investigadores de várias universidades e foram apresentadas oito comunicações que abordaram o perfil de Mons. José de Castro como brigantino, sacerdote, diplomata e investigador. Foi ainda integrada no programa do congresso uma cerimónia de homenagem a Mons. José de Castro, realizada no cemitério do Toural, em Bragança. Esta contou com a intervenção inicial de D. José Cordeiro, a que se seguiu a colocação de uma lápide na campa do sacerdote e um apontamento musical pelo Conservatório Musical de Bragança. A homenagem foi concluída com a alocação de D. António Montes Moreira, Bispo emérito de Bragança-Miranda.

Não obstante os contributos recolhidos ao longo dos trabalhos do Congresso, foi evidenciada a existência de aspetos em torno da vida, obra e pensamento de Mons. José de Castro a necessitar de aprofundamento no conhecimento e na análise, uma vez que várias interrogações no âmbito da bio-bibliográficas do autor, não obtiveram clarificação nas comunicações apresentadas. Esta constatação colocou a descoberto um certo esgotamento das fontes para o estudo da figura de Mons. José de Castro e a necessidade de trilhar novos caminhos de investigação que permitissem o levantamento e análise de novas fontes, tendo em vista aprofundar o conhecimento em torno desta figura maior da cultura portuguesa.

¹¹⁴ “Mons. José de Castro foi uma das mais ilustres personalidades de Bragança” [Entrevista a Henrique Manuel Pereira]. *Mensageiro de Bragança* (24 nov. 2016), p. 19, col. 1-2.

3. Projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*

O projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* propôs-se ser uma infraestrutura cultural com a missão de “conservar e valorizar o património cultural da região de Trás-os-Montes e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento regional através de iniciativas que tenham por base este mesmo património e cultura.”¹¹⁵ Dada a abrangência de tal propósito, o seu âmbito de atuação não foi restringido à gestão arquivística e à salvaguarda do importante acervo documental do Arquivo diocesano, como havia idealizado, D. António José Rafael, em 1996. No projeto submetido a candidatura em 2016, o *património religioso-cultural* do território da Diocese Bragança-Miranda foi tomado como elemento estrutural da cultura local e, simultaneamente, um “importante elemento de atração turística” constituindo, por conseguinte, um fator de desenvolvimento local¹¹⁶.

Para a prossecução dos objetivos enumerados, foram estabelecidas quatro ações operacionais: Tratamento e divulgação do espólio documental do Arquivo da Diocese de Bragança-Miranda (ação 1), Criação de um Centro Interpretativo da História da Diocese de Bragança-Miranda (ação 2), Constituição de um serviço educativo e de ação cultural para a promoção e divulgação do património cultural da Diocese (ação 3) e Estudo e edição da obra de Monsenhor José de Castro (ação 4). O projeto prevê que estas áreas de atuação sejam complementadas com um estruturado plano de comunicação e divulgação da operação (ação 5). Nas suas linhas gerais, as quatro ações operacionais que integram o projeto fundamentam-se nos pressupostos norteadores a seguir apresentados:

¹¹⁵ Candidatura “Tombo Diocesano – Monsenhor José de Castro”: Memória Descritiva, apresentada no âmbito do Concurso Património Cultural, em resposta ao respetivo convite (Aviso N.º Norte-14-2016-03). Bragança: Câmara Municipal de Bragança; CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (set. 2016).

¹¹⁶ *Ibidem*.

Ação 1: Tratamento e divulgação do espólio documental do Arquivo da Diocese de Bragança-Miranda.

Esta ação assenta no pressuposto das “inequívocas potencialidades do arquivo diocesano, não só para o conhecimento histórico e fortalecimento identitário da comunidade a que diz respeito, mas também como garante e expressão da sua memória, como instrumento educativo e dinamizador cultural.”¹¹⁷ Enquadrada na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, esta operação visa a proteção do património arquivístico através da inventariação e a sua valorização, através da pesquisa e investigação, conservação preventiva, acesso, fruição e animação.

De acordo com o projeto delineado, a operação propõe-se responder aos reptos da Sociedade do Conhecimento e das novas tecnologias, bem como maximizar a difusão e conservação dos ricos fundos documentais diocesanos. Neste âmbito, pretende levar a cabo a descrição normalizada dos fundos e o tratamento arquivístico da documentação eclesiástica com as técnicas e normativas adequadas e colocá-la à disposição do público. Assim, é intenção desta ação cuidar da documentação eclesiástica produzida em todas as fases do ciclo de vida dos documentos (corrente, intermédia e histórica), em todos os suportes e disponibilizá-la à comunidade na qual se insere. Foi definida para a diocese de Bragança-Miranda uma política arquivística assente na criação de um sistema de gestão integral de arquivos, capaz de integrar a documentação gerada por todos os organismos diocesanos, desde a sua fase de criação, para que se archive e conserve corretamente, acompanhada da aplicação das mais recentes técnicas arquivísticas.

Ação 2: Criação de um Centro Interpretativo da História da Diocese de Bragança-Miranda.

A criação de um Centro Interpretativo da História da Diocese de Bragança-Miranda, no contexto do presente projeto, pretende disponibilizar um espaço de interpretação da evolução histórica da Diocese, nas suas vertentes administrativa,

¹¹⁷ *Ibidem.*

territorial, social, pastoral e cultural. Foi estabelecido como público-alvo desta estrutura, os turistas que pretendam visitar os monumentos e museus diocesanos, servindo como um espaço de acolhimento e informação da oferta turístico-cultural e permitindo-lhe uma primeira abordagem à história e património da Diocese. De igual modo, propõe-se servir como base da atividade do serviço educativo e de ação cultural, cujas iniciativas se destinam a potenciar a formação e fruição de novos públicos.

O Centro Interpretativo pretende integrar um espaço de exposição permanente ou de longa duração, cuja montagem expográfica resultará de uma combinação de técnicas expositivas tradicionais, como os painéis e as vitrinas, com uma componente multimédia e audiovisual. Neste contexto, o projeto contempla a realização de documentários sobre os principais núcleos do Património Cultural da Diocese de Bragança-Miranda, tendo como pontos de vista orientadores a história, personalidades, instituições e património.

Ação 3: Constituição de um Serviço Educativo e de Ação Cultural para a promoção e divulgação do património cultural da Diocese.

Ancorado no Arquivo Diocesano e no Centro Interpretativo da história da Diocese, o Serviço Educativo surge como um espaço privilegiado de conhecimento da história e do património tangível e intangível deste território eclesial. Surge como um serviço de educação não-formal e informal, para a conceção e implementação de ações flexíveis e integradoras, direcionadas a indivíduos ou a grupos diversos (escolares e não escolares), que potenciem a aprendizagem reflexiva, o desenvolvimento cultural ativo e participante e a valorização do património cultural do território da Diocese.

Atendendo à natureza e missão do *Tombo Diocesano*, o seu Serviço Educativo também se propõe desenvolver atividades educativas, incluindo de educação patrimonial em templos, monumentos, espaços museológicos e outros equipamentos culturais da Diocese de Bragança-Miranda, em estreita colaboração com as entidades locais.

Ação 4: Estudo e edição da obra de Monsenhor José de Castro.

Esta ação prevê a transcrição, fixação e edição da extensa obra bibliográfica de Mons. José de Castro, incluindo a sua obra édita (obra monográfica), obra inédita (correspondência, conferências; entrevistas; homilias) e dispersos (artigos em publicações periódicas, em Portugal, no Brasil, e eventualmente em Itália).

Complementarmente a estas publicações, o projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* contempla a realização de um documentário (mediametragem), apresentando uma panorâmica alargada sobre a vida, pensamento e obra do sacerdote. Através deste, pretende-se a (re)construção do universo espacial, cultural e social em que viveu e atuou, bem como o seu legado.

O projeto *Tombo Diocesano* contempla, portanto, um conjunto estruturado de ações interdependentes e complementares, que pretendem responder eficazmente aos desafios da conservação e valorização do património religioso da Diocese de Bragança-Miranda, em harmonia com as orientações estratégicas e os objetivos previstos pela política territorial e setorial em vigor.

Mons. José de Castro, patrono do Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda, é figura agregadora das ações delineadas no âmbito do projeto e o catalisador das medidas nele previstas. Pela centralidade que o projeto confere ao sacerdote, é vital para a prossecução dos objetivos estabelecidos, aprofundar o conhecimento sobre a sua vida, obra e pensamento, nomeadamente no que respeita à extensa bibliografia que produziu e às ações diplomáticas que levou a cabo ao serviço da representação de Portugal no Vaticano. De igual modo, importa conhecer o pensamento político-ideológico que moldou o seu perfil nos vários contextos em que atuou.

Perante as múltiplas interrogações suscitadas em torno do patrono do Tombo Diocesano, impõem-se um olhar renovado sobre a vida, a obra e o pensamento de Mons. José de Castro, de modo a trazer à luz do presente elementos fundamentais para o efetivo cumprimento dos pressupostos contemplados no projeto.

CAPÍTULO III – MONS. JOSÉ DE CASTRO – VIDA, OBRA E PENSAMENTO

1. O Nacionalismo Católico em Mons. José de Castro

1.1. Formação intelectual e ideológica – contextos e figuras

Em 15 de outubro de 1898 teve lugar a abertura das aulas no Seminário de São José de Bragança. Sob a presidência do Bispo diocesano, D. José Alves de Mariz (1886-1912), foram inauguradas obras de melhoramento do Seminário, concretizando-se uma das grandes aspirações pastorais do Prelado¹¹⁸.

As marcas de decrepitude que o liberalismo impusera na instituição de ensino eclesiástico davam agora lugar a um momento esperançoso de progresso material, literário e moral. No *Boletim Diocesano de Bragança* foi noticiado este acontecimento com a transcrição de alguns dos ecos do evento na imprensa. Segundo o jornal *A Ordem*, após os atos litúrgicos e a recitação da oração de sapiência pelo Vice-Reitor, D. José Alves de Mariz proferiu uma “primorosa e erudita alocução”, que concluiu dirigindo-se aos estudantes “em frases de carinho e incitamento, como Pai Espiritual e Mestre”¹¹⁹. A ouvir as palavras do Prelado estaria o jovem José de Castro, que pela primeira vez integrava o grupo de alunos do Seminário.

José António de Castro nasceu na freguesia de Santa Maria, na cidade de Bragança, em 15 de fevereiro de 1886, filho de António Augusto de Castro, sapateiro, e de Maria da Conceição Vara¹²⁰. Contava 12 anos quando ingressou no curso de Preparatórios do Seminário de São José, encetando um caminho formativo que passou pela realização do curso Teológico (1901-1904) e que o conduziu à tomada de ordens sacras.

A sua formação beneficiou das reformas levadas a efeito no Seminário sob os auspícios de D. José Alves de Mariz: os estudos Preparatórios sofreram alterações curriculares; no Curso Teológico, foi reforçado o cariz científico-experimental do ensino,

¹¹⁸ Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo II, pp. 134-138.

¹¹⁹ “Diversas: Abertura das aulas do Seminário de S. José de Bragança”, *Boletim Diocesano de Bragança*, Ano I, n.º 10, 1898, p. 171.

¹²⁰ Arquivo Distrital Bragança [ADBGC], *Assento de Batismo de Mons. José de Castro*: PT-ADBGC-PRQ-BGC42-001-00018-fl. 176.

com a introdução de cadeiras como *Filosofia Escolástica* (1885), *Física, Química e História Natural* (1886), *Música, Canto e instrumentos* (1895), *Arqueologia e Iconografia* (1898). A par das alterações no currículo, foram promovidas iniciativas de estímulo à elevação cultural e moral dos alunos, como a criação de prémios para os que se distinguissem pelo comportamento moral e pelo mérito literário e científico, a promoção de saraus literários e a determinação de que subissem ao púlpito nos domingos da quaresma e em outras festividades e ensinassem doutrina cristã nos feriados, às crianças da cidade, nos claustros da Sé, com a supervisão de um Superior.¹²¹

Pese a dinâmica institucional que se consolidava, o Seminário e a sua comunidade educativa não se encontravam alheados das realidades política, económica e social verificadas nos alvares do século XX. Também em Bragança e nas estruturas eclesiásticas locais se fazia sentir a instabilidade política e a hostilidade para com a Igreja. O carismático Bispo D. José Alves de Mariz foi alvo de ataques frequentes na imprensa e de contramanifestações de desagravo. A situação ganhou particular expressão a propósito do designado “motim do Seminário”, uma insurreição perpetrada por alunos internos na noite de 12 para 13 de dezembro de 1904, que visava atingir os dois Prefeitos e o Vice-reitor da instituição, em resposta à excessiva disciplina imposta¹²². Este episódio de rebelião tornou-se o centro de uma controvérsia travada nos jornais nacionais e locais, e nos círculos políticos de então. A facção progressista insurgiu-se contra as sentenças determinadas pelo Bispo diocesano, que consistiam na expulsão perpétua ou na perda do ano letivo em curso para os envolvidos, consoante o nível de envolvimento dos alunos visados. Após um longo processo, no qual intervieram autoridades civis, como o Governador Civil de Bragança ou o Ministro da Justiça, e autoridades eclesiásticas, como o Núncio Apostólico ou o Papa Pio X, foi encontrado desfecho para o caso. Em 1907, os seminaristas envolvidos foram ordenados, exceto os que foram expulsos perpetuamente¹²³.

¹²¹ Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo II, p. 137.

¹²² *Ibidem*, p. 351.

¹²³ Cf. P. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, pp. 181-193.

Neste contexto de efervescência política e social, José de Castro era um jovem seminarista politicamente ativo, fortemente comprometido com a defesa dos interesses da Igreja e dos católicos. Propondo-se abraçar a instituição eclesial como presbítero, concluiu o curso Teológico em 25 de junho de 1904, com aprovação *nemine discrepante*¹²⁴ e foi admitido às ordens sacras em 10 de junho de 1906.¹²⁵

O seu ativismo político levou-o ao contacto com simpatizantes da causa nacionalista de geografias e condições diversas. Na cidade da Guarda, desenvolveu uma breve experiência na imprensa ao dirigir uma publicação intitulada *Ventas* sob o pseudónimo “Alerta” e, na cidade do Porto, contactou com o meio intelectual católico e terá colaborado com o jornal *A Palavra*¹²⁶.

A integração do jovem seminarista nestes círculos político-intelectuais não terá estado alheada da influência do conterrâneo e ativista católico, Guilhermino Augusto Alves, antigo aluno do Curso Teológico do Seminário de São José de Bragança, concluído com distinção, em junho de 1899. A aplicação e os bons costumes de Guilhermino Augusto Alves, levaram D. José Alves de Mariz a indicar o seu nome para integrar o primeiro núcleo de alunos do recém-criado Colégio Português em Roma, para onde partiu em outubro de 1899¹²⁷. Aqui frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana e obteve o doutoramento em Filosofia. Para além da formação académica, na cidade eterna tomou contacto próximo com o ideário nacionalista que se instalava em alguns meios intelectuais católicos. Depois de viajar por França e pela Bélgica, fez longas estadias em Lovaina, tendo realizado matrícula na Universidade Católica local¹²⁸. Regressou, porém, a Portugal e colaborou com Luís Mendes Pinheiro na organização e abertura do Colégio Liceu Figueirense, na cidade da Figueira da Foz¹²⁹. Tratava-se de um estabelecimento de ensino fortemente ligado ao movimento nacionalista católico e monárquico, no qual Guilhermino Alves desempenhou

¹²⁴ Arquivo do Seminário de São José de Bragança, *Livro dos exames do 3.º ano do curso Teológico de 1888 por diante*, tomo 2.º, f. 82.

¹²⁵ TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos a quem são conferidas ordens (1903-2016), fl. 8 v-9.

¹²⁶ Marquês de São-Paio - *Elogio de Mons. José de Castro*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1969, pp. 15-16.

¹²⁷ TDMJC, ACE, Copiador de correspondência expedida – Governo e Autoridades (1895-1899), f. 140v.

¹²⁸ “Na paz dos justos”. *Mensageiro de Bragança* (1 mar. 1941), p. 1, col. 3.

¹²⁹ *Ibidem*.

as funções de professor e de subdiretor. Em 1908, o jovem José de Castro juntou-se ao corpo docente do Colégio. Depois de, em junho, a escassas semanas da sua ordenação presbiteral, ter viajado para a Figueira da Foz¹³⁰, ali regressou para assumir as funções de professor no novo ano escolar.

Neste círculo nacionalista católico militava Artur Bívar Xavier, condiscípulo de Guilhermino Alves na Universidade Gregoriana e no Colégio Português em Roma. Artur Bívar notabilizou-se pelas intervenções nos congressos católicos e na imprensa. Tal como Guilhermino Alves, Artur Bívar regressou a Portugal para se dedicar à docência. Mas a par do ensino do Latim e Português nos liceus de Lisboa¹³¹, tomou em mãos a defesa dos direitos da Igreja e dos católicos contra as investidas dos republicanos laicos, usando como arma a sátira e a ironia que caracterizavam o seu pensamento e a sua escrita¹³².

Em finais de 1906, Artur Bívar encabeçou um projeto de implantação de uma rede de periódicos que obedeciam a uma matriz ideológica e estrutura editorial comuns, partilhando, inclusive, parte substancial dos conteúdos. Ao ramificarem os jornais por diversos pontos do país, os mentores do projeto pretendiam disseminar os princípios católicos, nacionalistas e monárquicos. Para a concretização deste intento, em 26 de novembro de 1905, foi constituída a Sociedade *Veritas*, na cidade da Guarda¹³³, cujas oficinas gráficas imprimiam os vários títulos que integravam a rede de periódicos.

Em 1907, quando a rede de periódico já contava com seis títulos, o projeto dos semanários da *Veritas* chegou a Bragança. Para o efeito, contou com a iniciativa e o entusiasmo de dois clérigos *in minoribus* do Seminário de São José, José António de Castro e Augusto Adérito Pimentel, e de um quaternista de Filosofia em Coimbra, José Manuel Teixeira de Castro. Em 20 de abril de 1907, os três jovens apresentaram ao Bispo de Bragança um requerimento de autorização de publicação na Diocese de um semanário

¹³⁰ Cf. “Carteira do «Alerta»”. *Alerta!* (9 jun. 1908), p. 8, col. 3.

¹³¹ João Carlos Paulo, “Bívar Xavier, Artur da Ascensão”. In António Nóvoa, dir., *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Asa Editores, 2003, p. 173.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ “Dois anos”. *Alerta!* [...] (1 dez. 1907), p. 1, col. 1.

intitulado *Álerta!*¹³⁴. Artur Bivar assumia a direção da publicação e José de Castro era o seu proprietário e diretor local. D. José Alves de Mariz deu provimento imediato à solicitação apresentada, ressalvando a obrigatoriedade de as notícias, comunicados e quaisquer outros assuntos religiosos e eclesiásticos com origem em Bragança, serem submetidos à apreciação de um professor do Seminário, antes da sua publicação¹³⁵. Tratava-se, portanto, de uma iniciativa editorial com estreita ligação ao Seminário diocesano. O *Álerta!* teve a primeira edição em 3 de junho de 1907 e a sua publicação semanal manteve-se ininterrupta até julho de 1908.

A ação política de José de Castro tornava-se cada vez mais manifesta e efetiva. Mas o protagonismo político que vinha adquirindo, não esmoreceu o intento de aceder às ordens maiores. Em 26 de abril de 1908, Domingo *in albis*, D. José Alves de Mariz, em ordenação geral *extra tempora* realizada na capela do Paço Episcopal, conferiu-lhe a ordem de Diácono¹³⁶.

Dado que não havia completado a idade canónica para a ordenação presbiteral, o diácono José de Castro apresentou requerimento ao Prelado, em 8 de junho de 1908, solicitando autorização para ascender à “Sagrada Ordem do Presbiterado”. O pedido foi deferido após cumprimento dos trâmites processuais em uso: foi examinado “em mesa” e depois de ter obtido aprovação nas matérias morais relativas à Ordem do Presbiterado e em Cantochão, foi-lhe concedido Breve Apostólico com dispensa de idade em vinte meses e apurada a necessária “boa vida e costumes”¹³⁷. Em 5 de julho de 1908, Domingo quarto depois do Pentecostes, festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, José António de Castro foi ordenado presbítero em ordenação geral *extra tempora*, na capela do Paço Episcopal de Bragança, pela imposição das mãos de D. José Alves de Mariz.”¹³⁸

¹³⁴ TDMJC, ACE, Livro de Registo das Pastorais, Provisões, Portarias, Circulares, Despachos e outros documentos análogos: 1906 a 1916, f. 10v.

¹³⁵ *Ibidem*.

¹³⁶ TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos a quem são conferidas ordens 1903-2016, f. 14v-15.

¹³⁷ TDMJC, ACE, Processos de Habilitação de Genere: Cx. 427, Processo 9190, f. 11.

¹³⁸ TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos a quem são conferidas ordens 1903-2016, f. 16v-17.

Nos meses subsequentes, o neófito sacerdote permaneceu na Diocese de Bragança, onde realizou exames de confessor e de oratória sagrada e obteve as correspondentes provisões para celebrar e confessar e para exercer o múnus de pregador¹³⁹. O seu trabalho prosseguiu, porém, longe da terra natal, ao serviço do Colégio Liceu Figueirense.

1.2. A imprensa católica e a ação política através do jornal *Álerta!*

O crescimento e a especialização da imprensa em geral, ocorridos ao longo do século XIX, fomentaram o surgimento e o aumento progressivo de publicações periódicas de matriz católica¹⁴⁰. Se, num primeiro momento, tal se deveu a iniciativas individuais e esparsas, crescentemente obtiveram suporte institucional, impulsionadas pelo reconhecimento das suas potencialidades enquanto veículo de doutrinação da sociedade¹⁴¹. De acordo com o inventário da imprensa católica em Portugal realizado para os anos 1820 a 1910, ao longo deste período foram publicados trezentos e nove títulos, com particular abundância editorial entre os anos 1871-1888 e 1901-1910¹⁴². Este crescimento do número de publicações refletiu o reconhecimento da relevância da imprensa católica pelas lideranças eclesiais, sob o impulso do Papa Leão XIII, nomeadamente com a publicação da Carta *Cognita Nobis*, de 25 de janeiro de 1882¹⁴³. Neste documento, o Sumo Pontífice chamou a atenção para a grande capacidade de influência dos jornais na formação da opinião e dos costumes das massas. Emergiram, então, publicistas e jornalistas católicos e assistiu-se à crescente institucionalização da imprensa, mercê da iniciativa de associações de fiéis, congregações religiosas, dioceses e

¹³⁹ TDMJC, AEC, Registo de Jurisdições de Celebrar Missa e Confessar 1903-1921, f. 55.

¹⁴⁰ Paulo de Oliveira Fontes, “Imprensa Católica”. In Carlos Moreira Azevedo, *História religiosa de Portugal*, [C-I]. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 423.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² Cf. Joaquim Azevedo; José Ramos, “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910”. *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 3, 1991, pp. 215-204.

¹⁴³ Paulo de Oliveira Fontes, “Imprensa Católica”. [...], p. 423.

paróquias que, em vários pontos do país fizeram publicar diversos títulos, sob a forma de boletim, revista ou jornal¹⁴⁴.

Na Diocese de Bragança, D. José Alves de Mariz propôs-se abraçar a causa da imprensa católica, pese as dificuldades infligidas pelos elevados níveis de pobreza e de analfabetismo. No quadro do inquérito ordenado pela Santa Sé para o levantamento do estado da imprensa católica em diversos países, o Prelado de Bragança apresentou ao Núncio Apostólico a situação sombria que se verificava na sua Diocese, através de carta datada de 20 de junho de 1895. Nesta missiva, referiu o desenvolvimento tardio da publicação de “revistas jornalísticas”, facto que terá contribuído para que a Diocese de Bragança fosse, porventura, a “mais atrasada” no que respeita à imprensa católica e, ao mesmo tempo, “a que mais tem sofrido as funestas consequências da má imprensa.”¹⁴⁵

Pouco mais de um ano volvido sobre este diagnóstico, o Prelado anuiu ao pedido de colaboração do Arcebispo de Mitilene e presidente da *Associação Propagadora de Publicações Católicas*, dirigido ao episcopado português¹⁴⁶. Através de carta datada de 9 de dezembro de 1896, D. José Alves de Mariz manifestou o seu aplauso ao “simpático pensamento” da promoção da *boa imprensa* e apresentou uma relação de dezassete presbíteros disponíveis para cooperar “dedicadamente” no auxílio a esta causa¹⁴⁷.

Acompanhando o movimento nacional de difusão da imprensa católica, D. José Alves de Mariz criou a revista mensal *Boletim Diocesano de Bragança*, cujo número inaugural foi publicado em janeiro de 1898, sob a direção do Cónego José d’Oliveira e administração do P.^e José Diegues, futuro cónego da Sé de Bragança. O *Boletim* foi apresentado como “uma revista católica”, “repositório de tudo quanto interessa à vida religiosa, e ao movimento eclesiástico da Diocese”¹⁴⁸. Propunha-se dar conta das notícias e veicular os “conhecimentos indispensáveis” de forma mais ampla, bem como garantir uma publicação

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 424.

¹⁴⁵ TDMJC, ACE, Copiador de Correspondência Expedida: Governo e Autoridades (1892-1905), f. 29.

¹⁴⁶ TDMJC, ACE, Copiador de Correspondência Expedida: Governo e Autoridades (1895-1899), f. 36v.

¹⁴⁷ *Ibidem*, fl. 36v-37.

¹⁴⁸ “O nosso Boletim”, *Boletim Diocesano de Bragança*. Ano I, n.º 1 (jan. 1898), p. 3.

própria da Diocese¹⁴⁹. Os fundamentos da criação do *Boletim* coincidiam com os propósitos do movimento de promoção da *boa imprensa*, na batalha que travava contra a imprensa “ímpia, nefasta e perniciosa à Igreja”. Ainda que os seus responsáveis afirmassem não pretender enveredar pelas “lutas da pena”, declaravam que não se furtariam a defender com determinação a Igreja Católica e a cumprir o escopo desta publicação: “ser útil à Diocese de Bragança e ao seu Clero”¹⁵⁰. Esta revista mensal foi publicada, ininterruptamente, até março de 1900.

O desígnio da promoção da imprensa católica terá presidido ao despacho de 20 de abril de 1907, através do qual D. José Alves de Mariz autorizou a publicação do semanário *Álerta!*, requerida pelos peticionários Augusto Adérito Pimentel, José Manuel Teixeira de Castro e José António de Castro.

A iniciativa da criação do projeto editorial da sociedade *Veritas*, no qual se integrava o brigantino *Álerta!*, decorreu do *Congresso dos Jornalistas Católicos Portugueses*, realizado em Lisboa no ano de 1905. Este evento esteve na génese de “uma verdadeira cadeia jornalística a partir do semanário *A Guarda*”, publicado na cidade que lhe dava nome¹⁵¹. Sob o governo episcopal de D. Manuel Vieira de Matos e a colaboração do Cónego Fernando Pais de Figueiredo, a Diocese da Guarda criou a Tipografia *Veritas*, da qual, anos volvidos, procedeu a *União Gráfica* e a publicação do diário católico *Novidades*¹⁵².

Através dos semanários que a *Veritas* fundou em diversas localidades, *A Guarda* expandiu-se territorialmente e alcançou difusão nacional. Em 3 de junho de 1907, foi dado à estampa o primeiro número do *Álerta!*, sétimo título desta sociedade editorial. Para além do *Álerta!* e do matricial *A Guarda*, circulavam o *Associação Operária* (Lisboa), *Avante* (Póvoa de Varzim), *Deus e Pátria* (Barcelos), *Sul da Beira* (Covilhã), *União* (Santarém) e

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 4.

¹⁵¹ Paulo de Oliveira Fontes, “Imprensa Católica”. [...], p. 423.

¹⁵² Pinharanda Gomes, “Guarda”. In Carlos Moreira Azevedo, *História religiosa de Portugal*, vol. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 314.

União Nacional (Braga)¹⁵³. Ainda no ano de 1907, juntaram-se a estes *O Arouquense* (Arouca) e o *Estrela Polar* (Lamego).

Na nota editorial do primeiro número do *Álerta!*, os seus promotores expuseram os intentos jornalísticos do projeto dos semanários. Consideraram diferenciar-se dos demais periódicos em circulação pelo esforço “audacioso e felizmente bem coroado” para libertar a imprensa de preconceitos contra a religião, a moral e as tradições portuguesas, assim como de “escravidões” políticas e financeiras. Em termos políticos, colocavam os semanários num plano de análise apartidária, “criticando o mal e louvando o bem em todos os partidos, combatendo o fetichismo de pessoas e apregoando a obediência a princípios”¹⁵⁴.

Por reconhecerem à religião um papel fundamental para os indivíduos e para as sociedades, propuseram-se proclamar e defender as grandes verdades religiosas e combater as ideias atentatórias das famílias e das instituições portuguesas¹⁵⁵, um propósito patenteado na divisa inscrita na primeira página de todos os semanários da rede de periódicos da *Veritas: Por Deus, pela Pátria e pela Família: liberdade, justiça, amor e paz*. A máxima difusão do *Álerta!* no território era, portanto, a missão dos seus promotores locais¹⁵⁶.

No final de 1907, foram intensificados os esforços para alcançar o intento. Enquadrada na ação do P.^e Benevenuto de Sousa, o grande “apóstolo da boa imprensa”, foi criada a *Associação da Boa Imprensa* no Seminário de São José de Bragança, cujos estatutos foram delineados pelo carismático sacerdote, à semelhança das associações congêneres criadas noutros Seminários nacionais. Localmente, foi mentor desta iniciativa o P.^e António dos Santos Pimpim, prefeito e professor do Seminário, e ativista da causa católica e nacionalista¹⁵⁷. Entre outras disposições, o regulamento da “Associação da Boa Imprensa de S. José” previa que todos os alunos do curso Teológico fossem sócios desta

¹⁵³ *Ibidem*.

¹⁵⁴ “Os Promotores do «Alerta!», *Alerta!* (3 jun. 1907), p. 1, col. 1.

¹⁵⁵ *Ibidem*, col. 1-2.

¹⁵⁶ *Ibidem*, col. 2.

¹⁵⁷ “Associação de Boa Imprensa”. *Alerta!* (22 dez. 1907), p. 8, col. 2.

“liga” [artigo 3.º], a qual teria no *Alerta!* o seu órgão na imprensa, cabendo-lhe a defesa dos interesses da Associação e publicitar a sua ação [artigo 6.º] ¹⁵⁸. Os sócios comprometiam-se a contribuir para a causa da *boa Imprensa* através de um conjunto alargado de ações de difusão. Às várias medidas de promoção e divulgação, os estatutos somavam uma última medida, contundente quanto à oposição à imprensa adversária: “combater, fazer guerra, depreciar por todos os meios e formas, a imprensa pornográfica, irreligiosa, ateia, liberal e jacobina.”¹⁵⁹

No *Alerta!*, à habitual rúbrica “Crítica Alegre” assinada por Artur Bivar, associavam-se notícias de cunho político e outros textos e crónicas de pendor anti-republicano e anti-jacobino. Assim aconteceu com o Congresso Católico Social, realizado no Porto nos dias 7, 8 e 9 de junho de 1907, sob a presidência do Bispo do Porto, D. António Barroso, no qual o diretor local do *Alerta!* terá marcado presença, assistindo aos trabalhos¹⁶⁰. O *Alerta!* apresentou a cobertura do evento, entre reportagens e impressões sobre o evento, e a publicação integral das intervenções dos congressistas¹⁶¹.

Paulatinamente, a oitava página do periódico, dedicada às notícias locais, tornou-se um espaço de propaganda do Partido Nacionalista, em consonância com o teor ideológico dos demais conteúdos. Em meados de setembro de 1907, a toada política do espaço das notícias locais foi reforçada. A declarada campanha pró-nacionalista promovida pelo *Alerta!* e a reivindicação reiterada de ser o Partido Nacionalista a única força partidária que defendia, verdadeiramente, a Igreja e os católicos, gerou mal-estar nas hostes regeneradoras brigantinas, representadas na imprensa local pela *Gazeta de Bragança*. Desde então, tornou-se recorrente nas páginas dos semanários a disputa pelo epíteto de verdadeiro representante e defensor dos interesses católicos. A redação da *Gazeta* acusou o diretor local do *Alerta!*, José de Castro, de imoderação, imprudência e sobranceria

¹⁵⁸ *Ibidem*.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

¹⁶⁰ Cf. “Congresso do Porto - Notas de um curioso”. *Alerta!* (9 jun. 1907), p. 3, col. 1-3.

¹⁶¹ “Congresso católico social no Porto”. *Alerta!* (9 jun. 1907), p. 1, col. 3-4.

e sentenciou: “Se os apóstolos do nacionalismo são todos da estofa deste de que nos ocupamos, não se pode pressagiar grande futuro ao novo partido.”¹⁶²

Não obstante as críticas, na passagem do primeiro aniversário do periódico nacionalista, os seus responsáveis locais congratularam-se com os êxitos alcançados. Consideraram ter cumprido o propósito da luta sem tréguas pelos “sacratíssimos direitos do seu Deus e da sua Pátria”¹⁶³, desiderato fundamental da campanha da *boa imprensa*. Ainda que tivessem enfrentado “inimizades e desgostos profundos”, declararam a satisfação pelo caminho trilhado na defesa “intensa e perseverante” da ortodoxia da fé católica e pela propaganda dos princípios nacionalistas, enquanto “soldados rasos do único partido católico” em Portugal¹⁶⁴.

A luta pela *boa imprensa* na Diocese de Bragança persistiu para além da vida do *Álerta!*. Com a cessação da publicação deste semanário, em julho de 1908, o Prelado fez a apologia de outros títulos que se enquadravam no mesmo desígnio. Em 18 de setembro de 1908, D. José Alves de Mariz fez publicar a portaria de aprovação da revista mensal ilustrada *O Rosário*, e sobre ela expressou o seu zelo quanto à propagação da *boa imprensa*, “mais necessária do que nunca”¹⁶⁵. No encalço de tal propósito, em 19 de dezembro de 1908, nomeou uma comissão constituída pelo vice-reitor e quatro professores do Seminário de São José, para tratar os assuntos referentes à criação e propaganda do diário católico lisboeta *Portugal*¹⁶⁶. Este jornal, fundado em fevereiro de 1907, passou a contar com Artur Bivar como redator principal e com o Cónego Fernando Pais de Figueiredo como administrador, duas figuras anteriormente ligadas aos periódicos da *Casa Veritas*. O projeto da rede de semanários entrara, entretanto, em declínio, mas a luta ideológica continuou a travar-se na imprensa. Porque “o inimigo não dorme e tem ganho muito terreno”, apelava-se aos católicos que saíssem “à estacada com todas as forças”¹⁶⁷, um

¹⁶² “Álerta”. *Gazeta de Bragança* (3 maio 1908), p. 3, col. 3.

¹⁶³ “O «Álerta»”. *Alerta!* (02 jun. 1908), p. 8, col. 1.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ TDMJC, ACE, Copiador de Provisões e Portarias (1907-1912), f. 6.

¹⁶⁶ TDMJC, ACE, Copiador de Provisões e Portarias (1905-1910), f. 65v.

¹⁶⁷ “A nossa remodelação”. *Portugal* (1 dez. 1908), p. 1, col. 5-6.

apelo particularmente dirigido ao clero, dada a sua capacidade de mobilização e de angariação de mais militantes da causa da Igreja, da Pátria e da monarquia.

1.3. Da militância no Partido Nacionalista à participação na resistência monárquica

Mons. José de Castro, no quarto volume da obra *Bragança e Miranda (Bispado)*, evocou o ano de 1901 como o marco cronológico do levantamento da *questão religiosa* em Portugal. Tal situação teria sido despoletada pela exploração anticlerical, encetada na cidade do Porto, em torno do caso de uma jovem que entrou num convento contra a vontade do pai¹⁶⁸. Os contornos de gravidade então verificados, e o posicionamento dos partidos face aos agravos infligidos à Igreja, impeliram os católicos na defesa dos seus direitos. Seguindo o modelo alemão, procuraram organizar o Centro Nacional localizado em Lisboa, com ramificações nas sedes diocesanas¹⁶⁹. Tratou-se de uma iniciativa de um grupo de católicos que colaborava no diário *Correio Nacional*, encabeçado pelo conselheiro Jacinto Cândido da Silva, pelo Conde de Bertinandos e por Gonçalo Xavier de Almeida Garrett¹⁷⁰.

Em 28 de junho de 1901, o Bispo de Bragança respondeu a uma carta-circular assinada por Jacinto Cândido da Silva e pelo Conde de Bertinandos, dirigida ao episcopado português, referente à criação de um Centro Nacional. O Prelado manifestou a “alta conveniência” da criação da “União Católica Nacional”, com sede em Lisboa, e declarou aos dois ativistas a disponibilidade de auxiliar na concretização de tal ensejo, quer na Diocese de Bragança, junto do seu clero, quer em Lisboa, perante o Centro a ser constituído¹⁷¹.

Não obstante o entusiasmo de D. Alves Mariz pelo projeto político católico e as suas expectativas quanto à colaboração do clero brigantino, os cônegos de Bragança deram mostras de divisão no tratamento da *questão religiosa*. Em reunião do cabido realizada em

¹⁶⁸ P. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, p. 179.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ Nuno Olaio, “Jacinto Cândido da Silva (1857-1926): o Nacionalismo Católico através das memórias de um dos seus fundadores”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, 16 (2004) p. 154.

¹⁷¹ TDMJC, ACE, Copiador de correspondência expedida: Governo e Autoridades (1899-1905), f. 51.

1 de dezembro de 1901, a proposta de abertura de um núcleo do *Centro Nacional* em Bragança, apresentada pelo Chantre da Catedral, obteve quatro votos favoráveis contra cinco desfavoráveis e uma manifestação de adesão à causa sob a condição de “serem ofendidos os direitos e liberdades da Igreja”¹⁷². Com a distância de cinquenta anos sobre este acontecimento, Mons. José de Castro asseverou que a tomada de posição do Cabido representava uma amostra da mentalidade do clero brigantino, que colocava o tacticismo político acima dos interesses da Igreja¹⁷³.

O Nacionalismo Católico apresentava uma clara feição pró clerical. O padre era visto como “um dos principais agentes sociais, ideológicos, políticos e de apostolado social”, com particular relevância nos meios rurais, onde se afirmava como “aglutinador das elites locais.”¹⁷⁴ Para além das afinidades ideológicas naturais entre o clero e o nacionalismo católico, o empenhamento em trazer para o centro da ação política nacionalista os sacerdotes e seminaristas procurava capitalizar a relevância social que estes assumiam nas comunidades locais.

Jacinto Cândido da Silva encetou um caminho de politização do movimento nacionalista, na expectativa de congregar numa nova força política os católicos comprometidos com os designados partidos rotativos e assim alargar a base de apoio do movimento¹⁷⁵. Nesta estratégia de mobilização, os designados *Centros Nacionalistas* desempenhavam um papel fundamental. Eram encarados como “verdadeiras células de um movimento que se pretendia de fundo e destinado a alterar o rumo da vida política portuguesa”, aspirando a concretização do “sonho da regeneração da Nação portuguesa, consagrada na fórmula «Deus e Pátria»”, binómio que ligava a ortodoxia religiosa à identidade cultural da nação portuguesa.”¹⁷⁶ Os dirigentes nacionalistas ambicionavam, portanto, a disseminação destas unidades políticas pelos vários círculos eleitorais do

¹⁷² P. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, pp. 179-180.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 180.

¹⁷⁴ Amaro Carvalho da Silva, *O partido nacionalista no contexto do nacionalismo católico (1901-1910): subsídios para a história contemporânea portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1996, p. 18.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ *Ibidem*, pp. 43-44.

território da Diocese de Bragança. O jovem José de Castro, ainda na condição de clérigo *in minoribus*, envolveu-se ativamente neste esforço.

Nas páginas do semanário *Alerta!* foram publicados sucessivos apelos à adesão ao Partido Nacionalista e à abertura de Centros Nacionalistas locais. Em 6 de outubro de 1907 foi noticiada, “com suma alegria”, a eminente abertura do Centro Nacionalista de Macedo de Cavaleiros e lamentava-se que o mesmo não sucedesse em Bragança¹⁷⁷. Tratava-se de uma das “gratas aspirações” que os responsáveis locais almejavam a breve trecho¹⁷⁸. Entretanto, no semanário nacionalista eram reforçados os apelos à adesão formal ao Partido Nacionalista por parte dos católicos, e particularmente do clero. Em janeiro de 1908, foi noticiada a adesão do clero do Arciprestado de Monforte, na circunscrição de Valpaços, ao partido de Jacinto Cândido da Silva¹⁷⁹. A esta seguiu-se a adesão, “quando menos se esperava”, de quarenta e dois nacionalistas convictos de Bragança, “alguns já presbíteros, e quasi todos prestes a sê-lo”¹⁸⁰. Tratava-se da ação de arregimentação no Seminário diocesano, encabeçada pelo prefeito e professor, António dos Santos Pimpim, e que contou com a participação do subdiácono José António de Castro. Foi nesta condição eclesiástica que o jovem José de Castro participou na constituição do *Centro Nacionalista de Bragança*, no qual assumiu as funções de 1.º Secretário¹⁸¹. A constituição do núcleo distrital de Bragança do Partido Nacionalista representou uma ocasião de esperança para os seus promotores que, através dela, vislumbravam uma nova fase na ação política, agora mais concertada e incisiva. No entanto, tais expectativas não obtiveram concretização plena. Pese a angariação de novas adesões, o partido de Jacinto Cândido da Silva nunca alcançou uma efetiva afirmação política local que lhe permitisse ombrear com os partidos rotativos.

¹⁷⁷ “Centro Nacionalista”. *Alerta!* (6 out. 1907), p. 8, col. 1.

¹⁷⁸ “Notícias locais: Congresso nacionalista”. *Alerta!* (3 nov. 1907), p. 8, col. 1.

¹⁷⁹ “Nacionalismo – Adesão do clero do Arciprestado de Monforte, do concelho de Valpaços, ao nobre partido Nacionalista”. *Alerta!* (5 jan. 1908), p. 1, col. 3.

¹⁸⁰ “Nacionalismo em Bragança”. *Alerta!* (19 jan. 1908), p. 8, col. 1.

¹⁸¹ “Centro Nacionalista”. *Alerta!* (21 abr. 1908), p. 8, col. 1.

Em junho de 1908, o *Álerta!* assinalou o seu primeiro aniversário com palavras de perseverança na luta pelos princípios ideológicos que conduziram à sua criação e norteavam a sua ação. No entanto, um mês volvido, a publicação do periódico cessou. No derradeiro número foi noticiada a celebração da “missa nova” do “querido amigo e prezado diretor”, P.^e José de Castro, realizada no dia 9 de julho na Sé catedral de Bragança.¹⁸²

Depois da experiência como professor no Colégio Liceu Figueirense (1908-1909), instituição comprometida com o movimento nacionalista, o P.^e José de Castro regressou à sua cidade natal. Em 18 de dezembro de 1909, o Bispo diocesano nomeou-o Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Bragança¹⁸³, e em 13 de janeiro de 1911, cumulativamente, pároco da aldeia de Gimonde, localizada nos arredores da cidade de Bragança¹⁸⁴. As novas responsabilidades eclesíásticas não travaram o ativismo político do sacerdote que permaneceu nas fileiras nacionalistas num momento de crescente conturbação.

Com o advento da República, o Partido Nacionalista deu mostras de desagregação. Nas eleições de agosto de 1910, integrou a *Coligação Monárquica Eleitoral*, conjuntamente com Progressistas e Regeneradores¹⁸⁵. O líder nacionalista, Jacinto Cândido da Silva, acabou, porém, por abandonar o partido, depois de não ter sido chamado a integrar o governo. Com a instauração do regime republicano, a Coligação desfez-se e o Partido Nacionalista desintegrou-se¹⁸⁶. Em 16 de dezembro de 1910, Alberto Pinheiro Torres promoveu na cidade do Porto uma reunião da comissão nacional do Partido, visando a sua reorganização¹⁸⁷. Nas conclusões do encontro, foi reafirmado o propósito de continuar a defender a Religião e a Pátria, fundamento essencial do programa do Partido. Porém, os intentos de reagrupamento dos militantes dispersos não se concretizaram, acabando

¹⁸² “Carteira do «Álerta»”. *Alerta!* (7 jul. 1908), p. 8, col. 3.

¹⁸³ TDMJC, ACE, Registo das Pastorais, Provisões, Portarias, Circulares, Despachos e outros documentos análogos (1906 a 1916), f. 37v.

¹⁸⁴ TDMJC, ACE, Registo das Cartas de Encomendação (1910-1917), f. 6.

¹⁸⁵ Nuno Olaio, “Jacinto Cândido da Silva [...]”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, 16 (2004) p. 160.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

alguns por abandonar a política ou por integrar outros movimentos, nomeadamente o da restauração monárquica¹⁸⁸.

O P.^o José de Castro, a par de outros elementos do clero da Diocese de Bragança que se mantiveram alinhados com o ideário nacionalista, cerraram fileiras perante a aplicação do decreto de 20 de abril de 1911. Conhecido como *Lei da Separação do Estado das Igrejas*, o documento legislativo apresentava o claro propósito de levar ao definhamento da Igreja Católica em Portugal¹⁸⁹. O ataque ostensivo do regime republicano a direitos da Igreja e dos seus ministros instou o clero a endurecer a resistência perante a ofensiva laica e jacobina encabeçada pelo Ministro da Justiça e dos Cultos, Afonso Costa. A oposição ao decreto separatista foi prontamente manifestada pelo Bispo de Bragança ao Patriarca de Lisboa, através de uma moção do Cabido, Professores do Seminário, Párocos e restantes sacerdotes de vários Arciprestados¹⁹⁰.

Com um ambiente persecutório instalado, cresceu a desconfiança das autoridades civis sobre os clérigos, por suspeitas de participação em conspirações monárquicas e de instigação “do povo ignorante”, contra a nova ordem regimental¹⁹¹. Ao Governo Civil de Bragança chegaram diversas queixas por atos de incumprimento e de afronta aos normativos em vigor por parte dos Párocos, originando vários interrogatório e detenções entre o clero.

Em maio de 1911, os rumores crescentes de que estaria em curso uma ação conspirativa na cidade de Bragança, perpetrada por civis e por militares que procuravam aliciar sargentos e praças, levaram o Governador Civil a oficial tais suspeições junto do Governo central. De acordo com informações apuradas pelo Governador, do grupo de civis especialmente implicados em tais atos, faziam parte o “P.^o Castro, nacionalista, e seu pai

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 161.

¹⁸⁹ Maria Lúcia de Brito Moura, *A «guerra religiosa» na I República*. 2.^a ed. revista e aumentada. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 86.

¹⁹⁰ P. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, pp. 199.

¹⁹¹ Maria Lúcia de Brito Moura, *A «guerra religiosa» na I República*. [...], p. 134.

António Augusto de Castro, o ‘Farpela’”, entretanto mantidos sob vigilância¹⁹². Sobre ambos recaía a suspeita de aliciamento de militares para a participação numa revolução, à qual se somava a atividade política do P.^e José de Castro, merecedora de grandes reservas:

“Este P.^e Castro tem-se ausentado várias vezes daqui diz-se que para ir a Vigo e [?] falar com alguns emigrados, tem relações de amizade com um tal Dr. Guilhermino, diplomado em Roma por uma Universidade Gregoriana e ultimamente preso na Figueira, por suspeita de implicado na conspiração daí e de Coimbra. Conta-se que o P.^e José de Castro tem ido à Figueira conferenciar com o tal Dr. Guilhermino, em cujo nome se falou aí para candidato a deputado por Bragança para as eleições do dia 28”¹⁹³.

Perante a suspeita de conspiração que recaía sobre vários membros do 2.º Batalhão de Infantaria n.º 10, a Secretaria da Guerra instaurou uma sindicância aos acontecimentos conspirativos de Bragança. Nomeou o Coronel de Infantaria Augusto Garcia para oficial sindicante e atribuiu-lhe a missão de apurar a veracidade das suspeitas do Governador, consideradas gravosas para o regime republicano e para a instituição militar.

A Sindicância teve início no dia 25 de maio de 1911 e os interrogatórios aos suspeitos sucederam-se ao longo de cinco dias. Logo nos primeiros depoimentos, os militares alegadamente aliciados pelo pai do P.^e José de Castro para cooperarem numa sublevação, confirmaram a acusação. Alegadamente, António de Castro aproveitava o contacto com os militares que o seu ofício de sapateiro lhe proporcionava para, dentro do quartel ou na sua oficina, realizar tais perscrutações. Relativamente ao jovem sacerdote, emergiram suspeitas de contactos diretos com dirigentes monárquicos, nomeadamente com Henrique Paiva Couceiro, através de deslocações à cidade de Vigo.

O P.^e José de Castro, tal como o seu pai, foi submetido a dois interrogatórios. No primeiro depoimento, colhido no dia 28 de maio, negou a participação em planos revolucionários, mas afirmou a sua filiação monárquica e nacionalista. As declarações

¹⁹² Arquivo Histórico Militar (AHM), Sindicância aos acontecimentos de Bragança, Maio de 1911: PT/AHM/DIV/1/34/05/04, doc. 5.

¹⁹³ AHM, Sindicância aos acontecimentos de Bragança [...], doc. 5.

prestadas foram elucidativas quanto à atividade política que mantinha e às ligações com figuras destacadas do movimento nacionalista português e da resistência católica:

“Quando estive em Aveiro foi para tratar de eleições com o Dr. Negreiros; no Porto estive no escritório do Dr. Pinheiro Torres onde só tratou de política nacionalista; em casa do Visconde da Pesqueira estive até [à] uma da madrugada mas só teve conversas banais.”¹⁹⁴

Concluídas as diligências de investigação e apuradas as responsabilidades criminais dos implicados, o oficial sindicante procurou contextualizar os factos através de um preâmbulo ao relatório, no qual teceu considerações sobre o “estado dos ânimos em Bragança e a índole dos seus habitantes”. O Coronel Augusto Garcia considerou que Bragança podia ser considerada “um foco de conspiradores mais ou menos latentes”, mercê de uma atmosfera de boatos e de constante conspiração. Observou que esta realidade decorria de fatores como a grande preponderância que o numeroso clero assumia nas povoações “rurais, analfabetas e fanatizadas”, e a oposição que movia às leis do registo civil e da separação entre as Igrejas e o Estado, assim como os boatos que propalava na imprensa, dando conta da alteração da ordem pública em diversas localidades e da existência de planos revolucionários.

Contextualizados os acontecimentos, foi deduzido que os visados apresentavam diferentes graus de comprometimento na conspiração. Relativamente a António de Castro, concluiu “ser completamente dominado pelo filho padre que é esperto e inteligente” e encontrar-se gravemente comprometido na conspirata. Para o P.^e José de Castro, foi decretada “especial vigilância”, por suspeita de conspiração. A “vigilância diligente” movida ao P.^e José de Castro culminou na detenção do sacerdote no dia 23 de junho de 1911¹⁹⁵, sob a acusação de “conjuração e prática de atos perjuratórios para introdução de armas de guerra, sob a designação de ferragens e maquinismos.”¹⁹⁶

¹⁹⁴ AHM, Sindicância aos acontecimentos de Bragança [...], doc. 5.

¹⁹⁵ ADBG, Fundo do Governo Civil (FGC), Correspondência recebida: GCB/ADG/EX/Mç 0231 (UD: Cx. 0054), Doc. 3-4.

¹⁹⁶ ADBG, FGC, Copiador de Correspondência expedida (1907-1917): GCB/ADG/EX/LV0166, f. 68v., 69, 69v.

Inicialmente detidos em Bragança, o P.^e José de Castro e o seu pai foram transferidos da cadeia civil desta cidade para a prisão de Macedo de Cavaleiros, de onde foram libertados pela ação de alguns sacerdotes e populares, no quadro da primeira incursão monárquica liderada por Henrique Paiva Couceiro.

Esta incursão teve início na madrugada de 4 para 5 de outubro de 1911, com a entrada de uma força monárquica composta por cerca de dois mil homens, através da fronteira de Espanha com o distrito de Bragança, na zona de Vinhais. No seguimento da ação, esta vila foi tomada e a monarquia proclamada, com o hastear da bandeira azul e branca no edifício da Câmara Municipal¹⁹⁷.

Perante esta situação, o Governo republicano reforçou o contingente de militares, fazendo marchar para Bragança, em comboios especiais, forças de cavalaria e infantaria. Assim sucedeu com o Regimento de Infantaria n.º 14 – Destacamento de Macedo de Cavaleiros, que na madrugada do dia 5 de outubro recebeu ordem do comando militar de Mirandela para “marchar no comboio da manhã a fim de reforçar a guarnição de Bragança”¹⁹⁸. Esta deslocação de forças terá contribuído para fragilizar a segurança da vila de Macedo de Cavaleiros, onde se encontravam detidos vários presos políticos, entre os quais o P.^e José de Castro e o seu pai, potenciando os acontecimentos que conduziram à libertação da cadeia local. De acordo com o diário republicano *A Capital*, na madrugada de 6 de outubro, instigados pelo movimento de Paiva Couceiro e sob a liderança de quatro padres, populares do concelho de Macedo de Cavaleiros dirigiram-se para a Vila, onde arrombaram as portas da cadeia e soltaram os conspiradores que aí se encontravam presos¹⁹⁹. O grupo de fugitivos terá encontrado refúgio em Espanha, em zona de fronteira com Portugal, à semelhança de muitos outros conspiradores e militantes monárquicos. Através de telegrama enviado em 24 de outubro pelo Governador Civil de Bragança ao

¹⁹⁷ “A incursão de Paiva Couceiro”. *Ilustração Portuguesa – Edição semanal do jornal O Século*. N.º 296 (23 out. 1911), p. 510.

¹⁹⁸ AHM, Relatório do Comandante do Regimento de Infantaria n.º 14, Destacamento de Macedo de Cavaleiros, 14 out. 1911: PT/AHM/DIV/1/34/02/44.

¹⁹⁹ “Frente a frente! No primeiro recontro os ‘Paivantes’ tiveram 8 mortos e muitos feridos”. *A Capital* (11 out. 1911), p. 1, col. 5-7.

Ministro do Interior, o “grupo fugido Macedo” encontrava-se em Zamora, onde se deslocavam “vários conspiradores conferenciar com aqueles.”²⁰⁰ No país vizinho, procuravam colocar-se em segurança e, em muitos casos, reagrupar-se para prosseguirem as ações de luta.

A tolerância do Estado espanhol para com as movimentações dos monárquicos lusos nos territórios fronteiriços, suscitava mal-estar no seio do Governo republicano. Na imprensa nacional afeta ao regime republicano sucediam-se as manifestações de repúdio pela conivência de Espanha que permitia repetidas entradas de conspiradores monárquicos em território nacional. A situação agudizou-se em julho de 1912 por ocasião da segunda incursão monárquica. No dia 6 de julho foi noticiada nos jornais portugueses uma nova incursão dos conspiradores através da fronteira de Montalegre, a par de levantamentos em alguns pontos do país, prontamente reprimidos pelas forças da ordem²⁰¹. Estes acontecimentos levaram o Governo português a tomar uma posição política e diplomática mais enérgica perante Espanha. Em 24 de julho de 1912, através do Ministro de Portugal em Madrid, José Relvas, Portugal apresentou um memorandum ao Ministro de Estado espanhol, no qual expôs “a história e os comentários jurídicos aos atos de conspiração contra a República Portuguesa, realizados depois de 25 de maio de 1912 e particularmente os que se referem à invasão do território português em 6 e 7 de julho corrente, por tropas rebeldes, reunidas, armadas e organizadas em Espanha.”²⁰² Neste documento, após a descrição pormenorizada das movimentações das hostes monárquicas nas zonas de fronteira e a enumeração dos vários auxílios materiais, financeiros e humanos que estas recebiam em Espanha, o executivo português responsabilizou o Governo espanhol, jurídica e moralmente, pelos vários prejuízos que a situação estava a infligir à nação portuguesa²⁰³.

²⁰⁰ ADBG, FGC – Registo de Telegramas (1910-1913): GCB/ADG/EX/LV0219 (UD: Cx. 0049), f. 168.

²⁰¹ Cf. “Os conspiradores fazem por Montalegre uma nova incursão”. *A Capital* (6 jul. 1912), p. 1, col. 6-7.

²⁰² Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros (AHD-MNE), Intentonas Monárquicas 1911: 3.ºP, A 28, M153-A.

²⁰³ AHD-MNE, Intentonas Monárquicas 1911; 3.ºP, A 28, M153.

Em julho de 1912, interna e externamente, o regime republicano apertou o cerco aos rebeldes monárquicos, tornando ainda mais difícil a permanência de pessoas conotadas com os movimentos conspirativos em ambos os lados da fronteira.

Tal como muitos outros ativistas, o P.^e José de Castro e o seu pai tinham encontrado refúgio em Espanha mas, nesse mês de julho, o sacerdote partiu para o Brasil, onde chegou em agosto de 1912²⁰⁴. Em março de 1913, tal como o seu pai, foi julgado à revelia pelo tribunal marcial de Braga, no qual ambos obtiveram a absolvição das acusações que lhes foram movidas²⁰⁵. Não obstante, o sacerdote não regressou ao país natal. A residir no Brasil há cerca de sete meses e profundamente marcado pelos acontecimentos que o conduziram ao exílio, o P.^e José de Castro procurou alhear-se da realidade política portuguesa, como declarou ao seu amigo e conterrâneo Raul Teixeira, em carta datada de 29 de março de 1913:

“Já não tenho *ilusões*, meu querido amigo. Já se há muito que as não tenho! Mal de carro, pior de arado. E aos meus correligionários que ateimam em mantê-las, eu chamo-lhes impenitentes nadando num mar de superstições. A superstição é a rainha dominante de nós todos. E com ela não lucram as ideias nem as convicções. [...]

Por princípio que obedece a varias razões não escrevo para ninguém em Portugal. Estou aguardando momento oportuno para manifestar o meu reconhecimento a vários que me ajudaram, e continuam a ajudar a minha família. Por esse mesmo princípio eu estou completamente arredado de tudo isso. Nada quero que me digam nada e nada quero saber. Não leio um jornal e não quero saber uma notícia. Para mim tudo morreu e bem quero eu ser morto para todos.”²⁰⁶

O P.^e José de Castro foi um dos vários sacerdotes diocesanos perseguidos pelas forças republicanas em decorrência das posições políticas nacionalista e de defesa dos interesses da Igreja, agudizadas pela Lei da Separação. Anos volvidos, referindo-se a esta página

²⁰⁴ Henrique Manuel Pereira, “José António de Castro (1886-1966) – Subsídio para uma bio-cronologia”. In Mons. José de Castro, *In Memoriam P.^e Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 82.

²⁰⁵ Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo VII, p. 642.

²⁰⁶ Museu do Abade de Baçal (MAB), Fundo Raul Teixeira (FRT): PT-MAB/RT/Cx. 4(2)/mç. 8. [Documentação em organização]

marcante da história da Igreja diocesana e nacional, afirmou que o “caluniadíssimo clero bragançano foi em todo o país o que se portou com mais elevação e nobreza.”²⁰⁷ Para o sacerdote, os governantes republicanos “não tinham capacidade para compreender que a repulsa à lei [da Separação entre o Estado e a Igreja] era um imperativo de consciência, era uma questão de honra” e simplesmente a interpretaram como um ataque à República²⁰⁸, ao qual responderam com perseguições que atingiram numerosos clérigos.

O Abade de Baçal elencou 22 presbíteros presos no âmbito das incursões couceiristas de 1911, entre os quais o P.^o José de Castro. Mas este número não encerra a totalidade dos membros do clero brigantino que direta e indiretamente foram afetados pelas convulsões político-sociais que se viveram no território diocesano. D. José Alves de Mariz, em carta dirigida ao Papa Pio X em 8 de dezembro de 1911, referiu-se às ação do Governo republicano como uma “perseguição sistemática, incansável, satânica”, que atingiu sobremaneira a Diocese de Bragança entre as demais, por aqui se ter travado a luta entre monárquicos e republicanos²⁰⁹. O próprio Prelado foi condenado ao desterro dos distritos de Bragança e de Coimbra, durante dois anos, de acordo com o previsto no decreto publicado no Diário do Governo de 20 de março de 1912. Tal deliberação serviu de resposta à circular episcopal datada de 5 de fevereiro, que proibia a aplicação da designada *Lei da Separação*, no que respeitava às Associações Culturais²¹⁰. Da base à cúpula, a estrutura eclesiástica da Diocese brigantina sofreu um rude abalo, cujas marcas permaneceram muito para além do tempo da ocorrência dos factos.

²⁰⁷ P. José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1951, vol. IV, pp. 199-200.

²⁰⁸ *Ibidem*.

²⁰⁹ *Ibidem*, pp. 119.

²¹⁰ *Ibidem*, pp. 202-204.

1.4. Nos novos caminhos do Nacionalismo

O exílio político do P.^e José de Castro tomou os caminhos do Brasil. Em agosto de 1912 desembarcou no Porto de Santos, no Estado de S. Paulo, proveniente de Espanha²¹¹. À semelhança de outros sacerdotes portugueses, de entre os quais muitos jesuítas, o P.^e Castro encontrou no Brasil segurança e a possibilidade de prosseguir o seu múnus sacerdotal, beneficiando do acolhimento prestado pelos Bispos e pelo clero local em geral. O sacerdote português foi integrado na Diocese de São Carlos do Pinhal, criada pelo Papa Pio X em 7 de junho de 1908, a partir do desmembramento da Diocese de São Paulo em cinco dioceses distintas. D. José Marcondes Homem de Melo (1908-1935), primeiro Bispo de São Carlos, governava um território extenso, com cidades em franca expansão populacional e com inúmeras necessidades pastorais, às quais procurava acudir com o número diminuto de sacerdotes de que dispunha²¹².

Ao serviço da Diocese de São Carlos, o sacerdote português, ao longo de onze anos e meio, exerceu as funções de professor e reitor em vários estabelecimentos escolares e de vigário e coadjutor em diversas paróquias²¹³. Dedicado ao trabalho docente e pastoral, o P.^e José de Castro procurou atenuar a mágoa causada pelo exílio forçado, como confessou a Raul Teixeira na carta de 29 de março de 1913:

“Aqui, onde me encontro trabalho e ganho para mandar para casa que é o único prazer que tenho. Vim para aqui sem uma carta, um dinheiro, contando simplesmente com a minha boa vontade. Confiado em que querer é poder e poder é triunfar cá estou satisfeito, ganhando mais que qualquer pai da pátria daí. Faço o que posso e graças a Deus não me têm faltado considerações e por várias vezes os periódicos têm elogiosamente mentido a meu respeito.”²¹⁴

²¹¹ Henrique Manuel Pereira, “José António de Castro (1886-1966) [...]”, p. 82.

²¹² Nainôra Maria B. de Freitas, A ação dos bispos na província eclesial de São Paulo/ Paineis A historiografia brasileira e os pactos sociais católicos: os grandes ausentes (1890-2010). In *Congress of the Latin American Studies Association* (Washington, 29 maio a 1 jun. 2013). In https://www.academia.edu/25641587/A_A%C3%87%C3%83O_DOS_BISPOS_NA_PROV%C3%8DNCIA_ECLESIAL_DE_S%C3%83O_PAULO (2019-09-02; 17:40).

²¹³ MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, cx. 14. [Documentação em organização]

²¹⁴ MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)/mç. 8. [Documentação em organização]

Paulatinamente, a sua presença na Diocese paulista consolidou-se, sustentada na estima que lhe era dispensada e na vida desafogada que alcançara, depois das grandes dificuldades que uma *neurastenia* lhe infligira, em consequência do excesso de trabalho, míngua de forças e cuidados pelo seu futuro e pelo da sua família²¹⁵.

Desde a chegada ao Brasil, o P.^e José de Castro manifestou o propósito de total alheamento das questões políticas nacionais. Porém, numa longa entrevista que concedeu ao diário católico *Novidades*, em julho de 1924, não se escusou a tocar a temática da Igreja em Portugal e as suas relações com o Estado²¹⁶. A referida entrevista, conduzida por Josué Trocado, assumiu os contornos de um reencontro de velhos conhecidos, dos tempos da resistência católica na imprensa. A sua publicação repartiu-se por cinco edições do jornal, ao longo das quais, a propósito da caracterização da vida religiosa no Brasil, foi estabelecido paralelismo com a situação portuguesa. Depois da exaltação do papel que os Jesuítas expulsos de Portugal desempenhavam em terras brasileiras nos domínios social, educativo e cultural, o sacerdote brigantino discorreu sobre a ação do clero secular português que desde a implantação da República encontrara refúgio no *país irmão*. Considerava que aquele cumpria uma missão patriótica, por ser “o maior amigo de Portugal, o seu maior e o mais eficaz defensor e propagandista”, quer junto da comunidade portuguesa aí residente, quer junto da população brasileira²¹⁷. Asseverava que o patriotismo colocava os interesses nacionais acima das questões dos regimes ou dos partidos políticos e, portanto, desconhecendo tudo quanto em Portugal era “trica política”, as suas preocupações centravam-se na imagem do país e na “trajetória de glória” que teimava não seguir²¹⁸.

Por ocasião da entrevista do P.^e José de Castro ao diário *Novidades*, o sacerdote já se encontrava a residir na então capital do Brasil. Depois de se destacar ao serviço da Diocese de São Carlos, da qual foi representante oficial no *Congresso Eucarístico Nacional* do Brasil,

²¹⁵ MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)/mç. 8. [Documentação em organização]

²¹⁶ Josué Trocado, “Inquérito à vida religiosa no Brasil: Entrevista com o nosso patrício Padre José de Castro”. *Novidades*, (19 ago. 1924), p. 1, col. 5.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 4, col. 3.

²¹⁸ *Ibidem*, col. 3-4.

realizado no Rio de Janeiro em 1922²¹⁹, no ano subsequente, solicitou a admissão na Arquidiocese fluminense. Aqui, notabilizou-se na paroquialidade de São João Batista da Lagoa e como redator principal e cronista do jornal *A Cruz*, publicação semanal apoiada pela Confederação Católica do Rio de Janeiro.

Mas a notoriedade do P.^e José de Castro alargou-se à imprensa carioca generalista. Em 1925, ao serviço do popular diário *Jornal do Brasil*, realizou a cobertura jornalística da grande peregrinação brasileira a Roma e à Terra Santa. O êxito das suas crónicas, posteriormente compiladas no livro *A Roma e à Terra Santa (Crónicas de Viagem)*, conduziu a uma colaboração regular com o diário do Rio de Janeiro, iniciada em finais de dezembro de 1925²²⁰.

Um número substancial de crónicas publicadas entre 1928 e 1930 foi dedicado à defesa do papel preponderante da Igreja na sociedade e à necessidade de ser estabelecido um quadro politico-ideológico que garantisse a sua afirmação e a salvaguarda dos seus interesses. A abordagem da temática da aliança entre o Estado e a Igreja ganhou particular vigor quando se vislumbrava o estabelecimento de uma concordata entre o governo de Benito Mussolini e o Papa Pio XI. Sobre as duas personalidades recaíam as mais elevadas expectativas do sacerdote, como se infere de vários textos que publicou na imprensa. Por ocasião da celebração do sexto aniversário da coroação solene de Pio XI, referiu-se à notoriedade alcançada pelo Papa e à singularidade do poder pontifício, distinto de qualquer poder temporal:

“a sua voz é ouvida nos quatro cantos da terra e, quer nas geleiras brancas do Alasca, quer nas margens verdes do Tibre, os trezentos milhões de filhos atendem ao seu chamado, amam-lhe a pessoa e a dignidade e obedecem-lhe [...].

O seu poder, portanto, só tem os limites do direito divino e a sua jurisdição não tem as barreiras dos trópicos, nem dos polos nem dos meridianos.”²²¹

²¹⁹ MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, cx. 14. [Documentação em organização]

²²⁰ “O Rev. Padre José de Castro que os leitores do *Jornal do Brasil* tão bem conhecem e apreciam, [...] vai colaborar assiduamente nesta folha”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1925), p. 5, col. 6.

²²¹ P. J. de Castro, “De oito a oito dias: O Santo Padre”. *A Cruz* (12 fev. 1928), p. 4, col. 2.

Relativamente ao líder do Quirinal, afirmou a virtuosidade da sua governação, pois “se ele não fosse não teríamos no mundo este grande exemplo de ordem, disciplina, trabalho e progresso que é hoje a Itália nova, ou a Itália renovada, como lá se diz.”²²² Atribuía à “obra do fascismo que é por sua vez obra de Mussolini” o freio do avanço bolchevista na península do Mediterrâneo, que fazia da Itália “um país de ordem e disciplina, de sossego e respeito, qualidades que a põem em alto relevo no concerto dos povos europeus”²²³. E perante os considerados indelévels benefícios da ação fascista, os eventuais defeitos ou erros que o regime comportasse, seriam comparáveis a “um espirro em frente de uma trovoadas” ou a “um pedacinho de sombra amoitada num quadro enorme, cheio de cores garridas e luminosas.”²²⁴

No início do determinante ano de 1929, o P.^e José de Castro rumou à Europa. Na qualidade de enviado especial do *Jornal do Brasil*, acompanhou a assinatura dos Acordos de Latrão, em Roma, e a realização das exposições internacionais de Barcelona e de Sevilha. Antes da partida, dedicou uma das suas crónicas à designada *questão romana* e à expectativa suscitada em seu torno da sua resolução. A “insistência das notícias vindas de Roma, casadas com o silêncio discreto tanto da chancelaria italiana como da Secretaria de Estado da Santa Sé”, deixavam antever que “algo de muito decisivo” se encontrava em discussão²²⁵.

Atendendo à duração das negociações levadas a efeito “direta e pessoalmente por Mussolini com o representante de Sua Santidade”, o P.^e José de Castro inferia que o Papa era o “Juiz Supremo” da questão da restituição da soberania temporal do Sumo Pontífice²²⁶. A expectativa do sacerdote era, pois, a de um desfecho a contento de Pio XI,

²²² P. J. de Castro, “De oito a oito dias: Diz-se alguma coisa de Mussolini”. *A Cuz* (26 fev. 1928), p. 4, col. 6.

²²³ *Ibidem*.

²²⁴ *Ibidem*.

²²⁵ P. J. de Castro, “A questão romana”. *Jornal do Brasil* (26 jan. 1929), p. 8, col. 1.

²²⁶ *Ibidem*.

confiando, para o efeito, na capacidade e vontade de entendimento dos dois protagonistas da negociação:

A partir Roma, e após a assinatura do Tratado de Latrão, o P.^e José de Castro partilhou com os leitores do *Jornal do Brasil* as impressões de um acontecimento que considerava resultar da coragem e da astúcia dos seus signatários e que ecoaria para lá das fronteiras de Itália e do tempo presente, uma vez que abria caminho à Santa Sé para a celebração de Concordatas com outras nações, nomeadamente com Portugal.

Em Portugal, a ditadura militar liderada pelo Marechal Carmona suscitara a esperança de alterações no quadro de relações entre o Estado português e a Santa Sé. Numa crónica publicada no *Jornal do Brasil* em finais de 1928, o sacerdote referiu-se à expectativa do “ressurgimento de Portugal”, alavancado por um nacionalismo supra regimental em que governantes e governados trabalhassem conjuntamente, para maior glória do País. Reportando-se aos governos de Sidónio Pais e do Marechal Carmona, considerou que o povo “exultou” e sob estas lideranças “compreendeu quem o governa e o governo compreendeu o povo”, existindo entre quem manda e quem obedece “um laço” que era o “ideal nacionalista.”²²⁷ O sacerdote atribuía esta “concórdia e entendimentos de governantes e governados” à “sementeira do pensamento, feita pelos nacionalistas nos meios académicos por meios de revistas e jornais”, e que havia formado um movimento de opinião classificável de “triumfal e vitorioso”²²⁸.

Não obstante a convicção de que se encontrava em marcha a necessária mudança política e social do país, o P.^e José Castro manifestava uma expectativa cautelosa relativamente à normalização das relações do Estado com a Igreja, pois os sinais de mudança emanados da governação do Marechal Carmona careciam de efetiva concretização.

²²⁷ P. J. de Castro, “Nacionalismo Português”. *Jornal do Brasil* (12 dez. 1928), p. 5, col. 1.

²²⁸ *Ibidem*, col. 2

Nas páginas do diário católico *Novidades*, jornal português com o qual colaborava desde os finais de 1927 através da rubrica bissemanal “Cartas do Brasil”, o cronista falava de um país que após dezoito anos a experienciar uma permanente “Sexta-feira Santa”, vivia agora em “Sábado de Aleluia”, em contraste com a situação italiana, que despontara para a “Páscoa da Ressurreição”, firmada na Concordata recém-celebrada com a Santa Sé. No retrato que traçava do país, constatava que Portugal mantinha Deus arredado das suas estruturas governativas e sociais fundamentais, uma situação apenas reversível se mimetizada a “Concordata modelo assinada no Palácio de Latrão”²²⁹.

Celebrados os grandes acordos de Latrão, o P.^e José de Castro prosseguiu o itinerário jornalístico que o levara do Brasil à Europa. Depois de Itália, visitou as exposições mundiais de Barcelona e Sevilha, e passou por Portugal antes de regressar ao Rio de Janeiro. Em Lisboa, realizou duas entrevistas – uma ao Cardeal Patriarca, D. Mendes Belo, e outra ao Presidente da República, Marechal Óscar Carmona. No encontro com o chefe de Estado, entre outros assuntos, foi suscitado o das relações entre Portugal e a Santa Sé, colocando em análise as aproximações propiciadas pelo regime da Ditadura, sem que estas satisfizessem, no entanto, as expectativas dos sectores católicos, que pretendiam um entendimento mais abrangente e efetivo.

O Presidente reputou as relações de Portugal com a Santa Sé como “as mais amistosas” e condenou a perseguição que havia sido movida à Igreja pela República e o desrespeito pela religião maioritariamente professada no país²³⁰. Interpelado sobre as reivindicações constantes no programa do *Centro Católico* que permaneciam sem resposta por parte do Governo, o chefe de estado asseverou que havia que acudir a outros problemas que demandavam estudo e execução: “Tivemos que enfrentar o problema da

²²⁹ P. J. de Castro, “Cartas italianas: A Páscoa portuguesa”. *Novidades* (7 abr. 1929), p. 1, col. 6-7.

²³⁰ P. J. de Castro, “As relações de Portugal com a Santa Sé: O General Carmona entre outros assuntos, fala também da situação da igreja no seu país”. *Jornal do Brasil* (25 jul. 1929), p. 6, col. 3.

ordem, das finanças, da administração municipal e agora vamos encarar e resolver o problema da economia e do fomento.”²³¹

Fiel à ideologia nacionalista que perfilhava desde os tempos de jovem seminarista e pela qual pugnara de forma vigorosa nos alvares da I República, o P.º José de Castro retomou a causa da defesa da cooperação estreita entre o Estado e a Igreja. Tal como no passado, a imprensa era tida como arma privilegiada nesta luta e, quer no Brasil, quer em Portugal, expressava o seu pensamento, alentado pelas mudanças que o fascismo italiano prometia irradiar para a Europa.

Depois da passagem por Portugal, onde para além da estadia em Lisboa também visitou a sua terra natal²³², o P.º José de Castro regressou ao Rio de Janeiro para uma curta permanência. Em 18 de setembro de 1929, o sacerdote português deixou o Brasil rumo a Lisboa, para supostamente exercer o paróquio na capital portuguesa, a convite das autoridades eclesiais locais²³³. Este não foi, porém, o seu destino final.

Por esta altura verificavam-se movimentações na chefia das representações diplomáticas de Portugal, nomeadamente na Legação Portuguesa junto da Santa Sé. Henrique Trindade Coelho, figura relevante da diplomacia portuguesa, mas algo incómoda para o governo nacional, perfilava-se para suceder a Augusto de Castro no cargo de Ministro Plenipotenciário naquela representação externa. No decurso do processo de colocação, Trindade Coelho fez depender a aceitação do lugar de Ministro junto da Santa Sé da satisfação de algumas exigências, nomeadamente a substituição do consulente eclesial da Legação. Em carta datada de 17 de agosto, manifestou ao Secretário Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) a necessidade de ser recrutado “um sacerdote à altura do cargo”²³⁴. Através de missiva remetida ao MNE, datada de 5 de setembro, considerou que o consulente em funções era “incompetente e tido como tal na

²³¹ *Ibidem*.

²³² “Bragança – Movimento religioso junho-1929: P.º José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*. Ano I, n.º 8 (jul. 1929)

²³³ “Vida social: Padre José de Castro”. *A Cruz* (15 set. 1929), p. 2, col. 5.

²³⁴ AHD-MNE, Nomeações de Trindade Coelho e Augusto de Castro 1929: GSG, M.11, 2.ºP AR35/GM1, Env. 5, doc. 3.

Secretaria de Estado” e acrescentou que o Vigário Geral do Patriarcado, Cón. Manuel Anaquim, indicaria ao Ministro o nome de um “substituto idóneo”²³⁵. A escolha recaiu no sacerdote recém-regressado do Brasil à terra pátria. O P.^e José António de Castro, em 14 de maio de 1930, foi nomeado Consulente Eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa Sé e assumiu funções no dia 15 de junho do referido ano²³⁶.

2. Ação diplomática de Mons. José de Castro

2.1. A missão de Conselheiro Eclesiástico da Representação Diplomática de Portugal junto da Santa Sé

A instauração do regime republicano em 5 de outubro de 1910 e a subsequente implementação da *Lei da Separação do Estado da Igreja*, publicada em 20 de abril de 1911, marcaram, de forma indelével, as relações entre o Estado português e a Santa Sé.

O anticlericalismo e o laicismo ostensivamente manifestados pela Primeira República suscitaram clivagens profundas na sociedade portuguesa e instauraram uma grave crise no seio da Igreja Católica em Portugal, sujeitada ao propósito político de desmantelamento da sua orgânica interna e do seu controlo pelo Estado²³⁷.

Sob a liderança de Afonso Costa, Ministro da Justiça e dos Cultos do Governo Provisório da Primeira República, esta ação concertada e os consequentes “atropelos cometidos contra a Igreja”, levaram Pio X a redigir a carta encíclica *Iam dudum in Lusitania*, de 24 de Maio de 1911, dirigida à Igreja Universal, na qual manifestou o seu “protesto solene e veemente” pela situação que se vivia em Portugal²³⁸. À publicação da *Lei da*

²³⁵ AHD-MNE, Nomeações de Trindade Coelho [...], doc. 3.

²³⁶ AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.

²³⁷ Bruno Cardoso Reis; Sérgio Ribeiro Pinto, “República e Religião, ou a procura de uma Separação”. In Luciano Amaral, org., *Outubro: a revolução republicana em Portugal (1910-1926)*. Lisboa: Edições 70, pp. 150-152.

²³⁸ David Sampaio Dias Barbosa, “Santa Sé e Portugal”. In, Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário de História Religiosa de Portugal [P-V]*, p. 165.

Separação e da carta encíclica *Iam dudum* somou-se a retirada do Núncio em Lisboa, cessando assim as relações entre Portugal e a Santa Sé. A crise diplomática perdurou até fevereiro de 1918, altura em que o governo de Sidónio Pais promoveu a revisão da *Lei da Separação*, nos aspetos considerados mais gravosos²³⁹. Com a revolução militar de 28 de maio de 1926, os sinais de aproximação tornaram-se mais evidentes. O novo Governo fez publicar o Decreto n.º 11887, de 6 de julho, que contemplava medidas como a “atribuição de personalidade jurídica às corporações encarregadas do culto e o reconhecimento do direito de estas disporem das quantias legitimamente adquiridas, a entrega em regime de uso e administração (não a propriedade) de bens móveis e imóveis, a permissão do culto e de ensino religioso nas escolas particulares.”²⁴⁰ Escassos meses volvidos, através do artigo n.º 12 485, de 13 de outubro de 1926, foi regulado o estatuto das Missões católicas. Seguiu-se a celebração de acordos com a Santa Sé, relativos à redefinição das jurisdições episcopais no Padroado do Oriente, levados a efeito em 15 de abril de 1928 e 11 de abril de 1929²⁴¹. Tais convénios não garantiram, porém, a resolução das clivagens entre Portugal e o Vaticano sobre a missionação nos territórios do Oriente, nem preludiarão a celebração de uma Concordata abrangente entre os dois estados, como era ambicionado nos círculos católicos nacionais e na Santa Sé. A estas questões somava-se o estatuto secundário que a representação diplomática de Portugal no Vaticano continuava a ostentar, fragilizando-a interna e externamente.

Por ocasião da chegada do P.^e José de Castro a Roma para assumir o cargo de Conselheiro Eclesiástico, a Legação de Portugal junto da Santa Sé vivia uma realidade diplomática distante da ambicionada pelos católicos portugueses. Henrique Trindade Coelho assumiu o lugar de Ministro Plenipotenciário de Portugal junto da Santa Sé em 7 de

²³⁹ Bruno Cardoso Reis, “Vaticano e Portugal uma visão de muito longo prazo” [intervenção no âmbito da conferência *Concordata entre Portugal e a Santa Sé: Realizações e Perspectivas, na celebração do 10.º aniversário da Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé 2004-2014*]. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2014, p. 4.

²⁴⁰ Mário João de Brito Fernandes; Alexandre Sousa Pinheiro, *A Concordata de 1940 e a Constituição da República Portuguesa: evolução histórica, regime constitucional, tratamento internacional, direito interno português, modelos de relacionamento entre o Estado e as confissões religiosas* [Estudo/análise para a celebração da nova Concordata, elaborado por dois assistentes da Faculdade de Direito de Lisboa]. Lisboa: [s.n.], 2000, p. 48.

²⁴¹ *Ibidem*, pp. 48-49.

outubro de 1929. Em abril do mesmo ano, quando ainda ocupava o cargo homólogo na representação diplomática de Portugal em Roma, assistiu à assinatura dos Acordos de Latrão e acalentou a esperança de vir a obter desfecho similar para as relações pontifícias com o Estado português. Três meses transcorridos, Trindade Coelho deixou a capital italiana e cumpriu um breve mandato na chefia do Ministério dos Negócios Estrangeiros (27 de julho a 16 de agosto de 1929), da qual foi afastado, presumivelmente, pelas referências que proferiu sobre a disposição de “num futuro a definir se empenhar e negociar uma concordata”²⁴². Tais afirmações foram interpretadas como um questionamento público da política unilateralista das relações de Portugal com a Santa Sé²⁴³.

Depois de se escusar a encabeçar um golpe político perpetrado por regalistas, Trindade Coelho aguardou, em Paris, que fosse consumada a sua colocação na Legação de Portugal junto do Vaticano, uma espécie de “exílio dourado” para o diplomata. O novo Ministro Plenipotenciário desempenhou as funções em total alinhamento com o pensamento e a ação do governo de António de Oliveira Salazar, canalizando os seus esforços diplomáticos para a promoção da imagem do regime nacional junto da Santa Sé e das representações diplomáticas aqui credenciadas.

O novo Conselheiro Eclesiástico abraçou o mesmo desígnio patriótico do Ministro. A afirmação interna e externa do regime português foi, de resto, norteou o trabalho que realizou ao serviço da diplomacia nacional. Sob o ministério de Trindade Coelho, a ação do P.^e José de Castro encetou-se nos corredores diplomáticos de Roma e prosseguiu na imprensa. Através da coluna que mantinha no diário *Novidades*, intitulada *Cartas de Roma*, o sacerdote, que agora ostentava o título de Monsenhor²⁴⁴, procurava influenciar a opinião dos católicos portugueses relativamente às grandes causas da diplomacia portuguesa perante a Santa Sé e o mundo.

²⁴² *Ibidem*, p. 56.

²⁴³ *Ibidem*.

²⁴⁴ As qualidades humanas e diplomáticas evidenciadas pelo novo conselheiro da Legação portuguesa foram reconhecidas pela Santa Sé. Em 8 de janeiro de 1931 foi nomeado Camareiro secreto supranumerário de Sua Santidade Pio XI, com o título de *Monsenhor* e, em 9 de fevereiro do ano seguinte, Prelado Doméstico de Sua Santidade.

A ascensão de António Oliveira Salazar à presidência do Conselho de Ministros, concretizada em finais de 1932, foi acolhida com júbilo nos setores católicos. Aos olhos do Conselheiro Eclesiástico tornou-se evidente a insuficiência da ação do Ministro Plenipotenciário no respaldo diplomático que se impunha junto das instâncias eclesásticas internacionais e no concerto das nações.

Mons. José de Castro empenhou-se em colmatar tais lacunas, quer através da densa rede de contactos que estabeleceu com diversas personalidades dos quadrantes político, eclesástico, diplomático e cultural de várias nacionalidades e em diversas latitudes, quer nos contactos presenciais assíduos com a Secretaria de Estado da Santa Sé e junto de representações diplomáticas. Na imprensa, na formação da opinião dos católicos, sucederam-se as crónicas de *J. de Santa Rita* no diário *Novidades*, versadas sobre os perigos do bolchevismo que ameaçava de morte a Europa, e que só um líder forte poderia travar. Concomitantemente, o Conselheiro Eclesiástico estabeleceu contacto direto com o Presidente do Conselho, dando-lhe nota, através de cartas remetidas de Roma, da evolução assinalável no prestígio internacional de que Portugal e o Presidente do Conselho gozavam, nomeadamente junto do governo italiano e da Santa Sé.

Henrique Trindade Coelho manteve-se em funções na Legação de Portugal no Vaticano até à sua morte em 8 de outubro de 1934. Pese as expectativas da Santa Sé quanto ao reforço das relações diplomáticas com Portugal, ao longo do seu mandato não se verificaram avanços efetivos, persistindo sem solução duas questões de particular sensibilidade: o estatuto da representação diplomática de Portugal junto da Santa Sé e a celebração de uma nova Concordata entre os dois Estados.

A escolha do conceituado diplomata Alberto de Oliveira para a sucessão de Trindade Coelho na chefia da Legação, reavivou as esperanças dos católicos portugueses e das instâncias diplomáticas da Santa Sé numa efetiva alteração da situação. Mons. José de Castro comungava dessa expectativa. Não obstante os reconhecidos pergaminhos do diplomata que chefiou a representação diplomática entre janeiro de 1935 e janeiro de

1936, a sua missão junto do Vaticano não alcançou alterações substanciais na situação que herdara do seu antecessor. O silêncio do governo de Lisboa relativamente ao rumo diplomático que pretendia para as suas relações com a Santa Sé exasperavam o Ministro, que se sentia manietado na sua ação.

No que respeita ao estatuto secundário da representação diplomática que chefiava e às consequências penalizantes dele decorrentes, Alberto de Oliveira apresentou uma análise aprofundada da situação através de três ofícios remetidos ao Secretário Geral do MNE, em junho de 1935. No primeiro, datado de 25 de junho, o Ministro expôs a estrutura do corpo diplomático pontifício. Detalhou ser este encabeçado pelas Nunciaturas de primeira classe, cujos chefes tradicionalmente se perfilavam para aceder à púrpura cardinalícia, um grupo no qual figurava Lisboa. A este conjunto de oito Nunciaturas de primeira classe, seguiam-se as de segunda classe, “em número de vinte, abrangendo quasi todos os principais países da Europa e da América” e, finalmente, países estrangeiros, com delegações apostólicas, sem carácter diplomático, umas dependentes da Congregação Consistorial, e outras, com carácter missionário, dependentes da *Propaganda Fidei*²⁴⁵. Nesta missiva, o diplomata faz notar, relativamente à Nunciatura em Lisboa, que nem a “política de dificuldades com a Igreja” verificada no advento da Primeira República, privou Portugal da disputada honra de integrar o grupo restrito de países a beneficiar de uma Nunciatura de primeira classe²⁴⁶.

No ofício subsequente, datado de 26 de junho, o Ministro complementou a informação exposta no dia transato, apresentando, de um modo contundente, a questão da falta de reciprocidade de relações entre Portugal e a Santa Sé devido ao estatuto da representação diplomática portuguesa, afirmando:

“Portugal o único país que, recebendo da Santa Sé um Núncio de primeira classe (e nem preciso falar da sua predesignação cardinalícia) não exerce com a Igreja o seu direito e dever de exata reciprocidade. Ao seu representante estava destinado, e por longo tempo foi

²⁴⁵ AHD-MNE, Santa Sé e Portugal – Restabelecimento de Relações; Relações com a Santa Sé (1918-1935): 3 P, M 329, A 11.

²⁴⁶ AHD-MNE, Santa Sé e Portugal [...]: 3 P, M 329, A 11.

utilizado, um lugar na primeira fila dos seus colegas. Nós, contudo, abandonamo-lo, para enfileirar na humilde retaguarda do Corpo Diplomático, e afastamo-nos modestamente para deixar passar países de menos categoria que o nosso [...].”²⁴⁷

Não encontrando “motivo sério” que justificasse tal ato de “abdicação e renúncia”, o diplomata concluiu que a posição de Portugal perante a Santa Sé decorreu da “mera e passiva complacência com as paixões sectárias e com os lugares comuns da mística revolucionária”, assim como da “falta de energia” para elucidar uma “opinião pública mais ignorante que mal intencionada”²⁴⁸.

Em 28 de junho, seguiu o último ofício do Ministro Alberto de Oliveira, no qual concluiu a exposição do seu pensamento, sublinhando que à exceção de Portugal e de Inglaterra, todos os países que tinham embaixadas em qualquer outro país, se encontravam representadas junto da Santa Sé por embaixador. O mesmo era reivindicado para Portugal ²⁴⁹. Os argumentos esgrimidos junto do Secretário Geral do MNE, posteriormente dados a conhecimento ao Presidente do Conselho, não obtiveram qualquer eco junto do chefe do governo nacional.

Mons. José de Castro partilhava das inquietações do Ministro Plenipotenciário, cujo trabalho lhe merecia toda a confiança e consideração. Em 18 de janeiro de 1936, vésperas de Alberto de Oliveira deixar a Legação de Portugal junto da Santa Sé por razões de saúde, o Conselheiro Eclesiástico manifestou a Oliveira Salazar a admiração que nutria pelo diplomata:

“Que homem eminente e que soma de qualidades peregrinas ele tem! Aprendi mais neste ano do que em 4 anos e meio com o Trindade Coelho. É, sem favor, um homem grande e eminente. Que em Londres dará ao país o seu grande talento e a sua experiência formidável.”²⁵⁰

²⁴⁷ AHD-MNE [...]: 3 P, M 329, A 11.

²⁴⁸ AHD-MNE [...]: 3 P, M 329, A 11.

²⁴⁹ AHD-MNE [...]: 3 P, M 329, A 11.

²⁵⁰ Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Arquivo António Oliveira Salazar (AOS), Correspondência de José de Castro (CJC): AOS/CP-060, cx. 917, f. 152.

Tratava-se de um apreço recíproco. Alberto de Oliveira, antes de abandonar o posto diplomático junto da Santa Sé, terá procurado garantir para Mons. José de Castro uma colocação que lhe conferisse maior estabilidade profissional, uma vez que o cargo de Conselheiro Eclesiástico não se encontrava integrado na carreira diplomática. Sabendo de tais intentos, o sacerdote apressou-se a suplicar ao Presidente do Conselho que não atendesse a tais pedidos, pois entendia que neste lugar poderia prestar serviços relevantes à Igreja, ao Estado português e ao seu líder²⁵¹.

Mais tarde, Alberto de Oliveira fez o elogio público de Mons. José de Castro por ocasião da publicação da primeira obra *historiográfica* do sacerdote: *Portugal em Roma*, em 1939. Em artigo de opinião publicado no jornal *A Voz*, referiu-se ao prestígio do sacerdote em terras romanas:

“Monsenhor Castro era já popular em Roma, nos círculos diplomáticos e eclesiásticos do Vaticano, quando ali o conheci e juntos trabalhámos mais tarde na Legação; hoje estou certo de que é popularíssimo, pois ninguém se subtrai à afabilidade calorosa do seu trato. Português de lei, sacerdote exemplar, coração de oiro, inteligência culta e insaciável, são estes dotes ainda enriquecidos pela vivacidade de espírito, amor ao trabalho e gosto de ser útil”²⁵².

Foi respeitada a vontade declarada por Mons. José de Castro e permaneceu ao serviço da Legação de Portugal junto da Santa Sé. Perante tal desenlace, o Sacerdote agradeceu a Luiz Teixeira Sampaio a sua intervenção:

“Quero agradecer muito, mas muito, a V. Ex.^a a boa cama que me preparou junto do novo Ministro [...]. Eu não posso ser indiferente às amabilidades, principalmente neste caso porque foi feita espontaneamente e longe de um dia ser conhecida. Mil vezes agradecido, esperando não desmentir V. Ex.^a com os meus atos”²⁵³.

²⁵¹ ANTT, AOS, CJC [...], f. 148-149.

²⁵² Alberto d’ Oliveira, “Portugal em Roma”. *A Voz* (11 nov. 1939), p. 1, col. 1.

²⁵³ ANTT, Luís Teixeira Sampaio (LTS): PT/TT/LTS/0025, cx. 2, mct.25, n.º 15.

O trabalho que Mons. José de Castro prosseguiu na missão diplomática portuguesa terá feito jus ao retrato elogioso apresentado pelo Secretário Geral do MNE ao novo Ministro de Portugal junto da Santa Sé. Vasco de Quevedo (1936-1940), em informação enviada ao Ministro dos Negócios Estrangeiros em 31 de dezembro de 1937, referiu-se à ação que Mons. José de Castro desenvolveu na Legação desde que assumira as funções de Consulente, em 1930, afirmando:

“O Consultor Eclesiástico, durante os sete anos e meio que leva ao serviço desta Missão, tem cultivado os meios eclesiásticos e leigos do Vaticano e em geral os sectores romanos, com o melhor dos sucessos. Creio poder afirmar que em cada funcionário do Vaticano ou das congregações e mesmo entre muitas das personagens mais altas e representativas da Igreja, conta um amigo seguro, devido à sua bondade e ao interesse particular da sua conversação cheia de originalidade, de cunho pessoal, despreziosa e cintilante.”²⁵⁴

Os encómios dispensados pelo Ministro ao Conselheiro Eclesiástico não gozavam, porém, de reciprocidade. A figura e a ação político-diplomática de Vasco de Quevedo suscitavam grandes reservas a Mons. José de Castro e, a prazo, a sua veemente oposição. Vasco de Quevedo era um diplomata *filonazi*, cuja colocação na representação diplomática junto da Santa Sé terá decorrido do perigo que representava para o Estado Novo a ação bolchevique na guerra civil de Espanha²⁵⁵. Com Vasco de Quevedo, a diplomacia junto do Vaticano assumiu “uma feição radicalmente anticomunista e, mais inesperadamente, pró-nazi e antisemita”, contrastando com um “cada vez mais claro empenho antinazi e antirracista da Santa Sé.”²⁵⁶ Para além das evidentes clivagens com a posição formal do Vaticano, o pró-nazismo de Quevedo estava “desfocado da estratégia externa definida por Salazar a partir de 1938, quando a vitória de Franco já era praticamente certa e as nuvens no panorama internacional se avolumavam.”²⁵⁷

²⁵⁴ AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.

²⁵⁵ Bruno Cardoso Reis, *Salazar e o Vaticano*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 96.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 97.

²⁵⁷ *Ibidem*, p. 108.

A situação vivida no seio da Legação portuguesa sob a liderança do incómodo Ministro Plenipotenciário exasperou Mons. José de Castro. Através de correspondência confidencial enviada para o Patriarcado ao seu “Ex.^{mo} amigo”²⁵⁸, o Conselheiro Eclesiástico partilhou o seu profundo incómodo com a postura do Ministro e a posição de força que tomara para a contrariar. Em carta datada de 30 de setembro de 1938 afirmou:

“não houve nunca um ministro que tratasse tão mal o Papa, a igreja, os bispos e até o Cardeal como ele [...]. Disse que tratasse tão mal, porque agora já não trata. Eu fiz greve, e continuo a fazê-la, não lhe dando informações escritas e só respondendo ao que me pergunta. Depois que vi como fazia e o que fazia, disse-lhe que não estava disposto a colaborar numa obra que era contra a doutrina do Estado Novo.”²⁵⁹

Cerca de um mês volvido sobre esta comunicação, Mons. Castro deu conta da situação “sem precedentes” que se vivia na Legação, através de nova missiva. A “campanha virulenta contra a Igreja” perpetrada pelo Ministro, depois de seis meses de acalmia, parecia ter ganhado “novo fôlego jacobino”²⁶⁰.

O Conselheiro Eclesiástico manteve o Cardeal Patriarca informado sobre a atuação diplomática do Ministro junto do Vaticano. Em carta datada de 21 de outubro de 1939, lamentou a D. Manuel Cerejeira a situação instalada:

“Nem a clareza dos acontecimentos, nem a evidência dos interesses nacionais, nem a palavra de ordem de quem pode e manda, modificaram atitudes. Tudo pela Alemanha! Dantes o critério era este: escrever, adulterar, diminuir a verdade para mostrar que o Papa e os Bispos estavam feitos com o bolchevismo. Hoje a tática é diferente: fazer o mesmo para mostrar que o Papa está com a Alemanha.”²⁶¹

²⁵⁸ Presumivelmente tratava-se do Cónego Manuel Anaquim, Vigário Geral do Patriarcado de Lisboa.

²⁵⁹ Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa (AHPL), Fundo Cardeal Cerejeira (FCC): PT/AHPL/PAT 14-SP/L-01/01/058.

²⁶⁰ AHPL, FCC: [...] 059.

²⁶¹ AHPL, FCC: [...] 069.

A ansiada mudança no rumo político da Legação e da diplomacia exercida pelo seu Ministro obteve concretização efetiva em 15 de outubro de 1940, com a cessação de funções de Vasco de Quevedo.

A “greve” que Mons. José de Castro declarou ao Ministro, não foi sinónimo de inatividade diplomática. Ao invés, tratou-se de um período particularmente operoso no exercício do seu cargo junto de diversas instâncias e personalidades. Na senda do que vinha realizando, colocou os seus predicados diplomáticos ao serviço do estreitamento de relações entre o Governo português e o Vaticano, procurando minorar as possíveis repercussões da ação do Ministro da Legação de Portugal junto da Santa Sé nas negociações concordatárias em curso. Para o efeito, manteve contactos estreitos com algumas das figuras mais destacadas da diplomacia dos dois estados, uma ação nos bastidores diplomáticos de Lisboa e do Vaticano norteada pelo desígnio de ver concretizada a celebração de uma nova Concordata entre o Estado Novo e a Santa Sé que definitivamente consagrasse as relações históricas dos dois estados.

2.2. Singularidades de um protagonista nos bastidores da diplomacia

A faceta de diplomata de Mons. José de Castro foi burilada pelas suas características pessoais singulares. No desempenho do cargo de Conselheiro Eclesiástico da representação diplomática de Portugal junto da Santa Sé, o seu papel ultrapassou amplamente o que *a priori* se esperaria, considerando que se tratava de um sacerdote com funções consultivas e não de um diplomata de carreira, com funções executivas. Os numerosos testemunhos coevos e ulteriores falam de uma personalidade vibrante, comunicativa, tenaz e generosa, que muito terá contribuído para construir e dinamizar uma densa rede de contactos, alimentada por abundante correspondência trocada. Os cerca de mil e quinhentos documentos epistolares (correspondência recebida) que constituem o Fundo José António de Castro depositado no Arquivo Distrital de Bragança, são disso testemunho. Na galeria de interlocutores figuram numerosas personalidades, nacionais e

estrangeiras, com as quais manteve uma amizade longa e tratou desde assuntos comezinhos a questões ponderosas de diplomacia. Poucas são as cartas meramente protocolares²⁶². Na galeria de correspondentes figuram bispos, ministros, embaixadores, homens das artes e das letras, servidores públicos, quer ao serviço do Estado, quer ao serviço da Igreja. Entre os múltiplos interlocutores encontra-se, como já foi referido, o Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, com o qual manteve contacto assíduo, sobretudo em dois períodos de particular dificuldade no funcionamento da Legação de Portugal junto da Santa Sé, por deficiências na ação dos Ministros Plenipotenciários em exercício: 1933-1934 e 1938-1940²⁶³.

Quando Oliveira Salazar ascendeu à chefia do Governo nacional, Mons. José de Castro encontrava-se plenamente integrado nos meandros diplomáticos do Vaticano, onde gozava de respeito e de estima na Secretaria de Estado e em diversas representações diplomáticas estrangeiras aqui acreditadas. Usou, assim, a sua influência e a rede de contactos que estabelecera para promover a imagem do Estado Novo e do Presidente do Conselho, no qual depositava toda a sua esperança de católico e de nacionalista.

Tal sentimento foi claramente refletido na carta que o sacerdote enviou ao governante, no final do ano de 1932, num momento em que se perspetivava que o seu poder político fosse reforçado a breve trecho. Na missiva datada de 28 de dezembro, o Conselheiro eclesiástico manifestou o seu regozijo e gratidão a Oliveira Salazar pela nova realidade política que a sua ação governativa materializava em Portugal:

“Eu quero-lhe bem desde há vinte anos ao calor da amizade do nosso terníssimo amigo Padre Camilo de Barros; e quero-lhe ainda mais porque me restituiu a minha saúde patriótica. Durante anos andava fatigado de adoecer de vergonha.

²⁶² Cf. Belarmino Afonso, “Correspondência epistolar de Mons. José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 455-465.

²⁶³ Cf. Henrique Manuel Pereira; Sandra Vale, *Correspondências – Mons. José de Castro, António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2020.

Depois eu devo-lhe lágrimas de alegria: a alegria de ver a minha terra salva pela sua inteligência e pela sua honradez. Bendito e louvado seja V. Ex.^{cia.}”²⁶⁴

Neste contacto epistolar, o sacerdote procurou também dar a Salazar “uma prova da impressão que a sua atividade está produzindo no mundo sobretudo no Vaticano”, reportando-lhe manifestações de interesse e de expectativa proferidas por destacadas figuras da diplomacia da Santa Sé e, de modo particular, pelo Sumo Pontífice²⁶⁵.

Ao longo de 1933, Oliveira Salazar viu a sua liderança reforçada por via da revisão constitucional entrada em vigor em 11 de abril, que permitiu a efetiva edificação do Estado Novo. Em finais do ano, a aceitação interna e o reconhecimento externo do líder político português não se encontrava, porém, no nível almejado pelos mentores do regime e seus apoiantes. O Ministro Trindade Coelho, após audiência concedida pelo Papa em 29 de dezembro, deu conta ao Secretário Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros da impressão de um “estado de dúvida” do Santo Padre relativamente a Oliveira Salazar, que temia não ter conseguido debelar com a sua intervenção durante o encontro²⁶⁶. Sustentava esta perceção no silêncio do Sumo Pontífice perante as referências à ação de Salazar e ao “contraste sintomático” que há muito observava: “ao passo que, sobre o Presidente do Conselho, nem uma palavra é proferida – lembro-me que só uma vez o foi – nunca o Pontífice deixa de ter uma referência amável ao Presidente da República”²⁶⁷. Para Trindade Coelho, o “estado de dúvida” do Papa quanto à estabilidade da configuração política portuguesa, teria repercussão na iminente nomeação do novo Núncio em Lisboa.

A questão da nomeação do Núncio Apostólico assumia, para Mons. José de Castro, grande centralidade nas relações futuras entre a Santa Sé e o Estado português e para o estabelecimento das almejadas negociações para assinatura de uma concordata entre os dois Estados. A ela dedicou todo o zelo diplomático de Conselheiro Eclesiástico. O afã pela obtenção de um bom desfecho levou-o a estabelecer contactos epistolares confidenciais

²⁶⁴ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 111.

²⁶⁵ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 111.

²⁶⁶ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 111.

²⁶⁷ ANTT, LTS: PT/TT/LTS/0025, cx. 2, mct.25, n.º 6.

com o Presidente do Conselho debelando, porventura, fragilidades na ação do Ministro Plenipotenciário. Em carta datada de 30 de dezembro de 1933, Mons. Castro avançou a Oliveira Salazar a provável nomeação do antigo núncio em Praga, Mons. Pietro Ciriaci, para a representação em Lisboa e exortou ao rápido *agrément* ao reputado Núncio por parte do Governo português²⁶⁸. A esta missiva premonitória do que viria efetivamente a concretizar-se, sucederam três cartas, nas quais o sacerdote manifestou regozijo pela celeridade do processo e sublinhou o muito bom impacto diplomático deste acontecimento, interpretado como sinal inequívoco de apreço mútuo entre Chefes de Estados²⁶⁹.

Recorrendo a uma escrita viva, pontilhada pelo discurso direto, o Conselheiro Eclesiástico procurou demonstrar nas cartas que enviava a Oliveira Salazar a notoriedade crescente de que gozava junto de personalidades políticas e eclesiásticas de relevo. Nesta senda, em carta datada de 23 de janeiro de 1934, deu nota ao chefe do Governo do auxílio que acabara de prestar a Corrado Zoli, presidente da Sociedade de Geografia de Itália, senador e conselheiro de Estado de Benito Mussolini. Tratou-se do auxílio em alguma “dezenas de dificuldades” na tradução do livro *Salazar*, de António Ferro²⁷⁰, uma empresa na qual o erudito italiano mergulhara por ordem do próprio *Duce*, interessado em obter informações acerca do perfil político e da ação do Presidente do Conselho de Portugal²⁷¹. A obra *Salazar* mereceu a melhor consideração de Mons. Castro que, inclusive, não se coibiu de a oferecer a destacadas figuras eclesiásticas como os Arcebispos de Braga e o de Lourenço Marques.

As cartas remetidas por Mons. José de Castro a Oliveira Salazar no despontar de 1934 obtiveram eco. O Presidente do Conselho, através de missiva datada de 16 de fevereiro, manifestou o seu agradecimento e deu indicação ao sacerdote para que continuasse a fazer

²⁶⁸ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 113-115.

²⁶⁹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 116.

²⁷⁰ *Salazar: o homem e a sua obra*, publicado em fevereiro de 1933, compila uma série de cinco entrevistas concedidas pelo Presidente do Conselho a António Ferro, em finais 1932, ao qual foi aditado um longo prefácio da autoria do próprio António de Oliveira Salazar.

²⁷¹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 122.

chegar notícias que pudessem interessar ao governo ou à política do país²⁷². Porém, no final do ano, perante a nomeação do conceituado diplomata Alberto de Oliveira para o cargo de Ministro Plenipotenciário da Legação, Mons. José de Castro considerou-se dispensado de prosseguir com o envio de informações ao chefe do Governo, pois considerava que estas “só tinham explicação diante da anormal situação do Ministro anterior e da falta de Ministro”²⁷³. De facto, durante o ano de mandato ministerial de Alberto de Oliveira, a correspondência de Mons. José de Castro para o Presidente do Conselho terá sido escassa e circunstancial. Também as *Cartas de Roma*, regularmente publicadas no diário *Novidades*, assinadas sob o pseudónimo *J. Santa Rita*, cessaram desde a chegada do Ministro Alberto de Oliveira. Contudo, a ação político-diplomática do Conselheiro Eclesiástico prosseguiu.

A propaganda que o sacerdote dedicou à imagem do Presidente do Conselho e ao Estado Novo alastrou-se à sua rede de contactos e aos diversos contextos em que se inseria. Conhecendo a importância da imprensa para a formação da opinião das massas, empenhou-se para que, na imprensa estrangeira, fossem manifestadas apreciações favoráveis ao Estado Novo e ao chefe do Governo. Assim aconteceu com o *Osservatore Romano*, como deu nota em carta enviada a Oliveira Salazar, em 13 de outubro de 1934:

“Ontem fui agradecer ao Conde Della Torre o artigo que a respeito de V. Ex. publicara no ‘Osservatore’ no dia 2 de Setembro, cumprindo assim uma promessa que me havia feito no dia 4 de Agosto.”²⁷⁴

Também além-mar, junto da redação do popular *Jornal do Brasil*, o Sacerdote cultivou a simpatia pelo Estado Novo, referida ao Presidente do Conselho em carta datada de 16 de outubro de 1934:

“O ‘Jornal do Brasil’ é um dos maiores jornais do Brasil onde, desde que V. Ex. tomou conta da pasta das Finanças, defendi a Ditadura com a alma que eu costume por em tudo a ponto

²⁷² ADBG, FJAC: Cx. 2, pt. 6, mç. 6, doc. 16.

²⁷³ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 138.

²⁷⁴ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 132.

de ser até hoje um dos jornais que mais simpatia tem mostrado pelo Portugal Novo. Mais simpatia e mais dedicação.”²⁷⁵

Na sua cidade natal, Mons. José de Castro era próximo de figuras que integravam a “elite salazarista” local²⁷⁶. Quando ali se deslocava em gozo de licença para descanso, participava em iniciativas políticas de promoção do Estado Novo. Em 5 de julho de 1935, proferiu uma “notável conferência” no âmbito do terceiro aniversário da tomada de posse de Oliveira Salazar no cargo de Presidente do Conselho. Suportando o seu discurso na experiência internacional que o seu cargo diplomático lhe conferia, Mons. Castro discorreu sobre o prestígio de Salazar e a singularidade do modelo político do Estado Novo, apresentando as características diferenciais das políticas portuguesa e italiana²⁷⁷. Dois anos volvidos, tomou novamente parte na celebração da efeméride aniversária. Em carta enviada a Oliveira Salazar em 4 de maio de 1938, deu nota do pulsar político na sua cidade e da crescente aceitação do regime, notando “mais gente, mais entusiasmo no nosso sector, menos ardor nos inimigos e bastantes convertidos.”²⁷⁸

Não obstante os esforços e as expectativas do Conselheiro Eclesiástico, o estabelecimento de uma Concordata entre Portugal e a Santa Sé permanecia distante de efetiva concretização. O adiamento sucessivo do início das negociações por parte do chefe do Governo e da diplomacia de Portugal terá resultado da prioridade concedida a outras questões consideradas mais urgentes e complexas, nomeadamente a consolidação interna do regime e o reforço da credibilidade internacional do país²⁷⁹.

As ambicionadas negociações da Concordata entre Portugal e a Santa Sé tiveram início formal em agosto de 1937, depois de a Nunciatura comunicar a Oliveira Salazar que

²⁷⁵ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 134.

²⁷⁶ Cf. Maria Alcina dos Santos, *Elites salazaristas transmontanas no Estado Novo – O caso de Artur Águedo de Oliveira (1894-1978)*. [S.l.: s.n.], 2011. Dissertação de Doutoramento em Letras, Área de História, especialidade de História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.

²⁷⁷ “Prestígio de Salazar”. *Terras de Bragança* (10 jun. 1935), p. 1, col. 4-5.

²⁷⁸ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 163.

²⁷⁹ Bruno Cardoso Reis, “A Concordata de Salazar? Uma análise a partir das notas preparatórias de março de 1937”. *Lusitânia Sacra*, 2.ª série, 12 (2000), p. 194.

a Santa Sé considerava “digno de interesse” o projeto de acordo apresentado²⁸⁰. O seu texto resultava de sucessivas propostas de alterações a um primeiro documento apresentado pelo Cardeal Cerejeira a Oliveira Salazar, em março de 1937. Consideradas as várias propostas apresentadas pelo grupo de trabalho governamental e pelo Patriarcado, a sexta fórmula do texto foi entregue oficialmente ao Núncio em Lisboa, a 14 de julho de 1937, como o “Projeto do governo português”²⁸¹.

As negociações foram complexas e experimentaram várias dificuldades, oscilando entre a “inflexibilidade de Salazar” e a “teimosia’ vaticana”²⁸². Os problemas negociais centravam-se nas questões do reconhecimento da Igreja Católica, das suas associações e organizações e atividades; do reconhecimento da Ação Católica; dos bens da Igreja e do casamento católico e divórcio.²⁸³

Em 1938, com as difíceis negociações da Concordata em curso e na antecâmara de um conflito mundial, a Legação de Portugal junto da Santa Sé enfrentou dificuldades internas, mercê das posições pró-nazis do Ministro Plenipotenciário. Mons. José de Castro entrou em cisão com o Ministro e, numa posição de força, recusou-se a fornecer-lhe qualquer relatório escrito. As informações resultantes do seu trabalho diplomático passaram a ser reportadas, diretamente, a Oliveira Salazar. Assim, desde finais de 1938, verificou-se na Legação portuguesa “uma situação de concorrência entre o chefe da representação no Vaticano e o seu consultor eclesiástico, que passou a fazer uma diplomacia paralela em ligação direta com Salazar.”²⁸⁴

De facto, em novembro de 1938, teve início uma fase peculiar da correspondência entre Mons. Castro com Oliveira Salazar. As missivas do Conselheiro Eclesiástico tornaram-se mais frequentes, pródigas de informação sobre movimentações político-diplomáticas na convulsa Europa, nas quais os posicionamentos da Alemanha e da Itália eram

²⁸⁰ Manuel Braga da Cruz, “O Estado Novo e a Igreja Católica”. 2.ª ed. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, pp. 58-61.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² Cf. *Ibidem*, pp. 58-65.

²⁸³ *Ibidem*, p. 65.

²⁸⁴ Bruno Cardoso Reis, *Salazar e o Vaticano*. [...], p. 112.

frequentemente tratados, a par das concordatas celebradas com a Santa Sé. Continuaram a merecer persistentes referências a boa reputação do Estado Novo e do seu líder junto da cúpula do Vaticano e de países de particular relevo no quadro mundial.

O contacto epistolar estabelecido em 7 de novembro por Mons. Castro mereceu o maior interesse por parte do Chefe do Governo. Entre outros assuntos, o Conselheiro Eclesiástico reportou o conteúdo da conversa que estabelecera com Mons. Ludwig Kaas, ex-presidente do Centro Católico Alemão, repleta de informação sobre a situação política que o III Reich impunha na Alemanha, nomeadamente, à Igreja e aos católicos daquele país²⁸⁵.

Esta missiva mereceu uma resposta do Presidente do Conselho. Em 15 de novembro de 1938, Oliveira Salazar assinalou “o interessante resultado da conversa” que o Conselheiro Eclesiástico estabelecera com Mons. Kaas e asseverou a conveniência de lhe fazer chegar informações relevantes, determinando que “Não deve perder a oportunidade de conversar com esses senhores e sobretudo de ouvir o que eles dizem; e depois informarme.”²⁸⁶

Prolongou-se pelo ano de 1939 a emissão de cartas com informações sobre a situação política, económica e social de países chave para o conflito bélico que se vivia no território europeu, assim como da política externa do Vaticano. Para além dos contactos que mantinha com “gente de peso”, Mons. José de Castro promovia palestras nas tardes de domingo com sacerdotes amigos que integravam as missões diplomáticas acreditadas junto da Sé, o que constituía um “momento azado para trocar impressões; e, porque somos amigos, não há reservas nem artifícios”²⁸⁷. Considerava que nesta iniciativa era ele quem mais recebia e menos dava, pois recolhia informações sobre a realidade de diversos países, enquanto ele se limitava a “informar sobre o que de bom se passa em Portugal.”²⁸⁸

²⁸⁵ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 183-187.

²⁸⁶ ADBG, FJAC: Cx. 2, pt. 6, mç. 6, doc. 17.

²⁸⁷ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 196.

²⁸⁸ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 196.

A comunicação entre Mons. Castro e Oliveira Salazar não se restringia à correspondência epistolar. Por ocasião das passagens do Conselheiro Eclesiástico por Lisboa para gozo de licença para descanso, o Presidente do Conselho convocou-o a comparecer em São Bento para almoço de trabalho. O sacerdote confidenciou o seu entusiasmo ao amigo Raul Teixeira, em carta de 14 de julho de 1938:

“Sou verdadeiramente um homem de *bonne chance*. Soube o Doutor Salazar que estava em Lisboa e mandou-me chamar a S. Bento. Não interessa o assunto da palestra; basta dizer que foi muito carinhoso comigo e fiquei vaidoso para larga temporada pois tenho a certeza de que não fiquei reprovado.”²⁸⁹

Tais convocatórias suscitavam regozijo em Mons. Castro, mas, simultaneamente, apreensão. A atenção que Oliveira Salazar lhe dispensava contribuíra para alavancar a sua notoriedade nas esferas político-diplomáticas. Em tempo de negociações intensas com a Santa Sé para o estabelecimento de uma Concordata, figuras ligadas ao aparelho do Estado, bem como do Patriarcado, desejavam a sua presença. Em carta datada de 18 de junho de 1939, o sacerdote referiu ao amigo Raul Teixeira as razões dos sentimentos ambivalentes que esta situação lhe suscitava:

“Estou fatigado. Cá jantei com o Lopes Vieira e também com o Marcelo Caetano.

Ambos infatigáveis em querer dar-me honra e prazer. E logo, depois do almoço com o Presidente, vou admirar os frescos do Sousa Lopes.

O Presidente! Estou mais inchado do que o Chaby e tenho medo desta 1 hora da tarde, a hora do almoço que o Dr. Salazar me dá. Vaidade e receio. Esta consideração – eu sei – é insólita, mas assusta-me. E compreende-se: uns assombram-se, outros mordem-se de inveja e tremo de ser chamado mais uma vez à pedra.

Sinto que estou um pouco no alto do rol desta gente. Até o Cardeal mandou buscar ao hotel a mala porque me queria como seu hóspede. Claro que eu e a mala ficámos no hotel.”²⁹⁰

²⁸⁹ MAB, FRT: Cx. 4 (2), mç. 6. [Documentação em organização]

²⁹⁰ MAB, FRT: Cx. 4 (2), mç. 5. [Documentação em organização]

Após a assinatura da *Concordata e do Acordo Missionário entre Portugal e a Santa Sé*, verificaram-se alterações no conteúdo e na frequência da comunicação entre o Conselheiro Eclesiástico e o Presidente do Conselho.

No dia 7 de maio de 1940, Eduardo Augusto Marques e Mário de Figueiredo, em representação do Presidente da República Portuguesa, assinaram o documento que passou a regular as relações entre o Estado português e a Santa Sé. Mons. José de Castro tomou parte da comitiva portuguesa, assistindo à cerimónia que teve lugar em Roma. Este momento alto das relações entre a Igreja e o Estado português foi vivido com particular emoção por Mons. José de Castro, que declarou sentir-se compensado por todos os esforços que dispendera. Um dia depois da assinatura, assim o afirmou a Oliveira Salazar:

“Continuo doido de alegria por causa da Concordata. Todos os sacrifícios da minha vida passada – e são tantos! – eu os reputo pagos e repagos com a felicidade da hora de ontem. E esta grande alegria eu a devo a Deus, louvado seja V. Ex.^a”²⁹¹.

A complexa questão da relação entre o Estado e a Igreja não conheceu, no entanto, resolução definitiva. Como o Núncio em Lisboa, Mons. Ciriaci, havia de refletir em carta enviada ao Ministro dos Negócios Estrangeiros já na fase final do processo negocial, as dificuldades entre o Estado e a Igreja renascem, renovam-se e persistem ao longo dos tempos, suscitadas pelas clivagens entre a perenidade da potestade da Igreja e a mutabilidade dos regimes políticos dos Estados²⁹².

Nas missivas para Oliveira Salazar que se seguiram ao acontecimento concordatário, Mons. José de Castro deu nota do impacto político-diplomático que dele decorreu e da respeitabilidade recuperada pela Nação portuguesa no quadro da diplomacia vaticana e internacional.

Mas um novo assunto tomava relevância na sua comunicação. Por esta altura, o Conselheiro Eclesiástico já se encontrava mergulhado num intenso trabalho historiográfico

²⁹¹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 239-241.

²⁹² Bruno Cardoso Reis, “A Concordata de Salazar?...” [...], p. 220.

nos arquivos do Vaticano. A aclamada obra *Portugal em Roma*, dada à estampa em novembro de 1939²⁹³, não havia esgotado a temática das relações entre Portugal e a Santa Sé; ao invés, abria novas linhas de investigação e de recolha de fontes documentais. A descoberta que fizera, em dezembro de 1939, do decreto que proclamava as virtudes heroicas de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, catapultara-o para o colossal estudo da participação de Portugal no Concílio de Trento.

A investigação levada a cabo por Mons. José de Castro apresentava uma clara dimensão política. Na correspondência enviada ao Presidente do Conselho, eram frequentes as referências ao andamento dos trabalhos e ao impacto que a sua publicação poderia alcançar, interna e externamente. As longas missivas, repletas de relatos e de observações do Conselheiro Eclesiástico, deram lugar a correspondência menos extensa e mais centrada nos trabalhos de investigação que vinha desenvolvendo.

Mons. José de Castro cessou oficialmente funções na Embaixada de Portugal junto da Santa Sé em 14 de janeiro de 1944, com a exoneração, a seu pedido, do cargo de Conselheiro Eclesiástico. Ao longo de quase catorze anos de serviço nesta missão diplomática portuguesa, o sacerdote, que se considerava um “soldado desconhecido” ao serviço da Nação e da Igreja, tomou por armas o trabalho diplomático e as investigações historiográficas nos arquivos do Vaticano. Nos bastidores dos palcos decisórios, dedicou o melhor do seu esforço à promoção do projeto político do Estado Novo enquanto garante da liberdade da Igreja em Portugal e via única para a restauração da glória nacional e católica.

2.3. Sombras e ocaso no trajeto diplomático

Em agosto de 1940, foi determinada a elevação da Legação portuguesa ao estatuto de Embaixada, passando Portugal a ser representado por um diplomata de primeira classe.

²⁹³ Cf. Sandra Vale, “Os 80 anos de *Portugal em Roma* de Mons. José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (21 nov. 2019), p. 24, col. 1-4.

Para este lugar foi nomeado António Carneiro Pacheco, que apresentou credenciais junto da Santa Sé em 20 de outubro de 1940. Mons. José de Castro manifestou regozijo a Oliveira Salazar pelo impacto que esta celebração protocolar obtivera nos meios diplomáticos do Vaticano. No dia seguinte à apresentação de credenciais, em carta enviada ao Presidente do Conselho, afirmou:

“tudo foi excepcional. Nunca, em dez anos de vida romana, vi o Papa tratar assim justamente bem uma nação católica; nunca um chefe de governo foi assim premiado e apontado ao mundo como um exemplo; nunca um embaixador teve adjetivos mais preciosos; raramente o ‘Osservatore’ publicou na íntegra um discurso de credenciais; e na antecâmara apelidava-se de insólito e antiprotocolar o tempo passado a sós com o Doutor Carneiro Pacheco.”²⁹⁴

O bom momento diplomático verificado nas relações de Portugal com a Santa Sé, e que tanto regozijo causavam em Mons. Castro, contrastavam com o ambiente tenso vivido no seio da Embaixada. Depois do mal-estar gerado pelas posições pró-nazis do Ministro Vasco de Quevedo, a representação diplomática foi sujeita a um “longo período de gestão” assegurado por encarregados de negócios, que se prolongou de agosto a outubro, até à chegada do Embaixador António Carneiro Pacheco²⁹⁵. De resto, ainda antes das alterações na liderança da Embaixada, e a escassas semanas da assinatura da Concordata, Mons. José de Castro confidenciou ao Cardeal Cerejeira viver-se nesta representação diplomática, um ambiente “de inveja e de ciúme”²⁹⁶.

O novo Embaixador de Portugal no Vaticano exerceu o seu mandato sobrevalorizando a componente de representação social da função diplomática. A presença assídua em eventos sociais e o pouco brilho do seu espírito analítico criaram uma impressão pouco favorável junto dos diplomatas de carreira²⁹⁷. Durante este período, o trabalho de Mons. José de Castro no Vaticano esteve direcionado para as investigações historiográficas que vinha realizando nos arquivos, sobretudo desde que localizara o

²⁹⁴ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 244-247.

²⁹⁵ Bruno Cardoso Reis, *Salazar e o Vaticano*. [...], p. 116.

²⁹⁶ AHPL, FCC: [...] 073.

²⁹⁷ Bruno Cardoso Reis, *Salazar e o Vaticano*. [...], p. 118.

Decreto pontifício de declaração das virtudes em grau heroico do Venerável Frei D. Bartolomeu dos Mártires, em dezembro de 1939. Este foi o mote para se lançar no estudo da figura do Arcebispo de Braga e da participação de Portugal no Concílio de Trento. Na sua correspondência epistolar, referiu-se, por diversas vezes, não só ao trabalho intenso que ia empreendendo, mas também ao desgaste crescente a que o mesmo o sujeitava. Em 5 de março de 1940, dirigiu uma carta ao Cardeal Patriarca de Lisboa, na qual referiu:

“Há quasi três meses que passo 5 horas diárias, pelo menos, no arquivo secreto do Vaticano a estudar os portugueses no Concílio de Trento e estou longe de imaginar quando terminarei.”²⁹⁸

O trabalho nos arquivos prolongou-se para lá do estudo de Portugal em Trento. Em 16 de julho de 1942, na passagem por Lisboa com destino a Roma, o Sacerdote confessou numa missiva endereçada ao Presidente do Conselho:

“Sinto-me arrasado. Além do ‘Cardeal Nacional’ de que há meses escrevi a V. Ex.^ª fiz mais dois volumes: ‘Cardeal D. Henrique’ e o ‘Prior do Crato’ que à minha custa sairão este ano.”²⁹⁹

Três meses volvidos sobre esta afirmação, deu conta ao amigo Raul Teixeira do andamento das investigações destinadas à edição de uma história da Diocese de Bragança e Miranda e do esforço diário a que se submetia:

“Quando terei isto (os trabalhos já se vê) em condições de começar a redação? Não sei. [...] dedico 8 horas diárias a folhear centenas de volumes para extrair notas que se me afiguram a propósito.”³⁰⁰

O esforço despendido nos trabalhos de investigação repercutiu-se na saúde do sacerdote. No ano de 1943 a situação agravou-se. Por se encontrar “bastante doente”, em 18 de agosto, o Conselheiro Eclesiástico requereu ao Ministro dos Negócios Estrangeiros trinta dias de licença graciosa, que desejava gozar em sua casa, em Bragança. Acrescentou

²⁹⁸ AHPL, FCC: [...] 070.

²⁹⁹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 254-257.

³⁰⁰ MAB, FRT: Cx. 6, doc. 594. [Documentação em organização]

no telegrama enviado através da Embaixada que o médico português que acompanhava a sua situação clínica considerava “urgente para seu estado de saúde saída de Roma e repouso durante algum tempo.”³⁰¹ Dos trinta dias de licença requeridos, apenas lhe foram concedidos dezoito, uma decisão do Ministério dos Negócios Estrangeiros justificada pelo facto de, no ano transato, ter gozado doze dias a mais.

Mons. José de Castro partiu de Roma em 1 de setembro com destino à sua terra natal. Catorze dias volvidos, a partir de Bragança, apresentou requerimento ao Ministro dos Negócios Eclesiásticos, acompanhado de atestado médico, solicitando “dois meses de licença para tratar da sua saúde”. A tal petição seguir-se, em 13 de novembro, novo requerimento com atestado médico, no qual declarava não poder regressar ao seu posto por motivo de saúde, pelo que pedia a concessão de mais trinta dias de licença³⁰². Petição idêntica foi remetida no dia 13 de dezembro.

Os sucessivos requerimentos de licença, sustentados por atestados médicos e com a indicação do evitamento do regresso a Roma, evidenciavam as dificuldades físicas e emocionais em que o Conselheiro Eclesiástico se encontrava, e que expôs ao amigo Marcelo Caetano em missiva enviada em 14 de março de 1944:

“Vim de Roma com o físico arruinado, escangalhados os nervos, num estado miserável. Tudo por excesso de trabalho. Agora estou outro, se bem que bastante achacado. Mas isto há-de passar, se Deus quiser.”³⁰³

Por ocasião desta carta, Mons. José de Castro já havia cessado definitivamente as funções de Conselheiro Eclesiástico na Embaixada de Portugal na Santa Sé e encontrava-se a residir na cidade de Bragança. O sacerdote apresentou a demissão do cargo ao Ministro dos Negócios Estrangeiros em 29 de dezembro de 1943, e a sua exoneração foi exarada pelo Presidente do Conselho em 14 de janeiro de 1944³⁰⁴. No requerimento de demissão do cargo, não foram expostas as razões que motivaram tal pedido, ficando a impressão de

³⁰¹ AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.

³⁰² AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

³⁰³ ANTT, Arquivo Marcelo Caetano (AMC): PT/TT/PS/AMC/12-330/Correspondência/CASTRO/José, doc. 4.

³⁰⁴ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

se tratar, como o próprio alegara em correspondência particular, do culminar de um processo de cansaço pelo trabalho excessivo a que se sujeitara para a concretização das suas investigações. Porém, um olhar mais atento sobre o último ano de serviço na Embaixada permite-nos constatar que a saída de Mons. Castro da Embaixada já vinha sendo preparada há alguns meses e que a sua presença nesta representação diplomática se tornara incômoda para o próprio Embaixador.

Em 24 de maio de 1943, o Embaixador Carneiro Pacheco informou o Ministro dos Negócios Estrangeiros, através de telegrama, que Mons. José de Castro aceitara a “missão de bolseiro do Estado nos Arquivos Vaticano para a pesquisa e inventariação de documentos relativos a História de Portugal”³⁰⁵. Por essa razão, solicitava que o sacerdote fosse dispensado do cargo de Consultor Eclesiástico daquela Embaixada³⁰⁶. Ainda no mesmo dia, foi enviado novo telegrama, aditando ao anterior o pedido de que fosse comunicado ao Ministro da Educação Nacional que Mons. Castro entendia “concertar com [o] Instituto [para a] Alta Cultura [o] programa [de] trabalhos a realizar [nos] Arquivos”, pelo que se colocava à disposição de se deslocar a Portugal para esse fim³⁰⁷.

Na sequência dos telegramas remetidos ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Embaixador Carneiro Pacheco endereçou uma carta a Luís Teixeira de Sampaio, na qual expôs com mais pormenor a boa solução encontrada para o “caso do Monsenhor”. Na missiva datada de 30 de maio, referiu:

“Pelos telegramas enviados, já V. Ex.^a ajuizou de como o caso do Monsenhor, em seus aspetos pessoais, também se encaminhou bem. Uma primeira reação, aliás depressiva; depois a reflexão perante as realidades e a bondade da solução.

Agora o que muito convinha era executar-se o que foi estabelecido para não deixar arrefecer o bom propósito tanto ao que sai como ao que entra.”³⁰⁸

³⁰⁵ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

³⁰⁶ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

³⁰⁷ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

³⁰⁸ ANTT, Correspondência enviada a Luís Teixeira Sampaio e outros documentos: LTS, Cx. 2, mct. 8, n.º 18.

Ainda nesta comunicação epistolar, Carneiro Pacheco manifestou a expectativa de que “o imediato reforço de verba” do Instituto para a Alta Cultura (IAC), já acordado com o Ministro das Finanças, permitiria assegurar a bolsa de investigação até ao final da ano corrente e encaminhar para o Diário do Governo a “investidura de Mons. Castro como bolseiro nos Arquivos do Vaticano”³⁰⁹. De resto, para ocupar o lugar de Conselheiro Eclesiástico, já haviam sido encetadas conversações com o P.^e Pereira dos Reis, que se disponibilizara para ocupar o cargo, interinamente, pelo período de seis meses³¹⁰.

Prosseguindo o plano traçado para a saída de Mons. José de Castro da Embaixada, em 12 de agosto, o MNE remeteu ao Ministério da Educação Nacional, entidade que tutelava o IAC, o parecer que o Embaixador Carneiro Pacheco havia produzido em 4 de junho de 1943, e que contara com a anuência do Ministro dos Negócios Estrangeiros, António de Oliveira Salazar. Neste documento, o diplomata expunha a conveniência de encarregar Mons. José de Castro “de fazer o inventário de documentos dos Arquivos do Vaticano, que interessam à história portuguesa, e bem assim de investigar da existência de outros ainda não conhecidos.”³¹¹ O diplomata argumentou que o nome de Mons. Castro era especialmente recomendado para a assumir tal empresa, pelas suas “demonstradas aptidões de investigador e pelos trabalhos historiográficos realizados nos mesmos arquivos”³¹².

A Direção do IAC analisou a proposta do MNE em reunião realizada no dia 27 de agosto de 1943. Tomando em consideração as informações prestadas por Carneiro Pacheco e a concordância do Ministro dos Negócios Estrangeiros com a proposta, deliberou a atribuição a Mons. José de Castro, “a partir do corrente mês”, de “bolsa mensal fora do País de 4.500\$00 a fim de, sistematicamente organizar o inventário dos documentos dos séculos XV e XVI dos Arquivos do Vaticano que digam respeito a Portugal.”³¹³ Para suportar

³⁰⁹ ANTT, Correspondência enviada LTS [...]: LTS, Cx. 2, mct. 8, n.º 18.

³¹⁰ ANTT, Correspondência enviada LTS [...]: LTS, Cx. 2, mct. 8, n.º 18.

³¹¹ Camões-Instituto da Cooperação e da Língua (C-ICL), Fundo Instituto para a Alta Cultura (IAC), Processo “História dos Descobrimientos Portugueses e Monsenhor José de Castro”: PT/MNE/CICL/IC-1/00187/30, doc. 4.

³¹² C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 4.

³¹³ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 5.

tais despesas, a Direção do IAC sugeriu que o orçamento do Ministério da Educação Nacional fosse reforçado, para o ano em curso, na alínea correspondente às “bolsas fora do país”³¹⁴.

Esta proposta de reforço da dotação orçamental mereceu, no entanto, indeferimento por parte do Ministro das Finanças. Em despacho datado de 15 de outubro de 1943, o Ministro considerou que “não podia o IAC conceder a bolsa em questão a partir de setembro sem ter para tanto dotação”, solicitou informação quanto aos encargos existentes para a alínea referente às bolsas de estudo fora do país, bem como esclarecimentos quanto a atribuição de verbas para despesas de viagem e instalação em Roma de um investigador que já residia na capital italiana³¹⁵.

Tal como o Secretário da Direção do IAC referiu no ofício de esclarecimento remetido ao Chefe da 10^a. Repartição da Direção Geral da Contabilidade Pública, o deferimento da atribuição da bolsa de estudos pela Direção do IAC foi realizado numa altura em que a dotação financeira para este fim já se encontrava totalmente comprometida e, portanto, a efetiva concessão da mesma estaria dependente do reforço da correspondente rubrica orçamental³¹⁶. A atribuição da aludida bolsa de investigação pelo IAC não obteve dotação orçamental no ano de 1943, nem nos quatro anos subsequentes.

Enquanto decorria o descrito processo de análise para a atribuição da bolsa de investigação nos Arquivos do Vaticano, Mons. José de Castro permaneceu em Bragança sob atestado médico, com a convicção de que havia sido perpetrado um plano para o afastar da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé e do cargo de Conselheiro Eclesiástico que ocupava desde 1930. O seu amigo e diplomata, Miguel de Almeida Pile, procurou contrariar a desconfiança de que o próprio Presidente do Conselho tinha tal propósito, como Mons. Castro expressara ao afirmar “o Dr. S. quis liquidar-me”. Argumentou Almeida Pile, em carta datada de 3 de agosto de 1943:

³¹⁴ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 5.

³¹⁵ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 6.

³¹⁶ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 7.

“Se o tivesse querido ou quisesse, tinha-o feito. [...] sabendo-se como o Monsenhor sabe que o S. não deixa nunca de fazer o que entende, que não quis nem quer liquidá-lo. [...] porque, uma de três, ou realmente o dr. S. queria tirar o Monsenhor daí, ou o dr. S. estava disposto a ceder a desejos estranhos, ou o dr. S., sem intenção de fazer, tenha deixado entender que concordava (sim para que me deixes) e só restava aos de baixo fazer como ele – aceder – para deixar passar o furacão.”³¹⁷

Perante o quarto pedido de licença por motivo de doença apresentado em 13 de dezembro de 1943, o Secretário-Geral do MNE remeteu uma carta a Mons. José de Castro, na qual afirmou a conveniência de pôr cobro ao impasse gerado pelos sucessivos pedidos de licença. Luís Teixeira de Sampaio, após ter abordado o assunto com o Presidente do Conselho, expôs a posição do MNE:

“Sem falar da causa do assumido, o que ficara entendido pelo Sr. Embaixador no Vaticano e pelo Sr. Presidente do Conselho, era que V Ex.^a apresentaria o seu pedido de demissão de Conselheiro Eclesiástico da Embaixada. A competência, atividade e zelo de V Ex.^a teriam aproveitado de outra forma em comissão condigna do Ministério da Educação.

Passaram-se meses e o requerimento de V Ex.^a mostra que estará no seu espírito prolongar a situação, o que não é aconselhável.

É isto que me cumpre dizer a V Ex.^a pedindo-lhe a sua resposta que espero nos poupará qualquer outro rumo penoso para os seus amigos e sem vantagem moral ou material para V Ex.^a”³¹⁸

Perante esta tomada de posição e a declaração da anuência do Presidente do Conselho com a mesma, Mons. José de Castro respondeu no dia seguinte ao Secretário Geral do MNE, através de uma carta “elegante que nem discute nem se refere ao golpe”, como observará, mais tarde, o diplomata Miguel de Almeida Pile³¹⁹.

³¹⁷ ADBG, FJAC: Cx.2, pt. 6, mç. 8, doc. 12.

³¹⁸ ADBG, FJAC: Cx.2, pt. 5, mç. 15, doc. 7.

³¹⁹ ADBG, FJAC: Cx.2, pt. 6, mç. 8, doc. 17.

Nessa missiva, depois de abordar alguns aspetos relativos à publicação da obra *Cardeal Nacional* e do primeiro volume de *Portugal no Concílio de Trento*, o sacerdote apresentou a sua demissão do cargo de Conselheiro Eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé:

“Com esta [carta] vão dois requerimentos: um pedido de demissão e outro pedindo os cobres da passagem e da bagagem. (1)

Não sei mais o que queria dizer. Sei apenas que estou fatigadíssimo e sem cabeça para mais. Mas se a cabeça e os nervos estão mal, este pobre coração está sempre pronto para mandar cumprimentos afetuosos a V. Ex.^a

(1) Estava à espera que se manifestasse o desejo do Senhor Doutor Salazar.”³²⁰

O requerimento de pedido de demissão apresentado por Mons. José de Castro, datado de 29 de dezembro de 1943, foi deferido em 4 de janeiro de 1944. Dez dias depois, foi confirmado por António de Oliveira Salazar³²¹.

Consumado o abandono do cargo de Conselheiro Eclesiástico, Mons. Castro remeteu-se ao silêncio sobre este episódio e iniciou um período de “exílio” na sua cidade natal, que se estendeu por cinco anos incompletos. O investigador viu-se a braços com um volumoso manancial de documentação recolhido nos arquivos de Roma, mas sem capacidade financeira para os fazer publicar. Ao constrangimento financeiro somava-se a tristeza por se sentir vítima de uma intriga contra o seu nome.

Algum conforto chegou a Mons. José de Castro através da Secretaria de Estado da Santa Sé. Em 19 de março de 1945, por ocasião da festa de São José, o Secretário de Estado, Cardeal Montini, assinou um telegrama no qual em nome dos amigos da Secretaria de Estado e em nome pessoal, enviou a Mons. José de Castro saudações:

³²⁰ ADBG, FJAC: Cx. 2, pt. 5, mç. 15, doc. 9. [cópia da carta remetida ao Secretário-Geral do MNE, manuscrita por Mons. José de Castro].

³²¹ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

“Occasion fete Saint Joseph amis Secretairerie Etat et moimeme vous adressons voeux assurance ce souvenir devant Dieu = Montini =”³²²

Em 21 de março, Mons. Castro remeteu o telegrama recebido ao Cardeal Patriarca de Lisboa, como evidência da falsidade dos argumentos que haviam sido invocados no processo que conduziu ao seu afastamento da Embaixada. Afirmou:

“Disseram-me em Lisboa que o maior capítulo de acusação contra mim foi ter escandalizado publicamente a Secretaria de Estado. Apesar do meu silêncio cá e lá, recebo anteontem este telegrama de Roma que muito me comoveu por vir de onde vem e nesta ocasião de tantas preocupações.”³²³

Amigos de Mons. José de Castro procuraram uma solução para a situação confrangedora a que o sacerdote se vira votado, sem qualquer colocação profissional. No início de 1945, o Cardeal Patriarca auscultou o seu interesse em assumir uma paróquia no Patriarcado de Lisboa: “Agradar-lhe ia ser nomeado pároco de S. Nicolau?”³²⁴ Esta possibilidade entusiasmou alguns dos que mais proximamente acompanhavam Mons. Castro e procuraram convencê-lo da bondade da proposta. Assim sucedeu com o diplomata Miguel de Almeida Pile:

“Estive ontem em casa do Dr. Cristiano de Sousa que me disse ter-lhe telefonado Monsenhor Carneiro de Mesquita a insistir pela aceitação de S. Nicolau. [...]”

Nestas condições entende o Dr. Cristiano de Sousa e a mim também se me afigura, que o Monsenhor devia aceitar pois a ser verdade o que afirma Monsenhor Carneiro de Mesquita, a paróquia dá o suficiente para viver mesmo, ou tanto mais, trazendo a sua irmã consigo. [...] Lisboa dá-lhe todas as possibilidades, tanto a de viver tão sossegado e distante como aí, como a de readquirir em grande lugar o sol.”³²⁵

³²² AHPL, FCC: [...] 113.

³²³ AHPL, FCC: [...] 113.

³²⁴ ADBGC, FJAC: Cx.1, pt.1, mç. 6, doc. 13.

³²⁵ ADBGC, FJAC: Cx.2, pt.6, mç. 8, doc. 20.

A oferta não conheceu, porém, concretização. Mons. José de Castro terá declinado a oferta patriarcal e preparava-se para regressar ao Brasil. D. Gonçalves Cerejeira procurou demovê-lo desse intento:

“O Cardial Patriarca recebeu a carta do Monsenhor sobre o oferecimento da freguesia de S. Nicolau de Lx.^a e só tem q[eu] aceitar a sua decisão; agora quem lhe escreve é o amigo p[ara] lhe dizer q[eu] acha a sua resolução de se embarcar p[ara] o Rio pouco sensata. Note q[eu] já não é rapaz p[ara] longas expatciações e trabalhos e q[eu] o saudoso e amigo Card. Leme já não é deste mundo...”³²⁶

Para regozijo do Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Rosalvo da Costa Rego, o Ministério do Exterior do Brasil, por intercessão do seu embaixador junto da Santa Sé, Helibrando Accioli, atribuíra a Mons. José de Castro uma comissão para escrever a História Eclesiástica do Brasil. Para este efeito, a Sagrada Congregação Consistorial concedeu-lhe licença para permanecer na Arquidiocese do Rio de Janeiro por tempo alargado, sem necessidade de requerer incardinação³²⁷.

Entretanto, de Roma havia chegado algum auxílio para Mons. José de Castro. O amigo Mons. Joaquim Carreira, reitor do Colégio Português em Roma, manteve contacto epistolar regular com o sacerdote brigantino, inclusive em períodos de grande dificuldade infligida pela guerra. Nas suas missivas, além de relatos sobre as dificuldades vividas na capital italiana, Mons. Carreira manifestava inquietação com a situação pessoal do amigo que fora afastado de Roma e expressava o desejo do seu regresso. A Mons. José de Castro dispensava palavras de alento, com a expectativa de que através da ação do diplomata Miguel de Almeida Pile e do Conde de Tovar, Mons. Castro pudesse retomar atividade em Roma³²⁸. Em outubro e dezembro de 1946 Mons. Joaquim Carreira prestou auxílio

³²⁶ ADBG, FJAC: Cx.1, pt.1, mç. 6, doc. 14.

³²⁷ ADBG, FJAC: Cx.1, pt.3, mç. 16, doc. 16.

³²⁸ ADBG, FJAC: Cx.1, pt.4, mç. 3, doc. 6.

financeiro a Mons. Castro, enviando-lhe intenções de Missa para celebrar e, assim, beneficiar do correspondente estipêndio³²⁹.

Através de missiva datada de 26 de abril de 1947, o Cardeal Patriarca de Lisboa procurou saber as condições que Mons. José de Castro requeria para regressar a Roma, pois na eventualidade de “a oportunidade se oferecer”, gostaria de poder ser útil na concretização do intento³³⁰. Para além do oferecimento dos seus bons ofícios, D. Gonçalves Cerejeira manifestou o constrangimento que lhe causava a ideia de que Mons. Castro perdesse o benefício de ter servido o país “tantos anos, e tão generosa e notavelmente”³³¹.

Pareciam intensificar-se as movimentações para que o sacerdote brigantino regressasse à capital italiana, ao serviço do Estado português. Em 5 de maio de 1947, o Diretor-Geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna, por indicação do Ministro dos Negócios Estrangeiros, informou o Secretário do IAC que tivera lugar no Capitólio, em Roma, uma sessão solene da Academia Latina, “destinada a comemorar o 27º. Centenário da fundação da mesma cidade e a atribuir os Louros do Palatino a Monsenhor José de Castro.”³³² Neste ofício, foram sintetizadas as incidências da sessão, nos seguintes termos:

“Assistiram à sessão, além de representantes do Governo italiano e do município de Roma, grande número de diplomatas acreditados tanto no Vaticano como em Roma. Falaram vários oradores que enalteceram a obra de Monsenhor Castro e fizeram referências extremamente elogiosas a Portugal.”³³³

Tratou-se de uma homenagem promovida pelo antigo Embaixador do Brasil junto da Santa Sé, Carlos Magalhães de Azeredo³³⁴ e representou um momento de desagravo a Mons. José de Castro. Pela repercussão que esta homenagem alcançou, o Reitor do Colégio

³²⁹ ADBG, FJAC: Cx.1, pt.4, mç. 3, doc. 9.

³³⁰ ADBG, FJAC: Cx.1, pt.1, mç. 6, doc. 7.

³³¹ ADBG, FJAC: Cx. 1, pt.1, mç. 6, doc. 7.

³³² C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 30.

³³³ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 30.

³³⁴ Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963), jornalista, diplomata, poeta, ensaísta, foi Ministro Plenipotenciário do Brasil junto da Santa Sé (1914-1919) e embaixador na mesma (1919-1934).

Português em Roma considerou-a uma “ótima resposta, bem merecida lição aos que em 1943 daqui afastaram Mons. José de Castro!”³³⁵

Um ano volvido sobre esta celebração, o Secretário da Direção do IAC estabeleceu contacto com Mons. José de Castro, indagando-o quanto ao seu interesse em regressar a Roma para trabalhos de investigação nos arquivos, nos exatos termos propostos em 1943 e que o Ministério das Finanças travara ao não autorizar o necessário reforço de verbas na rubrica das bolsas de estudo no estrangeiro. O convite foi declinado pelo sacerdote, suportado na seguinte alegação:

“no momento atual, estou já comprometido com o governo do Brasil para, dentro de alguns dias, iniciar pesquisas nos mesmos arquivos de molde a escrever-lhe a História Eclesiástica. De sorte que já não estou em condições de aceitar o honroso e difícil encargo que agora o Instituto para Alta Cultura estava disposto a confiar-me.”³³⁶

Mons. José de Castro voltou para Roma, em 1948, ao serviço do Governo brasileiro. Em carta remetida a António de Oliveira Salazar, em 14 de fevereiro de 1951, referiu-se ao trabalho que o vinha ocupando há três anos, referente à história eclesiástica do Brasil. Encontrando-se “as pesquisas vaticanas” numa fase derradeira e entrevendo o fim da sua missão, sentenciou: “Foi o Brasil que me trouxe a Roma, e há-de ser ele que me há-de tirar daqui. Está nisto comprometida a minha palavra.”³³⁷

Mas a presença de Mons. José de Castro em Roma não se deveu, unicamente, ao compromisso que estabelecera com o Brasil. No regresso à cidade eterna, o antigo Conselheiro Eclesiástico empreendeu a sua derradeira missão ao serviço do Estado português. Em 1 de outubro de 1948, foi empossado, interinamente, como Administrador do Instituto Português de Santo António em Roma (IPSAR), uma nomeação que se tornou definitiva em 1 de janeiro do ano seguinte [Portaria n.º 2563 do Ministro das Finanças,

³³⁵ ADBG, FJAC: Cx. 1, pt.4, mç. 3, doc. 12.

³³⁶ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 33.

³³⁷ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 259-260.

1949], em acumulação com o cargo de Reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses³³⁸.

Ao serviço do Instituto, o sacerdote distinguiu-se no trabalho de recuperação e rentabilização dos imóveis pertencentes à instituição, a que se seguiram obras de consolidação e arranjo da biblioteca e do escritório da reitoria³³⁹.

Na igreja nacional de Santo António promoveu, de igual modo, um conjunto de reparações, quer no edifício, quer no acervo móvel e, a par da reabilitação temporal, aspirou ao progresso espiritual do “lar das almas portuguesas”, em Roma³⁴⁰. Para o efeito, além das missas diárias, várias celebrações litúrgicas assinalaram festividades como a Imaculada Conceição ou o patrono Santo António e efemérides várias, entre as quais se destacou as exéquias solenes pela alma do Presidente da República, Óscar Carmona³⁴¹.

Acometido de doença, Mons. José de Castro apresentou o pedido de exoneração de Diretor do IPSAR e de Reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses, em 31 de março de 1952. No requerimento dirigido ao Diretor Geral da Fazenda Pública, justificou o seu pedido com o fim do interesse nas pesquisas nos arquivos romanos e com o cansaço que sentia³⁴², ao qual não seria alheio o desgaste infligido pelas peias burocráticas implicadas em orçamentações e autorizações de despesa pelo Tribunal de Contas.

Respeitando o pedido do sacerdote, através de portaria datada de 13 de maio de 1952, foi confirmada a exoneração dos cargos que ocupava, e na qual o Ministro das Finanças, Águedo de Oliveira³⁴³, fez constar o “público testemunho de apreço e louvor pela grande inteligência e elevado zelo com que desempenhou aquelas funções.”³⁴⁴ O último

³³⁸ Francisco de Almeida Dias, “Monsenhor José de Castro – A História de Portugal em Roma”. [...], p. 63.

³³⁹ *Ibidem*, p. 64.

³⁴⁰ *Ibidem*, pp. 65-66.

³⁴¹ *Ibidem*, pp. 66-67.

³⁴² Aditamento à publicação Raul Teixeira, *Monsenhor José de Castro: Subsídios para a biografia dum ilustre Bragantino*. Bragança. Gráfica Transmontana, Lda., 1950, p. 56.

³⁴³ Artur Águedo de Oliveira (1894-1978), natural de Moncorvo, distrito de Bragança, doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra. Membro da União Nacional, exerceu vários mandatos como deputado na Assembleia Nacional. Notabilizou-se no exercício de diversos cargos públicos. Foi Ministro das Finanças entre 1950 e 1955.

³⁴⁴ Aditamento à publicação Raul Teixeira, *Monsenhor José de Castro: Subsídios para a biografia dum ilustre Bragantino*.

relatório do exercício de Mons. Castro foi datado de 12 de julho de 1952, cessando a sua administração três dias depois e, com ela, a presença em Roma.

CAPÍTULO IV – A OBRA BIBLIOGRÁFICA DE MONS. JOSÉ DE CASTRO

1. Crónicas na imprensa

1.1. Atividade publicista no Brasil

A atividade publicista do P.^e José de Castro no Brasil manteve-se envolta em desconhecimento, quer quanto ao seu âmbito, quer quanto à sua magnitude.

No número comemorativo da revista de cultura *Brigantia* [1986], dedicada ao centenário do nascimento de Mons. José de Castro, o Cón. Lúcio Veleda, pároco de São João Batista da Lagoa no Rio de Janeiro, deu nota do rastreamento das “andanças” e dos trabalhos de Mons. José de Castro³⁴⁵. Relativamente à atividade publicista, deu nota de catorze crónicas publicadas pelo semanário da paróquia, o jornal *A Cruz*. Porém, pelos testemunhos disponíveis, era claro que a sua ação como cronista havia sido mais vasta.

A disponibilização *online* pela Biblioteca Nacional Digital do Brasil – Hemeroteca Digital³⁴⁶, de séries editoriais de três títulos com os quais o sacerdote português colaborou, abriu-nos o acesso ao corpus de crónicas aí publicadas.

Através do levantamento sistemático e da análise dos textos éditos nos periódicos *A Cruz*, *Jornal do Brasil* e *Correio Paulistano*, pudemos aclarar o conhecimento sobre o pensamento do sacerdote, fundamental para compreender a sua ação pastoral, político-diplomática e historiográfica.

Relativamente ao semanário *A Cruz*, a série disponível na Hemeroteca Digital do Brasil encontra-se incompleta. Não obstante, nos anos 1925 e 1928 a 1932, foi possível identificar 39 crónicas. No diário carioca *Jornal do Brasil*, identificámos 328 crónicas publicadas ao longo do primeiro período de colaboração [1925 a 1934] e 15 crónicas por ocasião da celebração do Ano Santo [1950-1951]. Reporta a este evento jubilar de 1950, a publicação de um conjunto de 70 crónicas no *Correio Paulistano*.

Diversas quanto aos objetivos, temas e destinatários, as crónicas de Mons. José de Castro nos jornais brasileiros revelam um cronista de grande fôlego, cuja notoriedade se estendeu muito além do tempo em que viveu em terras de Vera Cruz.

³⁴⁵ Lúcio Veleda, Cónego, “Mons. José de Castro no Rio de Janeiro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 467.

³⁴⁶ Vide <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

O ano de 1924 marcou o reencontro do P.^e José de Castro com as lides da imprensa que tão ativamente havia abraçado antes da ordenação presbiteral, recebida em 1908. Depois de onze anos ao serviço da Diocese de São Carlos, no Estado de São Paulo, o sacerdote português rumou à Arquidiocese do Rio de Janeiro, na qual obteve, em abril de 1924, licença de uso de ordens³⁴⁷. O seu destino foi São João Batista da Lagoa, paróquia urbana que dispunha, desde setembro de 1919, de um periódico oficial, o jornal *A Cruz*. O seu fundador, Cón. André Arcoverde, pretendeu, através do quinzenário, “pregar a caridade por todos os recantos da paróquia”, na expectativa de mobilizar mais donativos para a sua concretização³⁴⁸. Quando o P.^e José de Castro chegou a de São João Batista da Lagoa e à redação de *A Cruz*, o periódico encontrava-se numa fase de renovação pela mão do Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme³⁴⁹. No dia 1 de janeiro de 1925, o agora semanário anunciou, na primeira página, ter inaugurado uma nova fase editorial³⁵⁰. A sua área de ação deixou de se confinar aos limites da paróquia para se estender a toda a Arquidiocese, sob os auspícios da Confederação Católica do Rio de Janeiro. Orientado por esta entidade e subordinado politicamente ao seu programa, o periódico afirmava manter exclusivamente o carácter de ação católica³⁵¹. Não obstante declarar-se apolítico e apartidário, o semanário propunha-se lutar sempre que a política tentasse imiscuir-se em questões de ordem moral e religiosa, com desdém pelas tradições, credo e fé católica³⁵².

Esta renovação editorial entroncava no ideário do projeto liderado por D. Sebastião Leme, Arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro (1921-1930), que visava reforçar a presença da Igreja na sociedade. A ação foi desenvolvida ao longo do que poderá ser

³⁴⁷ “Câmara Eclesiástica - Expediente”. *Jornal do Brasil* (16 abr. 1924), p. 14, col. 8.

³⁴⁸ “Aos meus paroquianos”. *A Cruz* (21 set. 1919), p. 1, col. 1-2.

³⁴⁹ D. Sebastião Leme de Silveira Cintra (1882-1942), Arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro (1921-1930), assumiu a cadeira da Sé metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro em 18 de abril de 1930. Em 2 de julho do mesmo ano foi elevado à condição de Cardeal pelo Papa Pio XI.

³⁵⁰ “A nova fase d’ ‘A Cruz’”. *A Cruz* (1 jan. 1925), p. 1, col. 1.

³⁵¹ *Ibidem*, col. 1-2.

³⁵² *Ibidem*, col. 2.

designado “período de Restauração Católica”³⁵³, durante o qual os seus mentores pretendiam fazer regressar o Brasil “aos caminhos da fé católica e da ordem”³⁵⁴.

Duas semanas volvidas sobre o anúncio da nova vida do semanário *A Cruz*, o novo colaborador, P.^e José de Castro, assinou um artigo de opinião versado sobre a lei de imprensa e a contestação à limitação de liberdade que a dita lei comportava³⁵⁵. Com o título “Para todos? Sim, Para tudo? Não.”, o sacerdote deu início a um período de presença assídua nas colunas do jornal, nas quais pôde retomar alguns dos temas caros ao ideário político que abraçara na juventude e pelo qual lutou nas páginas da imprensa católica portuguesa.

Nos seus textos (re)encontramos o ideário anti bolchevista, plasmado nas advertências para os perigos da má imprensa e da liberdade não regulada, na denúncia de crimes perpetrados por anarquistas e partidários do comunismo, na defesa dos ideais integralistas que conquistavam terreno na Europa, no apelo à mobilização na afirmação e defesa da fé católica. Também a exortação do amor à Pátria e à Igreja será recorrente. *Pátria e Igreja* eram tomadas como um binómio, duas dimensões mutuamente implicadas e o garante do progresso e do bem-estar das nações.

A realização da peregrinação brasileira a Roma por ocasião do Ano Santo de 1925 abriu um novo caminho no trajeto publicista do P.^e José de Castro. O sacerdote integrou o primeiro grupo de peregrinos que no dia 7 de maio partiu do Rio de Janeiro rumo a Roma, com passagem por várias capitais e outras localidades europeias. Nesta viagem cumpria uma dupla missão – a de peregrino e a de cronista ao serviço do diário generalista *Jornal do Brasil*. Por ocasião da partida dos peregrinos brasileiros para Roma, *A Cruz* deu nota da missão que o seu colaborador assumira neste evento, aproveitando o ensejo para elogiar a “eficiência real” do trabalho que o P.^e Castro vinha desenvolvendo no jornal, ao aliar “ao seu formoso talento e à sua rara capacidade de

³⁵³ Riolando Azzi, “O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930”, *In Revista Síntese*, v. 4, n. 10, 1977, p. 63.

³⁵⁴ Maria das Graças Ataíde Almeida, “A República cristã: fé, ordem e progresso”. *A República no Brasil e em Portugal 1889/1910*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 272. *In* <http://hdl.handle.net/10316.2/39047> [2-Jul-2019 12:03:38].

³⁵⁵ Padre J. de Castro, “Para todos? Sim, para tudo? Não.”. *A Cruz* (11 jan. 1925), p. 2, col. 1-2.

trabalho [...], uma grande dedicação desinteressada à causa católica da boa imprensa.”³⁵⁶

Entre maio e setembro de 1925, *A Cruz* e o *Jornal do Brasil* deram à estampa crônicas que o sacerdote fez chegar ao Brasil ao longo da peregrinação, abrindo aos leitores uma janela sobre as incidências da viagem pastoral e cultural. Redigidos sob a forma epistolar, os textos obtiveram uma notoriedade tal que mereceram publicação em livro. Em novembro, foi publicado *A Roma e à Terra Santa*, um compacto volume com quinhentas páginas que reuniu as crônicas de viagem, acompanhadas de uma grande reportagem fotográfica da peregrinação³⁵⁷.

À semelhança do que sucedera com as crônicas publicadas na imprensa, também o livro obteve bom acolhimento da parte do público leitor e a crítica reconheceu-lhe qualidades apreciáveis: “um trabalho bem documentado, de leitura ameníssima, copiosas informações e uma beleza literária não muito comum em livros de viagem.”³⁵⁸

O estilo da escrita do sacerdote-cronista obteve rasgados encômios:

“O R. P. José de Castro tem a habilidade de prender o leitor desde as primeiras às últimas páginas com a irresistível sedução do seu estilo leve, correto e gracioso, sem deixar, contudo, de nos dar excelentes páginas de arte, retratos magníficos de paisagens e costumes e leitura religiosa muito apropriada aos tempos.”³⁵⁹

Porventura decorrente do êxito alcançado pela experiência das crônicas de viagem, pouco mais de um mês volvido sobre a publicação de *A Roma e à Terra Santa*, o *Jornal do Brasil* anunciou que o sacerdote passaria a “colaborar assiduamente nesta folha”³⁶⁰. A colaboração teve início no dia 25 de dezembro de 1925, com a publicação da crônica natalícia “A Luz de Belém”³⁶¹. Contando com o contributo assíduo da pena do P.^e José de Castro, o diário carioca continuou a dar nota, com entoação de regozijo,

³⁵⁶ “Padre José de Castro”. *A Cruz* (17 maio 1925), p. 1, col. 5.

³⁵⁷ “‘A Roma e à Terra Santa’ (Um livro oportuno)”, *A Cruz* (15 nov. 1925), p. 1, col.1-3.

³⁵⁸ “A Roma e à Terra Santa”, *Jornal do Brasil* (17 dez. 1925), p. 8, col. 8.

³⁵⁹ *Ibidem*, col. 9

³⁶⁰ “O Rev. Padre José de Castro que os leitores do *Jornal do Brasil* tão bem conhecem [...]”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1925), p. 5, col. 6.

³⁶¹ P. J de Castro, “A luz de Belém”. *Jornal do Brasil* (25 dez. 1925), p. 5, col. 7-8.

do “grande movimento de simpatia” operado em torno do livro das crónicas de viagem³⁶².

No ano de 1926, o interesse publicista do sacerdote português centrou-se, quase integralmente, na figura de São Francisco de Assis. Na coluna semanal de que dispunha no *Jornal do Brasil*, foi traçando o perfil de santidade do *poverello* e abordado o seu legado para a história da Igreja e para a cultura cristã. A devoção do sacerdote pelo santo de Assis era antiga. Em 1909, o Bispo de Bragança nomeou-o Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira daquela cidade, múnus que interrompeu por ocasião das perseguições políticas movidas pela primeira República. A hagiografia do Santo de Assis ultrapassou as colunas do *Jornal do Brasil*. No ano em que se assinalavam os setecentos anos sobre a morte de São Francisco, o P.^e José de Castro publicou o livro *São Francisco de Assis*, obtendo, à semelhança do livro precedente, grande reconhecimento público. De entre as manifestações laudatórias dedicadas à monografia franciscana, destacou-se a carta recebida da Santa Sé, na qual o Secretario de Estado de Pio XI, Cardeal Pedro Gasparri, felicitava o autor pela obra³⁶³. Esgotados os seis mil exemplares da primeira edição, em outubro de 1926 foi publicada uma segunda edição³⁶⁴.

A incursão franciscana do P.^e José de Castro conheceu um novo capítulo. Em 11 de março de 1927, repetindo a fórmula bem sucedida das crónicas de viagem, o sacerdote partiu em nova digressão rumo a Itália, sul de Espanha e Portugal, durante a qual fez chegar ao *Jornal do Brasil* “correspondências epistolares”, com as impressões recolhidas nos diversos locais visitados³⁶⁵. Pese esta viagem ter assumido um âmbito mais lato, nela foram seguidos os passos de São Francisco de Assis, através da visita a locais marcantes da vida do Santo e da obra franciscana. A partir destas crónicas, o publicista compôs um novo livro constituído por quinhentas e quinze páginas e enriquecido com cento e cinquenta gravuras, que intitulou *Terras de S. Francisco (Crónicas de viagem)*³⁶⁶. À semelhança do que sucedera com as duas monografias precedentes, tratou-se de um

³⁶² Cf. “A Roma e a Terra Santa”, *Jornal do Brasil* (13 jan. 1926), p. 11, col. 5.

³⁶³ “Sua Santidade Pio XI e o livro ‘São Francisco de Assis’”. *Jornal do Brasil* (26 ago. 1926), p. 8, col. 2.

³⁶⁴ “Livros novos: São Francisco de Assis, pelo Padre José de Castro, Rio, 1926, 2.^a edição”. *O Imparcial* (31 out. 1926), p. 2, col. 7.

³⁶⁵ “Hóspedes e viajantes: Padre José de Castro”, *Jornal do Brasil* (11 mar. 1927), p. 10, col. 4.

³⁶⁶ “Novidade Literária: Terras de S. Francisco – Crónicas de viagem”, *Jornal do Brasil* (22 jan. 1928), p. 6, col. 2

trabalho bem acolhido pelo público e pela crítica. No *Jornal do Brasil*, mereceu elogio a “linguagem moderna, leve, viva e graciosa” utilizada pelo autor, a par da singularidade da obra, dado não existir outra, escrita em língua portuguesa, que se debruçasse sobre os lugares marcantes da vida do “santo patriarca das Ordens Franciscanas.”³⁶⁷

Em 1928, as crónicas do P.^e José de Castro no *Jornal do Brasil* assumiram maior diversidade temática. A pena do colunista percorreu, entre outros assuntos, sobre múltiplas obras caritativas da Igreja no Brasil, demonstrando a sua implantação na sociedade e a relevância do trabalho que desenvolviam.

Tomaram maior expressão os artigos com pendor político. Foi retomada a denúncia das perseguições movidas à Igreja por movimentos bolchevistas, questão que já o havia ocupado no ano de 1927, no quadro da violenta política anticlerical liderada pelo presidente do México, o ditador Plutarco Calles.

No segundo semestre do ano, a situação política portuguesa ganhou espaço nas crónicas do P.^e José de Castro. A eleição de Óscar Carmona para o cargo de Presidente da República e a integração de António de Oliveira Salazar na pasta das Finanças, suscitou no sacerdote a esperança de um novo rumo político para o seu país natal, que rompesse com a realidade jacobina e anticlerical imposta pelos sucessivos governos republicanos. O entusiasmo pela nova ordem que a Ditadura Nacional vinha estruturando foi expressado nas colunas do *Jornal do Brasil*, em artigos com títulos elucidativos quanto ao seu teor, nomeadamente: “Portugal que renasce” (7 jul.), “A situação Portuguesa” (8 set.), “Finanças Portuguesas” (31 out.), “Nacionalismo Português” (12 dez.). Através dos seus textos, a propaganda da Ditadura em Portugal chegava ao Brasil, particularmente à comunidade portuguesa aqui residente.

Ao longo de 1929, a atividade cronista do sacerdote intensificou a toada política. Em março, o P.^e José de Castro partiu para Roma ao serviço do diário carioca com o fito de realizar a cobertura jornalística da assinatura dos Acordos de Latrão e das exposições mundiais de Barcelona e Sevilha. Ao longo dos cerca de cinco meses da expedição europeia, o sacerdote fez chegar numerosas crónicas ao *Jornal do Brasil*, nas quais deu

³⁶⁷ *Ibidem*.

nota entusiasmada das novas realidades políticas, nacionalistas e totalitárias, que se configuravam em Itália, Espanha e Portugal.

O regresso ao Rio de Janeiro, realizado em inícios de agosto, foi fugaz. Em 18 de setembro, o sacerdote rumou a Lisboa deixando, definitivamente, as terras de Vera Cruz³⁶⁸. Tal não significou, porém, o fim das suas crónicas no *Jornal do Brasil*. Doravante, estas assumiram, de um modo constante, uma configuração epistolar. Entre 6 de novembro e 6 de dezembro foi publicado um conjunto de cartas de viagem, redigidas a bordo do navio *Groix*. A este seguiu-se o conjunto *Cartas de Portugal*, no qual foi retomada a questão da nova conjuntura política que se desenhava no país. Estas cessaram em junho de 1930, por ocasião do início das funções de conselheiro eclesiástico na Legação de Portugal junto da Santa Sé, dando lugar às *Cartas de Roma*, que perduraram de julho de 1930 a outubro de 1934. Neste conjunto de crónicas epistolares, foram temáticas frequentes assuntos pontifícios e aspetos sociais e culturais da cidade romana.

A colaboração ativa de Mons. José de Castro com o *Jornal do Brasil* conheceu um longo interregno. Em outubro de 1934, perante o afrouxamento da propaganda do Estado Novo no diário carioca por parte dos habituais interventores na rubrica “Atualidades Portuguesas”, o sacerdote demonstrou a sua disponibilidade ao Presidente do Conselho para assumir esta coluna, tal como lhe fora proposto pelo diretor do *Jornal do Brasil*³⁶⁹. Esta possibilidade não obteve, porém, concretização e, entretanto, a publicação das *Cartas de Roma* também cessou.

Dezasseis anos volvidos sobre a publicação da última *carta de Roma*, Mons. José de Castro regressou às colunas do *Jornal do Brasil*. Por ocasião da celebração do Ano Santo de 1950, o sacerdote assinou um novo conjunto de *Cartas de Roma*, versando sobre o acontecimento jubilar e as múltiplas iniciativas pastorais e culturais a ele associadas, levadas a cabo na capital italiana. Também o periódico de São Paulo, *Correio Paulistano*, acolheu as crónicas jubilares do sacerdote. Entre janeiro de 1950 e janeiro

³⁶⁸ “Vida social”. “Padre José de Castro”. *A Cruz* (15 set. 1929), p. 2, col. 5.

³⁶⁹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 134-135.

de 1951, as suas *Cartas da Itália* foram assíduas nas colunas do jornal paulistano, totalizando 70 publicações.

A reaparição de Mons. José de Castro nas páginas dos dois periódicos brasileiros poderá estar relacionada com o trabalho de investigação que desde 1948 vinha realizando nos arquivos romanos, ao serviço do Estado brasileiro, “de molde a escrever-lhe a História Eclesiástica”³⁷⁰. Em 1951, tendo concluído tal empresa, deslocou-se ao Brasil, onde permaneceu durante pouco mais de dois meses e realizou várias conferências no âmbito desta temática.

Em carta endereçada ao amigo Raul Teixeira, o sacerdote deu conta das solicitações que recebeu do Brasil, logo que o *Correio Paulistano* noticiou a sua ida³⁷¹. Chegado a São Paulo em finais de Agosto, daí Mons. Castro deslocou-se, ao longo de três meses, a várias cidades do país, ultrapassando as expectativas iniciais de realizar “um sermão e quatro conferências”³⁷². Assim, em 29 de agosto, teve lugar no auditório do Museu de Arte de São Paulo uma conferência subordinada ao tema “Relíquias do Passado”, sob os auspícios do Consulado Português sediado naquela cidade brasileira³⁷³. No dia seguinte, em Santos, teve lugar nova conferência intitulada “O milagre do Brasil”, que mereceu publicação integral em dois números do *Correio Paulistano*³⁷⁴. Em setembro, realizou uma conferência no Recife e no Liceu Literário Português do Rio de Janeiro. Esta última, sob o título “O Milagre do Brasil – filho predileto de Portugal e muito amado de Roma”³⁷⁵, foi novamente apresentada no Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto³⁷⁶.

Mons. José de Castro deixou o Brasil em finais de outubro com a expectativa de que as quatro conferências que proferiu viessem a ser publicadas, como referiu em carta enviada a Raul Teixeira: “A minha conferência (a última) no Rio fez sensação e será

³⁷⁰ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 259-260.

³⁷¹ MAB, FRT: Cx. 4(2)/mç. 2. [Documentação em organização].

³⁷² MAB, FRT: Cx. 4(2)/mç. 2. [Documentação em organização].

³⁷³ “Relíquias do Passado”. *Correio Paulistano* (29 ago. 1951), p. 11, col. 3.

³⁷⁴ “O milagre do Brasil (Conferência pronunciada ontem à noite, em Santos)”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-8; “O milagre do Brasil [conclusão]. *Correio Paulistano* (1 set. 1951), p. 4, col. 1-8.

³⁷⁵ *A Voz* (27 set. 1951) In MAB/RT: cx. 4(2) mç 2.

³⁷⁶ “O «milagre do Brasil»”. *A Voz* (2 out. 1951): MAB/RT: Cx. 4(2) mç 2. [Documentação em organização].

publicada assim como a que fiz no Centro Transmontano, e as outras duas que fiz em S. Paulo. Fiz o que pude, mas muito exausto.”³⁷⁷

O acolhimento que Mons. José de Castro obteve no périplo pelo Brasil refletiu uma memória viva da ação pastoral e das relações que estabeleceu naquele país. O nome do sacerdote português perdurou entre brasileiros e na comunidade portuguesa para além dos dezassete anos em que residiu no Brasil. Para tal terá contribuído a sua presença nas colunas de jornais generalistas de grande tiragem, quer no Rio de Janeiro, quer em São Paulo.

1.2. *As Cartas no diário Novidades*

O P.^e José de Castro era um velho conhecido de alguns elementos da redação do *Novidades*, desde os tempos em que colaborou com a imprensa católica na resistência ao regime republicano.

A colaboração regular do com o diário católico português teve início em novembro de 1927. Nesta altura, a reputação de publicista de fôlego de que o P.^e Castro gozava no Brasil, já havia ecoado em Portugal. À notoriedade proporcionada pelas crónicas assíduas nos periódicos *A Cruz* e *Jornal do Brasil*, somava-se a recetividade das obras *A Roma e à Terra Santa* [1925] e *São Francisco de Assis* [1926]. Em janeiro de 1926, nas páginas do *Novidades*, Azevedo Soares deu nota, a partir do Brasil, do êxito alcançado pelo P.^e José de Castro nas lides da imprensa católica de então, que o levaram a ultrapassar as barreiras que a condição de clérigo estrangeiro lhe colocava:

“Aqui está, portanto, um sacerdote que, além de honrar a sua batina, também sabe honrar o nome de Portugal no estrangeiro, e a tal ponto que já não é pequeno o número dos amigos que desejam vê-lo radicar-se definitivamente entre nós.”³⁷⁸

Considerando a reputação do P.^e José de Castro e as suas afinidades com a linha editorial do católico *Novidades*, não surpreende que tenha assumido a rubrica semanal *Cartas do Brasil*. A primeira crónica foi incluída na edição de 21 de novembro de 1927,

³⁷⁷ MAB, FRT: Cx 4(2)/mç. 2. [Documentação em organização].

³⁷⁸ Soares de Azevedo, “Cartas do Brasil: Um Padre e um livro”. *Novidades* (23 jan. 1926), p. 1, col.6-7.

dedicada ao Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme³⁷⁹. A publicação desta série de cartas prolongou até 28 de fevereiro de 1929. Nas crônicas epistolares, o sacerdote discorreu sobre temas vários, nomeadamente sobre a imagem de Portugal no Brasil e as relações entre os dois países. Ao longo dos meses de março e de abril de 1929, passaram a ser publicadas as *Cartas Italianas*, reportadas à experiência da passagem por aquele país no quadro da cobertura da assinatura dos Acordos de Latrão. No seguimento desta viagem à Europa e das visitas realizadas às Feiras Internacionais de Barcelona e de Sevilha, ao longo do mês de maio foram publicadas as *Cartas Espanholas* e quatro crônicas referentes ao *Congresso Mariano de Sevilha*. À semelhança das crônicas dispostas no *Jornal do Brasil* no período da viagem à Europa para a cobertura dos Acordos de Latrão, estas *cartas* apresentaram uma aceção eminentemente política, alinhada com os movimentos nacionalistas totalitários florescentes em Itália, Espanha e Portugal. Após o périplo europeu e cumprida uma breve e derradeira estadia no Rio de Janeiro, teve lugar o retorno definitivo à Europa e com ele o início da rubrica “Às terças e sextas”, publicada no *Novidades* entre 29 de outubro de 1929 e 16 de maio de 1930. Entre os temas diversos tratados nas suas colunas, destacou-se a evocação do sétimo centenário da morte de Santo António e a exaltação desta figura cimeira da Igreja que poderia projetar internacionalmente o nome de Portugal.

Nas edições de 3 e de 16 de julho de 1930, o diário católico publicou as duas derradeiras crônicas do P.^e José de Castro com assinatura em nome próprio, ambas dedicadas à criação de D. Sebastião Leme como cardeal³⁸⁰. A cessação das crônicas assinadas por *P. J. de Castro* não ditou, porém, o fim da atividade publicista do sacerdote neste periódico. Em 2 de julho, a rubrica “Cartas de Roma” passou a ser assinada por *J. de Santa Rita*, pseudónimo que o P.^e José de Castro assumiu em junho de 1930, após tomar posse do cargo de Conselheiro Eclesiástico na Legação de Portugal junto da Santa Sé. O pseudónimo *J. de Santa Rita* provavelmente adveio da circunstância de a família

³⁷⁹ P. J. de Castro, “Cartas do Brasil: Onde se fala do Sr. Dom Sebastião de Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro”. *Novidades* (21 nov. 1927), p. 1, col. 6-7;

³⁸⁰ Cf. P. J. de Castro, “Dom Sebastião Leme: O novo Cardial do Rio de Janeiro”. *Novidades* (3 jul. 1930), p. 1, col. 6-7; P. J. de Castro, “Cartas de Roma: O Cardial do Brasil. Porque me dispense de uma descrição. Vendo centenas de telegramas. Homenagem de Portugal ao Brasil. Homenagens do Brasil a Portugal”. *Novidades* (16 jul. 1930), p. 6, col. 1-2.

do sacerdote ser proprietária de terrenos agrícolas no lugar de Santa Rita, nos arredores da cidade de Bragança, onde existia uma capela dedicada à Santa de Cássia, datada de 1714.

Assim, no que respeita à atividade publicista do P.^e José de Castro no diário *Novidades*, às 145 crónicas que assinou entre novembro de 1927 e julho de 1930, somaram-se 397 *Cartas de Roma* que integraram as colunas do periódico católico entre julho de 1930 e fevereiro de 1935, sob assinatura de *J. de Santa Rita*.

Esta segunda série de crónicas não diferiu substancialmente da que a antecedeu, uma vez que manteve a estrutura e o estilo que caracterizava a escrita do autor. Apresentou, de igual modo, similitudes com algumas crónicas coetâneas, assinadas por *P. J. de Castro no Jornal do Brasil*. Os temas sobre os quais se debruçou foram diversos, abordando desde elementos do património e da cultura de Roma, a assuntos político-diplomáticos relevantes para a Igreja em Portugal. Assim aconteceu, em 1931, com a publicação de um conjunto de *Cartas de Roma* dedicadas a assuntos missionários e as possessões ultramarinas.

Pelo facto de o *Novidades* ser, por excelência, o órgão de comunicação da Igreja católica em Portugal, tornava-o um periódico com elevado potencial de difusão nos meios eclesiásticos, quer na metrópole, quer nos territórios ultramarinos. D. João Evangelista Vidal, Bispo de Vila Real e primeiro superior-geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarina³⁸¹, recorreu aos bons préstimos da “pena inconfundível” de Mons. José de Castro e da sua presença assídua no jornal para tentar criar um ambiente propício à missão desta organização, tal como expôs na carta enviada ao cronista em 29 de agosto de 1931:

“Estou convencido de que as suas cartas de Roma, sobre assuntos missionários, contribuirão mt.º para aquecer o ambiente que se torna preciso preparar e intensificar para que a ação dos Colégios possa produzir todos os frutos que a Igreja e a Pátria dela esperam.”³⁸²

³⁸¹ José Eduardo Franco, “Missionários da Boa Nova”. In Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário de História Religiosa em Portugal* [J-P], pp. 204-205.

³⁸² ADBG, FJAC: Cx. 1, pt. 3, mç. 4, doc. 2.

Assim, o sacerdote, numa ação concertada com o D. João Evangelista Vidal, dedicou mais de trinta *Cartas de Roma* à temática missionária e à ação das missões portuguesas em territórios ultramarinos. A crónica inaugural foi publicada em 8 de agosto de 1931, com a apresentação da primeira parte de uma entrevista ao superior-geral da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas. O impacto das “epístolas romanas” assinadas por *J. de Santa Rita* suscitou grande satisfação em D. João Evangelista Vidal. Dois meses volvidos sobre o início da publicação, o Prelado congratulava-se com o desafio que lançara a Mons. José de Castro, ao convidá-lo “a pôr a sua pena brilhante ao serviço da mais santa das causas – a causa missionária”, considerando que, apesar da “frieza do ambiente”, as cartas “têm feito grande bem”³⁸³.

Através das *Cartas de Roma*, Mons. José de Castro procurou sensibilizar os leitores para outras causas que abraçou de modo igualmente enérgico. Foi o caso da petição para elevação de Santo António a Doutor da Igreja. A par dos contactos epistolares que estabeleceu com múltiplas personalidades eclesíásticas para angariação de subscrições, o sacerdote publicou, em junho de 1932, uma série de crónicas sobre a temática antoniana.

Ao longo dos anos de 1933 e 1934 verificou-se o incremento das *Cartas* com teor político. Mons. José de Castro encetou uma campanha anticomunista reiterada, num momento em que o Estado Novo se implantava em Portugal e cerrava fileiras perante as investidas dos grupos de esquerda operantes em Portugal e em Espanha. A derradeira *carta de Roma*, publicada em 21 dezembro de 1934, debruçou-se, precisamente, sobre as perseguições e atrocidades que a falange comunista ia impondo nos territórios asturianos que conquistava, e cuja expansão ameaçava a sobrevivência do regime de Oliveira Salazar³⁸⁴.

A nomeação de Alberto de Oliveira para o cargo de Ministro Plenipotenciário da Legação de Portugal junto da Santa Sé coincidiu com a cessação das *Cartas de Roma* assinadas por *J. de Santa Rita*. Para o Conselheiro Eclesiástico, a chegada do reputado diplomata àquela representação externa, abria um novo e auspicioso capítulo na ação

³⁸³ ADBGC, FJAC: Cx. 1, pt.3, mç. 4, doc. 5.

³⁸⁴ J. Santa Rita, “Cartas de Roma: Duas semanas de paixão na católica Espanha – Na zona das minas asturianas”. *Novidades* (21 dez. 1934), p. 1, col. 5; p. 3, col. 7.

político-diplomática da Legação, que o dispensava do combate que travava através da imprensa. A partir de 1935, a ação do sacerdote recentrou-se nos corredores diplomáticos e, simultaneamente, tomou os caminhos da investigação historiográfica levada a cabo a partir dos arquivos do Vaticano. Findas as *Cartas de Roma*, a despedida de *J. de Santa Rita* das páginas do *Novidades* teve lugar em fevereiro de 1935, com duas crónicas referentes à apresentação de credenciais do novo Ministro Plenipotenciário e da honrosa audiência privada que o Santo Padre lhe concedeu³⁸⁵.

2. Monografias a partir dos arquivos romanos

2.1. Relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé

A cessação da atividade cronista no *Jornal do Brasil* e no nacional *Novidades* não significou o fim da produção bibliográfica de Mons. José de Castro. A par do exercício diplomático, o Conselheiro Eclesiástico empreendeu um aturado trabalho de investigação no arquivo da Legação Portuguesa junto da Santa Sé e nos arquivos do Vaticano, entre outros. Através das investigações que se prolongaram até 1943, trouxe à luz numerosos documentos desconhecidos ou votados ao esquecimento, relevantes para o conhecimento e para a compreensão de acontecimentos e de personalidades que marcaram a história de Portugal e da Igreja.

Em finais de 1934, Mons. José de Castro deu nota ao amigo Raul Teixeira da conclusão do primeiro trabalho de cariz historiográfico. Tratava-se do texto “Visitas Pontifícias a S. António dos Portugueses”, destinado a integrar um livro de homenagem ao P.^e Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, com organização de Raul Teixeira³⁸⁶. O

³⁸⁵ Cf. J. Santa Rita, “Portugal e a Santa Sé: A apresentação de credenciais do novo Ministro – No pátio de São Dâmaso e pela escada papal; Pelas salas do Palácio Apostólico; O Santo Padre cercado da sua corte; O discurso do sr. dr. Alberto de Oliveira”. *Novidades* (6 fev. 1935), p. 1, col. 1-3; p. 6, col. 1-2; J. Santa Rita, “Portugal e a Santa Sé: O novo Ministro no Vaticano – A carinhosa alocução de Sua Santidade; Audiência privada na sala da Biblioteca; A caminho dos aposentos do Cardinal Pacelli; As orações do ministro na Basílica de S. Pedro”. *Novidades* (7 fev. 1935), p. 1, col. 5-6; p. 2, col. 6.

³⁸⁶ MAB, FRT: Cx. 4(2), mç. 6. [documentação em organização].

estudo compreendia vinte e duas páginas A4, datilografadas, e suportava-se em 107 referências a documentos do arquivo da Legação Portuguesa junto da Santa Sé³⁸⁷. À data, Mons. José de Castro já havia mergulhado no “importante e quase inédito” acervo³⁸⁸, tendo no horizonte novas publicações. Tal expectativa foi transmitida a Raul Teixeira, através de carta datada de 20 de janeiro de 1935: “Tenho aqui tantos trabalhos em perspetiva que tenho de adiar para mais tarde o projeto de publicar uma série de coisas como era meu desejo”³⁸⁹. A expectativa de publicação a partir das aludidas investigações encontrou plena concretização na obra *Portugal em Roma*, trabalho inaugural de uma nova fase da produção bibliográfica de Mons. José de Castro.

Organizada em catorze capítulos ao longo de dois compactos volumes, com mais de 400 páginas cada um, *Portugal em Roma*, debruçou-se sobre a história das relações políticas e diplomáticas de Portugal com Roma, desde o início da nossa nacionalidade; das ações ali realizadas por portugueses; das concessões obtidas por muitos deles; das deferências que para com Portugal teve grande número de Papas; da ação empreendida por vários portugueses enviados a Roma em missões oficiais e de muitos que, como professores, ali se evidenciaram; dos portugueses canonizados; dos pintores, escultores e arquitetos que frequentaram as escolas romanas; dos cardeais, patriarcas e bispos portugueses nomeados, com os dados biográficos dos mais notáveis; dos representantes diplomáticos portugueses; tudo documentado com transcrições de textos e acompanhado da contextualização histórica, política, social e religiosa de Portugal em cada época³⁹⁰.

As grandes celebrações dos centenários da independência nacional – oitavo centenário da fundação da nacionalidade (1140) e terceiro centenário da restauração da independência (1640), a levar a efeito entre 1939 e 1940 – constituíram o elemento propulsor para a publicação de *Portugal em Roma*. Como declarou o autor na nota prefacial, a obra resultara do “desejo de dar aos leitores uma girândola de novidades portuguesas antes de estalarem nos ares os foguetes dos Centenários”³⁹¹.

³⁸⁷ MAB, FRT: Cx. 5, doc. 254.

³⁸⁸ Cf. Alberto d’ Oliveira, “Portugal em Roma”. *A Voz* (11 nov. 1939), p. 1, col. 1.

³⁸⁹ MAB, FRT: Cx. 1, doc.5. [Documentação em organização]

³⁹⁰ Augusto de Castro, “Portugal em Roma”. *Diário de Notícias* (4 dez. 1939), p. 1.

³⁹¹ P.º José de Castro, *Portugal em Roma*. Lisboa: União Gráfica, 1939, vol. I.

Ao longo deste ciclo único de comemorações, o Estado Novo propôs-se evocar as glórias nacionais alcançadas em oito séculos de história e afirmar, interna e externamente, a ação civilizadora de Portugal no mundo³⁹². Entre as múltiplas iniciativas político-sociais e culturais estabelecidas para assinalar a efeméride, figuravam as publicações bibliográficas, sobre as quais recaía grande expectativa:

“Uma vez posta em marcha a ideia das celebrações centenárias, o Governo julga que muitas publicações aparecerão em que particulares e corporações ou institutos científicos de ensino hão de mostrar, sob os mais diversos aspetos e nos mais diversos domínios, a ação de Portugal e dos portugueses nos oito séculos de existência. [...] a atenção convergindo no mesmo plano fundamental de glorificação pátria pode dar lugar a muitas e valiosas criações.”³⁹³

Portugal em Roma foi, pois, consonante com o objetivo de representatividade ideológica e histórica do regime. Com efeito, colocando-se perante os leitores como “hóspede em questões históricas”, o autor propôs-se, em *Portugal em Roma*, apresentar um conjunto de assuntos, de acontecimentos e de figuras que notabilizaram Portugal na cidade de Roma, configurando como que um prómio das grandes festividades dos centenários. A investigação que empreendera nos arquivos diplomáticos romanos encontrava nelas plena justificação e enquadramento. De resto, o novo contributo bibliográfico para as celebrações dos Centenários somava-se a uma multiplicidade de esforços e diligências que vinha empreendendo, visando o estreitamento de relações entre o Governo português e a Santa Sé, de molde a reunir as condições necessárias para a celebração de uma concordata entre os dois Estados que honrasse as relações históricas que os uniam e mutuamente engrandeciam.

Mons. Castro vivia um tempo ímpar de ação nos meios políticos e diplomáticos. Por ocasião da publicação de *Portugal em Roma*, as negociações da Concordata entre o Estado português e a Santa Sé entravam numa fase crucial. Esta circunstância reforçou o carácter político da obra, facto que o Núncio Apostólico em Lisboa, uma das figuras

³⁹² Cf. Presidência do Conselho, “Independência de Portugal (Nota oficiosa)”. *Revista dos Centenários*, Ano I, n.º 1 (31 jan. 1939), pp. 2-7.

³⁹³ *Ibidem*, p. 6.

centrais no referido processo negocial, reconheceu desde logo. Em telegrama enviado na manhã de 4 de novembro de 1939, Mons. Ciriaci felicitou o autor-diplomata pelo “magnífico trabalho que dá tanta luz às relações entre a Santa Sé e Portugal, sendo novo argumento da atividade benemérita do ótimo consultor eclesiástico”³⁹⁴.

A publicação de *Portugal em Roma* no quadro das celebrações dos Centenários era questão ponderosa para Mons. José de Castro. A si mesmo a impunha como serviço à nação. Se Portugal havia sido grande nas relações que estabelecera com a Roma papal, era imperioso que num momento de ressurgimento nacional se conhecesse e retomasse o passado glorioso, em prol de um futuro ainda mais auspicioso.

Não surpreende, portanto, ser esse um dos assuntos mencionados pelo Conselheiro Eclesiástico nas cartas dirigidas ao Presidente do Conselho, colocando-o a par do andamento dos trabalhos. Em inícios de 1939, a elaboração da monografia parecia sobrepôr-se ao trabalho diplomático, como se depreende das palavras do autor na missiva de 16 de fevereiro de 1939: “Nos momentos vagos de escrever a obra ‘Portugal em Roma’ (já tenho 3 capítulos) saio à rua e tenho procurado conversar com gente de peso”³⁹⁵.

Em finais de junho, de forma a garantir a publicação da obra em tempo útil, Mons. José de Castro decidiu avançar com a impressão, a expensas próprias, sem rejeitar, todavia, um eventual auxílio do Estado, como referiu a Oliveira Salazar, em carta de 26 de junho de 1939:

“Porque encontrei aqui uns cobres de que posso dispor, acabo de dizer a Mons. Pais de Figueiredo que principie a impressão da obra ‘Portugal em Roma’.

Depois de publicada, se V. Ex.^a entender que poderei receber um auxílio do Estado, não serei tão soberbo que o enjeite.”³⁹⁶

Não obstante, o Conselheiro Eclesiástico acabou por dispensar o Estado de tal encargo. Em carta datada de 31 de agosto de 1939, depois de expor “informações seguras e de confiança” sobre as movimentações político-militares a leste, deu nota ao

³⁹⁴ MAB, FRT: Cx. 1, doc. 131. [Documentação em organização]

³⁹⁵ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 202.

³⁹⁶ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 220.

chefe do governo do ponto em que se encontravam os trabalhos, bem como do seu propósito de prescindir de qualquer recompensa monetária:

“‘Portugal em Roma’ já está composto. Vai fazer-se a impressão. O Pais de Figueiredo levará a V. Ex.^a o 1.^o exemplar. E vem a talho de foice dizer que me julgo dispensado de desejar o auxílio do Estado. Deus deu-me o que basta. Para mim já é boa recompensa saber que fiz coisa do agrado de V. Ex.^a e que dou à Nação na alegria dos Centenários, o esforço do meu trabalho e o dinheiro da minha bolsa.”³⁹⁷

Portugal em Roma foi, assim, urdido, a um tempo, na teia da diplomacia e da investigação nos arquivos romanos e, fruto da abnegação do autor, publicado no alvor das celebrações centenárias, como era seu propósito.

A novidade da publicação de *Portugal em Roma* ecoou rapidamente pela cidade de Bragança. Por ser seu “amigo muito do peito”, e por se tratar de “coisa grande”³⁹⁸, a 4 de novembro de 1939, Mons. Castro remeteu a Raul Teixeira uma cópia do telegrama de felicitações do núncio em Lisboa, Pietro Ciriaci, que lhe dera a saber tal notícia. Ao autor e à obra foram dedicados inúmeros artigos, em periódicos nacionais e estrangeiros, “unâimes no elogio” que lhes dispensaram.

Se, num primeiro momento, o *Osservatore Romano* se limitou a referenciar a saída de *Portugal em Roma*, já na edição de 25 de maio de 1940, considerou-a uma “obra monumental” e dedicou-lhe um longo artigo. Na judiciosa avaliação do jornal romano, “De Castro é um historiador e um artista. Vê a história através da sua lente que lhe dá cor e a alma; alma e cor que lhe dão uma impressão recreativa”³⁹⁹. Tal como nas obras precedentes, o *Osservatore Romano* assinalou a “mesma originalidade, onde a arte de ‘ver’ o facto histórico é acompanhado precisamente pela arte de contá-lo, numa conversa fluente, aqui e além acalorada, feita de sínteses e anedotas, de traços rápidos e pinceladas luminosas e definitivas”⁴⁰⁰. Por conseguinte, “os dois volumes pelo qual se distribuem as diversas ‘monografias’ que aqui se chamam modestamente capítulos, não

³⁹⁷ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 225.

³⁹⁸ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 225.

³⁹⁹ “‘Portugal em Roma’ no Vaticano”. *Novidades* (30 maio 1940), p. 6, col. 3-4, em transcrição do *Osservatore Romano*.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

nos enfadam de modo algum com notas; acabam ao contrário com um ‘apêndice’ que nos revela pelas suas pesquisas muito espírito de observação e bom gosto literário”⁴⁰¹. Após o meticuloso elenco da prodigalidade de informação complementar disponibilizada em “apêndice”, o *Osservatore Romano* descobriu “um único grande defeito” em *Portugal em Roma* de Mons. José de Castro: “a obra é escrita em português. Para ser propriamente, para ser verdadeiramente *Portugal em Roma*, deveria sim falar de Portugal, mas na língua de Roma, para que Roma... entenda sempre melhor Portugal.”⁴⁰².

O célebre P.^e Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, terá sido quem primeiro escreveu sobre *Portugal em Roma*. Em 25 de outubro de 1939, anunciou “para breve o aparecimento de mais um livro de Monsenhor José António de Castro [...] destinado a grande êxito, pelo assunto, pelo momento histórico da sua aparição e pelo autor, assaz conhecido no campo das letras, como escritor de polpa”. A seu juízo, ao “jornalista-viajante” sucedia agora o

“historiador consciencioso, investigador profundo, saturado de erudição, em labuta com textos epigráficos, carcomidos palimpsestos e toda essa falange de códices membranáceos, pergaminháceos e bibliáceos, que fazem o orgulho dos ricos Arquivos romanos de mundial renome.”⁴⁰³

Em carta dirigida ao “bom amigo” Abade de Baçal, a partir de Roma, e com data de 13 do mês seguinte, Mons. José de Castro escreveu: “Assino as *Novidades*; e por infelicidade só ontem pude conseguir o número em que o Sr. Abade diz coisas mirabolantes acerca de mim e do *Portugal em Roma* que ainda não recebi.” Por conseguinte, agradeceu-lhe

“o mais vivamente que possa, as caridosas mentiras de que se serviu para recomendar ao público o meu trabalho. Digo que sobre serem caridosas, são milagrosas pois estou certo que os seus adjetivos se transformarão no substantivo “*cobe*”. Com este milagre está o Sr.

⁴⁰¹ *Ibidem*.

⁴⁰² *Ibidem*.

⁴⁰³ Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), “‘Portugal em Roma’ por Monsenhor José de Castro”. *Novidades* (25 out. 1939), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 4.

Abade habilitado a ter processo de canonização depois de morto, o mais tarde possível. Isto sem falar no prestígio com que enrolou o trabalho; prestígio oriundo tão somente da sua nomeada nacional.

O Abade de Baçal é gente grande em Portugal. Além do telegrama do Sr. Núncio cuja cópia lhe envie, o Doutor Salazar escreveu-me, dizendo, além do mais, que o *começou logo a ler*.⁴⁰⁴

Também Alberto de Oliveira, diplomata e homem de letras com quem Mons. José de Castro mantinha forte amizade desde que aquele desempenhara o curto mandato de Ministro Plenipotenciário na Legação de Portugal junto da Santa Sé, manifestou o seu regozijo pelos dois volumes de *Portugal em Roma*. Em artigo publicado no diário *A Voz*, o diplomata colocou em evidência, desde logo, os traços de carácter de Mons. José de Castro, que o haviam notabilizado nos círculos eclesiásticos e diplomáticos do Vaticano, como, de resto, testemunhara quando com ele privou na Legação: “Português de lei, sacerdote exemplar, coração de oiro, inteligência culta e insaciável, são estes dotes ainda enriquecidos pela vivacidade de espírito, amor ao trabalho e gosto de ser útil”⁴⁰⁵.

À semelhança do Abade de Baçal, Alberto de Oliveira sublinhou a riqueza de dados históricos fornecidos por *Portugal em Roma*, fruto das “preciosidades” extraídas do acervo arquivístico da Legação Portuguesa em Roma, ao longo de anos de trabalho. Justamente a propósito da relevância e das potencialidades do trabalho de investigação empreendido por Mons. José de Castro, e face ao manancial de documentos ainda inexplorados, afirmou: “Se eu fosse governo colocaria Monsenhor Castro em serviço vitalício no Vaticano, logo que ele desse por findo o catálogo do arquivo da Legação, e até lhe facilitaria os auxiliares necessários para levar a bom termo”⁴⁰⁶. O trabalho nos arquivos romanos e as investigações historiográficas do sacerdote prosseguiram, mas apenas suportados no esforço pessoal, capacidade de trabalho e propósito de serviço à nação.

⁴⁰⁴ *Boletim do Museu do Abade de Baçal*, n.º 1 (9 abr. 1998), pp. 30-31.

⁴⁰⁵ Alberto d’Oliveira, “Portugal em Roma”. *A Voz* (11 nov. 1939), p. 1, col. 1.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 1, col. 2.

Em carta dirigida ao Presidente do Conselho, datada de 23 de março de 1940, Mons. José de Castro deu nota de que já quase pagara as despesas do *Portugal em Roma* e que destinava a eventual receita que obtivesse “para o novo trabalho em preparação”⁴⁰⁷. Nesta missiva manifestou entusiasmo pela repercussão internacional de *Portugal em Roma*. A boa receção da obra animara-o a novas investigações, mesmo porque nos meios eclesiásticos e diplomáticos era evidente a marca impressiva daquela investigação, que abria caminho a trabalhos similares noutros países. Declarava-se contente “por ter dado à Nação” aquele “presente de trabalho e dinheiro”; e se “o Senhor Núncio disse bem do livro para a Secretaria de Estado onde já o ofereci e qualquer dia o oferecerão ao Santo Padre”, já “o Embaixador de Espanha quer para o seu país um livro nos moldes do meu; e decerto que terá novo apetite quando vir o que estou a fazer sobre os portugueses no Concílio de Trento, com Fr. Bartolomeu dos Mártires na cabeça do rol”⁴⁰⁸.

Três dias volvidos sobre aquela missiva, o Papa concedeu uma audiência particular ao autor de *Portugal em Roma*, para a oferta da obra. Nesse mesmo dia, ele remeteu a Oliveira Salazar um relato circunstanciado do acontecimento:

“Fui recebido às 10 e um quarto da manhã, de 26/3/940.

Depois de beijar a mão, o Santo Padre, olhando para o livro, disse:

– Já sei que é muito interessante.

– A minha contribuição para as festas dos Centenários, e com o fim de tornar ainda mais simpáticas nos ambientes intelectuais as relações de Portugal com a Santa Sé.

– E tem muita coisa inédita...

– Algumas. Lembro-me, por exemplo, da entrega das credenciais a Pio VII em Fontainebleau, dos presentes de Pombal aos inimigos dos jesuítas e da morte de Clemente XIV.

E o Papa curioso: – Ondes está isso?

⁴⁰⁷ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 232-233.

⁴⁰⁸ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 232-233.

Depois de apontadas, o Santo Padre abriu as folhas e leu aqui e alem, alto, durante meia hora, acompanhando a leitura de pedidos de explicação e de rápidos e sucessivos comentários.

E no fim, pondo os livros sobre a mesa: – Muito bem. Creia que o vou ler. Muitas bênçãos para o querido Portugal, para o seu grande Chefe, para si e para os que moram no seu coração.

Quando saí, eram 11 horas menos um quarto.”⁴⁰⁹

Uma cópia do mesmo relato foi enviada ao Cardeal Patriarca de Lisboa, no dia seguinte, dando-lhe conhecimento da honrosa audiência concedida pelo Sumo Pontífice⁴¹⁰. O Cardeal Cerejeira já conhecia a obra em apreço, à qual dispensara o seu elogio: “este livro é como as cerejas; quando se começa a ler, não se mata a fome. Vem-lhe isto do caráter leve, anedótico. A gente não para de ler; [...] Foi um bom serviço prestado à história do País.”⁴¹¹ Na mesma missiva, o purpurado, historiador, deixou um aviso ao autor: constatando que “se lhe pegou fundo a doença... da rebusca histórica”, advertiu a Mons. José de Castro: “Olhe que essa curiosidade coscuvilheira de arquivos é coisa que não costuma largar os que começam. Muito folguei com as suas descobertas. Quantas encontrará?”⁴¹²

O ano de 1940 corria azafamado para o Conselheiro Eclesiástico, entre os trabalhos de investigação nos arquivos e as derradeiras negociações para a assinatura da Concordata e do Acordo Missionário entre Portugal e a Santa Sé. Em carta de 4 de maio de 1940, dava nota a Raul Teixeira do cansaço que sentia, mas sobretudo do entusiasmo pelos êxitos de *Portugal em Roma*:

“O livro está a ter repercussão mundial. O ‘Osservatore Romano’ augurou, há dias, que todas as nações tenham igual iniciativa. Quando tive audiência particular do Santo Padre, este abriu folhas, em páginas, pediu explicações, fez comentários. Tratou-se de Pombal e os jesuítas e a morte de Clemente XIV.

⁴⁰⁹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 236.

⁴¹⁰ AHPL, FCC: [...] 074.

⁴¹¹ ADBG, FJAC: Cx. 1, pt. 1, mç. 6, doc. 4.

⁴¹² ADBG, FJAC: Cx. 1, pt. 1, mç. 6, doc. 4.

Pois apesar do que se passou e que tanto me envaideceu, ordenou ao Secretário de Estado que me escrevesse uma carta, recebida há dias em que chamava ao livro *‘accurata e pregevole pubblicazione’* recebido com *‘vivo compiacimento’* pelo Santo Padre que agradece *‘di tutto il cuore’* e chama ao meu trabalho *‘lodevole attivita’*”⁴¹³

Aos olhos de Mons. José de Castro, o caminho da recuperação do prestígio da nação fazia-se agora em ritmo acelerado. A *Concordata e o Acordo Missionário entre Portugal e a Santa Sé* foram assinados em 7 de maio de 1940. Com eles abria-se, finalmente, uma nova era nas relações entre os dois Estados signatários. O trabalho do Conselheiro Eclesiástico não se esgotou, contudo, na ratificação deste acordo. Resoluto na afirmação das relações históricas entre Portugal e o Papado, Mons. Castro direcionou o seu esforço para a investigação historiográfica a partir dos arquivos do Vaticano, dando relevo a acontecimentos e figuras que engrandeceram o nome de Portugal no quadro internacional.

O reconhecimento, ao mais alto nível, da valia de *Portugal em Roma* e as referências que a obra obtivera na imprensa estrangeira⁴¹⁴, constituíram um tónico para as exigências da investigação que Mons. José de Castro prosseguia com todo o afã. Assim o declarou a Raul Teixeira, na mesma carta de 4 de maio de 1940:

“Estou a trabalhar mesmo muito. E o que tenho já apurado para o novo trabalho ‘Portugal no Concílio de Trento’ em D. Frei Bartolomeu dos Mártires, já me dá para mais de um volume. Será um trabalho nacional a apresentar na alvorada do Centenário do Concílio. Tenho muita coisa, mesmo muita inédita. Estou animado a sair desta camisa de 11 varas.”⁴¹⁵

Com efeito, o foco central do interesse e do trabalho de Mons. José de Castro centrava-se agora na figura de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e na participação de Portugal no Concílio de Trento. Tal empresa foi, no entanto, entrecortada por uma nova

⁴¹³ MAB, MAB, FRT: Cx. 4(2)/mç. 4. [Documentação em organização]

⁴¹⁴ CF. Henrique Manuel Pereira; Sandra Vale, “Nos 80 anos de Portugal em Roma: ecos de uma receção”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXVI-XXXVII (2018-2019), pp. 27-36.

⁴¹⁵ MAB, MAB, FRT: Cx. 4(2)/mç. 4. [Documentação em organização]

solicitação de investigação que colocaria em relevo as privilegiadas e seculares relações entre Portugal e a Santa Sé.

A pedido do Embaixador de Portugal no Vaticano, António Carneiro Pacheco⁴¹⁶, o Conselheiro Eclesiástico levou a efeito um estudo acerca da tradição de Portugal contar, a partir de D. João V, com dois cardeais lusos – um era, por inerência, o Patriarca de Lisboa, e o outro, era indicado pelo Rei, e por isso chamado “Cardeal da Coroa”. Mons. José de Castro propôs, neste trabalho monográfico, que este passasse a ser designado “Cardeal Nacional”⁴¹⁷.

Em janeiro de 1942, Mons. José de Castro deu nota ao Cardeal Cerejeira das incidências deste trabalho, para o qual era “mister procurar migalhas na imensidade do Arquivo do Vaticano”. Não obstante, a sua publicação impunha-se, pela necessidade de “criar um grande movimento de opinião para que se force a ressurreição deste antigo privilégio” da atribuição de um segundo cardeal⁴¹⁸.

A obra foi concluída em março de 1942, deixando no seu autor a impressão de “ter feito coisa bem interessante, embora ficasse a um tempo contente e esfalfado”, como referiu em missiva enviada ao Presidente do Conselho⁴¹⁹.

O fundamento político da obra foi patenteado pelo autor no prefácio de *O Cardeal Nacional*, datado de 8 de março de 1942, dia de São João de Deus. Afirmou:

“Este livro surge na hora da maravilhosa ressurreição de todos os nossos valores. Em toda a direção da rosa dos ventos sente-se que Portugal de hoje tem vida nova, a vida forte e construtora dos princípios que fazem grandes os homens e ainda maiores as nações. Apalpa-se em toda a nação uma ânsia de grandeza, um desejo imenso de voltar a ser tanto ou mais que já fomos; e no capítulo eclesiástico não é demais sonhar com o passado lindo e glorioso de D. João V, que teve duas vezes quatro Cardeais no Sacro Colégio.”⁴²⁰

A obra *O Cardeal Nacional* foi publicada pela Agência Geral das Colónias, em 1943, um patrocínio que regozijou o autor, como manifestou em carta enviada ao Cardeal

⁴¹⁶ António Faria Carneiro Pacheco (1887-1957), embaixador extraordinário e plenipotenciário de Portugal junto da Santa Sé entre 30 de setembro de 1940, (apresentou credenciais a 20 de outubro de 1940) e 25 de março de 1946.

⁴¹⁷ Marcelo Caetano, *Minhas Memórias de Salazar*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006, p. 408.

⁴¹⁸ AHPL, FCC: [...] 091.

⁴¹⁹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 251.

⁴²⁰ P.º José de Castro, *O Cardeal Nacional*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1943, p. 11.

Patriarca de Lisboa. Os frutos deste trabalho surgiram três anos mais tarde, quando Mons. José de Castro já se encontrava afastado da Embaixada de Portugal no Vaticano.

Por solicitação do Governo português, e após negociações, o Vaticano aceitou que este segundo Cardeal proviesse das Dioceses Missionárias, o que viria a concretizar-se no consistório de 18 de fevereiro de 1946, com a preconização como cardeal de D. Teodósio de Gouveia (1889-1962), Arcebispo de Lourenço Marques.

Em março de 1946, celebrou-se em Lisboa a atribuição de um segundo cardeal a Portugal, saído de uma das dioceses missionárias. Tratava-se da recuperação de uma antiga deferência diplomática que remontava ao tempo de D. João V, tal como Mons. José de Castro explanara e documentara na obra *O Cardeal Nacional*. Pese a participação do antigo Conselheiro Eclesiástico no processo conducente a tal desfecho político vitorioso, este não tomou parte das celebrações. A ausência de Lisboa foi lamentada por Marcelo Caetano, personalidade que ocupava o cargo de Ministro das Colónias quando a Agência Geral assumiu a publicação de *O Cardeal Nacional*. Através de telegrama remetido para Bragança, em 19 de março, o dirigente lastimou “não ver em Lisboa quem com seu trabalho e talento tanto contribuiu para que [o] império português tivesse lugar [no] sacro colégio.”⁴²¹

2.2. D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a participação de Portugal no Concílio de Trento

A localização do Decreto das virtudes em grau heróico de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires e a conseqüente possibilidade de reabrir o processo da sua beatificação, marcou de forma indelével o curso da produção monográfica de Mons. José de Castro e o seu reconhecimento como investigador e conferencista.

⁴²¹ MAB, Fundo Amigos do Museu (FAM): PT/MAB/AAM, Cx. 22, doc. 32. [Documentação em organização]

No prefácio de *Portugal no Concílio de Trento*, datado de 16 de setembro de 1941, Mons. José de Castro abriu aos leitores uma janela sobre o seu encontro com a figura de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires e como, a partir dela, se lançou na investigação que conduziu à composição desta obra em seis volumes, bem como à redação de outros textos sobre a figura do Venerável Arcebispo. No texto prefacial, o autor referiu ter encontrado no arquivo da Embaixada Portuguesa junto da Santa Sé uma referência à publicação, em 1845, de Decreto Papal declarando exercitadas, em grau heroico, as virtudes do Venerável Frei Bartolomeu dos Mártires. Perante esta referência, lançou-se na busca do referido Decreto, primeiro no Arquivo Secreto do Vaticano, e depois no Arquivo da Sagrada Congregação dos Ritos, onde viria, de facto, a encontrá-lo⁴²².

Ciente da relevância desta descoberta para o ressurgimento da causa da beatificação do Arcebispo de Braga e da relevância que tal processo poderia representar para a afirmação internacional da Igreja em Portugal e do Estado Novo, o Conselheiro Eclesiástico comunicou ao Presidente do Conselho, em primeira mão, a localização que realizara do documento e os planos de investigação que traçara em seu torno. Na carta datada de 10 de dezembro de 1939, transmitiu o entusiasmo que o levava a passar “5 horas por dia no Arquivo Secreto do Vaticano” e a abandonar o projeto “de estudar o período de 1580 a 1670 para estudar a 2.ª metade do século XVI onde está Fr. Bartolomeu e outros grandes portugueses.”⁴²³

Tal como explanou no aludido prefácio, através da leitura dos volumosos processos que sustentaram a emissão do Decreto, Mons. José de Castro constatou o papel de grande relevo que o Arcebispo de Braga havia assumido no Concílio de Trento, secundado por outras figuras do clero e da diplomacia portuguesas. Face a tal constatação, decidiu levar mais longe a sua investigação, na busca de um retrato mais completo da ação dos vários intervenientes, acabando por se lançar no estudo da intervenção dos portugueses de quinhentos no Concílio de Trento⁴²⁴.

Em 5 de fevereiro de 1940, Mons. José de Castro continuava plenamente mergulhado na investigação sobre o período conciliar, como deu nota ao Cardeal

⁴²² P.º José de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa: União Gráfica, 1944, vol. I.

⁴²³ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 230.

⁴²⁴ P.º José de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa: União Gráfica, 1944, vol. I.

Patriarca, declarando-se “fatigado mas encantado”. O sacerdote deu também conhecimento ao purpurado de já haver informado o Arcebispo de Braga da localização do Decreto das virtudes de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e de o ter colocado em contacto com o Postulador Geral dos Dominicanos para que pudessem tratar do processo de beatificação⁴²⁵.

As investigações realizadas nos arquivos vaticanos prosseguiram, na expectativa de que o seu impacto suplantasse aquele que *Portugal em Roma* alcançara. Em 16 setembro de 1941, através de telegrama enviado da cidade eterna, Mons. Castro comunicou a Oliveira Salazar a conclusão do sexto volume de *Portugal no Concílio de Trento*. No final do mesmo mês, deslocou-se a Portugal “por necessidade de repouso” e para “levar pessoalmente a Lisboa os originais do livro” recém-finalizado⁴²⁶. Porventura, o autor alimentava a expectativa de ver, a breve trecho, a obra dada ao prelo. Porém, tal não se concretizou. Em novembro, de regresso a Roma, dedicou-se a fotografar mais de duzentos documentos relevantes para que viessem a integrar a obra ⁴²⁷, possibilitando aos leitores aceder aos mesmos, integralmente. No entanto, tal acabaria por não se verificar, dados os encargos acrescidos que comportavam para a publicação.

Em 1942, Mons. José de Castro manifestava o cansaço infligido pela investigação intensa que há três anos vinha desenvolvendo. Para além da temática bartolomeana e conciliar, a incursão arquivística permitiu ao autor reunir documentação para a publicação de duas monografias sobre três figuras que marcaram a história portuguesa e sobre as quais alguns setores republicanos haviam lançado dúvidas quanto ao patriotismo da sua ação política e governativa: o rei D. Sebastião, o cardeal D. Henrique e D. António, Prior do Crato. Suportadas em acervo documental recolhido durante as investigações para a obra *Portugal no Concílio de Trento*, foram dadas ao prelo em 1942, e quase simultaneamente, duas monografias autónomas intituladas *D. Sebastião e D. Henrique* e *D. António Prior do Crato*.

⁴²⁵ AHPL, FCC: [...] 070.

⁴²⁶ AHD-MNE, Processo individual [...]: MNE, Proc. 674/35.

⁴²⁷ MAB, FRT: Cx. 4(2)/mç. 4.

No prefácio da obra *D. Sebastião e D. Henrique*, datado de 13 de maio de 1942, Mons. José de Castro clarificou o propósito de trazer à luz a documentação que compilara, referente a dois monarcas envolvidas em processos de perda da independência nacional. No caso de D. Sebastião, afirmava que o trabalho apresentado vinha “inutilizar ataques desarrazoados da crítica sectária e os elogios desmedidos e sem base dos seus panegiristas”, bem como corroborar as conclusões do estudo recentemente publicado pelo historiador Queiroz Velloso, realizado a partir de investigações no Arquivo de Simancas⁴²⁸. Relativamente ao Cardeal-Rei Dom Henrique, procurou documentar o seu “grande patriotismo [...], sobretudo quando insiste no pedido da dispensa para o casamento”, em nome da independência nacional⁴²⁹.

Um mês volvido, Mons. José de Castro assinou o prefácio de *O Prior do Crato*, em dia de St.º António, doutor da igreja e padroeiro secundário de Portugal. Nesta obra, foi exaltada a figura de D. António, por vezes tida como menor na galeria dos monarcas, mas que Mons. Castro apelidou de “porta-estandarte da liberdade da Pátria” e um verdadeiro patriota, “que acompanhou o povo na gloriosa embora infeliz empresa da independência política do país.”⁴³⁰

Em julho de 1942, Mons. José de Castro declarava-se “arrasado”. Em carta enviada ao Presidente do Conselho dava conta que “além do ‘Cardeal Nacional’ de que há meses escrevi a V. Ex.ª fiz mais dois volumes: ‘Cardeal D. Henrique’ e o ‘Prior do Crato’ que à minha custa sairão este ano.”⁴³¹

No prefácio de *O Prior do Crato*, o autor referiu-se, particularmente, ao trabalho historiográfico empreendido nos arquivos, sublinhando o seu carácter inacabado, pois, a partir dele, vários caminhos de investigação se abriam, na busca pela exatidão da narração dos factos históricos:

“[...] apesar do muito que de novo se encontrou, não há coragem de afirmar ter-se feito trabalho definitivo. Há ainda por esse mundo de Cristo e sem ser de Cristo arquivos a consultar; e pelos nossos, tanto civis como eclesiásticos, muita informação a colher. Só

⁴²⁸ P.º José de Castro, *D. Sebastião e D. Henrique*. Lisboa: União Gráfica, 1942.

⁴²⁹ *Ibidem*.

⁴³⁰ P.º José de Castro, *O Prior do Crato*. Lisboa: União Gráfica, 1942.

⁴³¹ ANTT, AOS, CJC: [...], f. 254.

assim com a pedra de uns e a cal de outros, se alevantará o edifício da História; só assim com um fio de luz daqui e um relâmpago de além, se consegue uma claridade maior e mais alta onde as pessoas e os factos sejam apreciados com a possível exatidão.”⁴³²

Pese a obra *Portugal no Concílio de Trento* ter sido concluída em finais de 1941, a sua publicação apenas foi iniciada em 1944 e somente concluída em 1946 [vol. I-III, 1944; vol. IV, 1945; vol. V-VI, 1946]. Tratou-se de um processo longo e tortuoso, que coincidiu com um período de grande dificuldade pessoal do seu autor. Doente, afastado de Roma e privado de salário, o antigo Conselheiro Eclesiástico arriscou avançar com a publicação dos primeiros volumes da obra para que se pudesse cumprir o intento de assinalar o quarto centenário do grande evento conciliar.

Face à impossibilidade de saldar a dívida que acumulara na empresa *União Gráfica* com a publicação de quatro volumes de *Portugal no Concílio de Trento*, Mons. José de Castro dirigiu-se ao Diretor do IAC, indagando-o sobre a possibilidade de obter auxílio financeiro para a publicação da obra. Numa segunda missiva, remetida em 9 de outubro de 1945, o investigador fez chegar ao IAC a sua conta corrente na *União Gráfica*, com um saldo deficitário de “16.422.100 reis”, e sentenciou: “Ora eu não tenho mais dinheiro. Tudo o que tinha, dei. Se o Instituto para a Alta Cultura me ajudar, continuar-se-á a publicação, senão, não.”⁴³³

Mons. José de Castro mostrava-se desolado, como se percebe nas palavras que dirigiu ao Cardeal Patriarca e Lisboa, em carta datada de 12 de novembro, na qual pedia a sua intercessão para o deferimento de pedido de subsídio que lhe permitisse saldar a dívida contraída na *União Gráfica*:

“Deverá ter recebido Vossa Eminência o 4.º volume do Concílio de Trento. Para chegar até este ponto, desamparado de toda a gente, gastei tudo o que tinha [...]. Resta a publicação de dois volumes. E eu, como já disse a Vossa Excelência, não tenho com quê. Verificou-se que o livro não caiu bem, isto é que não presta. Perdi o meu tempo, a minha vida e o meu dinheiro. Mas não valendo nada ou valendo pouco, é alguma coisa. Quererá Vossa Excelência Concertar com o Pais de Figueiredo de se concluir a obra? Eu escrevia

⁴³² P.º José de Castro, *D. António Prior do Crato*. Lisboa: União Gráfica, 1942.

⁴³³ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 9.

ao Prof. Gustavo Cordeiro Ramos a pedir um subsídio e até lhe mandaria a conta corrente enviada a mim pela União Gráfica. Suponho que uma palavrinha de Vossa Eminência fará o milagre.”⁴³⁴

O “milagre” que permitiu a publicação dos volumes em falta concretizou-se através do IAC, com a disponibilização de subsídio de no valor de 5.000 escudos para abatimento na conta corrente na *União Gráfica*. Ao longo de 1946, após apresentação de novos pedidos de dois subsídios de igual montante para auxílio à publicação dos quinto e sexto volumes sobre a presença portuguesa em Trento, a obra ficou finalmente completa⁴³⁵.

Os apoios concedidos pelo IAC foram um paliativo perante as dificuldades experimentadas pelo autor. Em inícios de dezembro de 1946, de passagem por Lisboa, Mons. José de Castro concedeu uma entrevista ao diário *Novidades*, na qual abordou as incidências da pesquisa, redação e publicação da obra. Perante os seis volumes finalmente disponibilizados ao público leitor, o autor afirmou não estar convencido de ter feito “um trabalho impecável”, mas estar certo de ter “prestado um serviço à Igreja e à Pátria”, sentindo-se satisfeito por “de modo fácil, rápido e seguro”, ter oferecido ao “clero formado ou a formar-se”, “uma ideia do que foi o Concílio, das dificuldades vencidas e dos serviços prestados pelos portugueses”⁴³⁶. Mons. José de Castro não deixou de se referir às tribulações que experimentou neste processo. Ainda que não esperasse que lhe fosse atribuído o “chapéu de cardeal”, como prémio pelo seu esforço, o sacerdote deu nota que nesta obra empregou muito da sua vida, pelo trabalho e pelos sacrifícios a que se sujeitou, dado o dinheiro que lhe levou⁴³⁷. Relativamente ao volume de trabalho a que se submetera, afirmou:

“Durante quatro anos, 14 horas de trabalho diário. Um mundo de códices passou-me pelas mãos. Durante eles, só me faltou comer e dormir no Arquivo Secreto do Vaticano. Eu próprio me espanto da atividade desenvolvida. Eu quis, e consegui, que no ano do 4.º

⁴³⁴ AHPL, FCC: [...] 120.

⁴³⁵ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 11-25.

⁴³⁶ M.V.G., “Monsenhor José de Castro fala-nos da sua obra ‘Portugal no Concílio de Trento’”. *Novidades/Letras e Artes* (12 jan. 1947), p. 3, col. 1.

⁴³⁷ *Ibidem*, col. 1-2.

centenário, Portugal aparecesse afirmando ao mundo a nossa existência geográfica e teológica.”⁴³⁸

A afirmação internacional da ação portuguesa no Concílio justificou a extensão da obra. O autor reconheceu a dificuldade de, em Portugal, cativar a atenção para os seis tomos de um público leitor cujo interesse “pela história pura não é do maior; e pela eclesiástica é mínimo”, realidade agravada pela quase indiferença nacional pela passagem dos quatrocentos anos sobre a abertura do Concílio de Trento⁴³⁹.

Mons. José de Castro rebateu as críticas à obra que se haviam levantado, e que se prendiam, essencialmente, com a ausência de análise crítica aos factos políticos e à leveza e simplicidade da linguagem utilizada, fora dos cânones da historiografia em uso. O autor alegou a sobriedade dos comentários que produziu, a impossibilidade de apresentar a exegese de tão colossal manancial de documentos e de temas e a busca de uma linguagem que apresentasse “a verdade limpa para atrair e amarrar o leitor, levá-lo a ler com prazer.”⁴⁴⁰

A perturbação interior infligida pelo processo de publicação da obra foi aplacada com o reconhecimento que o Sumo Pontífice manifestou por *Portugal no Concílio de Trento* e pelo seu autor. Através de uma longa carta autógrafa, datada de 16 de julho de 1947, Pio XII teceu considerações elogiosas sobre os seis volumes e referiu-se à sua relevância para o melhor conhecimento do Concílio tridentino e do papel que a Igreja portuguesa assumiu nesse acontecimento da história eclesiástica. Referiu o Santo Padre:

“A homenagem que Nos chegou da sólida cultura histórica, com a obra volumosa ‘Portugal no Concílio de Trento’ vem contribuir, após longo e paciente trabalho, para iluminar um acontecimento de mui vasto alcance na história e de muito alto valor na vida da Igreja.”⁴⁴¹

⁴³⁸ *Ibidem*, col. 2.

⁴³⁹ *Ibidem*.

⁴⁴⁰ *Ibidem*, col. 3-4.

⁴⁴¹ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 1, doc. 10. [Cópia manuscrita da carta do Santo Padre, por Mons. José de Castro]

Distanciado de análises depreciativas realizadas por alguns autores portugueses, o Sumo Pontífice considerou que a obra sobre as assembleias conciliares de Trento “lhes fixa as dificuldades, lhes investiga as intenções e lhes avalia a ação através dos tempos e dos acontecimentos”, reputando-a de “um monumento duradouro”⁴⁴².

O Papa esperava que o amor pátrio que norteou o trabalho de Mons. Castro obtivesse o reconhecimento dos compatriotas:

“a Igreja de Portugal, bem merecia a especial ilustração com que a honram o teu saber e o teu amor pátrio; e, com este teu trabalho tão consciencioso, tu bem mereces do teu nobre e católico país.”⁴⁴³

A missiva pontifícia foi concluída com a manifestação de regozijo pela obra e a dispensa de bênção apostólica ao seu autor:

Contente com esta tua obra que é um serviço precioso, prestado à história da Igreja e à Verdade, ao mesmo tempo que nos alegramos contigo, pelo emprego tão útil dos teus talentos de investigador e pelo zelo que os guiam em trabalho tão importante, fazemos votos pela atividade sacerdotal, e te concedemos, como penhor da Nossa Benevolência, a Bênção Apostólica.”⁴⁴⁴

Nos seis volumes de *Portugal no Concílio de Trento*, “porventura a *opus magnum* de Mons. José de Castro”⁴⁴⁵, a figura de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires foi amplamente abordada, a partir das intervenções realizadas em várias sessões do Concílio e das posições que defendeu quanto a problemáticas teológicas e pastorais.

Mons. José de Castro sintetizou e projetou na figura de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, a um tempo, a grandiosidade do País e da Igreja e a ela atribui o curso tomado pela investigação, que configurava o cumprimento de um desígnio maior:

⁴⁴² ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 1, doc. 10.

⁴⁴³ ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 1, doc. 10.

⁴⁴⁴ ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 1, doc. 10.

⁴⁴⁵ Henrique Manuel Pereira, “Do homem que cavou o silêncio para explicar a luz (Os trabalhos de Mons. José de Castro)”. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2014, p. 11.

“Sem me precaver, deixei-me guiar pelo rasto da sua glória – toda a glória da Igreja e de Portugal –. E aqui se apresenta ao público o trabalho que, não obstante as suas falhas, esperou, para ser feito, a enorme e quase inexplicável demora de quatro séculos.”⁴⁴⁶

Dada a centralidade da figura do Venerável Arcebispo de Braga na investigação empreendida, Mons. José de Castro reservou o sexto volume da obra *tridentina* à biografia de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires⁴⁴⁷. No entanto, *Portugal no Concílio de Trento* não esgotou a abordagem da figura do Arcebispo. A esta obra acresceram conferências, artigos e uma biografia autónoma, ações que, no seu conjunto, propiciaram o ressurgimento da “eminente figura de D. Frei Bartolomeu no palco da história, da devoção e da cultura”⁴⁴⁸.

A primeira publicação de Mons. José de Castro sobre o Venerável Arcebispo de Braga remonta a 1940, integrando as atas do *Congresso do Mundo Português*⁴⁴⁹. Neste texto, elaborado em Roma e datado de 30 de novembro de 1939, Mons. Castro discorreu sobre os trâmites e as incidências da investigação que realizara até então em torno do Decreto de declaração da heroicidade das virtudes de Frei Bartolomeu dos Mártires e dos densos volumes que constituíam o processo que o fundamentaram⁴⁵⁰.

Em 1945 foi publicado o opúsculo de uma conferência realizada no salão nobre do Seminário Conciliar de Braga, intitulada *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*⁴⁵¹, um texto que traçou o seu perfil biográfico e a sua obra, nomeadamente a ação no Concílio de Trento.

No ano seguinte, foi dada a estampa a publicação biográfica mais extensa do autor sobre o Arcebispo de Braga, intitulada *Venerável Bartolomeu dos Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)*⁴⁵². Tal como o autor referiu no prefácio, este trabalho foi extraído da

⁴⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁴⁷ Cf. P.º José de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*. [...], vol. VI.

⁴⁴⁸ Raul de Almeida Rolo, “Dom Frei Bartolomeu dos Mártires por terras de Moncorvo”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. 1, n.º 3 (out.-dez. 1981), p. 6.

⁴⁴⁹ Raul de Almeida Rolo, coord., *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) – Catálogo biblio-iconográfico*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.

⁴⁵⁰ P.º José de Castro, “Venerável Frei Dom Bartolomeu do Mártires”, 1940. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], pp. 117-135.

⁴⁵¹ P.º José de Castro, “Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, 1945. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], pp. 137-171.

⁴⁵² P.º José de Castro, “Venerável Dom Frei Bartolomeu do Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)”. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], pp. 28-115.

obra *Portugal no Concílio de Trento*, pretendendo dar a conhecer ao grande público a figura de “um grande patriota, uma grande sábio e um grande santo”⁴⁵³.

Anos volvidos, Mons. José de Castro havia ainda de dedicar mais dois textos à figura do Venerável, publicados na revista *Lumen: Grande figura de um Arcebispo* [1956]⁴⁵⁴ e *Portugueses em Trento* [1961]⁴⁵⁵.

A par da mencionada bibliografia, Mons. José de Castro proferiu várias conferências sobre o Venerável Arcebispo de Braga:

- Em 11 de novembro de 1944, em Viana do Castelo, a convite do executivo municipal⁴⁵⁶;
- Em 17 de janeiro de 1945, em Évora, a convite do Arcebispo⁴⁵⁷;
- Em 27 de Janeiro de 1945, no salão nobre do Seminário Conciliar de Braga, tendo o respetivo texto sido publicado sob a forma de opúsculo, intitulado Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires⁴⁵⁸;
- Em 30 de Janeiro de 1945, em Coimbra, na sede da Juventude Universitária Católica⁴⁵⁹;
- Em 1955, por ocasião da semana de estudos bartolomeanos, organizada pela Ordem Dominicana e a Casa de entre Douro e Minho, cabendo-lhe o encerramento dos trabalhos⁴⁶⁰.

Verificamos a estreita relação entre as publicações em torno de Trento e da figura de Dom Frei Bartolomeu e as conferências que proferiu e que notabilizaram Mons. José de Castro. Assim sucedeu com a conferência pública realizada em Viana do Castelo, respondendo ao convite endereçado pela edilidade local, em outubro de 1944⁴⁶¹,

⁴⁵³ *Ibidem*, p. 32.

⁴⁵⁴ P.º José de Castro, “Grande figura de um Arcebispo”, 1956. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], pp. 173-193.

⁴⁵⁵ Raul de Almeida Rolo, coord., *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590)* [...], p. 152.

⁴⁵⁶ C., “Viana do Castelo: Notável conferência sobre D. Frei Bartolomeu dos Mártires”. *A Voz* (20 nov. 1948): PT-MAB/AAM; Cx. 22 doc. 327.1

⁴⁵⁷ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 7, doc. 1.

⁴⁵⁸ P.º José de Castro, “Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, 1945. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], p. 137.

⁴⁵⁹ Luiz Afonso Ruivo, *Para conhecer melhor o grande bragançano e português de lei* [...], p. 249.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 248.

⁴⁶¹ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 7, doc. 18.

justificado pelo conhecimento da conclusão recente de “um estudo sobre a personalidade de D. Frei Bartolomeu dos Mártires” pelo investigador⁴⁶². Três meses volvidos, a mesma conferência foi proferida no Seminário Conciliar de Braga, e que conduziu, em 1945, à publicação do opúsculo *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*.

Quer os textos, quer as conferências que o Sacerdote brigantino proferiu, denotaram um grande zelo pelo estudo e divulgação da figura de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires. Tal foi reconhecido por Fr. Raul de Almeida Rolo, postulador da causa da beatificação do Venerável Arcebispo de Braga, afirmando: “Mons. José de Castro amou e admirou até à raiz do seu espírito a figura excelsa de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”⁴⁶³. O desejo de difundir esse *amor* foi manifestado, de modo lapidar, na conclusão do prefácio de *Venerável Bartolomeu dos Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)*, datado de 1 de julho de 1946: “Que este trabalho realize o seu fim: provocar, nos portugueses de sangue cristão, sentimentos de respeito, entusiasmo e devoção pelo Venerável Bartolomeu dos Mártires!”⁴⁶⁴.

3. Monografias de instituições locais

3.1. Associação dos Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança

Mons. José de Castro, após a saída de Roma por força da cessação das funções de Conselheiro Eclesiástico na Embaixada de Portugal junto do Vaticano, regressou à sua cidade natal. Como já foi mencionado neste texto, permaneceu na cidade de Bragança por cinco anos incompletos, até nova incursão na capital italiana, em 1948.

Se nos dois primeiros anos deste período de “exílio” em terra mátria, as obras dadas à estampa eram o resultado do trabalho de investigação que empreendera nos

⁴⁶² ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 7, doc. 18.

⁴⁶³ Fr. Raul de Almeida Rolo, “Dom Frei Bartolomeu dos Mártires por terras de Moncorvo” [...], p. 7.

⁴⁶⁴ P.º José de Castro, “Venerável Dom Frei Bartolomeu dos Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)”. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], p. 32.

arquivos romanos, entre 1946 e 1951 levou a cabo um peculiar conjunto de três obras: *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança* [1946], *Bragança e Miranda (Bispado)*, em 4 volumes, [1946-1951], e *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança* [1948]. Estas monografias distinguem-se das precedentes, sobretudo pelo objeto tratado e pela localização das fontes documentais de que o autor se serviu para a sua produção. No seu conjunto, são essencialmente monografias sobre a história de instituições de âmbito local, ressalvando que, no caso da Diocese de Bragança-Miranda, se trata de uma realidade institucional peculiar. As referidas instituições brigantinas beneficiaram, portanto, da presença de Mons. José de Castro no seu território e da sua disponibilidade para interrogar os arquivos locais e institucionais.

Relativamente a *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*, publicada em finais de 1946, Mons. José de Castro apontou na nota prefacial serem de natureza afetiva as motivações para a realização desta monografia, uma vez que era filho de *artista* da cidade de Bragança e mantinha laços de amizade com dirigentes e sócios desta coletividade. Considerou ser esta uma obra “boa e útil”, por dar a conhecer à “geração presente o que foram e fizeram as gerações passadas” e, tornando-a conhecida, contribuir para que “ela seja mais amada e, se possível, melhor servida.”⁴⁶⁵

A monografia, constituída por catorze capítulos, abordou diferentes dimensões institucionais: a natureza e fins da Associação e sua evolução; sócios; edifício e instalações; ações assistenciais; ações recreativas e ações culturais. Para o efeito, Mons. José de Castro suportou o seu trabalho de investigação, essencialmente, em fontes primárias como atas, estatutos, contas, correspondência e copiadores de correspondência. A partir destes documentos, compôs a história da instituição e da ação assistencialista, desde 1865, ano em que um grupo de artesãos de Bragança se uniu em torno da ideia da criação de um grémio para os artistas, até 1946, ano da publicação da obra.

A tipologia das fontes disponíveis, distinta das que havia compulsado nos trabalhos historiográficos realizados a partir de Roma, e a sua escassez de documentos em número e diversidade, não inviabilizaram a produção da obra. Através da análise dos

⁴⁶⁵ P.^o José de Castro, *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*. Lisboa: União Gráfica, 1946, pp. 9-11.

sucessivos estatutos da Associação aprovados, o autor demonstrou não só a evolução verificada nos objetivos para ela delineados, mas também do perfil dos beneficiários da sua ação. Quanto aos fins da instituição, Mons. José de Castro evidenciou como o objetivo fundamental de proteção para proveito intelectual, moral e físico dos artistas de Bragança, encontrou tradução operativa nos domínios da educação, da cultura e do lazer e da assistência, sendo esta última a dimensão mais proeminente da ação institucional, à qual era destinada percentagem muito significativa do orçamento.

Seguindo o esquema habitual das publicações historiográficas anteriores, Mons. José de Castro disponibilizou, em apêndice, três documentos ricos de informação organizada e sistematizada pelo autor, a saber: Mapa de socorros prestados pela Associação dos Artistas, desde 1883 a 1945; Receita e despesa de cada ano com a nota dos saldos [excetuando os anos 1865 a 1883, por não existirem livros dos quais se pudesse extrair números a respeito]; Corpos Gerentes da Associação desde o ano de 1865 a 1946.

O amigo e bragançano, Raul Teixeira, numa breve sinopse, referiu-se a esta obra como “verdadeiro Tombo genealógico de bons conterrâneos”, cuja memória Mons. José de Castro elevava a uma dignidade porventura inaudita para os olhares contemporâneos:

“A sociedade brigantina de hoje, constituída ainda por filhos, e mais numerosamente por netos e bisnetos, de tão indefessos trabalhadores, ao ler esta obra orgulhar-se-á com ascendência tão preclara, e comover-se-á por ver aqui engrandecidos os seus maiores, cujo perfil ilustram estas páginas saídas da ferril pena, emotiva e doutíssima, dum digno Filho de Bragança.”⁴⁶⁶

O bom serviço prestado por Mons. José de Castro à Associação dos Artistas e à sua história foi reconhecido pela Direção da instituição, que em reunião realizada em 9 de março de 1946, nomeou o sacerdote brigantino sócio honorário daquela coletividade de benemerência social e cultural.⁴⁶⁷

⁴⁶⁶ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 3, doc. 5.

⁴⁶⁷ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 3, doc. 1.

3.2. A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança

A Santa Casa da Misericórdia de Bragança, como instituição de beneficência e a única prestadora civil de cuidados hospitalares nesta cidade, gozava do apreço generalizado das gentes locais.

Mons. José de Castro estreitou laços com a instituição em finais de 1925, quando conjugou esforços com conterrâneos residentes no Rio de Janeiro para a promoção de uma subscrição a favor da Misericórdia de Bragança. Os pródigos frutos desta iniciativa levaram os brigantinos e beneficiários da ação a prestar homenagem aos seus mentores. Assim, no dia 30 de junho de 1926, teve lugar no Teatro Camões, em Bragança, uma “récita de gala” composta pela leitura da conferência “Pela Santa Casa”, da autoria do P.^e José de Castro, seguida da representação da peça em quatro atos intitulada “Envelhecer”. A receita da bilheteira reverteu para a instituição, assim como o produto da venda de opúsculos da conferência, cuja leitura ficou a cargo de Raul Teixeira⁴⁶⁸.

Para além do aplauso e da gratidão dos seus conterrâneos pela angariação de fundos para a construção de um novo pavilhão do hospital⁴⁶⁹, o interesse de Mons. José de Castro pela Misericórdia de Bragança obteve reconhecimento institucional. Na proposta para a sua condecoração com o grau de comendador da Ordem de Benemerência, apresentada à Cancelaria das Ordens Portuguesas em 5 de julho de 1930, o proponente Ministro do Interior aludiu à maneira nobre e elevada como o P.^e José de Castro tinha sabido honrar o nome de Portugal nos Estados Unidos do Brasil, “sem esquecer nunca a sua terra natal, tendo, fora outros benefícios dispensados, promovido entre os seus amigos da capital da República Irmã uma subscrição para a Misericórdia de Bragança, que rendeu 55.500\$00.”⁴⁷⁰

O regresso temporário de Mons. José de Castro à sua cidade natal, por ocasião da exoneração do cargo de Conselheiro Eclesiástico na Embaixada de Portugal no Vaticano, proporcionou o reencontro do investigador com a Santa Casa de Bragança, colocando ao

⁴⁶⁸ Cartaz da Récita de gala, realizada no Teatro Camões, em homenagem aos beneméritos da Santa Casa da Misericórdia, residentes no Brasil: MAB, FAM: PT/MAB/AAM, cx. 22, doc. 327. [Documentação em organização]

⁴⁶⁹ “Novidades nas províncias: Distrito de Bragança. Bragança 1 [...]”. *Novidades* (5 mar. 1926), p. 3, col. 2.

⁴⁷⁰ Arquivo Histórico da Presidência, Fundo Geral *Processo 253 – Ordem de Benemerência*: PT/PR/AHPR/CH/CH0101/CH010112/ D205906.

seu serviço a experiência adquirida durante a intensa investigação anteriormente realizada nos arquivos romanos.

Para além do interesse pessoal do sacerdote pela instituição, a elaboração de uma monografia que narrasse a sua história, à semelhança do que sucedera com a Associação dos Artistas, atenuava a angústia que lhe causava o afastamento das lides da historiografia, como referiu em carta dirigida a Marcelo Caetano, datada de 24 de março de 1947: “Agora para encher o tempo, faço investigações sobre a Santa Casa daqui. O pânico em que fico, pensando que não terei que fazer!...”⁴⁷¹

A presença de Mons. José de Castro em Bragança proporcionou o reforço do convívio com alguns amigos de longa data, entre os quais o Abade de Baçal. O processo de pesquisas e composição da monografia coincidiu com o ocaso da vida do P.º Francisco Manuel Alves e o seu falecimento, ocorrido em 13 de novembro de 1947. A morte do Abade de Baçal ficou indelevelmente ligada à publicação *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*. A obra foi dedicada à sua memória, apresentando uma fotografia do Abade, seguida da inscrição: “À queridíssima e veneranda memória do Padre Francisco Manuel Alves – Abade de Baçal – o maior bragançano de todos os tempos”⁴⁷².

O texto *In Memoriam*, evocativo da memória do Abade de Baçal, integrado nesta publicação, suscitou comoção e aplausos nos leitores, como ilustram as palavras que o sacerdote e escritor Nuno de Montemor (1881-1964) remeteu a Mons. José de Castro, através de carta datada de 25 de fevereiro de 1948:

“Também já tinha lido o prefácio do livro sobre a Misericórdia, onde vem essa formosa morte, descrita em tão formosa letra.

Se eu tivesse a sorte de a ter escrito, garanto-lhe que faria, com ela, uma bela *plaque*. Aquilo é das mais lindas e emocionantes páginas que os meus olhos têm lido. Apetece roubá-las.

Não há na literatura portuguesa, nem conheço no estrangeiro, coisa que se assemelhe a essas páginas e a essa morte.”⁴⁷³

⁴⁷¹ ANTT, AMC: PT/TT/PS/AMC/12-330/Correspondência/CASTRO/José, doc. 9.

⁴⁷² P.º José de Castro, *A Santa Casa de Bragança*. Lisboa: [Autor], 1948.

⁴⁷³ ADBG, FJAC: Cx. 2, pt. 8, mç. 14, doc. 32.

Depois da eloquência da sua palavra escrita, Mons. José de Castro prestou tributo à memória de Francisco Manuel Alves recorrendo aos dotes de oratória que lhe eram reconhecidos. Assim aconteceu na passagem do trigésimo dia da morte do Abade de Baçal na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, onde proferiu sobre ele uma conferência, classificada pelo bispo Manuel António Pires como “das coisas mais belas e perfeitas que jamais ouvi sobre a figura ímpar do Abade de Baçal”⁴⁷⁴.

A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança foi o primeiro livro que Mons. José de Castro publicou após a morte do Abade de Baçal e terá sido essa a razão para aqui integrar o texto *in memoriam* do sacerdote e investigador. Não será menosprezável, no entanto, o facto de o Abade ter sido um entusiasta da obra. Como o autor referiu no texto prefacial, o Abade de Baçal manifestou satisfação pela publicação do livro *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança* e lamentou que “por minguia de materiais”, não pudesse também consagrar um volume à Santa Casa da Misericórdia, considerando que seria “um trabalho interessantíssimo, muito digno de aparecer ao lado da obra *Bragança e Miranda*”⁴⁷⁵. Ao lamento e incentivo do Padre Francisco Manuel Alves ter-se-ia associado “o desejo insistente de bragançanos ilustres”, como sejam Francisco Martins Morgado e Francisco Moz, bem como José Furtado Montanha, figuras de relevo da sociedade e da cultura locais e importantes amigos de Mons. José de Castro.

Assim, vencida a hesitação inicial, Mons. Castro lançou-se no trabalho, cruzando fontes e perscrutando arquivos, designadamente os da Misericórdia e do Arquivo Distrital de Bragança. Nos arquivos do Vaticano terá recolhido também documentação, mas “não muita”, esclarece Maria Antónia Lopes, uma vez que “as Misericórdias não eram instituições da Igreja nem esta detinha sobre elas jurisdição”⁴⁷⁶.

⁴⁷⁴ Manuel António Pires, “Monsenhor Castro: o diplomata, o escritor e o padre”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 318.

⁴⁷⁵ P.º José de Castro, *A Santa Casa de Bragança*. Lisboa: [Autor], 1948, p. [7].

⁴⁷⁶ Maria Antónia Lopes, “A monografia da Misericórdia de Bragança do P.º José de Castro: apresentação e revisão científica”. In P.º José de Castro, *A santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*. 2.ª ed revista e aumentada. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2018, p. 10.

No decurso daquele “penoso e demorado estudo”, e embora já “atormentado pela gravidade da sua doença”, o Abade “com muita frequência” indagava “do estado das pesquisas, das conclusões a que chegava e da arrumação dada ao assunto”. “Quero ver, dizia-lhe, como vós conseguis fazer um trabalho de reconstituição histórica apenas com relações de receita e despesa”⁴⁷⁷. Debatendo-se “com a ausência de documentação de outra natureza”, o autor explorou de modo exaustivo “registos de receitas e despesas e inventários de bens fazendo-os ‘falar’ sobre o passado da instituição”⁴⁷⁸. E como escreve Nuno de Montemor em carta enviada em finais de maio de 1948 ao amigo José de Castro: “Num livro que, necessariamente, havia de conter muitos nomes e datas, era difícil fugir ao fastio do leitor frívolo, mas através de todo ele, passa e vibra a flama de seu espirito que nos concentra e atrai.”⁴⁷⁹ Para aquele sacerdote e escritor, *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*, “todo escrito com amor e claridade”, cumpre o propósito da história e da memória: “O seu livro vem avivar, afervorar, o amor que se lhe deve ter, e só por isto que fosse, já era um alto valor. Mas ele vai mais longe, porque se afirma como um notável livro histórico, que entesoura e consagra pessoas e documentos que amanhã podiam perder-se na memória dos homens e nos arquivos.”⁴⁸⁰

Com efeito, após o aludido e aclamado prefácio *in memoriam*, este trabalho monográfico é constituído por vinte capítulos, aos quais se segue um relevante apêndice documental, elemento comum às várias obras de Mons. José de Castro. Através destes apêndices, o autor pretendia conferir máxima utilidade ao trabalho realizado, disponibilizando a transcrição integral de documentos de difícil acesso, para que outros investigadores a eles pudessem aceder⁴⁸¹.

Ao longo dos vinte capítulos, Mons. Castro abordou a história da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, na diversidade e profundidade da ação, tratando, sucessivamente, os seguintes temas: a Santa Casa (origens das misericórdias e fundação da Santa Casa da Misericórdia de Bragança); a Irmandade da Misericórdia; a Igreja da

⁴⁷⁷ P.º José de Castro, *A Santa Casa de Bragança*. Lisboa: [Autor], 1948, p. 10.

⁴⁷⁸ Maria Antónia Lopes, “A monografia da Misericórdia de Bragança do P.º José de Castro: apresentação e revisão científica” [...], p. 10.

⁴⁷⁹ ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 8, mç. 14, doc. 33.

⁴⁸⁰ ADBG, FJAC: Cx 3, pt. 8, mç. 14, doc. 33.

⁴⁸¹ Cf. P.º José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto. Tipografia Porto Médico, 1946, vol. I.

Misericórdia, seus Capelães e Sacristães; a Mesa da Santa Casa; o velho hospital; os Oficiais da Santa Casa, assistência técnica e medicamentos; a devoção ao Senhor dos Passos e as Procissões dos fogaréus e Senhor Morto; assistência a pobres, presos e enfermos e a peregrinos, cativos e mortos; o exercício de Misericórdia Espiritual; fontes de receita; o novo hospital e a abertura de novo pavilhão. O capítulo conclusivo, intitulado “sugestões finais”, projeta a ação da Santa Casa no futuro, sugerindo a realização de novas ações ou a recuperação de ações caídas em desuso, para que se tornasse e efetivo o exercício das catorze obras de misericórdia. Nas derradeiras palavras da obra, Mons. José de Castro afirma a “certeza de dar ao País o primeiro livro sobre uma Santa Casa de província”, reconhecendo o caráter percussor do seu trabalho.

O autor de *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança* tinha clara convicção de que “pela natureza e finalidade do assunto” este livro teria “certa utilidade e repercussão”⁴⁸². Tal evidenciou-se em 2018, com a reedição da obra por ocasião da celebração dos 500 anos da fundação da instituição brigantina. Por vicissitudes diversas, o já mutilado arquivo da instituição sofreu novas perdas, reforçando o papel do trabalho monográfico de Mons. José de Castro como verdadeira fonte primária para o seu estudo.

⁴⁸² P.^o José de Castro, *A Santa Casa de Bragança* [...], p. 7.

CAPÍTULO V – PATRIMÓNIO CULTURAL DA IGREJA NA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA

1. *Bragança e Miranda (Bispado)* – obra referencial na historiografia da Diocese de Bragança-Miranda

1.1. Motivações para a realização da obra

A obra *Bragança e Miranda (Bispado)* [1946-1951], uma história da Diocese de Bragança-Miranda, nasceu da vontade do Bispo D. Abílio Vaz das Neves e da tenacidade e capacidade de realização de Mons. José de Castro.

No início da década de 40 do século XX, Mons. José de Castro era o investigador brigantino em melhor posição de realizar uma história da Diocese de Bragança e Miranda. A residir em Roma por força do exercício do cargo de Conselheiro Eclesiástico na representação diplomática de Portugal junto da Santa Sé, o autor adquirira uma sólida experiência de investigação resultante dos trabalhos nos arquivos do Vaticano e alcançara reconhecimento, particularmente com a publicação de *Portugal em Roma* [1939], que lhe abriu as portas da Academia Portuguesa da História como sócio correspondente.

A estes fatores somavam-se as motivações pessoais de Mons. Castro, como inscreveu no texto prefacial da obra, datado de 1 de janeiro de 1945. Em primeira instância, foi invocado o amor à terra natal, com a qual mantinha uma relação profunda, pese a ausência de quase trinta anos, entrecortada por breves visitas anuais, desde que, em 1930, passara a residir em Roma. Acresceu ao aspeto afetivo a necessidade de realizar uma história da Diocese, cujo quarto centenário se avizinhava, cimentada no desejo profundo de servir a Nação e a Igreja, desiderato que sempre norteou a ação presbiteral, bibliográfica e diplomática do sacerdote, como o próprio afirmou no aludido prefácio:

“E a razão preponderante, a razão decisiva, a razão das razões foi considerar que a geografia e a história da maior parte da minha vida girava, tanto ao perto como ao largo, à roda da maior glória de Portugal servindo a Igreja e da Igreja servindo Portugal. Ma a história da Igreja estava e está por fazer. Ao alto do todo só se chega pelos degraus das

partes. Fizesse eu uma das partes, e daria uma grande contribuição para o todo. A um tempo serviria a pátria grande – Portugal; e a pátria pequena – Bragança.”⁴⁸³

A publicação desta obra seria um contributo para as celebrações do quarto centenário da fundação da Diocese de Miranda, nas quais o Prelado em exercício, D. Abílio Vaz das Neves (1938-1965), empenhou o seu maior zelo. Depois de ter anunciado a efeméride na Páscoa de 1944, o Bispo diocesano fez publicar, em fevereiro de 1945, uma Exortação Pastoral sobre “A preparação para as Festas Centenárias da Fundação da Diocese”, dirigida ao clero e aos fiéis, na qual manifestava a sua expectativa de que este acontecimento celebrativo constituísse “uma data histórica para toda a Diocese”⁴⁸⁴. Para alcançar tal propósito, foi delineando um “grandioso programa”, que encerrava a grande aspiração de

“poder iluminar todas as inteligências da Diocese e fazer vibrar todos os corações a tal ponto que o evento do quarto centenário da Diocese marcasse o ponto de partida de um futuro sempre progressivo e glorioso e fosse uma grande apoteose das forças vivas do presente.”⁴⁸⁵

As celebrações dos quatrocentos anos da fundação da Diocese tiveram o seu ponto alto na cidade de Bragança entre os dias 28 de agosto e 2 de setembro de 1945, nas quais marcaram presença, além do clero brigantino, o Arcebispo de Braga, entre outras personalidades eclesíásticas e civis⁴⁸⁶.

Apesar de a obra *Bragança e Miranda (Bispado)* se enquadrar nos festejos dos centenários, a sua publicação acabaria por não se concretizar a tempo de os integrar. O primeiro volume foi dado ao prelo apenas em 1946.

⁴⁸³ P.^e José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)* [Prefácio]. Porto. Tipografia Porto Médico, 1946, vol. I.

⁴⁸⁴ D. Abílio Vaz das Neves, “Exortação Pastoral sobre a preparação para as Festas Centenárias da Fundação da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 fev. 1945), p. 1, col.1.

⁴⁸⁵ *Ibidem*, p. 2, col.1.

⁴⁸⁶ Cf. “Grandiosas e soleníssimas Celebrações Centenárias da Fundação da Diocese na cidade de Bragança nos dias 28, 29, 30 e 31 de Agosto e 1 e 2 de Setembro”. *Mensageiro de Bragança* (20 ago. 1945), p. 1, col. 1-3.

1.2. Contributos das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* e de outras fontes primárias

Desde a segunda metade do século XIX, a História da Igreja ocupou alguns historiadores, não só num âmbito nacional, mas também regional. A par da referencial *História da Igreja em Portugal*, de Fortunato de Almeida [1910-1928], e de diversas investigações empreendidas por “historiadores católicos”, foram publicadas várias monografias regionais, muitas da autoria de “historiadores-clérigos”⁴⁸⁷. Entre estes *trabalhos eruditos*, figurou a obra em onze volumes *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* [1909-1949], de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. Este e outros *trabalhos regionalistas* congéneres extrapolavam o âmbito da história eclesiástica, uma vez que se alargavam “na descrição das cidades e meio envolvente, na sua história civil, elementos para a história económica, tradições, património construído, etc.”⁴⁸⁸ O subtítulo da obra monográfica do Abade de Baçal deixa-o antever claramente: “Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, biobibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança”. Os onze volumes não contemplam, estrito senso, uma história do Bispado de Miranda e de Bragança. Porém, ao longo das suas páginas, foram abordados e documentados os mais significativos acontecimentos, personalidades, e elementos diversos do património eclesiástico, material e imaterial, desta circunscrição diocesana, até à data da sua publicação.

A metodologia da *história erudita* a que o Abade de Baçal recorria, “baseava no documento toda a possibilidade de verdade”⁴⁸⁹. Tal princípio norteou a realização de *excursões arqueológicas* pelo território diocesano e a constituição de uma extensa rede de correspondentes distritais, cuja investigação histórica assentava na transcrição dos

⁴⁸⁷ Luís Reis Torgal, Sob o signo da «reconstrução nacional». In Luís Reis Torgal [et al.], *História da História em Portugal, Séculos XIX-XX*. [S.l.]: Temas e Debates, 1998, vol. 1, p. 271.

⁴⁸⁸ Sérgio Campos Matos, “Historiografia”. In Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário de História Religiosa de Portugal* [C-I], p. 371.

⁴⁸⁹ João Neto Jacob, “O Abade de Baçal: a Vida e a Obra”. In Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo I, p. XXX.

documentos originais⁴⁹⁰. Tal revelou-se de incomensurável valia para trabalhos historiográficos ulteriores.

Cada um dos onze volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas* foi organizado em torno de um tema em particular. Não obstante a singularidade conferida aos vários tomos, estes representaram “a primeira expressão de conjunto, sistematizada, de um projeto de investigação histórica completo”, em torno da realidade transmontana⁴⁹¹.

Os três primeiros volumes da obra apresentam uma “matriz histórica e religiosa”, complementados pelo volume quarto, essencialmente documental, em paralelo com o tomo oitavo, dedicado à “investigação realizada em Espanha, no Arquivo de Simancas.”⁴⁹² Pese o cariz unitário que a “matriz histórica e religiosa” conferia aos volumes referidos, os numerosos elementos do património histórico-cultural da Igreja estenderam-se pelos vários volumes.

A extensa obra do Abade de Baçal não esgotou, porém, o universo de fontes para o estudo da história da Diocese de Bragança-Miranda e do seu património, nem tampouco o campo de análise e de produção historiográfica. Ao invés, potenciou a realização de novas e complementares investigações e publicações. Tal viria a concretizar-se entre 1946 e 1951, com a publicação dos quatro volumes de *Bragança e Miranda (Bispado)*, de Mons. José de Castro. Tratou-se de uma obra estruturalmente concebida como *história* da Diocese de Bragança-Miranda, levada a efeito pelo investigador brigantino que, ao tempo, gozava de maior reconhecimento pelo seu trabalho historiográfico, ressaltando o lugar cimeiro do reverenciado e consagrado Abade de Baçal.

Bragança e Miranda (Bispado) teve nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* um dos pilares estruturantes. Desde a primeira hora, Mons. Castro tomou a obra de Francisco Manuel Alves como um recurso fundamental para a sua investigação, e disso mesmo deu nota ao Abade de Baçal, em carta enviada a partir de Roma, em 2 de outubro de 1942:

⁴⁹⁰ *Ibidem*.

⁴⁹¹ Maria Alcina dos Santos, “Introdução à primeira reedição”. In Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo I, p. CLIX.

⁴⁹² *Ibidem*.

“Terminei agora de fazer em migalhas as suas preciosíssimas notas sobre os bispos e o bispado de Bragança. Claro que não averiguo as citações, nem as citarei. No trabalho que penso fazer, referirei apenas o Senhor Abade. E bastará como homenagem à sua qualidade e proveito para o meu descanso.”⁴⁹³

Esta missiva antecedeu, em poucos dias, o início das investigações nos arquivos do Vaticano. Ciente do trabalho hercúleo que enfrentaria, Mons. Castro centrava os seus receios na eventualidade de “não encontrar o bastante em quantidade e qualidade que se possa pôr ao lado dessa mina extraordinária de informações que são os seus dois volumes – o 2.º e o 4.º - Uma coisa assombrosa!”⁴⁹⁴

Ao longo das investigações, o Abade de Baçal não se escusou a prestar esclarecimentos ou a dispensar alguma orientação que lhe fosse solicitada, tal como ilustra a carta que remeteu ao seu “caríssimo P. Castro”, em 25 de julho de 1944, acompanhando o envio de um livro sobre o bispo D. António Luís da Câmara Veiga Cabral. Nesta missiva, o ilustre Abade elencou os tomos, e respetivas páginas onde, para além do tomo segundo, dispunha informação sobre os Bispos diocesanos. Esta dispersão de notícias devia-se à recolha que vinha realizando, desde há trinta e quatro anos, dispostas, nos vários tomos “à formiga”, conforme iam aparecendo.⁴⁹⁵

Na correspondente epístola de agradecimento, datada de 31 de dezembro de 1944, Mons. José de Castro informou o seu “querido amigo” sobre a realização de novas diligências, de acordo com indicações que lhe fornecera:

“E agora vou ver se encontro segundo as suas indicações os Documentos históricos do Cónego Manuel Pires, apesar de ter quasi a certeza de que pouco adiantarei pelo que já tenho de meu e de seu, isto é do Senhor Abade.”⁴⁹⁶

⁴⁹³ Cf. Ana Maria Afonso; Luís Carlos Amaral, org., “Correspondência recebida pelo Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal; II – Correspondência enviada por Monsenhor José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, pp. 440-441.

⁴⁹⁴ *Ibidem*.

⁴⁹⁵ ADBG, FJAC, Cx. 2, pt. 6, mç. 1, doc. 8.

⁴⁹⁶ Ana Maria Afonso; Luís Carlos Amaral, org., “Correspondência recebida [...]”, pp. 448-449.

O investigador concluiu esta carta com palavras de reconhecimento pelo papel que as *Memórias Arqueológico-Históricas* representavam para o trabalho que vinha realizando:

“A história do Bispado de Bragança é uma pobre história e por isso se pode andar depressa, desde que se tome como fonte principal o seu colossal trabalho de investigação que exigiu muitos anos. Só isto dá direito ao Senhor Abade para ter uma dúzia de estátuas.”⁴⁹⁷

E este reconhecimento ficou gravado no prefácio de *Bragança e Miranda (Bispado)*. A par da documentação depositada nos arquivos do Vaticano, Mons. José de Castro atribuiu à obra do P.^e Francisco Manuel Alves uma função matricial na investigação. Referindo-se à valia da obra para os investigadores, referiu:

“Para se avaliar da imensa riqueza das suas informações, diz-se que o 1.^o volume, não obstante ser o mais pobre de todos, contém esta coisa enorme: 473 informações vaticanas ao lado de 250 extraídas da obra do Abade de Baçal que, pela natureza e riqueza das suas investigações, merece, com toda a justiça, o título de pai de história.”⁴⁹⁸

Deste modo, as *Memórias Arqueológico-Históricas* e o seu autor foram referência e substância para os quatro volumes da *história* da Diocese, tal como para outros trabalhos de investigação, coetâneos e ulteriores, versados sobre este território eclesiástico e o seu património.

Em finais de 1941, Mons. José de Castro encontrava-se plenamente mergulhado nos trabalhos sobre a *história* da Diocese, como refere na missiva enviada ao amigo Raul Teixeira, em 24 de outubro:

“Eu ando tão ocupado com as pesquisas do novo trabalho que dia a dia deixo para depois a ideia de lhe escrever. O que tenho encontrado é assaz interessante, mas não deixa ainda calcular o que será a história da diocese de Bragança e Miranda nem em quantidade, nem

⁴⁹⁷ *Ibidem*.

⁴⁹⁸ P.^e José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)* [Prefácio]. Porto. Tipografia Porto Médico, 1946, vol. I.

em qualidade. Trabalho, trabalho doidamente, certo de que algo farei de novo e definitivo em certos sentidos.”⁴⁹⁹

Um ano volvido sobre esta comunicação, o sacerdote deu nota ao Bispo de Bragança do andamento das investigações. Por esta altura encontrava-se ainda em processo de recolha e tratamento de fontes documentais. À informação coligida em Roma necessitava agora juntar aquela que se encontrava em Bragança e que não havia sido contemplada nas *Memórias Arqueológico Históricas*. Recorreu, para o efeito, à colaboração do Secretário da Câmara Eclesiástica, P.^e Manuel António Pires⁵⁰⁰, como deu nota a D. Abílio Vaz das Neves, através de carta, em 15 de novembro de 1942:

“A história da diocese de Bragança vai indo melhor que eu pensava; mas não sei ainda quando começarei a redigi-la porque necessito primeiro recolher todos os materiais que possa. Depois de 1860 os arquivos nada me podem fornecer; e por isso escrevi ao Dr. Pires para que juntasse e me remetesse tudo o que pudesse encontrar desde 1915 para cá para o trabalho ser o mais completo possível.”⁵⁰¹

Em Roma, Mons. Castro recebeu cópias de documentação existente nos arquivos de Bragança, nomeadamente no Arquivo da Câmara Eclesiástica. Com a colaboração do P.^e Manuel António Pires e o interesse do Bispo diocesano, retomou o levantamento documental a partir do ponto cronológico em que cessara a investigação do Abade de Baçal, abarcando o mandato dos quatro últimos prelados de Bragança-Miranda: D. José

⁴⁹⁹ MAB, FRT: Cx. 4 (2), mç. 4. [Documentação em organização]

⁵⁰⁰ D. Manuel António Pires nasceu a 27 de março de 1915 na freguesia de Vila Boa, concelho de Vinhais, distrito de Bragança. Ingressou no Seminário Menor de Vinhais em 1928, onde concluiu os Preparatórios e o 1.º ano de Filosofia. Proseguiu estudos no Seminário em Bragança, a partir do ano letivo de 1934-35, e aqui concluiu o 2.º ano de Filosofia e o 1.º e 2.º anos de Teologia, obtendo as mais elevadas classificações. Em 1937 foi encaminhado pelos superiores do Seminário para o Colégio Português em Roma, tendo concluído, em 1940, com elevadas classificações, a Licenciatura em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana. Entretanto, em 1939, foi ordenado sacerdote, celebrando a sua primeira missa nas catacumbas de S. Calisto. Regressou à Diocese de Bragança-Miranda em 1940, onde desempenhou diversos cargos, nomeadamente ao serviço do Seminário. Foi professor no Liceu Nacional de Bragança e na Escola do Magistério Primário da mesma cidade. Na Cúria Diocesana desempenhou, entre outras, as funções de Secretário particular do Bispo, Chanceler da Cúria Diocesana, Assistente Diocesano da Ação Católica e Diretor Diocesano da União Missionária do Clero. Em 7 de Março de 1955 foi nomeado Bispo titular de Ália e Coadjutor de D. António Ildfonso dos Santos Silva, Bispo de Silva Porto (Angola), pelo Papa Pio XII. Em 1958 foi nomeado Bispo residencial de Silva Porto. Regressou à sua terra natal em 1979, após a Santa Sé deferir o seu pedido de resignação, e aqui permaneceu até 1999, ano do seu falecimento. [Cf. Mons. Lopes Cruz, org., *Anuário Católico de Portugal 1957*. Lisboa: Imprimat, 1957; “Foi nomeado Bispo Coadjutor de Silva Porto Mons. Manuel António Pires, Vigário da Diocese de Bragança”. *Mensageiro de Bragança* (22 abr. 1955), p. 1, col. 1-3.

⁵⁰¹ TDMJC, Arquivo dos Bispos: Cx. 21, mç. 2, pt. 6. [Documentação em organização]

Leite de Faria, D. António Bento Martins Júnior, D. Luís António de Almeida e D. Abílio Vaz das Neves, o bispo em exercício.

Em dezembro de 1942, D. Abílio informou o investigador do ponto em que se encontrava a recolha de documentos e os preparativos das Celebrações Centenárias da Diocese:

“Temos tudo pronto para lhe ser enviado pelos Seminaristas o que diz respeito à Diocese de 1915 para diante. Na próxima reunião dos Mto. RR. Arciprestes vou informá-los da obra que tem entre mãos e do Sínodo Diocesano em que andamos empenhados desde o ano passado. Se Deus Nosso Senhor quiser terá lugar no ano do Centenário também. Nesse ano queria ter completas as obras nos Seminários e convidar o Sr. Arcebispo às nossas festas.”⁵⁰²

Esta colaboração a distância enfrentou, no entanto, alguns obstáculos. Em tempo de guerra na Europa, a comunicação entre Mons. José de Castro e os cooperadores de Bragança estabelecia-se através de correspondência postal e aproveitando as deslocções dos seminaristas brigantinos a frequentar estudos em Roma. Em Bragança, o P.^e Manuel António Pires, incumbido de recolher e fazer chegar ao investigador a documentação que este requeria, deparou-se com dificuldades em dar resposta a algumas solicitações, como deu nota a Mons. Castro, através de carta datada de fevereiro de 1943:

“Pela Câmara Eclesiástica há muito material relativo aos quatro últimos Prelados, mas com o grande inconveniente de ser quasi todo manuscrito, e, portanto, excessivamente volumoso. Esperava mandá-lo pelos Seminaristas, mas à última hora complicou-se-lhes a viagem. Foi para mim um grande atraso e transtorno. O pior é que o Senhor Bispo não compreende estas coisas e quer que se faça isto sem prejuízo do outro serviço, o que é impossível.

No entanto, dentro em breve, começará a ser-lhe enviado regularmente o material pedido.”⁵⁰³

⁵⁰² ADBG, FJAC, Cx. 1, pt. 3, mç. 7, doc.40.

⁵⁰³ ADBG, FJAC, Cx. 1, pt. 3, mç. 14, doc.2.

Nem sempre era possível satisfazer os pedidos vindos de Roma, a partir do Arquivo da Câmara Eclesiástica. Tal verificou-se, concretamente, no pedido de disponibilização de periódicos locais antigos. Perante a inexistência de tais documentos, procurava-se o auxílio de sacerdotes com coleções particulares:

“Falei por duas vezes ao Sr. P.^e Campos e agora parece estar tudo encaminhado para lhe ser enviado o que deseja para o trabalho entre mãos da História desta Diocese. Tem custado a arranjar o material. Nós não temos nada arquivado exceto o Mensageiro e os Boletins e não há quem possua esboços dos jornais antigos da terra.

O Sr. Abade de Baçal empresta o que tem e com o que aqui temos alguma luz se há-de fazer sobre o assunto de que tratamos.

O Sr. P.^e Campos disse-me que por estes dias lhe enviava o Legionário e depois seguiria o resto.”⁵⁰⁴

Os diversos recursos documentais reunidos nos arquivos de Bragança permitiam complementar os elementos colhidos na obra do Abade de Baçal e a estes seriam acrescentados os documentos depositados nos arquivos romanos.

No que concerne às fontes primárias da obra, considerando os seus produtores, estas advieram, sobretudo, do *Arquivo Secreto do Vaticano*, *Arquivo da Embaixada de Portugal na Santa Sé*, *Arquivo Distrital de Bragança*, *Arquivo do Cabido* e *Arquivo Episcopal de Bragança* (Arquivo da Câmara Eclesiástica).

Relativamente aos documentos que integravam o *Arquivo da Embaixada de Portugal na Santa Sé*, o autor apresenta, em rodapé, as referências dos documentos consultados, com indicação da sua localização em Livros e Caixas, mas sem menção de nome ou de tipologia documental. Quanto às fontes provindas dos restantes arquivos acima mencionados, estas integravam os seguintes fundos e séries:

- a) Arquivo Distrital de Bragança: Acórdãos; Autoridades Superiores; Breves e Confrarias; Capítulos de Visita; Cartas; Cartas não verificadas; Cónegos da Sé; Confrarias e mordomias; Contas; Correspondência Especial; Correspondência

⁵⁰⁴ ADBGC, FJAC, Cx. 1, pt. 3, mç. 7, doc. 41.

Episcopal; Correspondência Oficial; Documentos Importantes; Documentos para a História; Estatutos; Fábrica da Sé; Registos; Frades e Freiras; Informações Políticas; Inventário da Fábrica [da Sé]; Livro da Fábrica de São João; Maço de Santa Clara; Maço dos Cónegos; Registo de Santa Maria; Registo Geral do Bispado; Registo Paroquial; Rendas da mitra; Rendas do Bispado; Santa Clara de Bragança; Santa Maria; Visitações.

b) Arquivo do Cabido: Atas do Cabido; Censual; Correspondência Episcopal; Fábrica da Sé; Posses e Jurisdições; Registo; Tombo da Igreja de São João.

c) Arquivo Episcopal: Capítulos e Visitas; Cartas de Encomendação; Clero da Diocese; Confirmados; Copiador de Concursos; Copiadores; Correspondência Epistolar; Correspondência para os Párocos; Devassa da Visita; Documentos; Estatutos do Cabido; Exame dos Ordinandos; Exames para Ordens; Fábrica da Sé; Governo e Autoridades; Matrícula de Estudantes; Matrícula de Ordinandos; Posses e Jurisdições; Provisões e Portarias; Registo da Confraria das Almas de Sendim; Registo de Benefícios; Registos de Casamentos; Registo de Correspondência; Registo de Dimissórias; Registo de Pastorais; Registo de Títulos e Benefícios; Registos; Renúncias Canónicas; Rol dos Culpados; Termo da Visita; Termo de Sanidade; Vagaturas de Igrejas; Visitação.

d) Arquivo Secreto do Vaticano: Acta Camerarii; Acta Miscellanea; Acta Vicecancellis; Armadio 29, 30, 32, 41, 42, 44, 45; Bulle; Busta Portogallo; Concilio; Congregazioni Concilii; Consistoria; Libri Decretorum; Libri Litterarum Visitationum; Minutae Brevium; Nunziatura di Portogallo; Particulari; Principi; Processus Consistoriales; Registri delle Suppliche (Registra Supplicationum); Registri Lateranensi; Registri Vaticani; Resignationes; Segreteria di Stato; Secretaria Brevium; Spagna; Vescovi.

Em termos metodológicos, Mons. José de Castro manteve os princípios do rigor factual e da fidelidade às fontes que já haviam norteado os trabalhos de investigação precedentes. No entanto, procurava que este rigor histórico fosse compaginado com uma escrita mais despretensiosa, porventura pouco conformada com um estilo mais academicista, tal como adverte no prefácio da obra:

“Ver-se-á que a história do bispado não é um trabalho onde a imaginação estabeleceu domicílio, nem mesmo um livro, colocado entre a ficção e a história [...]. É uma coisa séria, documentada, cheia de honestidade intelectual – a mais difícil das honestidades – com bastante fastio distribuído pelas suas páginas [...] apesar da minha impertinente preocupação de fugir ao estilo hirto, empertigado, de moldes bolorentos, de ares solenes como fachadas de catedral. Mas, em todo o caso, é história, e história tem de ser assim. E não pode ser de outro modo.”⁵⁰⁵

1.3. Estrutura interna da obra e elementos de património cultural abordados

Em *Bragança e Miranda (Bispado)*, a vida e a obra dos sucessivos Bispos da Diocese foram tomados como o seu fio condutor.

Nas considerações preambulares sobre a obra, o autor referiu ter sido objetivo norteador deste trabalho “traçar o perfil dos bispos dizer algo da sua atividade, pôr ao lado em capítulos diferentes as obras da sua iniciativa ou bafejadas pela proteção episcopal.”⁵⁰⁶ Deste modo, deparamo-nos com uma organização cronológica da narrativa, iniciada com a fundação da Diocese de Miranda [1545] e concluída no ano festivo em que completava os quatrocentos anos de existência [1945]. Relativamente a esta data extrema, o Mons. Castro fez a ressalva de que, em relação ao último Prelado, foram tomadas cautelas de equidistância. Assim, após a abordagem ao processo da nomeação de D. Abílio Vaz das Neves para a cátedra diocesana e respetiva entrada solene em 1939, apenas foram referenciados os documentos que D. Abílio Vaz das Neves fez publicar, essencialmente de cariz governativo e pastoral, sem qualquer outra

⁵⁰⁵ P.^e José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)* [Prefácio]. Porto. Tipografia Porto Médico, 1946, vol. I.

⁵⁰⁶ *Ibidem*.

consideração ou comentário, por julgar não ser “elegante, nem curial” para ambos que fossem tecidas “considerações históricas sobre o seu governo”⁵⁰⁷.

Atendendo à estrutura interna de *Bragança e Miranda (Bispado)*, os sucessivos mandatos episcopais, acompanhados da narração das incidências que os marcaram, encontram-se distribuídos pelos quatro volumes da obra, do seguinte modo:

Vol. I – Da Fundação da Diocese de Miranda a D. José de Melo, 8.º Bispo de Miranda (1545 a 1611);

Vol. II – De D. Jerónimo Teixeira Cabral, 9.º Bispo de Miranda, a D. Frei João da Cruz, 22.º Bispo de Miranda (1611 a 1756);

Vol. III – De D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, 23.º Bispo de Miranda, a D. João de Aguiar, 7.º Bispo de Bragança e Miranda (1758 a 1871);

Vol. IV – De D. José Luís Alves Feijó, 8.º Bispo de Bragança e Miranda a D. Abílio Augusto Vaz das Neves, 15.º Bispo de Bragança e Miranda (1871 a 1945).

No que respeita aos conteúdos que integram esta obra, estes poderão ser agrupados em diferentes núcleos temáticos, como a seguir se apresenta:

a) A Diocese, na sua dimensão administrativa: fundação da Diocese de Miranda; transferência da Diocese de Miranda para Bragança; criação da Diocese de Bragança e a fusão das dioceses de Bragança e de Miranda; a nova circunscrição diocesana;

b) Os Bispos Diocesanos: elementos biográficos; processos eleitorais e consistórios; entradas solenes; ações de governação, sínodos diocesanos, ações e visitas pastorais; relatórios episcopais, documentos pastorais, circulares e exortações; transferências para outras dioceses, renúncias e resignações; bens, legados e testamentos; visitas *ad limina*; vigários capitulares; relações com os poderes governativos;

⁵⁰⁷ *Ibidem*, 1951, vol. IV, pp. 268-269.

c) O Cabido de Miranda e de Bragança: fundação e constituição; gestão, bens e rendas; insígnias dos Cónegos; elencos de cónegos;

d) A Catedral: fábrica da Catedral; processo de construção e acervos da Catedral de Miranda; Catedral em Bragança;

e) Os Colégios: Colégio de S. Pedro de Bragança; Colégio do Santíssimo Nome de Jesus;

f) As Ordens e institutos religiosos: Trinitários, Ordem Terceira de S. Francisco, Missionários Apostólicos de Vinhais; Missionários do Sagrado Coração de Maria;

g) Os Conventos e Mosteiro: Convento de Santa Clara de Bragança, Convento de Santa Clara de Vinhais, Convento de Balsemão; Convento de São Francisco; Recolhimento das Oblatas do Menino Jesus; Mosteiro de São Bento;

h) Os Seminários: Seminário de S. José de Miranda, Seminário de Bragança e Seminário de Vinhais;

i)- Apêndices: Bula da ereção da diocese de Miranda pelo papa Paulo III, em 22 de Maio de 1545; Breve “Decret Romanum Pontificem” de Paulo III, unido à mesa capitular de Miranda o mosteiro de S. Salvador de Castro de Avelãs; Do “Censual de todos os benefícios” com anexas e oragos e padroados (1717); Rendimento da Mitra de Miranda, segundo o “Censual de todos os benefícios” de 1717; Contributos para o Seminário da Diocese de Miranda, segundo o “Censual de todos os benefícios”; Visitas pastorais no bispado de Bragança e Miranda; Confrarias e indulgências; Igrejas, Capelas, Roubos e Interditos ao Bispado de Bragança e Miranda; Breve “Pastoris Aeterni”, de 10 de Julho de 1770, pelo qual o Papa Clemente XIV cria a diocese de Bragança, desmembrada da de Miranda; Bula de supressão da diocese de Miranda do Douro e sua união à diocese de

Bragança, datada em 27 de Setembro de 1780; Decreto de Gregório XVI, de 29 de Abril de 1840, sobre o cisma de Portugal; Igrejas e capelas e seu estado, em toda a diocese, a 8 de Setembro de 1888; Rendimentos Paroquiais do bispado de Bragança e Miranda; Párcos colados do bispado de Bragança e Miranda.

1.4. Ressonâncias da obra

O volume inaugural de *Bragança e Miranda (Bispado)* foi apenas publicado em março de 1946 e os três volumes subsequentes em 1947, 1948 e 1951, respetivamente. Tratou-se, portanto, de uma edição faseada, que contou com um espaçamento cronológico significativo, sobretudo se atendermos a que, como consta do prefácio, datado de 1 de janeiro de 1945, Mons. José de Castro já antecipava que a obra iria contar com quatro volumes, indiciando que, à data, esta se encontrava plenamente estruturada.

Desde o ano de 1943 que o sacerdote se deparava com problemas de saúde, decorrentes do grande esforço que despendera nas intensas investigações realizadas nos arquivos do Vaticano, nomeadamente em torno da figura de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e da participação de Portugal no Concílio de Trento. No entanto, as razões que conduziram aos sucessivos atrasos na publicação desta obra terão sido de ordem financeira.

Em 16 de março de 1945, D. Abílio Vaz das Neves informou Mons. Castro que acabara de ser justada a impressão de mil exemplares do I volume da obra.⁵⁰⁸ A verba necessária deveria ser suportada pela Diocese, o que não se afigurava fácil, atendendo aos constrangimentos de tesouraria que cronicamente a afetavam. No semanário diocesano *Mensageiro de Bragança*, foi publicitada a venda, na Secretaria da Câmara Eclesiástica, do volume editado e dos três que ainda se encontravam em preparação e procurou-se motivar os párcos e restante clero para a sua aquisição. Mas tal não parecia ser suficiente para custear tal empreitada.

⁵⁰⁸ ADBG, FJAC, Cx. 1, pt. 3, mç. 7, doc. 42.

Perante este cenário, Mons. José de Castro tentou obter um subsídio para a edição do segundo volume da obra junto do Instituto para a Alta Cultura. Para o efeito, em 22 de julho de 1946, dirigiu-se através de carta ao presidente deste organismo, informando-o de que já fora publicado o primeiro volume e que o segundo já se encontrava em composição. Acrescentou: “E eu bem desejava que o Instituto para a Alta Cultura concedesse ao 2.º volume o subsídio que fosse do agrado de V. Ex.ª.”⁵⁰⁹

Perante a ausência de resposta por parte do IAC, Mons. Castro persistiu nos seus intentos. Aproveitando uma missiva de 30 de agosto de 1946 para o envio de contrato referente à concessão de subsídio para a publicação do último volume da obra *Portugal no Concílio de Trento*, reiterou o seu pedido ao Presidente do IAC:

“Neste correio tomei a liberdade de enviar a V. Ex.ª o 1.º volume da história deste bispado, que constará de quatro. O 2.º já está no prelo. [...] Como eu ficaria alegre se o Instituto para a Alta Cultura tivesse para o volume que está no prelo a generosidade que tem tido com o ‘Portugal no Concilio de Trento’!”⁵¹⁰

A resposta chegou apenas em 13 de fevereiro de 1947. O Presidente do IAC, através do seu Secretário, fez saber a Mons. José de Castro que, devido a indisponibilidade orçamental, não seria possível deferir o pedido de auxílio para a publicação do segundo volume de *Bragança e Miranda*.⁵¹¹ Não obstante a falta de apoio financeiro, a obra foi publicada no mês subsequente.

A primeira reação pública à saída do volume inaugural de Bragança e Miranda (Bispado) foi manifestada através da pena do reconhecido e aclamado investigador P.^e Francisco Manuel Alves. Nas páginas do jornal diocesano *Mensageiro de Bragança*, o Abade de Baçal teceu rasgados elogios ao longo trabalho bibliográfico e de investigação empreendido por Mons. José de Castro, e que agora conhecia um novo capítulo com a

⁵⁰⁹ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 26.

⁵¹⁰ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 25.

⁵¹¹ C-ICL, Fundo IAC, [...], doc. 29

publicação desta obra, a qual, considerava merecer o título de “História da Diocese de Bragança”. Afirmou o erudito Abade:

“Bendita seja a hora em que o governo português se lembrou de escolher Monsenhor Castro para Consultor eclesiástico da nossa embaixada em Roma, pois, sem o desinteresse pecuniário e a energia mental de tão prestante investigador, a História Portuguesa tarde ou nunca veria a solução de muitas das suas incógnitas sepultadas no Arquivo Secreto do Vaticano, agora pouco a pouco desvendadas por Monsenhor José de Castro nos livros – Portugal em Roma (dois volumes); D. Sebastião e D. Henrique; O Prior do Crato; o Cardeal Nacional; e Portugal no Concílio de Trento (quatro volumes e o quinto no prelo). A tão preciosa e hercúlea labuta vem agora juntar-se a joia ‘Bragança e Miranda’...”⁵¹²

Debruçando-se sobre o primeiro volume de *Bragança e Miranda (Bispado)*, o Abade de Baçal sublinhou duas particularidades que conferiam grandeza a esta obra. Por um lado, o “ineditismo da erudição colhida”, referindo-se ao recurso, como fontes documentais primárias, a “códices manuscritos [...] gastos do tempo e só acessíveis a especial preparação paleográfica” e, por outro lado, ao rigor historiográfico empreendido pelo autor, uma “coragem de historiador verdadeiramente digno desse nome que diz as coisas tais quais se passaram sem preocupação de agradar, desagradar ou provocar os escândalos farisaicos...”⁵¹³. Conclui a sua apreciação referindo-se à importância da obra para o clero da Diocese de Bragança-Miranda. O Abade de Baçal considerava ser “indispensável” que este livro figurasse na estante do clero bragançano, uma vez que “para realizar a sua missão, precisa de saber donde vem, para onde vai, o que anda a fazer e como há-de realizá-lo, pois sem um ideal de tradições não frutificam nem se conserva as instituições.”⁵¹⁴

A par do jornal diocesano, o diário católico *Novidades*, na edição de 26 de setembro de 1946, deu conta da publicação do novo livro. Mais do que uma abordagem analítica, o texto assinado por M. V. Genro, apresenta felicitações pela obra dada a

⁵¹² Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), “O livro de Bragança e Miranda”. *Mensageiro de Bragança* (15 mar. 1946), p. 1, col. 1-2.

⁵¹³ *Ibidem*.

⁵¹⁴ *Ibidem*.

estampa, não ao zeloso autor, mas à Diocese de Bragança-Miranda por ter encontrado “o seu Tito Lívio, o entusiasta historiador das suas glórias religiosas.”⁵¹⁵

Outras personalidades manifestaram o seu aplauso a Mons. José de Castro, pelo trabalho empreendido. Entre elas figurava Marcelo Caetano, membro fundador da Academia Portuguesa da História e experimentado investigador. Sobre Bragança e Miranda, aprouve-lhe transmitir ao autor:

“Por ora só folhee o volume que todavia me seduziu logo: achei a sua prosa mais ‘historiadora’, e mais vivacidade e leveza na frase, talvez fruto do interesse maior que lhe mereceu o assunto – ou não se tratasse da ‘pátria chica’” ...⁵¹⁶

Por ocasião da publicação do segundo volume da *história* da Diocese, o *Mensageiro de Bragança* deu destaque de primeira página à recensão em forma de carta, que o ilustre Abade de Baçal dirigiu ao Tesoureiro geral da Diocese. Na missiva, datada de 13 de março de 1947, começa por classificar os livros de Mons. Castro como “fecundo manancial de notícias interessantes e variadíssimas que exigem madura reflexão.”⁵¹⁷ Relativamente ao segundo volume da obra sobre a Diocese, considerava que à facúndia historiográfica do livro acrescia a circunstância de as informações nele contidas serem

“inéditas, em grande parte e colhidas nos arquivos do Vaticano, onde continuariam sepultadas e ignoradas porque Padres Castros ainda são mais raros do que o misterioso trevo das quatro folhas e a diocese de Bragança, as terras bragançanas, em mil e tal anos que levam de existência, ainda não viram picareta que lhe explorasse os riquíssimos filões vaticanos senão a dele.”⁵¹⁸

Para o Abade de Baçal, a Diocese de Bragança estava “de parabéns” por nenhuma outra se poder orgulhar de “possuir uma história tão completa, documentada com tanta

⁵¹⁵ M. V. Genro, “Livros Novos: Bragança e Miranda por Monsenhor José de Castro”. *Novidades* (29 set. 1946): ADBGC, FJAC, Cx. 3, pt. 13, mç. 10, doc. 1.

⁵¹⁶ ADBGC, FJAC, Cx. 3, pt. 12, mç. 6, doc. 28.

⁵¹⁷ Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), “Bragança e Miranda (Bispado) por Mons. José de Castro”, *Mensageiro de Bragança* (1 abr. 1947), p. 1, col. 1.

⁵¹⁸ *Ibidem*, col. 2.

minúcia cronológica haurida na fonte original”⁵¹⁹. E terminou formulando os votos de que “nós os bragançanos saibamos corresponder a tanta dedicação e apreciar o que temos”⁵²⁰

Partindo deste texto de opinião do Abade de Baçal, o Arcebispo Primaz de Braga e antigo Bispo de Bragança [1928-1932], D. António Bento Martins Júnior, dirigiu através uma carta a Mons. José de Castro, dando-lhe nota das suas impressões acerca da “conscienciosa, erudita e elegante obra ‘Bragança e Miranda’”, cujo segundo volume já havia recebido. Tomando por referência as considerações tecidas pelo Abade de Baçal, referiu:

“É certamente exata a sua crítica e perfeitamente verdadeira a observação de que não há outra Diocese portuguesa que tenha encontrado um tão arguto, ousado e fecundo historiador, que haja explorado as melhores e mais longínquas fontes da história da sua Diocese. Está de parabéns a Diocese de Bragança e Miranda, assim como a história eclesiástica portuguesa.”⁵²¹

Mas a crítica elogiosa que o Abade de Baçal expressou, corroborada por D. António Bento Martins Júnior, não terá recolhido unanimidade junto do clero local. Em carta endereçada pelo pároco de Sendim, P.^e Alfredo Cangueiro, ao seu amigo Mons. José de Castro, em abril de 1947, o sacerdote enalteceu não só a capacidade de trabalho do autor, mas também a coragem na abordagem de alguns assuntos, suscetíveis de levantar melindres junto de alguns elementos do presbitério:

“O que mais encontro através do seu novo tomo é coragem, que talvez se deva classificar de mania, como dizem os espanhóis; cada un cum su mania, yo tengo la mia. Trabalho formidável [...]. O exaustivo das eras longe de prejudicar, torna os factos contemporâneos dos tempos, podendo, quem queira, confrontá-los com similares em lugares diferentes, e tirar conclusões. Vejamos a questão dos Cónegos [...]. Não imagina a significação que tem o episódio, embora não pareça.”⁵²²

⁵¹⁹ Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), “Bragança e Miranda (Bispado) por Mons. José de Castro”, [...], col. 2.

⁵²⁰ *Ibidem*.

⁵²¹ ADBG, FJAC, Cx. 3, pt. 11, mç. 6, doc. 1.

⁵²² ADBG, FJAC, Cx. 3, pt. 11, mç. 6, doc. 31.

À controvérsia que o trabalho poderia suscitar já se havia referido, de modo inequívoco, o sacerdote da Arquidiocese de Évora, P.^e Sebastião Martins dos Reis, em carta enviada a Mons. Castro, em novembro de 1946:

“Monsenhor é inexcedível em ‘prender in giro’ seja o que for. Desta vez foram os cónegos a fazer os gastos do ridículo. Que excelentes páginas de humorismo e boa disposição! Os de Bragança são capazes de excomungá-lo...”⁵²³

De resto, ainda antes da publicação do volume inaugural de *Bragança e Miranda (Bispado)*, foi evidenciada a clivagem que algumas novidades documentais contidas na obra poderiam suscitar no seio do clero local. Assim aconteceu na sessão de encerramento do Congresso Eucarístico, realizado em Bragança em 28 de agosto de 1945, primeiro dos seis dias de comemorações do quarto centenário da Diocese, no qual Mons. José de Castro tomou parte com a apresentação de uma conferência sobre a Bula *Romanus Pontifex*, através da qual o Papa Pio VI, em 27 de Setembro de 1780, determinou a fusão das dioceses de Bragança e de Miranda numa só, com a denominação de *Diocese de Bragança e Miranda* e sede na cidade de Bragança. Os termos exatos deste documento, cuja abordagem e transcrição integraram o terceiro volume da história da Diocese, eram, até então, colocados em causa por alguns elementos do clero, defensores de que o Bispado de Miranda não fora extinto. Por ocasião das celebrações do quarto centenário da fundação da Diocese de Miranda, terão publicado um folheto no qual defendiam que a Diocese de Miranda, por não ter sido extinta, se encontrava anexada à de Bragança⁵²⁴, um argumento que caía agora por terra, com a apresentação da Bula. O Abade de Baçal reagiu com efusivo aplauso à conferência de Mons. José de Castro diante do clero brigantino, como expressou em missiva que lhe dirigiu no mesmo dia da alocução e na qual classificou a tese apresentada pelo antigo Conselheiro Eclesiástico como “um monumento histórico, um assombro de coragem.”⁵²⁵ E justificou tais encómios:

⁵²³ ADBG, FJAC, Cx. 3, pt. 11, mç. 6, doc. 20.

⁵²⁴ Raul Teixeira, *Monsenhor José de Castro: Subsídios para a biografia dum ilustre Bragantino*. Bragança. Gráfica Transmontana, Lda., 1950, p. 35.

⁵²⁵ ADBG, FJAC, Cx. 3, pt. 12, mç. 7, doc. 24 [cópia da carta do Abade de Baçal, manuscrita por Mons. José de Castro].

“A firmeza com que apresentais a Bula Romanus Pontifex, esfrangalhando com ela o sonho monomaniaco dos mirandófilos; a galhardia com que escarpelais os coices atirados ao Dr. Raul Teixeira em paga dos benefícios que tem prestado a Bragança; a coragem com que lamentais a ruina das confrarias de Bragança, causada pelos modernos devocionismos afeminados; a confiança que depositais no triunfo da justiça em prol dos perseguidos iniquamente”.⁵²⁶

Esta tomada de posição, penhorante da “estima e admiração” do Abade de Baçal, não foi unânime. Na reportagem das celebrações centenárias apresentada pelo semanário diocesano, foi tímida a referência à conferência de Mons. José de Castro. Tendo a sessão solene de encerramento contado com as alocuções de Mons. Castro e do Cón. Manuel António Pires, em substituição do Arcebispo de Lamego, apenas o tema desta última mereceu referência noticiosa⁵²⁷.

Quanto a *Bragança e Miranda (Bispado)*, a publicação do quarto e último volume da obra mereceu o destaque de primeira página do *Mensageiro de Bragança*, já sem o contributo do Abade de Baçal, falecido em 13 de novembro de 1947. Nesta fase conclusiva da laboriosa empresa, o periódico evocou os cinco anos de produção da obra, ao longo dos quais foi dedicando espaço nas suas páginas, ao trabalho realizado por Mons. José de Castro, reforçando as vozes de elogio:

“Quem perflustrar a coleção do nosso jornal deparará com muitas colunas honradas e aformoseadas com as mais rasgadas, espontâneas e entusiásticas referências ao abalizado historiógrafo. Depois das grandes manifestações de simpatia e admiração dos seus colegas e amigos de Bragança, da imprensa e altas personalidades nacionais e estrangeiras, das Academias literárias e científicas, e do Governo Português, veio a singular prova de apreço de Sua Santidade o Papa Pio XII.”⁵²⁸

⁵²⁶ ADBGC, FJAC, Cx. 3, pt. 12, mç. 7, doc. 24 [cópia da carta...].

⁵²⁷ “Constituíram grandiosa manifestação de Fé as comemorações Centenárias da Fundação da Diocese de Bragança e Miranda do Douro”. *Mensageiro de Bragança* (1 set. 1945), p. 2 col. 3.

⁵²⁸ “Bragança e Miranda” de Mons. José de Castro: Está publicado o último volume da História da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 ago. 1951), p. 1, col. 1-2; p. 2, col.1-2.

Para além da enumeração das múltiplas manifestações de reconhecimento público com que Mons. José de Castro havia siado agraciado pelo seu trabalho historiográfico, o *Mensageiro de Bragança* sumulou a valia que os quatro volumes de *Bragança e Miranda (Bispado)* representavam para a Diocese, colocando, lado a lado, as figuras do Abade de Baçal e de Mons. José de Castro:

“Causa verdadeiro assombro ver como um homem só pôde encontrar tantas horas na vida para produzir uma obra tão vasta que apenas tem semelhante entre os mais fecundos e extraordinários escritores eclesiásticos. Mons. Castro fica na história ao lado do Abade de Baçal: dois grandes da nossa terra, dois heróis do trabalho sacrificado e constante.”⁵²⁹

A consagração da figura de Mons. José de Castro e da *História da Diocese*, tendo por referente o Abade de Baçal e a sua obra, perdurou na memória local. Não obstante as afinidades e identificações, há a ressaltar a manifesta diferença no reconhecimento dispensado às duas figuras e respetivas obras.

O papel seminal dos onze volumes das *Memórias Arqueológico-Históricas* do P.^e Francisco Manuel Alves para a história local, reuniu consenso nos círculos eruditos e na Academia. Ainda em vida, o autor e a obra alcançaram consagração e abriram caminho a novas gerações de etnólogos e a múltiplas incursões pela *etnografia regionalista*. Além do carisma singular do Abade de Baçal e do valor intrínseco da obra, haverá que considerar o trabalho de investigação e de divulgação levado a cabo pelo Museu que desde 1935 ostenta o seu nome, quer no espaço museológico, quer através da reedição, revista e atualizada, das *Memórias Arqueológico-Históricas*, concretizada no ano 2000, com o apoio da Câmara Municipal de Bragança e o Instituto Português dos Museus.

Sobre Mons. José de Castro e o seu extenso e trabalho de investigação adensou-se, porém, uma penumbra que as iniciativas evocativas da sua memória não conseguiram contrariar.

Bragança e Miranda (Bispado) mantém a reputação de obra fundamental para a história a Diocese e para o conhecimento do património cultural da Igreja nesta circunscrição eclesiástica. Carece, por isso, de uma hermenêutica atualizada, com a

⁵²⁹ *Ibidem*.

devida contextualização no percurso biográfico do autor e no seu pensamento acerca do papel da Igreja na sociedade. *Bragança e Miranda (Bispado)* é mais do que um repositório de factos, acontecimentos e personalidades. Trata-se de um documento que reflete a mundividência do autor e a sua conceptualização do papel reservado à Igreja na história, nas suas relações com o Estado e com a sociedade, no passado e no presente de cada tempo.

BIO-CRONOLOGIA DE MONS. JOSÉ DE CASTRO (1886-1966)

1886

15 fev. – Nasce na cidade de Bragança, freguesia de Santa Maria

“[...] um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de José António, que nasceu nesta freguesia a uma hora da tarde do dia quinze de fevereiro do referido ano, filho legítimo de António Augusto de Castro, sapateiro, e Maria da Conceição, naturais desta cidade, recebidos e moradores n’esta freguesia, neto paterno de António de Castro e Ângela Lourenço e materno de Domingos Vara e Rita da Conceição.” [ADBGC, Assento de Batismo de MJC: PT-ADBGC-PRQ-BGC42-001-00018-f. 176].

5 set. – É batizado na igreja de Santa Maria, em Bragança

“Aos cinco dias do mês de setembro de mil oitocentos oitenta e seis, na paróquia e Igreja de Santa Maria da cidade e Diocese de Bragança, batizei solenemente um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de José António, que nasceu nesta freguesia a uma hora da tarde do dia quinze de fevereiro do referido ano”. [ADBGC, Assento de Batismo de MJC: PT-ADBGC-PRQ-BGC42-001-00018-f. 176].

1898

2 jun. – Inscreve-se em exames de ingresso em aulas de Preparatórios, no Seminário de Bragança

“Aos dois dias do mês de junho de mil oitocentos noventa e oito, nesta cidade de Bragança e Seminário Episcopal de S. José, inscreveram-se para fazer exames das disciplinas de instrução secundária, em seu lugar mencionadas como preparatórios para o curso eclesiástico, e na classe de matriculados, os alunos seguintes, que comigo assignaram, cuja filiação, idade, naturalidade e residência, constam do respetivo livro de matricula. [...] 105 – José António de Castro, para Geografia e Historia”. [TDMJC, ACE, Livro de Matriculados e Exames de Instrução Secundária do Seminário de S. José de Bragança, de 1893 por diante, f. 73].

14 out. – Ingressa nas Aulas de Preparatórios do Curso Eclesiástico, no Seminário de S. José de Bragança

“Aos catorze de outubro de mil oitocentos noventa e oito nesta cidade de Bragança e Seminário Episcopal de S. José matricularam-se nas aulas de preparatórios do curso eclesiástico do mesmo Seminário, e nas classes em seus lugares designadas os alunos seguintes, que comigo assignaram. Preparatórios externos; 82 - José António de Castro; 13 [anos]; António Aug.^{to} de Castro [filiação]; Santa Maria Bragança [naturalidade]; Sapateiro [Profissão do pai]. [ASSJB, Livro de Matricula das Aulas de Preparatórios 1889 por diante, f. 149; f. 160].

1901

30 out. – Ingressa no Curso Teológico, no Seminário de S. José de Bragança

“Aos trinta dias do mês de outubro de mil novecentos e um, nesta cidade de Bragança e Seminário de Episcopal de São José, matricularam-se nas aulas do curso teológico nas classes e anos em seu lugar designados, os alunos seguintes, que vamos assignar. 55 - José António de Castro – *externo*” [ASSJB, Livro das matriculas do curso Teológico de 1887 por diante, f. 56; f. 82].

1902

25 jun. – Realiza exames finais do 3.º ano do Curso Teológico no Seminário de S. José, com aprovação *nemine discrepante*

“Aos vinte e cinco dias do mês de junho de mil novecentos e quatro nesta cidade de Bragança e Seminário Episcopal de São José de Bragança em mesa constituída pelos professores José Maria

da Cunha, Manuel da Nóvoa e António Manuel Pereira Ribeiro, fizeram exame das disciplinas do terceiro ano do Curso Teológico os alunos seguintes: [José] António de Castro, filho de António Augusto de Castro, da freguesia de Santa Maria, desta cidade, concelho e diocese, e foi aprovado *nemine discrepante*.” [ASSJB, Livro dos exames do 3.º ano do curso Teológico de 1888 por diante, tomo 2.º, f. 82].

1906

10 jun. – Recebe Prima Tonsura e Ordens Menores

“Aos dez dias do mês de junho do ano de mil novecentos e seis, Domingo primeiro depois do Pentecostes, festa da Santíssima Trindade, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Dom José Alves de Mariz, Bispo da Diocese, conferiu Ordenação geral *extra tempora* na Capela do Paço Episcopal aos ordinandos seguintes: Prima Tonsura e Ordens Menores: 17 - José António de Castro [...]. [TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos a quem são conferidas ordens 1903-2016, f. 8v.-9].

1907

Desenvolve atividade jornalística e política, fora da cidade de Bragança

“Teria passado algum tempo na cidade da Guarda, primeiro, onde já em 1907, com o heterónimo de «Alerta», dirigiu a publicação *Ventas*, e na cidade do Porto, depois, onde frequentou — disto temos a certeza da sua própria boca — o meio intelectual católico (...).” [Marquês de São-Paio. *Elogio de Mons. José de Castro*, pp. 15-16].

20 abr. – Apresenta ao Bispo diocesano requerimento de autorização de publicação do jornal «Alerta!», com deferimento do Prelado

“A um requerimento de José António de Castro e Augusto Adérito Pimentel, clérigos *in minoribus*, e José Manuel Teixeira de Castro, quartanista da faculdade de filosofia da Universidade e “democrata cristão”, pedindo autorização para e aprovação para ser publicado n’esta Diocese um semanário, intitulado “Álerta” edição da casa ‘Veritas’ da Guarda, - foi dado por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} na mesma data do requerimento, 20 de abril de 1907, o seguinte despacho: - “Autorizamos, e louvamos muito [...]”. [TDMJC, ACE, Livro de Registo das Pastorais, Provisões, Portarias, Circulares, Despachos e outros documentos análogos (1906 a 1916), f. 10v].

3 jun. – É proprietário e diretor do jornal «Alerta!», em Bragança

“«Alerta» — Assim se intitula um novo jornal que começou a publicar-se nesta cidade [...]. Nele colaboram os Srs. Adérito Pimentel e José António de Castro, sendo este último o proprietário e diretor.” [“Alerta”. *Gazeta de Bragança* (21 jul. 1907), p. 2, col. 3].

21 dez. – Recebe ordenação subdiaconal

“Aos vinte e um dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e sete, Sábado das Têmporas de Santa Luzia, antes de Domingo quarto do advento, festa do Apostolo São Tomé, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Dom José Alves de Mariz, Bispo da Diocese, conferiu Ordenação Geral, na Capela do Paço Episcopal aos mesmos ordinandos mencionados na matrícula supra, e que são: Subdiaconado: 26 - José António de Castro”. [TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos [...], f. 11v-12].

1908

Jan. – Adere ao Partido Nacionalista

“Registamos sempre com o maior prazer qualquer adesão. Agora não a registamos só, fazemos mais, prestamos aqui a nossa homenagem, o nosso respeito a quem tão livre e espontaneamente se influíra no partido da ordem, do bem, da moralidade, sob

a bandeira nunca assaz reverenciada de - Deus e Pátria. Seguem-se as assinaturas: [...] José António de Castro, [...] subdiáconos.” [“Nacionalismo em Bragança”. *Alerta!* (19 jan. 1908), p. 8, col. 1].

22 mar. – Participa em Ofício da Quaresma na cidade de Bragança

“Dominga 3.^a da quaresma [...] S. Francisco – Terço e bênção do SS. Sacramento, às 4 horas da tarde, sermão pelo Rev. José António de Castro, Miserere cantado e exercício da Via Sacra. [“Dominga 3.^a da Quaresma”. *Gazeta de Bragança* (22 mar. 1908), p. 3, col. 2].

26 abr. – Recebe ordenação diaconal

“Aos vinte seis dias do mês de abril do ano de mil novecentos e oito, Domingo *in albis*, primeiro depois da Páscoa, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Dom José Alves de Mariz, Bispo da Diocese, conferiu Ordenação geral (*extra tempora*), na capela do Paço Episcopal, aos mesmos ordinandos mencionados na matrícula supra e que são: Diaconado|13 - José António de Castro.” [TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos [...], f. 14v-15].

Jun. – Regressa a Bragança, vindo da Figueira da Foz

“Regressa esta semana da Figueira da Foz, onde foi tomar ares, o nosso querido diretor e intimo amigo Rev. José António de Castro.” [“Carteira do «Alerta»”. *Alerta!* (9 jun. 1908), p. 8, col. 3].

5 jul. – Recebe ordenação presbiteral, com dispensa de idade

“Aos cinco dias do mês de julho do ano de mil novecentos e oito, Domingo quarto depois do Pentecostes, festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Dom José Alves de Mariz, Bispo da Diocese, conferiu Ordenação geral *extra tempora*, na Capela do Paço Episcopal aos mesmos ordinandos constantes na matrícula supra e que são: Presbiterado, 15 - José António de Castro”. [TDMJC, ACE, Livro para registo da matrícula dos ordinandos [...], f. 16v.-17].

7 jul. – Realiza primeiro exame de confessor, com aprovação por um ano

“Rev. José António de Castro [...] Examinado (1.^a vez) e aprovado para confessor por um ano em 7 de julho de 1908. Fica obrigado a comparecer a exame de oratória sagrada até ao dia 8 de julho de 1909.” [TDMJC, ACE, Registo de Jurisdições de Celebrar Missa e Confessar (1903-1921), f. 54-55].

8 jul. – Obtém 1.^a Provisão para celebrar e confessar, por um ano

“Rev. José António de Castro [...] 8 julho 1908 [...] Foi-lhe passada Provisão (1.^a vez) para celebrar e confessar por tempo de um ano”. [TDMJC, ACE, Registo de Jurisdições [...], f. 55].

5 nov. – Realiza 2.^a exame para Confessor, com aprovação por dois anos

“[...] Fez novo exame de confessor em 5 de novembro de 1908 e foi aprovado por dois anos [...]”. [TDMJC, ACE, Registo de Jurisdições [...], f. 55].

12 nov. – Realiza exame de Oratória Sagrada, com aprovação para exercício do *munus* de pregador

“Fez [...] novo exame de oratória sagrada em 12 de novembro de 1908 e foi aprovado para exercer o *múnus* de pregador.” [TDMJC, ACE, Registo de Jurisdições [...], f. 55].

É Professor no Colégio-Liceu da Figueira da Foz

“Mas não foi em Bragança que o novo presbítero se estabeleceu, porquanto nesse mesmo ano colocou-se como professor no Colégio-Liceu da Figueira da Foz.” [Marquês de São-Paio. *Elogio de Mons. José de Castro*, p. 19].

1909

É Prefeito no Seminário de S. José de Bragança

“No ano seguinte, todavia, (1909), chamou-o seu bispo à sede da diocese onde o colocou como prefeito do seminário, nota significativa dos seus predicados didáticos, morais e intelectuais.” [Marquês de São-Paio. *Elogio de Mons. José de Castro*, p. 19].

18 dez. – É Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Bragança (1.ª Provisão)

“Foi passada Provisão de nomeação do P.º José António de Castro como Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Bragança, por um ano.” [TDMJC, ACE, Registo das Pastorais, Provisões, Portarias, Circulares, Despachos e outros documentos análogos (1906 a 1916)].

1910

3 jan. – Denuncia existência de irregularidades na gestão da Ordem Terceira de São Francisco

“Ex.º Senhor Governador Civil, são graves as irregularidades cometidas pela atual mesa gerente da Venerável Ordem Terceira Secular de S. Francisco. Entre muitas que uma com missão sindicante e gerente posso apresentar algumas [...]” [ADBGC, FGC, Correspondência recebida [Repartição Central – Pendentes]: GCB/ADG/EX/Mç. 0228 (UD: Cx. 0051)].

Mar. – Preside a celebrações da Semana Santa, na igreja de S. Francisco

“Solenidades da Semana Santa em Bragança; São Francisco; Quinta-feira Santa – [...] Às 2 horas da tarde: lava-pés, em cuja cerimónia é lavante o Rev. José António de Castro, Comissário da Venerável Ordem 3.ª de São Francisco, pregando o sermão do Mandato este mesmo Rev. Presbítero. Sexta-feira Santa – [...] sermão da Paixão pelo Rev. Comissário José António de Castro [...]”. [“Solenidades da Semana Santa em Bragança”, *Gazeta de Bragança* (20 mar. 1910), p. 2, cols. 2-3].

17 dez. – É Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Bragança (2.ª Provisão)

“Foi passada Provisão de nomeação do P.º José António de Castro como Capelão Comissário da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Bragança, por um ano.” [TDMJC, ACE, Registo das Pastorais, Provisões...].

1911

13 jan. – É Pároco encomendado da Paróquia Gimonde

“Foi passada Carta de encomendação por um ano - Paróquia de Gimonde.” [TDMJC, ACE, Registo de Cartas de Encomendação (1910-1917)].

Maió – É suspeito de perpetrar de ações conspirativas

“[Governador Civil de Bragança]: Tinha eu partido daqui no domingo, 7 de maio, em visita oficial aos concelhos de Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro, e antes de partir, apenas havia uns vagos rumores de que um grupo civil de que faziam parte o P.º José de Castro e o seu pai [...] há já algumas semanas que, sobre o mesmo P.º Castro e sobre o seu Pai, tenho mandado merecer vigilância especial.” [AHM, Sindicância aos acontecimentos de Bragança, maio de 1911: PT/AHM/DIV/1/34/05/04, doc. 5].

25 maio – O seu pai, António Augusto de Castro, é detido na cadeia de Bragança

“Ex.º Snr. Juiz de Direito da Comarca de Bragança, mando pôr á disposição de V. Ex.ª o detido António Augusto de Castro, vulgo o Esfrapella, contra o qual foi levantado auto de investigação por crime compreendido nas disposições do decreto de 28 de dezembro ultimo, tendo nesta data enviado ao Delegado do Procurador da Republica o auto da investigação.” [ADBGC, FGC, Correspondência recebida [Repartição Central – Pendentes]: GCB/ADG/EX/LV0168 (UD: Cx. 0037)].

28 e 29 maio – É submetido a interrogatórios no âmbito da sindicância a conspirações monárquicas em Bragança

“José António de Castro, presbítero, natural de Bragança, 25 anos. Perguntado sobre que participação tem nos planos revolucionários responde que só se é pelo facto de ser monárquico e nacionalista [...]”. [AHM, Sindicância [...] PT/AHM/DIV/1/34/05/04, f. 20].

“José António de Castro, depoente de folhas 20, pela 2.ª vez a depor [...]”. [AHM, Sindicância [...] PT/AHM/DIV/1/34/05/04, f. 25].”

29 maio – É submetido a especial vigilância, por suspeita de conspiração

“Que o padre José António de Castro e o farmacêutico Álvaro Moz tenham especial vigilância, como suspeitos de conspirarem.” [AHM, Sindicância [...] PT/AHM/DIV/1/34/05/04].

2 jun. – O seu pai, António Augusto de Castro, é colocado à disposição do Juiz de Direito pelo Governador Civil de Bragança

“Ex.º Sr. Juiz de Direito da Comarca de Bragança, Mando pôr à disposição de V. Ex.ª o detido António Augusto de Castro, vulgo o Esfarpella[sic], contra o qual foi levantado auto de investigação por crime compreendido nas disposições do decreto de 28 de dezembro ultimo, tendo nesta data enviado ao Delegado do Procurador da República o auto da investigação.” [ADBGC, FGC, Correspondência recebida (Repartição Central – Pendentes): GCB/ADG/EX/LV0168 (UD: Cx. 0037), f. 113].

23 jun. – É detido e conduzido para a cadeia de Bragança

“Satisfazendo o que me foi pedido pela secretaria particular de V. Ex. [Ministro do Interior] em telegrama de 14 do corrente tenho a informar que no distrito a meu cargo, desde a implantação da República até ao presente, têm sido detidos por suspeitos e provados atentados contra o regime, os seguintes indivíduos:

No concelho de Bragança: - [...] P.º José António de Castro, [...], por conjuração e prática de atos perjuratórios para introdução de armas de guerra, sob a designação de ferragens e maquinismos.” [ADBGC, FGC, Correspondência expedida 1907-1017: GCB/ADG/EX/LV0166 (UD: Cx. 0037), Of. N.º 45, f. 68-69].

24 jun. – É sujeito a prisão definitiva na cadeia de Bragança

“24 de junho – Prisão definitiva em Bragança por inimigo da Republica, e transferido em agosto para a cadeia de Macedo de Cavaleiros.” [MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14].

Ago. – É transferido da cadeia de Bragança para a cadeia de Macedo de Cavaleiros, conjuntamente com o seu pai

“Preso logo desde o princípio, juntamente com seu pai, na cadeia civil desta cidade [Bragança], foi depois transferido para a de Macedo de Cavaleiros...” [Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo VII, p. 642].

2 ago. – É substituído temporariamente na paroquialidade de Gimonde

“É encarregado da Paróquia de Gimonde o Reitor de Babe, por impedimento temporário do Pároco, José António de Castro.” [TDMJC, ACE, Registo das Pastorais, Provisões, [...] (1906 a 1916)].

5 out. – É libertado da prisão de Macedo de Cavaleiros

“– 5 de outubro – Fuga desta cadeia [Macedo de Cavaleiros] para Espanha, após um motim revolucionário.” [MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14].

“[...] foi depois transferido para a de Macedo de Cavaleiros, de onde se evadiram por ocasião da primeira incursão de Paiva Couceiro em Vinhais.” [Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal - *Memórias Arqueológico-Históricas* [...], tomo VII, p. 642].

Out. – Presença em Espanha, possivelmente nas proximidades da fronteira de Alcañices

“Ex.^{mo} Ministro do Interior

24 out. 1911

Comunico V. Ex.^a por informações administradores Miranda e Vimioso [...] grupo fugido Macedo foi internado Zamora, donde ultimamente têm vindo vários conspiradores conferenciar com aqueles. Ainda ontem 8 horas manhã ali esteve meia hora Álvaro Moz, aqui pronunciado há meses, o qual regressou Zamora onde reside, constando vai diariamente Vigo Verim automóvel.” [ADBG, FGC, Registo de telegramas – CE 1910-1913: GCB/ADG/EX/LV0219 (UD: Cx. 0049), f. 168].

1912

Jul. – Parte de Espanha para o Brasil

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Ago. – Chega ao Brasil e estabelece-se na Diocese de São Carlos (São Paulo)

“Agosto – Chegada a Santos (São Paulo) onde na diocese de São Carlos, foi sucessivamente: professor do Colégio Nóbrega; vigário de Santa Eudóxia; professor do Ateneu Jauense e coadjutor da paróquia de Jaú; vigário de Monte Alto; vigário de Barretos, e fundador e reitor do Ginásio de São Carlos, em São Carlos do Pinhal.” [MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1913

31 jan. – É nomeado Vigário de Santa Eudóxia (S. Paulo)

“Novos Vigários: S. Carlos, 31 – Pelo Sr. bispo diocesano foram nomeados vigários os Revds. padre José Castro, de Santa Eudóxia, e padre Camilo, de Pitangueiras.” [“Novos Vigários”. *Correio Paulistano* (1 fev. 1913), p. 4, col. 6].

1917

8 jul. – Realiza conferência em favor da Cruz Vermelha Portuguesa, em Jaú

“Extenuado e pingando suor cheguei agora a casa depois de ter feito uma conferência no teatro em benefício da Cruz V. Portuguesa que rendeu 1.500.000 reis.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)/mç. 8]. [Documentação em organização].

1918

Mar. – É nomeado Vigário de Monte Alto

“Monte Alto (Do correspondente, em 12) – [...] Retirou-se para Dourado o padre Manuel Teotónio de Almeida Sampaio, que serviu esta paróquia alguns meses. Para substituí-lo já se acha entre nós o padre José de Castro, que serviu no Bispado de S. Carlos.” [“Mala do Interior: Monte Alto”. *Correio Paulistano* (16 mar. 1918), p. 4, col. 8.]

1922

Set. – É eleito representante oficial da diocese de São Carlos ao Congresso Eucarístico Nacional, no Rio de Janeiro

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1924**Abr. – Recebe autorização de uso de ordens na Arquidiocese do Rio de Janeiro**

“Câmara Eclesiástica – Expediente; - Despachos diversos:
Concedeu-se uso de ordens [...] até 31 de dezembro p.f., ao Rev.do Padre José de Castro.” [“Câmara Eclesiástica - Expediente”. *Jornal do Brasil* (16 abr. 1924), p. 14, col. 8].

Dez. – Profere sermão na Igreja Matriz de Bangú

[...] Missa solene com acompanhamento de orquestra e sermão ao Evangelho pelo eloquente e provector orador Sr. Padre José de Castro, às 11 horas.” [“Secção Religiosa: Matriz do Bangú”. *Jornal do Brasil* (12 dez. 1924), p. 19, col. 2].

É secretário do semanário “A Cruz”

“Na qualidade de peregrino, e como cronista da Peregrinação, embarcou para a Europa, a bordo do *Formose*, o nosso estimado amigo e querido companheiro de trabalho, Sr. padre José de Castro, que há bem um ano vem exercendo as funções de secretário deste jornal.” [“Padre José de Castro”. *A Cruz* (17 maio 1925), p. 1, col. 4-5].

1925**15 mar. – Realiza conferência no Centro Transmontano do Rio de Janeiro**

“Comemorando o 1º centenário do nascimento do grande romancista português Camilo Castelo Branco, o Centro Transmontano fará realizar amanhã às 20 horas, na sede dos Centros Regionais Portugueses, uma grande sessão cívica que terá a presidência do Sr. Embaixador de Portugal e na qual usarão da palavra examinando a vida e a obra do grande romancista os Srs. Ruy Chianca e Revd. Padre José de Castro, orador e português transmontano.” [“O centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco: O Centro Transmontano fará realizar amanhã uma grande sessão cívica”. *Jornal do Brasil* (14 mar. 1925), p. 5, col. 7].

7 maio – É o enviado especial do Jornal do Brasil e do semanário *A Cruz* a uma grande peregrinação a Roma e à Terra Santa

“Na qualidade de peregrino, e como cronista da Peregrinação, embarcou para a Europa, a bordo do *Formose*, o nosso estimado amigo e querido companheiro de trabalho, sr. padre José de Castro (...).” [“Padre José de Castro”. *A Cruz* (17 maio 1925), p. 1, col. 4-5].

11 set. – Parte de Lisboa para o Brasil

“Amanhã parto para o Brasil e na véspera da partida quero dizer-lhe da minha afeição e da minha saudade.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)/mç. 7]. [Documentação em organização].

21 set. – Lançado abaixo-assinado, em Bragança, para desagravo da ofensa infligida pelo Bispo de Bragança

“Os abaixo assinados, abstendo-se (para que não sejam deturpados os intuitos desta singela e espontânea homenagem) de qualquer referência ao caso que determinou o vosso súbito e inesperado regresso ao Rio-de-Janeiro, antecipando de dois meses a vossa partida – dois meses roubados aos carinhos de vossa família e à amizade dos vossos conterrâneos – vêm manifestar-vos a sua muito estima e apreço pelas qualidades de eleição que em vós se congregam. [...] vos enviam, nesta hora em que sangra o vosso generoso e grande coração, um abraço da mais incondicional solidariedade, afeição sincera, admiração profunda e amizade fraterna.” [MAB, FRT: PT-MAB/AAM/Cx. 22, doc. 269]. [Documentação em organização].

Out. – É autorizado a exercer ministério sacerdotal na Arquidiocese do Rio de Janeiro

“É autorizado pela Nunciatura Apostólica em Brasília a exercer os Sagrados Ministérios na Arquidiocese do Rio de Janeiro, finda a autorização provisória de 6 meses anteriormente emitida.” [ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 7, doc. 1].

É membro do Centro Transmontano do Rio de Janeiro

“Reuniu-se quinta-feira a diretoria do Centro Transmontano, sob a presidência do Sr. José Luiz Monteiro [...]. O Sr. Bibliotecário justificou a falta do 2.º tesoureiro, por motivo de doença em pessoa de sua família, e que foi dado desempenho á missão que lhe foi confiada da visita ao 1º procurador, o Sr. Padre José de Castro.” [“Agremiações Portuguesas: O movimento da semana nos centros regionais – Centro Transmontano”. *Jornal do Brasil* (25 out. 1925), p. 9, col. 2-3.]

“O Sr. Padre José de Castro, que acaba de regressar de Portugal, pediu autorização à diretoria para fazer uma convocação dos sócios do distrito de Bragança, para serem tratados assumptos de grande importância para o distrito, convocação que foi autorizada e que deverá ser levada a efeito brevemente.” [“Agremiações Portuguesas: O movimento da semana dos Centros Regionais e noutras Associações Lusias – Centro Transmontano”. *Jornal do Brasil* (8 nov. 1925), p. 12, col. 3-4].

Nov. – Publica *A Roma e à Terra Santa (Crónicas de Viagem)*

“Pois ainda não terminou o Ano Santo e já temos sob os nossos olhos um grosso volume de 500 págs., editado por aquele nosso amigo, constituído pelas crónicas de viagem e sob o título *A Roma e à Terra Santa*.” [“A Roma e à Terra Santa: (Um livro oportuno)”. *A Cruz* (15 nov. 1925), p. 1, col. 1-3].

25 dez. – Inicia da colaboração regular com o *Jornal do Brasil*

“O Rev. Padre José de Castro que os leitores do *Jornal do Brasil* tão bem conhecem e apreciam, através das suas crónicas, por ocasião da última peregrinação brasileira a Roma e á Palestina, vai colaborar assiduamente nesta folha. Amanhã publicaremos um artigo do ilustrado sacerdote e apreciado escritor, sob o título – *A Luz de Belém*.” [“O Rev. Padre José de Castro que os leitores do *Jornal do Brasil* tão bem conhecem [...]”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1925), p. 5, col. 6].

1926

Jan. – Profere preleção no Santuário do Coração de Maria das Candeias

“Vai ser inaugurado mais um órgão novo, nesta capital; e desta vez coube a sorte ao majestoso Santuário do Coração de Maria das Candeias, é o escolhido para a mesma solenidade. [...] Em seguida, dirá uma preleção sobre a solenidade o ilustre beletista e redator-chefe do órgão católico ‘A Cruz’, Rev.^{mo} padre José de Castro.” [“Secção Religiosa: Inauguração do grandioso órgão do Santuário do Coração de Maria, no Meyer”. *Jornal do Brasil* (29 jan. 1926), p. 16, col. 7].

Abr. – Colabora na subscrição para a construção do “Monumento aos Mortos na Grande Guerra”, em Bragança

“A subscrição para o monumento aos mortos da guerra está na rua. Ponho-lhe dúvidas sobre o resultado. Eu próprio não pedirei a ninguém por se tratar de miudeza e de patricios que não conheço aqui no Rio. Em todo o caso algo se arranjará. E o que se arranjar, irá a seu tempo.” [MAB, FRT: Cx. 13]. [Documentação em organização].

“V. deve estar, e com toda a razão, zangado comigo porque ainda não despachei definitivamente o seu pedido a respeito do monumento dos mortos da guerra. Tardei em arranjar uns cobres e dei-os ao Adriano Carneiro para que, juntos aos dele, os remetesse para aí.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 7]. [Documentação em organização].

30 jun. – É realizada récita de gala, no Teatro Camões, em homenagem aos beneméritos da Santa Casa da Misericórdia de Bragança, residentes no Brasil

“Teatro Camões – Bragança | Na noite de 30 de junho de 1926, pelas 10 horas da noite | Récita de Gala

Em homenagem aos beneméritos conterrâneos e compatriotas residentes no Brasil, que subscreveram para o importante subsídio ultimamente recebido pela Santa Casa da Misericórdia de Bragança e em especial dos ilustres e queridos patrícios: Ex.^{ma} Senhora Dona Maria Adelaide de Magalhães Quintanilha; Padre José de Castro; Adriano Carneiro promotores da dita subscrição.” [MAB, FRT: Cx. 22, doc. 325]. [Documentação em organização].

Jul. – Publica *S. Francisco de Assis*.

“Nosso prezado colaborador Padre José de Castro acaba de publicar um trabalho sobre São Francisco de Assis. É o segundo livro que esse sacerdote publica com um curto intervalo.” [“S. Francisco de Assis”. *Jornal do Brasil* (4 jul. 1926), p. 5, col. 6-7].

Ago. – Recebe carta de felicitações da Secretaria de Estado do Vaticano, pelo livro *S. Francisco de Assis*

“O livro *S. Francisco de Assis* [...] acaba de ter a maior recompensa que pode augurar um trabalho deste género. O autor, Padre José de Castro, nosso colaborador, recebeu de Sua Eminência o Cardeal Pedro Gasparri, Secretário de Estado de Sua Santidade a honrosíssima carta que transcrevemos em italiano e traduzimos em português.” [“Sua Santidade Pio XI e o livro ‘São Francisco de Assis’”. *Jornal do Brasil* (26 ago. 1926), p. 8, col. 2].

9 out. – Integra a Comissão do Clero e preside à Comissão da Imprensa da Semana Missionária da Arquidiocese do Rio de Janeiro

“Hoje, às oito horas da noite, inaugurar-se-á solenemente a Semana Missionaria, na Catedral Metropolitana [...] Foram do seguinte modo constituídas as Comissões Cooperadoras, da Semana Missionaria: Comissão do Clero – [...], Padre José de Castro [...]. Também se acha organizada uma comissão de Imprensa, sob a presidência do Rev.^{mo} Padre José de Castro.” [“Semana Missionaria: A inauguração solene na catedral metropolitana”. *Jornal do Brasil* (9 out. 1926), p. 7, col. 1-3].

Out. – É orador oficial na sessão solene de homenagem a D. João Evangelista de Lima Vidal

“É orador oficial na sessão solene de homenagem a D. João Evangelista de Lima Vidal, realizada no Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro)”. [Henrique Manuel Pereira, “José António de Castro (1886-1966) – Subsídios para uma bio-cronologia”. In Mons. José de Castro, *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 85].

Out. – Publica a segunda edição de *S. Francisco de Assis*.

“Com tantos méritos, não é para estranhar que em um ano se esgotasse a primeira edição de seis mil exemplares.” [“Livros novos: São Francisco de Assis, pelo Padre José de Castro, Rio, 1926, 2.^a edição”. *O Imparcial* (31 out. 1926), p. 2, col. 7].

6 nov. – Profere conferência sobre *S. Francisco* no Instituto Nacional de Música

“Realiza-se hoje, às 20,30 horas, no Instituto Nacional de Musica a terceira conferência sobre *S. Francisco*. A entrada é franca. Fará a conferência o Rev.^{mo} Sr. Dr. P. José de Castro, que tanto êxito obteve com o livro ‘*S. Francisco de Assis*’, cuja segunda edição já se acha quase esgotada.” [“Secção Religiosa: Ano Franciscano”. *Jornal do Brasil* (6 nov. 1926), p. 21, col. 2].

1927

11 mar. – Parte para Roma para visitar Itália, sul de França, Espanha e Portugal.

“- A bordo do ‘Formose’ parte, hoje, para a Itália, o virtuoso sacerdote e ilustre literato Sr. Padre José de Castro, distinto colaborador do ‘Jornal do Brasil’. O brilhante escritor após a sua visita a Itália, atravessará o sul da França, visitando, a seguir, a Espanha e Portugal, donde regressará ao Brasil. Durante a sua excursão recreativa, o Sr. Padre José de Castro enviará ao ‘Jornal do Brasil’ correspondências epistolares, registrando as impressões que colher nos lugares que visitar.” [“Hóspedes e viajantes: Padre José de Castro”. *Jornal do Brasil* (11 mar. 1927), p. 10, col. 4].

“1927 – Enviado especial do ‘Jornal do Brasil’ às festas italianas do 7.º centenário de São Francisco de Assis.” [MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Out. – Representa o Arcebispo Primaz de Braga nos cumprimentos a D. Sebastião Leme, na sua passagem por Lisboa

“Quando o ilustre Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, passou por Portugal, de regresso ao Brasil [...] foi recebido em Lisboa, tanto por parte das altas autoridades eclesiásticas como civis. [...] O Padre José de Castro representava o Sr. Arcebispo primaz de Braga e o Dr. José Trocado da Povoia de Varzim, que foi também contemporâneo de D. Sebastião Leme na Universidade Gregoriana.” [“A passagem de D. Sebastião Leme por Lisboa: Além das excepcionais de apreço com que foi recebido, S. Ex. Rv.^{ma} foi agraciado pelo Governo Português com a Grã Cruz de Cristo”. *Jornal do Brasil* (22 out. 1927), p. 7, col. 2-4].

17 out. – Regressa ao Rio de Janeiro, proveniente de Lisboa.

“Lisboa, 17 (U. P.). – Partiu para o Rio a bordo do ‘Marsilia’ o jornalista Padre José de Castro.” [“Regressou ao Brasil o Padre J. de Castro”. *Jornal do Brasil* (18 out. 1927), p. 10, col. 4].

21 nov. – Inicia a publicação de crónicas semanais no jornal *Novidades*.

O meu Exmo. amigo Sr. Cónego Dr. Manuel Anaquim, sabedor do meu compromisso, tomado com a redação das «Novidades» de semanalmente enviar uma carta desta capital inundada de sol e de beleza, entre dois abraços de comovedoras despedidas, fez-me esta recomendação: —Diga-nos, antes de outros assumptos, coisas a respeito do Sr. Dom Sebastião Leme.” [CASTRO, P.^o José de, “Cartas do Brasil: Onde se fala do sr. Dom Sebastião de Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro”. *Novidades* (21 nov. 1927), p. 1, col. 6-7].

23 dez. – Faz pregação na festa do Bom Jesus do Monte, Ilha de Paquetá

“Começa hoje o novenário para a festa do Senhor Bom Jesus do Monte, na Ilha de Paquetá, pregando o ilustrado orador sacro Padre José de Castro.” [“Secção Religiosa: Ilha de Paquetá – Festa do Senhor Bom Jesus do Monte”. *Jornal do Brasil* (23 dez. 1927), p. 19, col. 3].

1928

27 jan. – Faz pregação sobre “A graça de Nossa Senhora”

“[...] Para maior brilhantismo do novenário pregarão nesses actos os distintos oradores sacros: [...] Rev.do Padre José de Castro, dia 27, sobre o tema: A graça de Nossa Senhora.” [“Avisos Religiosos: Irmandade de Nossa Senhora da Candelária - Novena”. *Jornal do Brasil* (22 jan. 1928), p. 31, col. 6].

Jan. – Publica *Terras de S. Francisco de Assis* (Crónicas de Viagem).

“O nosso ilustre colaborador Padre José de Castro, apesar de ter publicado um livro sobre São Francisco de Assis, cujo êxito de livraria foi realmente formidável, não ficou satisfeito [...] *Terras de S. Francisco*, é, pois, um livro interessantíssimo, digno de uma acolhida entusiasta da parte do público e cremos que ele será mais um triunfo literário como o foram os livros anteriores *S. Francisco de Assis e A Roma e á Terra Santa*.” [“Novidade Literária: Terras de S. Francisco – Crónicas de viagem”. *Jornal do Brasil* (23 fev. 1928), p. 6, col. 2].

16 mar. – Faz pregação em vigília de oração e via-sacra, Rio de Janeiro

“[...] ocuparão a tribuna sagrada distintos oradores sacros. Hoje o Rev. Padre José de Castro.” [“Secção religiosa”. *Jornal do Brasil* (16 mar. 1928), p. 16, col. 8].

6 abr. – Conduz celebrações de Sexta-feira Santa, Rio de Janeiro

“*Igreja da Aparecida, do Meyer* – Às 19 horas, Via Sacra, exposição do Senhor Morto e sermão pelo Rev.^{mo} Padre José de Castro. | Nos subúrbios da Central do Brasil; Os oradores de hoje; Padre José de Castro – *Lgrimas* – Na Igreja da Aparecida do Meyer, às 14 horas.” [“[Sexta Feira Santa]”. *Jornal do Brasil* (6 abr. 1928), p. 8, col. 6-7].

4 set. – Egas Moniz salienta as qualidades de P. José de Castro e o prestígio de que goza no Brasil.

“Egas Moniz, falando ao jornal *Novidades* das impressões da sua viagem ao Brasil, salienta as qualidades de P. José de Castro e o prestígio de que goza no Brasil.” [MAB, FRT: Cx. 22, doc.327]. [Documentação em organização].

21 set. – Faz pregação na festa da Exaltação da Santa Cruz, Rio de Janeiro

“Ontem, efetuou-se a festa da Exaltação da Santa Cruz, que constou de missa Pontifical em que oficiou Monsenhor Augusto Ferreira dos Santos, pregando ao Evangelho o conhecido orador sacro Padre José de Castro.” [“Secção Religiosa: Irmandade de Santa Cruz dos Militares”. *Jornal do Brasil* (6 abr. 1928), p. 13, col. 5].

4 dez. – Preside às cerimónias fúnebres do jornalista Abel Araújo e sua esposa, Rio de Janeiro

“Às 9,30 horas, o Rev.^{mo} Padre José de Castro, nosso prezado colaborador, celebrou missa de corpo presente, com acompanhamento de órgão. Finda a cerimónia, S. Rev.^{ma} fez a encomendação, dando-se, logo depois, o saimento fúnebre.” [“Os funerais de Abel Araújo e sua Esposa – Na camara ardente e na necrópole de S. João Baptista”. *Jornal do Brasil* (5 dez. 1928), p. 8, col. 1-4.]

Dez. – Faz pregação na festa da Imaculada Conceição, Rio de Janeiro

“Missa festiva às 10 horas, [...] O sermão será pregado pelo conhecido orador Padre José de Castro.” [“Secção Religiosa: Capela da Conceição da Rua de S. Januário”. *Jornal do Brasil* (9 dez. 1928), p. 17, col. 6].

1929**Fev. e mar. – Faz donativo de 10 contos ao Seminário de São José de Bragança**

“E é que o Seminário de Bragança acaba de receber de um amigo o importante donativo de 10 contos. Trata-se de um sacerdote bragançano, muito viajado e muito lido, que há dez anos está em contacto permanente com a civilização mundial e que na capital do Brasil tem aprendido os segredos do apostolado moderno, mercê do convívio com o grande Arcebispo Coadjutor do Rio, que é o Ex.^{mo} Sr. D. Sebastião Leme.” [“Crónica Diocesana: Seminário Diocesano”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 9 (ago. 1929), pp. 292-293.].

Enviado especial do “Jornal do Brasil”, por ocasião da celebração dos Acordos de Latrão, em Roma, e às exposições internacionais de Barcelona e Sevilha.”

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

13 abr. – É orador na sessão solene de homenagem ao Santo Padre, promovida pela Academia do Beato Nun’Álvares, do Colégio Português em Roma

“Todos os leitores das ‘Novidades’ conhecem esse brilhante jornalista que nas ‘Cartas do Brasil’ e ultimamente ‘Cartas Italianas’ sem revelado um amigo sincero e desinteressado do grande paladino da causa católica, e um dos seus colaboradores mais distintos.

O P.^e José de Castro tem coberto o seu nome de glória na imprensa brasileira, e é admirado e louvado pelo escol do pensamento das 2 nações irmãs. Tem escrito várias obras, algumas das quais já contam segunda edição, e é um talento em plena pujança da vida. Pensa e escreve com raro critério, embora ‘currente calamo’, e com a máxima facilidade. O P.^e José de Castro desprezando a erudição barata, preocupação de tanta gente de cabeça, diz e escreve o que a alma lhe dita com a máxima naturalidade, revelando-se sempre um artista exímio do sentimento, e da filosofia psicológico popular.

Uma prova eloquente do seu valor, tiveram-na quantos o ouviram ontem no Colégio Português.” [“Uma festa portuguesa em Roma: Homenagem ao Papa. Notáveis discursos dos reverendos Padres Ferreira Fontes e José de Castro”. *Novidades* (19 abr. 1929), p. 4, col. 1-2.]

Maió – Participa no Congresso Mariano de Sevilha

“Uma soberba e viva lição de episódios históricos onde a fé e o patriotismo se dão as mãos, se pode chamar à cavalgada que no domingo desfilou pelas ruas engalanadas desta cidade feiticeira. (...) Não podia, pois, o Congresso Mariano terminar melhor.” [“P. José de Castro”, *A Cruz* (16 jun. 1929), p. 3, col. 3].

24 maio – Chega a Lisboa, procedente de Sevilha

“Chega a Lisboa, procedente de Sevilha, depois de uma larga digressão por Itália e Suíça.” [Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 85].

Jun. – Encontra-se em Bragança

“Está entre nós, descansando da sua digressão pela Suíça, Itália, França e Espanha, este nosso amigo e conterrâneo, que tanto tem honrado o nome português no estrangeiro, especialmente no Brasil, onde reside há anos.” [“Bragança – Movimento religioso junho-1929: P.º José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 8 (jul. 1929)].

10 jul. – Reencontra os colegas do Curso Teológico do Seminário de S. José de Bragança

“A fim de comemorarem as bodas de prata da conclusão do seu Curso reuniram aqui, no dia 10, nove presbíteros que concluíram o 3.º ano do Curso teológico no Seminário de S. José, em 1904.” [“Bragança – Movimento religioso julho-1929: Reunião de Curso”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 8 (jul. 1929), pp. 266-267].

Jul. – Entrevista o Cardeal Patriarca de Lisboa e o Presidente da República Portuguesa, ao serviço do Jornal do Brasil

[P. J de Castro, “A situação da Igreja em Portugal – Uma entrevista com o Cardeal Patriarca de Lisboa”, *Jornal do Brasil* (18 jul. 1929), p. 8, col. 3-6; “As relações de Portugal com a Santa Sé – O General Carmona entre outros assuntos, fala também da situação da igreja no seu país”, *Jornal do Brasil* (25 jul. 1929), p. 6, col. 1-3; “As realizações da Ditadura em Portugal – O restabelecimento da ordem – O equilíbrio orçamentário – A política exterior: Entrevista com o Presidente Carmona”. *Jornal do Brasil* (26 jul. 1929), p. 6, col. 6-8].

Ago. – Regressa ao Rio de Janeiro

“De regresso de sua viagem à Europa, chegou quinta-feira passada a esta capital o Rev.º Sr. padre José de Castro, a quem sempre estivemos ligados por laços de muita estima e sincera gratidão. [...] Com o coração ainda em festas, não podemos, entretanto, ocultar uma pontinha de tristeza que nos vai na alma, pela notícia que nos dá o padre Castro de precisar voltar para Portugal, devido ao estado de precária saúde e avançada idade de seu venerando pai. [“Padre José de Castro”. *A Cruz* (4 ago. 1929), p. 2, col. 2].

18 set. – Parte do Rio de Janeiro, rumo a Lisboa

“A bordo do Groix, segue no dia 18, para Portugal, o Rev.º Sr. Padre José de Castro, que vai exercer o paróquio em Lisboa, a convite das autoridades eclesiásticas daquela cidade. Resolveu o padre Castro aceitar esta honrosa distinção para estar assim mais perto de seu venerando pai enfermo.” [“Vida social: Padre José de Castro”. *A Cruz* (15 set. 1929), p. 2, col. 5].

Out. – Chega a Lisboa, de regresso do Rio de Janeiro

“Pelos inícios do mês, de regresso do Rio de Janeiro, chega a Lisboa.” [MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1930

14 maio – É nomeado Consultor Eclesiástico da representação diplomática de Portugal junto da Santa Sé

“Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, nomear, [...] o Padre José António de Castro, Consulente Eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa

Sé, no lugar vago pela exoneração a seu pedido de Monsenhor José dos Santos Maurício, por portaria desta data.

Paços do Governo da Republica, aos 14 de maio de 1930.” [AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

17 maio – Chega a Bragança

“Faz práticas diárias, no mês de Maria, na Igreja de Santa Clara; Faz uma conferência aos rapazes do Centro Católico.” [Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 86].

Jun. – Prosegue atividade pastoral em Bragança e regressa a Lisboa

“Pelos primeiros dias de junho, faz o panegírico de Santa Teresinha, após a bênção da sua Imagem. Regressa a Lisboa. À estação acorrem muitas pessoas.” [Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 86].

15 jun. – Chega a Roma e assume as funções de Consultor Eclesiástico

16/06/1930 – Trindade Coelho comunica ao Ministro dos Negócios Estrangeiros que o P.º José António de Castro “chegou ontem a Roma, assumindo em seguida as duas funções”. [AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

2 jun. – Publica a primeira crónica no jornal “Novidades” sob o pseudónimo J. Santa Rita

[SANTA RITA, J., “Cartas de Roma: Duas canonizações – Um quadro feérico; As duas novas santas; Desfila o cortejo maravilhoso; Oitenta mil pessoas delirantes de fé”. *Novidades* (2 jul. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 1-2].

Amigos do P.º José de Castro organizam subscrição para oferta das insígnias da Ordem da Benemerência e pagamento do respetivo imposto

[MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 1, doc. 273]. [Documentação em organização].

16 ago. – Concessão do grau de comendador da Ordem de Benemerência

Proposta do Ministro do Interior de 5 de julho de 1930, para condecoração com o grau de Comendador da Ordem da Benemerência. Despacho emitido em 16 de agosto de 1930, e o respetivo decreto publicado no Diário do Governo n.º 199, de 28 de agosto de 1930: [Arquivo Histórico da Presidência (AHP), Fundo Geral, *Processo 253 – Ordem de Benemerência*: PT/PR/AHPR/CH/ CH0101/CH010112/D205906].

8 dez. – Recebe a Medalha “Benemerenti”, de Pio XI.”

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1931

8 jan. – Nomeado Camareiro Secreto Supra numerário de Sua Santidade Pio XI, com o título de Monsenhor

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Mar. – Viaja para Pádua no âmbito da preparação das comemorações centenárias do nascimento de Sto. António

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

16 out. – Parte para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

16 nov. – Chega a Roma, após gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

26 nov. – É nomeado sócio do Instituto de Coimbra

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1932

9 fev. – É nomeado Prelado Doméstico de Sua Santidade

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

“No posto de conselheiro eclesiástico da Legação Portuguesa junto do Vaticano havia sido contemplado, há um ano, com a honrosa dignidade de monsenhor camareiro de Sua Santidade e, recentemente, recebeu o Breve de Prelado Domestico de Sua Santidade.” [“Monsenhor José de Castro”. *A Cruz* (3 abr. 1932), p. 5, col. 5-6].

13 jun. – Integra a Embaixada Portuguesa a Pádua, no 7.º centenário da morte de Santo António.

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14].

6 ago. – Parte para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

18 ago. – Chega a Bragança para passar temporada com a família

“No comboio-correio de 18, chegou a esta cidade o nosso ilustre patricio Mons. José de Castro, que vem passar uma temporada junto de seus pais e irmãs e restaurar as forças depauperadas pelo intensivo trabalho que tem despendido no exercício das suas funções.” [“Crónica Diocesana: Mons. José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano IV, n.º 9 (set. 1932), p. 286].

2 set. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

1933

25 jul. – Parte para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

31 ago. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

1934

23 jan. – Auxilia na tradução para língua italiana do livro *Salazar*, de António Ferro

“Acaba de sair de minha casa onde esteve duas horas o antigo Governador da Eritreia, Corrado Zoli, presidente da *Sociedade* de Geografia, senador e conselheiro *de Estado* para que lhe resolvesse umas dezenas de dificuldades da tradução do livro “*Salazar*” de António Ferro.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 122].

31 maio – Envia a Oliveira Salazar uma relíquia do Santo Lenho

“Tenho o grande prazer de mandar a V. Ex. uma relíquia do Santo Lenho, não só por se tratar de V. Ex. que tudo merece, mas ainda por ser uma coisa muito difícil de se conseguir. Estou certo que essa relíquia livrará V. Ex. dos perigos a que anda exposto, no meio dessa situação que o Santo Padre classifica de ‘milagre português’” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 126].

1 set. – Ausenta-se de Roma para gozo de licença no estrangeiro

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35.]

2 set. – Por sua intercessão, o *Osservatore Romano* publica um artigo sobre a figura de Oliveira Salazar

“Ontem fui agradecer ao Conde Della Torre o artigo que a respeito de V. Ex. publicara no “*Osservatore*” no dia 2 de setembro, cumprindo assim uma promessa que me havia feito no dia 4 de agosto.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 128-130].

16 set. – Esteve presente na visita de Oliveira Salazar à cidade de Bragança

“Olhe que ainda tenho no coração a alegria de o ter visto na minha terra, se bem que penalizado por não ter podido dar à língua e muito mais ainda por lhe não ter oferecido em minha casa aquilo que o bom Fr. Bartolomeu dos Mártires dava a quem queria bem: a vaca e o riso.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 128-130].

3 out. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Out. – Oferece desenhos do artista José Contente ao Museu Regional de Bragança

“Aperto-o muito num abraço cordial para lhe agradecer o principesco presente com que Você acaba de enriquecer o Museu. Porque os desenhos do José Contente são, na verdade, obras-primas.” [ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 9, mç. 4, doc. 3].

Dez. – Contribui para a subscrição para celebrações de homenagem ao Abade de Baçal

“[...] acabei agora mesmo de escrever ao dr. José Eugénio Teixeira pedindo-lhe que lhe dê a quantia de 500 escudos. Dou-os com muito entusiasmo, bem certo de que jamais desembolsei um cobrinho com melhor aplicação. Porque o nosso Abade não merece um busto; ele merece uma estátua.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 12]. [Documentação em organização].

29 dez. – Envia o seu primeiro trabalho de investigação historiográfica a Raul Teixeira, para inclusão em publicação de homenagem ao Abade de Baçal

“Mais depressa do que eu imaginava, aí lhe mando o meu trabalho para o livro-homenagem ao Abade.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 6]. [Documentação em organização].

— A pedido de Raul Teixeira, envia carta a António Ferro, solicitando apoio para aquisição de quadro para o Museu Regional de Bragança

“[...] dirige para o Museu os seus olhos e o seu coração e procura realizar por seu intermédio o seu ideal: enriquecê-lo com um quadro que fixe a cor, a graça e a agilidade da dança dos paulitos que, devido a si, obteve uma página gloriosa nos anais da coreografia.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 6]. [Documentação em organização].

1935**Jun. – Ausenta-se de Roma e desloca-se a Portugal, com urgência, devido a doença da mãe**

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

17 jun. – Visita a sua família, em Bragança

“De visita a sua Ex.^{ma} Família encontra-se entre nós, desde o passado dia 17, o nosso querido amigo Rev. Snr. Monsenhor José de Castro, virtuoso e ilustrado sacerdote, que com grande brilho e rara inteligência desempenha o lugar de consultor eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa Sé, em Roma.” [“Monsenhor José de Castro”. *Terras de Bragança* (20 jun. 1935), p. 2, col. 2].

5 jul. – Realiza conferência intitulada *Prestígio de Salazar*, no salão nobre da Associação dos Artistas de Bragança

“Revestiu excepcional brilhantismo e constituiu uma grande manifestação de fé nacionalista a sessão solene realizada no passado dia 5 no salão nobre da Associação dos Artistas desta cidade, comemorativa do 3.º aniversário da posse do Senhor Dr. Oliveira Salazar no cargo de presidente do Conselho. [...] Havia justificada ansiedade em ouvir o orador, o ilustrado e virtuoso sacerdote Rev.º Monsenhor José de Castro, Prelado doméstico de Sua Santidade, Consultor Eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa Sé, e bragançano muito considerado e estimado.” [“Prestígio de Salazar”. *Terras de Bragança* (10 jul. 1935), p. 1, col. 2-5].

31 jul. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

“Retirou para Roma o nosso querido amigo Rev.º Sr. Monsenhor José de Castro, ilustre sacerdote e muito distinto jornalista e escritor, que na cidade Eterna desempenha com grande prestígio e rara inteligência o lugar de consultor eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa Sé.” [“Monsenhor José de Castro”. *Terras de Bragança* (1 ago. 1935), p. 3, col. 1].

1936

Jan. – Desloca-se a Portugal, por doença de sua mãe

“[...] no principio deste mês quando fui a Portugal por causa da minha mãe doente, levei um canudo para o Senhor que fora devolvido para a Secretaria de Estado como se o Vaticano fosse a Itália.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 150-152].

15 jul. – Parte de Roma para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Ago. – É-lhe conferido o privilégio de Oratório Doméstico.

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 88].

1937

1 jan. – Falecimento de sua mãe.

“No dia 1 do corrente faleceu nesta cidade, com 75 anos de idade, a Sr.ª D. Maria da Conceição de Castro, dedicada esposa do nosso amigo Sr. António Augusto de Castro, proprietário. [“D. Maria da Conceição de Castro”. *Terras de Bragança* (10 jan. 1937), p. 4, col. 2].

1938

19 abr. – Parte de Roma para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Abr. – É orador único em sessão solene dedicada a Oliveira Salazar, na Associação dos Artistas de Bragança

“Há dois anos cheguei aqui dias antes da festa a V. Ex.ª e fui o único orador da sessão solene que foi no salão dos artistas. Mas desta vez cheguei na véspera e falei com imensa alegria na festa que se realizou no teatro da terra à cunha e triste de não conter a imensa gente que ficou de fora na praça.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 163-166].

12 maio – Solicita prorrogação de licença de ausência de Roma, por 30 dias

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Jul. – Participa na inauguração da Avenida de Portugal, em Zamora

“Realizou-se há dias na hospitaleira cidade espanhola de Zamora, a inauguração oficial da Avenida Portugal. Traduzia esta homenagem uma verdadeira manifestação de agradecimento ao nosso País por ter reconhecido o Governo nacionalista de Franco e pelo apoio moral que lhe tem prestado. Efetuou-se a referida solenidade pelo meio-dia, na presença [...] Monsenhor José de Castro Consultor Eclesiástico de Portugal junto do Vaticano [...]” [“Homenagem de Zamora a Portugal”. *Terras de Bragança* (10 jul. 1938), p. 1, col. 1].

Jul. – É chamado a S. Bento por Oliveira Salazar, para reunião

“Sou verdadeiramente um homem de *bonne chance*. Soube o Doutor Salazar que estava em Lisboa e mandou-me chamar a S. Bento. Não interessa o assunto da palestra; basta dizer que foi muito carinhoso comigo e fiquei vaidoso para larga temporada pois tenho a certeza de que não fiquei reprovado.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 6]. [Documentação em organização].

21 jul. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Set. – Suspende a entrega de relatórios técnicos ao Ministro da Legação de Portugal junto da Santa Sé, Vasco de Quevedo, por quebra de confiança

“Eu fiz greve e continuo a fazê-la, não lhe dando informações escritas e só respondo ao que me pergunta. Depois que vi como fazia e o que fazia, disse-lhe que não estava disposto a colaborar numa obra que era contra a Igreja e contra a doutrina do Estado Novo.” [AHPL, FCC: [...] 058].

1939

8 abr. – Falecimento de seu pai

“Seu Pai adoeceu no domingo, 2 do corrente. Não parecia de gravidade a doença. Mas anteontem, o caso começou a tomar mais aspeto. Ontem, sexta, o príncipe da ciência deu o caso como perdido. Diagnosticou mal de coração. Entregou a alma a Deus às 4,30 de hoje.” [ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 9, mç. 4, doc. 19].

Abr. – Parte para Portugal para gozo de licença, por necessidade de ir a Bragança na sequência da morte do pai

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

20 maio – Solicita nova licença de ausência de Roma, por 30 dias

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Jun. – Participa em almoço de trabalho com Oliveira Salazar e priva com Marcelo Caetano e outras personalidades da vida política e cultural de Lisboa

“Estou fatigado. Cá jantei com o Lopes Vieira e também com o Marcelo Caetano. Ambos infatigáveis em querer dar-me honra e prazer. E logo, depois do almoço com o Presidente, vou admirar os frescos do Sousa Lopes.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 5]. [Documentação em organização].

19 jun. – Regressa a Roma, partindo de Lisboa

“Amanhã enfiar-me-ei no *Vulcânica* e durante 4 dias passarei entre os azuis do mar e do céu.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 5]. [Documentação em organização].

23 jun. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

“Regressou a Roma na continuação do desempenho das funções do seu elevado cargo junto da Santa Sé, o nosso ilustre Amigo e dedicado brigantino Monsenhor José de Castro.” [“Monsenhor José de Castro”. *Terras de Bragança* (20 jun. 1939), p. 2, col. 3].

31 ago. – Declara a Oliveira Salazar prescindir de financiamento do Estado para a obra *Portugal em Roma*

[ANTT, AOS, CJC [...], f. 224-225].

4 nov. – Publica *Portugal em Roma*

“Meu querido Raul:

Porque V. é amigo muito do peito, merece que lhe mande a cópia do telegrama recebido hoje. É cousa grande e por ele fiquei sabendo que o livro saiu à rua.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 1, doc. 131]. [Documentação em organização].

Nov. – Elabora duas comunicações para enviar ao Congresso do Mundo Português

“O Júlio Dantas convidou-me para enviar ao Congresso do Mundo Português uma ou mais comunicações. Com um trabalho inaudito escrevi 2: uma sobre “Casamentos de D. Pedro I e D. Pedro II, Imperadores do Brasil” (homenagem aos meus amigos do Brasil) e outra – importantíssima porque farei sensação – sobre Dom Frei Bartolomeu dos Mártires.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 5]. [Documentação em organização].

10 dez. – Comunica a Oliveira Salazar a localização do decreto que proclama as virtudes, em grau heroico, de D. Frei Bartolomeu dos Mártires

“Uma grande novidade que escapará à censura: descobri o decreto que proclama a heroicidade das virtudes de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o que significa ser uma causa segura e vitoriosa se bem que parada.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 230-231].

22 dez. – É nomeado sócio correspondente da Academia Portuguesa da Historia

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1940

11 mar. – É-lhe atribuída a medalha “Pro Ecclesia et Pontifice”, de Pio XI

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

12 mar. – Integra a Embaixada Portuguesa às festas da Coroação de Sua Santidade Pio XII

“Quero agradecer a V. Ex.^a as horas rejubilantes que passei ontem no Vaticano. O Santo Padre – V. Ex.^a o sabe – é um diplomata estilizado. Tudo nele se mede milimetricamente. Uma razão a mais para apreciar a maneira ultra acolhedora ao pessoal da Embaixada, apresentado pelo Chefe da Missão com os olhos bem molhados daquela hora feliz. E ali mesmo, como no discurso, proferiu o nome de V. Ex.^a, envolvendo-o numa grande bênção, traçado como sempre meticulosamente.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 244-247].

Mar. – O Embaixador de Espanha manifesta vontade de ter no seu país obra similar a *Portugal em Roma*

[ANTT, AOS, CJC [...], f. 232-233].

26 mar. – É recebido pelo Santo Padre, em audiência particular, para a entrega do *Portugal em Roma*

“Fui recebido às 10 e um quarto da manhã, de 26/3/940.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 234-236].

30 abr. – Recebe carta da Secretaria de Estado de Sua Santidade, com mensagem de felicitações e de agradecimento do Papa, pela obra *Portugal em Roma*

“Tenho particular satisfação em enviar a V. Ex.^a a cópia da carta que o Santo Padre ordenou ao Secretário de Estado me escrevesse a propósito do meu livro. Não a podia esperar depois do que se passou na audiência pontifícia.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 239-241].

7 maio – Integra a Embaixada Portuguesa para a assinatura da Concordata e Acordo Missionário

[ANTT, AOS, CJC [...], f. 239-241].

É Conselheiro da Embaixada Pontifícia às festas do duplo Centenário, em Lisboa

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

20 jul. – Nomeado Protonotário Apostólico *ad instar participantium*, pelo Santo Padre

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Jul. – Reúne com Oliveira Salazar

“ – O Dr. Salazar mandou-me chamar e foi gentilíssimo comigo. Nada de particular a não ser uma palestra interessante e animada de parte a parte. Fiquei convencido de que ele me quer bem.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 13]. [Documentação em organização].

1 ago. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

2 dez. – Profere discurso no encerramento das comemorações centenárias de Portugal em Roma, em Sto. António dos Portugueses

[MAB, FAAM: PT-MAB/AAM/Cx. 22, doc. 237]. [Documentação em organização].

1941

16 set. – Informa Oliveira Salazar da conclusão do sexto volume de *Portugal no Concílio de Trento*

“Tenho honra comunicar fim sexto e último volume Portugal no Concílio de Trento” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 248].

29 set. – Parte para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

2 nov. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

Nov. – Realiza recolhas fotográfica para a obra *Portugal no Concílio de Trento*

“Estou a tirar fotografias (serão mais de 200) para o livro ‘Portugal no Concílio de Trento’” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 4]. [Documentação em organização].

1942

19 mar. – Conclui *O Cardeal Nacional*

“Acabei agora o livro *O Cardeal Nacional* no qual trato dos Cardiais nacionais, do modo como se fizeram e do meio em que viveram.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 251-253].

17 jul. – Parte para Portugal para gozo de licença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

26 ago. – Chega a Roma e retoma funções

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

24 out. – Encontra-se a trabalhar na história da Diocese de Bragança e Miranda

“Eu ando tão ocupado com as pesquisas do novo trabalho que dia a dia deixo para depois a ideia de lhe escrever. O que tenho encontrado é assaz interessante, mas não deixa ainda calcular o que será a história da diocese de Bragança e Miranda nem em quantidade, nem em qualidade.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 6, doc. 594]. [Documentação em organização].

Publica *D. Sebastião e D. Henrique*

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Publica *D. António Prior do Crato*.

“Com dois trabalhos da mesma índole veio agora aumentar a sua bagagem literário-científica e enriquecer o nosso mercado livresco. «D. Sebastião e D. Henrique e «O Prior do Crato» são obras notáveis no seu género...” [“Dois livros notáveis”. *Mensageiro de Bragança* (15 dez. 1942), p. 1, col. 1-2.]

1943

1 jan. – É lançada uma subscrição pública para a instituição do prémio Mons. José de Castro

“É por isso grande a gratidão do Clero bragançano, para não dizer de todo o país, para com o seu ilustre colega no Sacerdócio. Entenderam alguns dos seus antigos discípulos e contemporâneos que estava em aberto essa dívida, e que era chegado o tempo de a saldar. Resolveram por isso tomar a iniciativa de uma homenagem que demonstrasse do melhor modo possível o seu reconhecimento. Essa homenagem consistirá em uma subscrição aberta entre os seus amigos no Laicado, que os conta numerosos Mons. Castro em todas as classes sociais. Com o produto da subscrição será instituído um prémio, com o nome de Mon. José de Castro destinado ao quartanista teólogo que, em cada ano, der melhor prova de aproveitamento moral e literário”. [L. M., “Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 jan. 1943), p. 4, col. 3.]

Jan. – O *Cardeal Nacional* entra em composição, sob patrocínio da Agência Nacional das Colónias

[ADBGC, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 2, doc. 11].

É publicado *O Cardeal Nacional*

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

24 maio – É comunicada a aceitação da missão de bolseiro do Estado nos Arquivos Vaticano

- MNE – Telegrama recebido; Rem.: Embaixada de Portugal em Vaticano; Exp. 24/05/1943; Rec. 25/05/1943

“Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que Monsenhor Castro aceita missão de bolseiro do Estado nos Arquivos Vaticano para a pesquisa e inventariação documentos relativos a Historia de Portugal; em consequência pede por este meio que investido nele, V. Ex.^a o dispense de Consultor Eclesiástico desta Embaixada.” [AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

18 ago. – Solicita gozo de licença em Bragança, por motivo de doença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

1 set. – Parte para Portugal para gozo de licença, em Bragança

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

14 set. – Solicita nova licença de ausência de Roma, por 30 dias, por motivo de doença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

13 nov. – Solicita nova licença de ausência de Roma, por 30 dias, por motivo de doença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

13 dez. – Solicita nova licença de ausência de Roma, por 30 dias, por motivo de doença

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

29 dez. – Pede exoneração do cargo de Consultor Eclesiástico

[AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

1944

14 jan. – É exonerado o cargo de Consultor Eclesiástico da Embaixada de Portugal no Vaticano, a seu pedido

“Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, exonerar, a seu pedido, do cargo de Consultor Eclesiástico, junto da Embaixada de Portugal no Vaticano, Monsenhor José de Castro.” [AHD-MNE, Processo individual do P. José de Castro: MNE, Proc. 674/35].

30 jun. – Recebe cumprimentos do clero de Bragança e uma mensagem acompanhada da listagem dos subscritores do prémio “Monsenhor José de Castro”

“Tencionavam os promotores da Homenagem a Mons. Castro efetuar uma Sessão Solene [...]. Apressou-se, porém Mons. Castro a notificar que, não só se escusava a tomar parte em tal Sessão mas nem levava a bem que ela se fizesse. [...] Por isso de comum acordo entre os membros da Comissão à qual preside o Ex.^{mo} Vigário Geral Snr. Cónego Dr. Manuel António da Ressurreição Fernandes, resolveu-se que no dia 12, após a reunião mensal do Clero fôssemos pessoalmente cumprimentar Mons. Castro, e entregar-lhe uma Mensagem acompanhada da relação dos subscritores, contas, etc., encerrada numa pasta feita para o efeito. Assim se cumpriu integralmente, sendo a soma da subscrição depositada na tesouraria do Seminário para, conforme as condições previamente anunciadas, garantir um prémio anual ao melhor quartanista teólogo.” [“Homenagem a Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 jul. 1944), p. 1, col. 3-4.]

30 jun. – É formalizada a instituição do prémio “Monsenhor José de Castro”, no Seminário de S. José de Bragança

“destinado ao melhor quartanista-teólogo da aula de História Eclesiástica, foi instituído a requerimento do Cónego Albano Carlos de Jesus Falcão que, em 30 de junho de 1944, pediu ao Prelado lhe fosse permitido depositar 6250\$00 na Tesouraria do Seminário, procedentes de uma subscrição, promovida em homenagem a Monsenhor José de Castro, para com o rendimento da quantia estabelecer um prémio anual [...]. O pedido foi deferido”. [P.^o Manuel Jerónimo Pires, *Institutos Diocesanos de Formação Sacerdotal - Dioceses de Miranda do Douro, e Bragança e Miranda*. Bragança: (s.n.), 1976, p. 122].

11 nov. – Realiza conferência sobre D. Frei Bartolomeu dos Mártires, no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo

“Novembro, 12. – Realizou, ontem à noite, no Teatro Sá de Miranda desta cidade, a sua anunciada conferência sobre o grande arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o rev.^{mo} Monsenhor José de Castro, antigo consultor eclesiástico da Embaixada portuguesa junto da santa Sé.” [C., “Viana do Castelo: Notável conferência sobre D. Frei Bartolomeu dos Mártires”. *A Voz* (20 nov. 1948). In PT-MAB/AAM; Cx. 22 doc. 327.1]. [Documentação em organização].

Publica os três primeiros volumes (dos seis) de *Portugal no Concílio de Trento*.

[C-ICL, FIAC, Processo “História dos Descobrimentos [...]”: PT/MNE/CICL/IC-1/00187/30, doc. 9].

1945

17 jan. – No salão nobre do Paço Arquiepiscopal de Évora, profere uma conferência sobre Frei Bartolomeu dos Mártires, a convite do Prelado

“Mons. José de Castro vai a Évora nos próximos dias a fazer nova conferência sobre D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Como em Viana do Castelo o ilustre sacerdote honrará a sua terra, defendendo a causa do grande Arcebispo.” [“Nótulas: Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (10 jan. 1945), p. 1, col. 2].

27 jan. – No seminário Conciliar de Braga, profere conferência sobre Frei Bartolomeu dos Mártires, tendo o respetivo texto sido publicado sob a forma de opúsculo, intitulado “Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires”

[P.º José de Castro, “Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires [1945]”. In Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável* [...], p. 137].

7 mar. – Pede a intercessão do Cardeal Patriarca de Lisboa para a sua nomeação como diretor do Museu do Abade de Baçal, em substituição de Raul Teixeira

“Soube o Dr. Raul Manuel Teixeira, diretor do Museu do Abade de Baçal e Secretário Geral do Governo Civil, que me faltavam 18 meses para completar os 15 anos indispensáveis a uma pequena reforma. E ontem escreveu à sua parte a D. Maria Batista Guardiola, encarregando-a de entregar um requerimento a pedir a demissão de Diretor do Museu e pedindo-lhe todo o seu esforço para eu ser o nomeado. Não duvido eu da valia e da boa vontade de D. Maria Batista; e não duvido também que é decisiva a intervenção de Vossa Eminência”. [AHPL, FCC: [...] 111].

11 mar. – Em Coimbra, e a convite do Centro Académico de Democracia Cristã (C.A.D.C.), profere uma nova conferência sobre Frei Bartolomeu dos Mártires.

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 91].

19 mar. – Recebe telegrama de cumprimentos do Cardeal Martini, Secretário de Estado da Santa Sé

[AHPL, FCC: [...] 113].

28 ago. – Profere conferência sobre a Bula *Romanus Pontifex*, na sessão de encerramento do Congresso Eucarístico, no âmbito do quarto centenário da Diocese de Bragança e Miranda

[ADBGC, FIAC, Cx.3, pt. 12, mç. 7, doc. 24].

29 set. – Solicita apoio financeiro ao IAC para custear a edição do quinto e sexto volumes de *Portugal no Concílio de Trento*

“Por estes dias deverá sair o 4.º volume do qual V. Ex.ª receberá um exemplar. O deficit de cada volume tem sido de 6 contos de reis que eu tenho pago do meu bolso, como já paguei o do 4.º, mas sucede que não tenho mais dinheiro para custear o deficit dos 2 volumes que faltam para ser publicada toda a obra.” [C-ICL, FIAC, Processo “História dos Descobrimentos [...]”: PT/MNE/CICL/IC-1/00187/30, doc. 8].

12 nov. – Pede a intercessão do Cardeal Patriarca de Lisboa para a obtenção de subsídio do IAC para a publicação dos quinto e sexto volumes de *Portugal no Concílio de Trento*

[AHPL, FCC: [...] 120].

Dez. – Realiza conferência, no Porto, sobre D. Frei Baltazar Limpo, e em Évora, sobre o Cardeal D. Miguel da Silva

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 91].

— Realiza conferência, em Viseu, sobre D. Miguel da Silva

“No Seminário da nossa cidade, no dia da nossa cidade, no dia da sua Padroeira e por ocasião da inauguração do novo salão da biblioteca, disse Mons. José de Castro, da Academia Portuguesa da História, a sua anunciada conferência sobre D. Miguel da Silva, epigrafada de *O Cardeal de Viseu*.”
 [“Um grande homem de letras, um grande diplomata e um grande bispo de Viseu”. *Jornal da Beira* (dez. 1945), p. 4, col. 1-2. In ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 3, doc. 5]. [Documentação em organização].

1946**Fev. – É publicado o primeiro volume (dos quatro) de *Bragança e Miranda (Bispado)***

[J. C., “Acaba de sair o 1.º volume da História da Diocese de Bragança e Miranda da autoria de Mons. José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (1 mar. 1946), p. 6, col. 1-2].

Publica *Venerável Bartolomeu dos Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)*

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Jun. – Publica o quinto volume de *Portugal no Concílio de Trento*

[“Portugal no Concílio de Trento: Apareceu o 5.º volume da Obra de Mons. José de Castro”, *Mensagem de Bragança* (7 jun. 1946), p. 1, col. 1-2, p. 3, col. 2].

Set. - Publica o sexto volume de *Portugal no Concílio de Trento*

“Com a publicação do 6.º volume, o ilustrado sacerdote concluiu a obra de fôlego a que se abalanço.” [S.D., “‘Portugal no Concílio de Trento’ por Monsenhor José de Castro”. *Novidades/Letras e Artes* (22 set. 1946), p. 1, col. 1-5].

Publica *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

1947**Jan. – Publica o segundo volume de *Bragança e Miranda (Bispado)***

[“Bragança e Miranda’ de Mons. José de Castro – Está publicado o último volume da História da Diocese”. *Mensagem de Bragança* (10 ago. 1951), p. 1, col. 2].

9 mar. – É nomeado sócio honorário da Associação dos Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança

“Tenho a subida honra de comunicar a V. Ex.ª que na reunião da Direção desta Associação, de 9 do corrente, foi V. Ex.ª nomeado sócio honorário desta coletividade de benemerência.” [ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 12, mç. 3, doc. 1].

12 mar. – Profere conferência sobre Pio XII, na Associação Católica do Porto

[ANTT, AMC: PT/TT/PS/AMC/12-330/Correspondência/CASTRO/José, doc. 9].

Maiο – São-lhe atribuídos os *Louros do Palatino*, pela Academia de Cultura Latina, de Roma

[...] tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª. que no Capitólio de Roma se realizou uma sessão solene da Academia Latina, destinada a comemorar o 27.º. Centenário da fundação da mesma cidade e a atribuir os Louros do Palatino a Monsenhor José de Castro.” [C-ICL, FIAC, Processo “História dos Descobrimentos [...]”: PT/MNE/CICL/IC-1/00187/30, doc. 8].

16 jul. – O Papa Pio XII dirige-lhe uma extensa carta autógrafa, felicitando-o pela obra em seis volumes, *Portugal no Concílio de Trento*

[“Mons. José de Castro: o insigne historiador do Concílio de Trento recebe do Santo Padre uma honrosíssima carta de louvor”. *A Voz* (12 ago. 1947), p. 1; p. 3. In [ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 1, doc. 11].

Nov. – Na fase terminal do Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, é “um dos que se encontra em volta do seu leito”. Está presente no funeral

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 91].

13 dez. – Realiza conferência sobre o Abade de Baçal na casa de Trás os Montes e Alto Douro, em Lisboa

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 91].

1948

13 fev. – Realiza conferência evocativa da vida e da obra do Abade de Baçal, no Coliseu do Porto, a convite da Casa da Imprensa e do Livro

“Uma grande figura de Trás-os-Montes e da cultura portuguesa: A vida e a obra do Abade de Baçal foram evocadas por monsenhor José de Castro, durante a conferência que, a convite da Casa da Imprensa e do Livro, aquele historiador e humanista realizou, ontem, no salão de festas do Coliseu do Porto. Quase podiam contar-se pelos dedos as conferências que, nos últimos anos, despertaram o interesse que despertou a que monsenhor José de Castro realizou, ontem, no salão de festas do Coliseu do Porto, sobre «A vida e a Obra do abade de Baçal».” [“Uma grande figura de Trás-os-Montes e da cultura portuguesa: A vida e a obra do Abade de Baçal foram evocadas por monsenhor José de Castro”. *Comercio do Porto* (14 fev. 1948), p. 6, col. 1-4].

28 abr. – É encarregado pelo Governo Brasileiro de escrever a História Eclesiástica do Brasil

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Publica *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*

[MAB, FRT, “Notas Biográficas do Autor [Mons. José de Castro]” (s.d.): PT-MAB/RT, Cx. 14]. [Documentação em organização].

Jun. – É publicado o terceiro volume de *Bragança e Miranda (Bispado)*

[“‘Bragança e Miranda’ de Mons. José de Castro – Está publicado o último volume da História da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 ago. 1951), p.1, col. 2].

Jul. – Realiza crónica sobre o bispo Dom João Franco de Oliveira para publicação na revista do *Club Transmontano de Angola*

“Devolvida de Bragança recebi essa carta de Luanda. Tenho ideia de que ao dar-lhe um artigo sobre o bispo de Angola Dom João Franco de Oliveira para ser publicado nessa revista lhe dei também uma cópia.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 1, doc. 265]. [Documentação em organização].

1 out. – Empossado interinamente na gerência do Instituto de Santo António dos Portugueses em Roma

[Francisco de Almeida Dias, “Monsenhor José de Castro – A História de Portugal em Roma”. [...], p. 63].

1949

1 jan. - Nomeação definitiva na gerência do Instituto de Santo António dos Portugueses em Roma, pela Portaria n.º 2563 do Ministro das Finanças

[“Francisco de Almeida Dias, Monsenhor José de Castro – A História de Portugal em Roma”. [...], p. 63].

Fev. – Toma posse dos cargos de reitor da igreja de Santo António dos Portugueses em Roma e de diretor do Instituto Português de Santo António

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 91].

18 ago. – Inicia colaboração publicista com o *Correio de S. Paulo* através das *Cartas da Itália*, publicadas ao longo de mais de um ano

“Roma, Agosto – Metido o papel na máquina, postas as mãos no teclado, dilatado o coração por uma grande saudade, o meu pensamento alheia-se da Cidade Eterna, que agora vejo dominada pela cúpula de Miguel Ângelo, e num décimo milionésimo de segundo, desembarca em Santos, subo à cidade de São Paulo, e bato ao ferrolho de amigos que apostaram em não me esquecer, assim como eu, mesmo sem aposta, me não esqueço deles.” [Mons. José de Castro, “Cartas da Itália: A minha primeira carta”. *Correio Paulistano*, (São Paulo, 18 ago. 1949), p. 4, col. 6-7; p. 6, col. 1-2].

Dez. – Colabora com o periódico *Diário do Norte*, a convite do Dr. Pinheiro Torres

“O Dr. Pinheiro Torres pediu-me para colaborar semanalmente no *Diário do Norte* (jornal que ainda não vi) e já lhe mandei umas 5 cartas. Recuperado o hábito (julgo que já o recuperei) não é para mim grande esforço porque faço isto ao correr da pena com a despreocupação de sempre.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 3, doc. 133]. [Documentação em organização].

1950

Jun. – É publicado *Monsenhor José de Castro: Subsídios para a biografia dum ilustre Bragantino*, de Raul Teixeira

[MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 7, doc. 611]. [Documentação em organização].

30 jun. – É realizada homenagem a Mons. José de Castro, no Museu do Abade de Baçal

“Constituída em Comissão, os abaixo assinados, como dedicados amigos pessoais de Monsenhor José de Castro, muito digno e ilustre Filho de Bragança, têm a honra de convidar V. Ex.^a e as Senhoras de sua Ex.^{ma} Família a assistirem à sessão de homenagem que ao digno Diretor do Instituto Português de Santo António, em Roma, é prestada no dia 30 do corrente, pelas 17,30 horas, no Salão da Biblioteca Erudita anexa ao Museu do Abade de Baçal, por ocasião da entrega a este Museu dum retrato a óleo do homenageado, da autoria do consagrado Artista Henrique Tavares.

No ato fará o elogio de Monsenhor Castro o conhecido e brilhante orador sagrado Senhor Padre Luís Castelo Branco.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 14]. [Documentação em organização].

Nov. – Reinicia atividade publicista no *Jornal do Brasil*, com crónicas intituladas *Cartas de Roma*, no âmbito da celebração do Ano Santo

[Mons. José de Castro, “Cartas de Roma: Consistório Histórico”. *Jornal do Brasil* (15 nov. 1950), p. 6, col. 7-8].

1951

Fev. – Encontra-se em fase de conclusão das pesquisas vaticanas para a História Eclesiástica do Brasil

“O trabalho que me tem absorvido, há três anos, é a história eclesiástica do Brasil. Estão no fim as pesquisas vaticanas, e já antevejo o bem que fará a Portugal.” [ANTT, AOS, CJC [...], f. 259-260].

27 jun. – É condecorado com o grau de Comendador da Ordem de Sant’Iago da Espada

Proposta apresentada pelo Ministro da Educação Nacional, Fernando Andrade Pires de Lima, em 24 de março de 1951: “Diretor do Instituto de Santo António dos Portugueses, em Roma, tem-se

distinguido como escritor e conferencista. Exerceu durante 13 anos o cargo de Consultor Eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, é sócio correspondente do ‘Instituto de Coimbra’ e da ‘Academia Portuguesa de História’ e possui várias condecorações” AHP, Fundo Geral, *Processo 1086 – Ordem Militar de Sant’Iago da Espada*: PT/PR/AHPR/CH/CH0101/ CH010105/CH01010502/D207578].

O Decreto de concessão datado de 27 de junho de 1951 foi publicado no Diário do Governo n.º 272, 2.ª série, de 23 de novembro de 1951.

5 jul. – É publicado o quarto e último volume de Bragança e Miranda (Bispado)

[“‘Bragança e Miranda’ de Mons. José de Castro – Está publicado o último volume da História da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 ago. 1951), p.1, col. 2].

14 jul. – Parte para o Brasil, para a realização de um ciclo de conferências

“Daqui a uma dúzia de dias já estarei no mar rumo ao Brasil, a tomar o iodo do mesmo mar que me garantem ser de muita utilidade. Andarei por lá três meses e estou muito esperançado que regressarei menos velho e cansado. [...] Logo que o “Correio Paulistano” deu a notícia da minha ida, vieram-me de lá (do Brasil já vê) cartas comoventes e pedidos que atendi – um sermão e quatro conferências, sendo uma delas no Rio de Janeiro. Estou a acabar a última, e não será ousadia supor que todo este trabalho sairá a formar um opusculo. Mais um livro sobretudo depois de haver resolvido não publicar mais coisas.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 2]. [Documentação em organização].

21 ago. – Encontra-se em S. Paulo e concede entrevista ao *Correio Paulistano*

“Monsenhor José de Castro, que se encontra em São Paulo, foi ontem entrevistado pela nossa reportagem, quando da visita que nos deu o prazer de fazer a esta folha, falando de sua viagem a Roma e sobre o Ano Santo.” [“Testemunho de um sacerdote: ‘Quatro milhões de peregrinos estiveram em Roma no Ano Santo’”. *Correio Paulistano* (22 ago. 1951), p. 12, col. 1-4; p. 2, col. 7-8].

29 ago. – Realiza conferência no Museu de Arte de São Paulo

“Chegará hoje a São Paulo Mons. José de Castro, sacerdote português residente em Roma. S. Exc., que já residiu em nosso Estado, onde foi vigário de Monte Alto, é membro da Real Academia Portuguesa de História e autor de mais de vinte livros publicados, entre os quais ‘A Roma e à Terra Santa’ e ‘Terras de São Francisco’.

Às 20,30 horas, no Museu de Arte, rua 7 de Abril, 230, Mons. José de Castro pronunciará uma conferência subordinada ao tema ‘Relíquias do Passado’, sob os auspícios do Consulado Português em São Paulo.” [“Relíquias do Passado”. *Correio Paulistano* (29 ago. 1951), p. 11, col. 3].

“Quarta-feira à noite, apesar da chuva e do frio, o pequeno auditório do Museu de Arte encheu-se para a conferência de monsenhor José de Castro é, na minha família, uma tradição afetiva.” [Francisco Pati, “De Roma a São Paulo”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-2].

30 ago. – Realiza conferência em Santos, São Paulo

“Tinha de ser afirmativa a resposta ao lisonjeiro convite para fazer aqui uma conferência. Tratou-me bem esta cidade quando, há 25 anos, vim falar no centenário de S. Francisco, e depois seria de mau gosto responder não ao Sr. Dr. Joaquim Bueno do Livramento...” [“O milagre do Brasil (Conferência pronunciada ontem à noite, em Santos)”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-8].

Set. – Realiza conferência em Recife

“A minha viagem tem sido uma serie de emoções fortes, ora tristes ora violentas. Esta gente tem-me cumulado de gentilezas, e bem as tenho sentido nas conferências históricas que tenho feito. Também a farei aqui e no Recife nas quais está empenhada muita gente boa.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)mç. 2]. [Documentação em organização].

— Realiza conferência no Liceu Literário Português do Rio de Janeiro

“Mons. José de Castro, historiador e diretor do instituto de Santo António, em Roma, pronunciou no Liceu Literário Português, do Rio, uma aplaudida conferência sobre «O Milagre do Brasil – licho

predileto de Portugal e muito amado de Roma».” [A Voz (27 set. 1951) In MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)mç. 2]. [Documentação em organização].

1 out. – Realiza conferência no Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto

“Rio de Janeiro, 1 – Apresentado pelo Sr. Prof. Pedro Calmon. Reitor da Universidade do Brasil e diretor do Instituto de Estudos Portugueses «Afrânio Peixoto» do Liceu Literário Português, proferiu naquele Instituto uma brilhantíssima conferência denominada «O milagre do Brasil» o ilustre sacerdote português Monsenhor José de castro, historiador que definiu assim o milagre brasileiro [...]” [A Voz (2 out. 1951) In MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2)mç. 2]. [Documentação em organização].

Out. – São publicadas quatro conferências, proferidas em S. Paulo e no Rio de Janeiro

“A minha conferência (a última) no Rio fez sensação e será publicada assim como a que fiz no Centro Transmontano, e as outras duas que fiz em S. Paulo. Fiz o que pude, mas muito exausto.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2) mç. 2]. [Documentação em organização].

25 out. – Regressa a Roma, partindo do Rio de Janeiro

“O Rio de Janeiro foi esfalfante para mim, rico de grandes emoções, e quando no dia 25 à noite me vi dentro do navio, dei graças a Deus porque me vi só.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 2]. [Documentação em organização].

1952

Jan. – No salão nobre do Instituto de Santo António dos Portugueses, são-lhe entregues as insígnias da Comenda de Sant’Iago da Espada.

“O ensejo que se aproveitou para condecorar Monsenhor José de Castro foi o da inauguração em Roma da Capela Portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, que deu causa a diversas formas de solenização entre as quais algumas a que não fica estranho o nome do Instituto de S. António dos Portugueses de que aquele ilustre escritor é Diretor.” [AHP, Fundo Geral, Processo 1086...].

30 abr. – Pede a exoneração do cargo de diretor do Instituto de Santo António dos Portugueses em Roma.

“Ex.^{mo} Snr. Diretor Geral da Fazenda Pública: À muita consideração de V. Ex.^a e Sua Excelência o Senhor Ministro das Finanças, ordena-me que, muito a tempo, com três meses de antecedência, peça o favor de ser exonerado do cargo de diretor do Instituto e reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 7, doc. 213]. [Documentação em organização].

6 maio – Manifesta a Raul Teixeira o propósito de realizar biografia do Abade de Baçal

“V., naturalmente indicado, não o fez. Está naturalmente indicado que seja agora o mais interessado a que eu o faça. A sagrada memória do Abade exige que V. tenha interesse em que eu o faça. Claro que não digo isto de modo definitivo porque poderão aparecer circunstâncias novas que venham alterar o meu propósito. Aludo em espirito à hipótese de melhorar muito da memória a poder continuar as pesquisas ou em Simancas ou em Lisboa.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 4(2), mç. 2]. [Documentação em organização].

Jun. – É-lhe atribuída a comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul

“Em virtude de decretos assinados pelo Presidente da Republica, foi conferida a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul [...] no gau de Comendador, a monsenhor José de Castro, protonotário apostólico de S. S. o Papa Pio XII, que viveu vários anos em nosso Pais, tendo escrito uma Historia da Igreja no Brasil.” [“Conferida a Ordem do Cruzeiro a dois ilustres sacerdotes”. *Jornal do Brasil* (27 jun. 1952), p. 5, col. 5].

“Apresso-me [...] em dar-lhe a boa e grata notícia da chegada na Embaixada do diploma e das insígnias da Comenda que, em boa hora se dignou o meu governo de conferir-lhe, recompensando [...] os grandes e relevantes serviços prestados por meu eminente amigo à minha Pátria que ainda

muito espera de sua comprovada boa vontade para com os seus filhos, entre os quais humildemente me incluo, como um dos seus maiores admiradores.” [ADBGC, FIAC: Cx. 3, pt. 13, mç. 3, doc. 4].

22 jul. – O Diário do Governo publica a portaria que o exonera, a seu pedido, dos lugares de reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses e de diretor do Instituto Português de Santo António em Roma

“Manda o Governo da República Portuguesa pelo Ministro das Finanças conceder a Monsenhor José de Castro a exoneração que pediu dos lugares de Reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses e de Diretor do Instituto Português de Santo António, em Roma, e dar-lhe público testemunho de apreço e louvor pela grande inteligência e elevado zelo com que desempenhou aquelas funções.

Ministério das Finanças, em 13 de maio de 1952.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 7, doc. 213]. [Documentação em organização].

Profere conferência sobre o Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires, por ocasião da semana de estudos bartolomeanos, organizada pela Ordem Dominicana e a Casa de entre Douro e Minho, cabendo-lhe o encerramento dos trabalhos

[Luiz Afonso Ruivo, *Para conhecer melhor o grande bragançano [...]*, p. 248].

Regressa a Portugal, passando a residir em Lisboa. Instala-se no *Hotel Europa*

“Em 1952, regressava de Roma a Portugal. Instalando-se em Lisboa, num hotel de janelas voltadas para a estátua de Camões, ali continuou os seus estudos prediletos, com a incumbência de fornecer às autoridades culturais brasileiras cópia de textos da Torre do Tombo relativos à história do País irmão”. [Moreira das Neves, “Historiador e Contador de Histórias”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 395-399].

1954

Jul. – ago. – Viaja por várias cidades da Itália

“Fiz uma viagem maravilhosa, mas fiquei exausto física e financeiramente. Já não estou para estas alcavalas, como esta que foi correr, admirar e apaixonar-me pela Itália. A guerra foi a grande benfeitora da Itália. O martírio e a derrota acirraram o génio italiano, e daqui o esplendor, em todo o sentido, da sua vida.” [MAB, FRT: PT-MAB/RT/Cx. 6, doc. 513]. [Documentação em organização].

1956

Abr. – Discursa na sessão de homenagem ao Papa Pio XII, no Seminário dos Olivais, em Lisboa

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 95].

Publica na revista *Lumen* o artigo *Grande figura de um Arcebispo*, dedicado ao Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires

[P.º José de Castro, “Grande figura de um Arcebispo”, 1956. *In* Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos do Venerável [...]*, pp. 173-193].

1957

Prossegue a investigação e a transcrição de documentos para futuras investigações

“durante uma prolongada época quase todas as manhãs nos encontrávamos na Torre do Tombo [...]. Não sei a que trabalho se dedicava então; suponho que seriam assuntos da História

eclesiástica do Brasil, pois o estudo que anunciou, e tinha decerto quase preparado, sobre a Nunciatura Cardinalícia, isto é, sobre os Núncios em Lisboa que foram nomeados Cardeais, não o chegou a publicar e para isso não há abundante documentação na Torre do Tombo.” [Francisco Leite de Faria, “Portugal em Roma na obra de Monsenhor José de Castro” [alocução pelo Académico de Número]. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1987, pp. 59-60].

Publica na revista *Lumen* o artigo intitulado *Portugueses em Trento*

[Fr. Raul de Almeida Rolo, coord., *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) [...]*, p. 152].

1960

14 mar. – Contribui para a construção da Catedral em Bragança

“Sr. Cónego Ruivo e querido Abade:

Mando-lhe um cheque de 5 contos de reis que representa a minha primeira contribuição para a nova catedral. Quero crer que Deus me ajudará a repetir anualmente esta boa ação.” [TDMJC, Arquivo dos Bispos (sem cota)]. [Documentação em organização].

1961

14 mar. – Contribui novamente para a construção da Catedral em Bragança

“Meu querido amigo:

Aqui lhe mando a segunda contribuição (5 contos de reis) para a nova Sé.” [TDMJC, Arquivo dos Bispos (sem cota)]. [Documentação em organização].

1962

28 mar. – Na Academia Portuguesa da História, passa de sócio correspondente a Académico de Número

“Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que na assembleia dos académicos de número, ontem efetuada, se aprovou a proposta do Conselho Académico para que sucedesse ao Professor Doutor António Augusto Esteves Mendes Correia, ocupando a cadeira n.º 10, vaga por sua morte.” [ADBG, FJAC: Cx. 3, pt. 14, mç. 15, doc. 7].

1963

25 jan. – Em sessão extraordinária, a Academia Portuguesa da História confirma-o como sucessor do Prof. Mendes Correia

“O seu escrito derradeiro foi porém o elogio académico do seu antecessor nesta mesma cadeira, o Professor António Augusto Esteves Mendes Correia. É uma oração sucinta — o Monsenhor não era antropologista — mas habilíssima na qual versou a distinção entre um «professor ilustre», que Mendes Correia indiscutivelmente fora, e um «ilustre professor», estafada fórmula de cortesia, recheada de observações profundas, de impecável recorte académico e grande elegância literária, pronunciada nesta Academia na sessão de 25 de janeiro de 1963.” [Marquês de São-Paio. *Elogio de Mons. José de Castro*, pp. 41-42].

1964

31 mar. – Regista o testamento no quarto Cartório Notarial de Lisboa e nele contempla várias instituições da cidade de Bragança

“b) dar 20.000 escudos à Conferência de São Vicente de Paulo da freguesia de Santa Maria da cidade de Bragança, para a construção de uma casa de pobre, em memória de minha mãe; e igual quantia para fim igual à Conferência de S. Vicente de Paulo da paróquia da Sé, da mesma cidade, em memória de meu pai; c) dar à Santa Casa da Misericórdia de Bragança a quantia de 30.000 escudos, e igual quantia (para uma bolsa) ao Seminário de São José da mesma cidade; d) dar 20.000 escudos à ‘Casa do Clero’ sita na povoação de Cabeça Boa Casa, freguesia de Samil, concelho de Bragança; e) dar para a nova Sé de Bragança a quantia de 50.000 escudos.” [ADBGC, Cartório Notarial de Bragança, Instrumento de abertura e publicação de testamento cerrado e o competente testamento: PT-ADBGC-NOT-CNBGC-PT2269-CX290].

1966

Mar. – Fixa residência em Bragança, por meados do mês

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 96].

Finais jul., inícios ago. - Do hospital da Misericórdia de Bragança, dá entrada na Casa de Saúde de Santa Teresa, em Coimbra

[Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 97].

“Soubemos que Monsenhor Castro se encontra, em Coimbra, na Casa de Saúde Santa Teresa, a tratar-se de enfermidade bastante séria.” [“Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (19 ago. 1966), p. 1, col. 5].

26 ago. – Falecimento na Clínica de Santa Teresa, em Coimbra

Pouco depois das 16 horas. Transladado para Bragança, as exéquias realizaram-se no dia seguinte, na Sé Catedral, presididas pelo Cónego Luís Afonso Ruivo. [Henrique Manuel Pereira. [...], *In Memoriam P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016, p. 97].

“Chegou a notícia, pode dizer-se, inesperada, já alta noite do sai 26, que Mons. Castro tinha morrido. [...] Da casa, onde nasceu, na Rua Nova, saíram os restos mortais do Monsenhor, cerca das 11 horas do dia 27. Na Sé Catedral, houve solenes exéquias, presididas pelo Rev.º Pároco, Sr. Cón. Luís Ruivo, a que assistiram mais de duas dezenas de sacerdotes.

À tarde, às 18 horas, a condução ao cemitério. O Rev. Pároco, representação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prelado da Diocese, Ex.^{mo} Senhor Governador Civil, alguns sacerdotes e alguns fiéis.

Naquela simplicidade de funeral não faltavam os amigos – amigos de Família e os amigos do Monsenhor, assim era tratado, em Bragança – a sua terra.” [“A morte de Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (2 set. 1966), p. 3, col. 1-3; p. 8, col. 2-4].

1986

15 fev. – É assinalado o centenário do nascimento de Mons. José de Castro no Museu do Abade de Baçal

“O ato inaugural da exposição retrospectiva de Mons. José de Castro teve lugar no passado dia 15 de fevereiro no Museu do Abade de Baçal. [...] A cerimónia contou com a presença das autoridades regionais e locais de Bragança, professores, estudantes e muitas outras pessoas ligadas às letras.” [“Notícias em Flash – Trás-os-Montes/Alto Douro: Bragança – O Museu do Abade de Baçal inaugurou uma exposição retrospectiva de Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (21 fev. 1986), p. 2, col. 3-4].

8 abr. – É realizada a sessão solene extraordinária de homenagem a Mons. José de Castro, na Academia Portuguesa da História

“E a Academia Portuguesa da História – a comemorar o cinquentenário da sua restauração – consagrou à memória do ilustre académico (cadeira n.º 10) uma sessão extraordinária sobre a sua vida e obra de historiador. [...] Para assistir à jubilar sessão da Academia de História, o Prelado

deslocou-se propositadamente a Lisboa, aí declarando abertas as ‘comemorações centenárias de Mons. José de Castro.’ [“Baçália: Mons. José de Castro – Centenário do seu nascimento”. *Mensagem Bragança/Página Cinco* (21 fev. 1986), p. 5, col. 4-5.].

1987

Jan. – **A Brigantia – Revista de Cultura dedica um número comemorativo à vida e à obra de Mons. José de Castro**

“Brigantia, a seu tempo, ajuntou algumas pedras. São as horas gastas pelos seus colaboradores, que se dignaram reparar uma injustiça, e perenizar a memória de Mons. José de Castro, nestas páginas. É o nosso monumento e a nossa gratidão. *Non omnis moriar!*” [Belarmino Afonso, “Non omnis moriar!”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 295.]

15 fev. – **É atribuído o nome de Mons. José de Castro ao Arquivo Histórico da Diocese de Bragança-Miranda, por D. António José Rafael**

“Para que seja assim e para que vamos saldando a grande dívida que lhe devemos, a Diocese – além de lhe destinar um uma transladação para lugar definitivo e condigno no talhão diocesano – deu o nome de Monsenhor ao Arquivo Histórico que, desde agora, passará a chamar-se Arquivo ‘Mons. José de Castro’.” [D. António José Rafael, “Monsenhor de Bragança”. *Mensagem de Bragança/Página Cinco* (6 mar. 1987), p. III, col. 1-2; p. IV, col. 1-2.]

1996

Mons. José de Castro é confirmado patrono do Arquivo Diocesano de Bragança-Miranda, sob a designação **Tombo Diocesano Mons. José de Castro**, por D. António José Rafael

“Como não evocar reconhecido, na qualidade de Bispo de Bragança-Miranda e de português herdeiro da Cultura Lusíada de 1500, esta figura ímpar nordestina da nossa historiografia conciliar e diocesana de 1545 a 1945? A Mons. José de Castro dedicamos o Tombo Diocesano que fica a ter o seu nome como ‘patrono’.” [D. António José Rafael, “Caminhar com Bragança-Miranda pelo Tempo Nordestino”. *In I Congresso Histórico Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda 1545-1995*: atas, Bragança, 1996. Bragança: Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997, p. XXVIII.]

2014

18 jul. – **É publicada a obra póstuma de Mons. José de Castro *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável*, pela Diocese de Bragança-Miranda**

“foi apresentado o livro de Monsenhor José de Castro sobre o Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que conta com uma nota introdutória do Bispo de Bragança-Miranda.” [P.º Francisco Pimparel, “Passeio anual do clero assinalou Beato Frei Bartolomeu dos Mártires”. *Mensagem de Bragança* (24 jul. 2014), p. 18, col. 4.]

2016

Jun. – **É publicada a obra póstuma de Mons. José de Castro *In Memoriam: P.º Francisco Manuel Alves*, pela Diocese de Bragança-Miranda, no âmbito do 50.º aniversário da morte do autor e do jubileu sacerdotal do Bispo de Bragança Miranda, D. José Cordeiro**

[Henrique Manuel Pereira, “In memoriam: Um livro, três homenagens”. *Mensagem de Bragança* (23 jun. 2016), p. 7, col. 4-5.]

26 ago. – **É ereto canonicamente o Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro**

[D. José Cordeiro (Bispo de Bragança-Miranda), *Arquivo Diocesano da Diocese de Bragança-Miranda «Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro»* [Decreto n.º 009/2016 de 26 de agosto]. In http://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/009__arquivo_diocesano__tombo_diocesano_monsenhor_jose_de_castro.pdf (2019-09-14; 18:10)].

Set. – É apresentada a candidatura *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro*

[Candidatura “Tombo Diocesano – Monsenhor José de Castro: Memória Descritiva”, apresentada no âmbito do Concurso Património Cultural, em resposta ao respetivo convite (Aviso N.º Norte-14-2016-03). Bragança: Câmara Municipal de Bragança; CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, set. 2016].

9 dez. – É realizado o congresso *Mons. José de Castro: vida, obra e pensamento, no âmbito da passagem dos cinquenta anos sobre a sua morte*

“Congresso sobre a vida e obra do Monsenhor José de Castro realizado em Bragança teve como objetivo reparar um esquecimento com 50 anos de uma das figuras mais destacadas da região no século XX. [...] Paralelamente às palestras que decorreram no Teatro Municipal, houve ainda lugar para um momento intimista, de homenagem, junto à sua campa, no cemitério de Bragança, em que participou também a família.” [António G. Rodrigues, “Um dos gigantes da diocese voltou à memória coletiva”. *Mensageiro de Bragança* (15 dez. 2016), p. 2, col. 1-5; p. 3, col. 1-3.].

CONCLUSÕES

1. Mons. José de Castro, a vida, a obra e o pensamento

Ao tomarmos por objeto do presente trabalho o Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro e a figura do seu patrono, procurámos ir ao encontro do âmbito do programa de doutoramento em Estudos do Património no qual se inscreve. A revisitação de alguns conceitos fundamentais inerentes à definição de *Património Cultural da Igreja*, realizada no primeiro capítulo, permitiu-nos reafirmar, de um modo mais aclarado e consistente, o que há muito intuíamos: Mons. José de Castro é, *per si*, património da Diocese de Bragança-Miranda e da Igreja em Portugal.

Em termos metodológicos, colocámos no centro da investigação o levantamento e análise de fontes documentais para o estudo da vida, obra e pensamento do sacerdote brigantino. Com efeito, foram identificadas e analisadas numerosas fontes dispersas, desconhecidas ou ignoradas.

O carácter exploratório assumido na investigação colocou-nos, no entanto, dificuldades. O acesso a fundos documentais de interesse foi condicionado por fatores como a quantidade, diversidade e dispersão, dada a multiplicidade e a distância dos locais onde Mons. José de Castro viveu e trabalhou, a vastidão da rede de contactos que estabeleceu e a amplitude da obra que publicou. Não obstante, os milhares de documentos consultados em arquivos centrais, distritais, diplomáticos, militares e eclesiásticos, permitiram-nos recolher dados novos sobre o percurso bio-bibliográfico de Mons. Castro, alargar o campo de análise, articular a dimensão material da sua obra com o quadro político-ideológico que a norteou e fortalecer a compreensão do seu papel enquanto figura do património cultural da Igreja na Diocese de Bragança-Miranda.

No âmbito da identificação e análise documental, destacamos a relevância do semanário católico e nacionalista *Álerta!* [1907-1908], do qual Mons. José de Castro foi proprietário e diretor local, assim como o conjunto de crónicas publicadas pelo sacerdote em periódicos do Brasil e de Portugal. As novecentas e noventa e três crónicas coligidas e apreciadas propiciaram uma compreensão mais efetiva dos temas, motivações e contextos da atividade publicista do autor, assim como do pensamento político-ideológico que norteou a sua ação. Constatámos a estreita ligação que o sacerdote manteve com o Partido Nacionalista e o movimento de resistência monárquica e reconhecemos, com maior clareza, os reflexos do ideário que abraçou na obra bibliográfica e nas opções de pesquisa

documental que as suportaram. À luz da investigação realizada, compreendemos a relação estreita entre o pensamento e a obra, contrariando a representação generalizada de que as investigações historiográficas de Mons. José de Castro resultaram de encontros fortuitos do autor com acervos esquecidos nos arquivos, ou decorreram da necessidade de contrariar o “tédio dourado de Roma”. Em suma, da análise documental realizada, inferimos a intencionalidade política da obra bibliográfica produzida, e constatamos ser a obra a expressão do pensamento político do autor.

A par da bibliografia dispersa, as fontes epistolares constituíram um recurso documental nuclear da investigação. A vasta rede de relações que Mons. José de Castro cultivou era já conhecida, sobretudo através da coleção de correspondência recebida que integra o *Fundo José António de Castro do Arquivo Distrital de Bragança*. No entanto, a coleção permanecia quase inexplorada. Dada a sua extensão e a multiplicidade de remetentes e de assuntos tratados, circunscrevemos a análise aos que apresentavam maior relevância para a investigação. Fomos em busca da correspondência enviada a alguns dos interlocutores de Mons. Castro, depositada em diversos arquivos: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Museu do Abade de Baçal – Arquivo Raul Teixeira, Camões – Instituto da Cooperação e da Língua – Arquivo do Instituto para a Alta Cultura. Pela riqueza informativa que comportam, salientamos a correspondência trocada com personalidades como António de Oliveira Salazar, Marcelo Caetano, Cardeal Gonçalves Cerejeira e Raul Teixeira.

Se as reflexões expostas nos permitem concluir que os objetivos estabelecidos para a investigação foram, em larga medida, alcançados, há que sublinhar o seu caráter exploratório e os novos ângulos de análise que permitiu sinalizar. Neste âmbito, sublinhamos o contributo da biocronologia de Mons. José de Castro, ao elencar ações e acontecimentos suscetíveis de indagação no quadro de eventuais investigações futuras em torno do sacerdote e da Diocese de Bragança-Miranda.

Ao nível da Diocese, a investigação em torno da formação ideológica de Mons. José de Castro suscitou novas pistas de análise sobre a realidade do clero brigantino e do Seminário de São José no primeiro quartel do século XX, no que respeita ao posicionamento político e à participação nos movimentos de resistência monárquica. Referimo-nos à

influência do Partido Nacionalista, à veiculação local do ideário nacionalista através dos alunos do Colégio Português em Roma e à ação empreendida por membros do clero brigantino no quadro das incursões monárquicas de Henrique Paiva Couceiro.

Importará, de igual modo, prosseguir o trabalho de levantamento e recolha, quer das crónicas de Mons. José de Castro na imprensa nacional e estrangeira, quer da correspondência enviada e recebida, em ordem a aprofundar o conhecimento acerca da rede de relações de Mons. José de Castro e da influência desta no decurso e na afirmação do seu trabalho bibliográfico e diplomático. Poderá ser particularmente relevante o alargamento da pesquisa documental a outras coleções ou conjuntos em arquivos nacionais e em arquivos no Brasil e em Roma. Deste trabalho poderá resultar um maior conhecimento e compreensão de algumas dimensões da ação de Mons. José de Castro que permanecem envoltas em interrogações. Assim acontece com o processo de exoneração do cargo de Conselheiro Eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, com as investigações realizadas pelo sacerdote ao serviço do Governo brasileiro para a publicação da História da Igreja no Brasil, bem como com as investigações historiográficas que realizou após o regresso definitivo a Portugal, em 1952.

No que respeita ao pensamento de Mons. José de Castro, ficou evidenciada a preponderância da questão das relações entre o Estado e a Igreja para o desenvolvimento da atividade política, publicista, diplomática e de investigação. Numa perspetiva longitudinal, importaria analisar eventuais evoluções do seu pensamento e posicionamento políticos a partir de finais da década de quarenta do século XX, perante a consolidação de uma nova ordem mundial e o desgaste do Estado Novo.

2. O Tombo Diocesano e o seu patrono

O alcance da dedicação do Tombo Diocesano de Bragança-Miranda a Mons. José de Castro ultrapassa o cumprimento do dever de memória da Diocese para com o seu principal *historiador*. Entre o elenco de publicações que constituem a sua colossal obra bibliográfica, em *Bragança e Miranda (Bispado)* reside o elo mais evidente da ligação do sacerdote ao Arquivo diocesano e ao património histórico da Diocese em geral. Naqueles quatro volumes da *história* da Diocese de Bragança-Miranda o autor fornece-nos o mapeamento dos elementos estruturantes do património cultural da Igreja em Trás-os-Montes, ao longo

de quatrocentos anos de existência, e apresenta-nos uma narrativa em torno da sua história que é, ela mesma, repositório de memória e construtora de identidade. Pelo seu ineditismo no quadro da historiografia eclesiástica da época e pela originalidade da pena do seu autor, *Bragança e Miranda (Bispado)* granjeou o estatuto de obra singular e incontornável para o conhecimento da história da Igreja local. Sete décadas volvidas sobre a publicação da *história* da Diocese, o projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* vem demonstrar que o estatuto outrora atribuído à obra subsiste.

Mas Mons. José de Castro ultrapassou as fronteiras diocesanas, o que confere ao Tombo Diocesano a possibilidade de se projetar para além dos limites da circunscrição eclesiástica da região ou do país. Através da sua vida e da sua obra, o sacerdote brigantino abriu caminhos na ligação da história da Diocese natal com a história da Igreja em Portugal e no Brasil, e destas com a Igreja em Roma e a partir de Roma; pela sua ação, fez cruzar nos caminhos de Bragança figuras relevantes da Igreja, da diplomacia e da cultura, portuguesas e estrangeiras. Percorrendo os caminhos trilhados pelo *Monsenhor de Bragança*, também o património cultural da diocese da sua incardinação poderá expandir-se e abrir-se a outras latitudes.

Neste ponto, perante o conhecimento reunido e lançando o olhar sobre outros caminhos de investigação suscitados, somos levados a crer que o presente estudo configura um elemento estrutural para a implementação do projeto *Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro* e posiciona-se como um contributo efetivo para a concretização da sua missão fundamental – a salvaguarda e a valorização do património cultural da Igreja no território da Diocese de Bragança-Miranda.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Arquivos

Arquivo Distrital Bragança

Fundo do Governo Civil de Bragança;

Fundo José António de Castro.

Arquivo do Seminário de São José de Bragança

Livros de Matrículas;

Livros de Exames.

Arquivo Histórico da Presidência

Fundo Geral, Processo 253 – Ordem de Benemerência;

Fundo Geral, Processo 1086 – Ordem Militar de Sant’Iago da Espada.

Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros

Intentonas Monárquicas 1911;

Nomeações de Trindade Coelho e Augusto de Castro 1929;

Processo individual do P. José de Castro;

Restabelecimento de Relações; Relações com a Santa Sé.

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa

Fundo Cardeal Cerejeira.

Arquivo Histórico Militar

Relatório do Comandante do Regimento de Infantaria n.º 14, Destacamento de Macedo de Cavaleiros;

Sindicância aos acontecimentos de Bragança, maio de 1911.

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Arquivo António Oliveira Salazar;

Arquivo Marcelo Caetano;

Luís Teixeira de Sampaio.

Museu do Abade de Baçal

Fundo Raul Teixeira;

Fundo Amigos do Museu.

Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (C-ICL)

Fundo Instituto para a Alta Cultura.

Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro

Arquivo da Câmara Eclesiástica;

Arquivo dos Bispos;

Arquivo dos Bispos: D. António José Rafael.

2. Bibliografia de Mons. José de Castro

2.1. Obras monográficas

CASTRO, José de [Padre], *A Roma e à Terra Santa. (Crónicas de Viagem)*. Rio de Janeiro: [Autor?], 1925.

_____, *S. Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: [Autor?], 1926.

_____, *Terras de S. Francisco: (Crónicas de Viagem)*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1928.

_____, *Portugal em Roma*. Lisboa: União Gráfica, 1939, 2 vol.

_____, *D. António Prior do Crato*. Lisboa: União Gráfica, 1942.

_____, *D. Sebastião e D. Henrique*. Lisboa: União Gráfica, 1942.

_____, *O Cardeal Nacional*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1943.

_____, *Portugal no Concílio de Trento*. Lisboa: União Gráfica, (1944-1946) 6 vol. [I-III, 1944; IV, 1945; V-VI, 1946].

_____, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Braga: Escola Tipográfica da Oficina de S. José, 1945. [Conferência realizada no salão nobre do seminário Conciliar de Braga em

27 jan. 1945. Opúsculo].

_____, *Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança*. Lisboa: União Gráfica, 1946.

_____, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires (Arcebispo e Senhor de Braga)*. Porto: Casa Nun'Álvares, 1946.

_____, *Bragança e Miranda (Bispado)*. Porto: Tipografia Porto Médico, (1946-1951) 4 vol. [1946, 1947, 1948, 1951].

_____, *A Santa Casa de Bragança*. Lisboa: [Autor], 1948.

_____, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável* [Organização e introdução de Henrique Manuel Pereira; nota de D. José Cordeiro]. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2014. [Obra póstuma].

_____, *In Memoriam: P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal* [Organização, introdução e cronologia de Henrique Manuel Pereira; nota de Mons. Adelino Fernando Paes]. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016. [Obra póstuma].

_____, *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança* [Apresentação e revisão científica de Maria Antónia Lopes]. 2.ª ed revista e aumentada. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2018.

2.2. Crónicas em periódicos

CASTRO, Padre J. de, "Para todos? Sim, Para tudo? Não.". *A Cruz* (11 jan. 1925), p. 2, col. 1-2.

_____, "Do crime ao altar". *A Cruz* (18 jan. 1925), p. 1, col. 5-6.

CASTRO, P. J., "Que toquem os sinos!...". *A Cruz* (15 fev. 1925), p. 2, col. 1-2.

_____, "As canonizações do Ano Santo". *A Cruz* (22 fev. 1925), p. 1, col. 5-6.

_____, "São José, amigo dos operários". *A Cruz* (15 mar. 1925), pp. 1-2.

_____, "Os mandamentos d' 'A Cruz'". *A Cruz* (22 mar. 1925), p. 1, col. 5-6.

_____, "Um álbum e uma divisa". *A Cruz* (3 maio 1925), p. 1, col. 5-6.

_____, "Cartas de um peregrino I". *A Cruz* (24 maio 1925), p. 1-2.

_____, "Cartas de um peregrino II". *A Cruz* (31 maio 1925), p. 1-2.

_____, "Cartas de um peregrino III". *A Cruz* (21 jun. 1925), p. 1-2.

- _____, “Cartas de um peregrino IV”. *A Cruz* (21 jun. 1925), p. 5, col. 1-6.
- _____, “Cartas de um peregrino V”. *A Cruz* (28 jun. 1925), p. 1-2.
- _____, “Cartas de um peregrino VI”. *A Cruz* (5 jul. 1925), p. 1-2.
- _____, “Cartas de um peregrino VII”. *A Cruz* (12 jul. 1925), p. 1-2.
- _____, “Cartas de um peregrino VIII”. *A Cruz* (19 jul. 1925), p. 4, col. 1-3.
- _____, “Cartas de um peregrino IX”. *A Cruz* (26 jul. 1925), p. 4, col. 1-3.
- _____, “Cartas de um peregrino X”. *A Cruz* (2 ago. 1925), p. 4, col. 4-5.
- _____, “Cartas de um peregrino XI”. *A Cruz* (16 ago. 1925), pp. 1-2.
- _____, “Cartas de um peregrino XII [XIII]”. *A Cruz* (30 ago. 1925), p. 4, col. 2-3.
- _____, “Cartas de um peregrino XII”. *A Cruz* (27 set. 1925), p. 2, col. 1-4.
- _____, “Vê-se que a Igreja é a maior amiga das mulheres”. *A Cruz* (1 jan. 1928), p. 4, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: A propósito do que vai no México”. *A Cruz* (8 jan. 1928), p. 1, col. 3-5.
- _____, “De oito a oito dias: Centenário de Frei Luís de Leão”. *A Cruz* (15 jan. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “De oito a oito dias: O ideal de uma boa consciência”. *A Cruz* (22 jan. 1928), p. 6, col. 1.
- _____, “De oito a oito dias: A voz dos sinos”. *A Cruz* (29 jan. 1928), p. 6, col. 3-4.
- _____, “De oito a oito dias: Apontam-se as razões de otimismo”. *A Cruz* (5 fev. 1928), p. 3, col. 6.
- _____, “De oito a oito dias: O Santo Padre”. *A Cruz* (12 fev. 1928), p. 4, col. 1-4.
- _____, “De oito a oito dias: Monsenhor António Alves”. *A Cruz* (19 fev. 1928), p. 4, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Diz-se alguma coisa de Mussolini”. *A Cruz* (26 fev. 1928), p. 4, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Recordam-se os adamitas”. *A Cruz* (4 mar. 1928), p. 4, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Fala-se da situação portuguesa”. *A Cruz* (11 mar. 1928), p. 5, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Interesses religiosos dos marinheiros”. *A Cruz* (18 mar. 1928), p. 5, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Mais uma prova do otimismo religioso”. *A Cruz* (25 mar. 1928), p. 7, col. 1-2.
- _____, “De oito a oito dias: O amor da Pátria não exclui o amor das Pátrias”. *A Cruz* (1 abr. 1928), p. 7, col. 1-2.
- _____, “De oito a oito dias: Sonha-se numa Universidade Católica Brasileira”. *A Cruz* (8 abr. 1928), p. 5, col. 5-6.
- _____, “De oito a oito dias: Boas impressões da Semana Santa”. *A Cruz* (15 abr. 1928), p. 7, col. 5-6.
- _____, “O Congresso Mariano de Sevilha – A cavalgada histórica.”. *A Cruz* (16 jun. 1929), p. 3, col. 5-6.
- _____, “A glória de Cartago”. *A Cruz* (26 jan. 1930), p. 3, col. 3-5.
- _____, “Cartas de Roma – Piccola Casa”. *A Cruz* (7 fev. 1932), p. 4, col. 2-4.

CASTRO, P. J. de, "A bordo do 'Formose': Carregação de saudade e de patriotismo – Minúsculas escaramuças; Homens da elite intelectual; Dever de religião e patriotismo; Mês de Maria sobre as ondas do mar". *Jornal do Brasil* (20 maio 1925), p. 9, col. 3-4.

_____, "A bordo do 'Formose': Na cidade da Baía – O forte de S. Marcello e as duas estátuas; O Grande Padre Cabral nosso cicerone; As Igrejas e o novo Arcebispo; Um copo de água no quarto de Vieira; As naus e as três Igrejas". *Jornal do Brasil*, (4 jun. 1925), p. 11, col. 5-6.

CASTRO, Padre J. de, "De bordo do 'Formose': Na linda cidade de Recife Magnífico acolhimento – Passeio pelos encantos da cidade; Do terraço do Colégio Nóbrega; Alocução do Sr. Bispo de Natal; No palácio do Sr. Governador". *Jornal do Brasil* (17 jun. 1925), p. 10, col. 4-7.

CASTRO, P. J. de, "Nos confins das águas brasileiras: Telegramas de despedida e agradecimento; A data de 13 de maio; Sobre uma mesa que treme como se olhavam com reservas; O Brasil necessita de se conhecer a si mesmo". *Jornal do Brasil* (24 jun. 1925), p. 6, col. 3-6.

_____, "A Madeira: Pérola do Atlântico; A neblina e o navio suíço – O Exmo. Bispo do Funchal e o alto clero; Belezas da natureza e das artes; Em pleno Brasil na Madeira; António F. de Castilho e Júlio Diniz; D. Carlos I, Imperador da Áustria e a primeira saudade". *Jornal do Brasil* (27 jun. 1925), p. 11, col. 1-4.

_____, "A Peregrinação e o Sr. Presidente da República Portuguesa: No palácio de Belém; Palestra do Sr. Presidente; Castilho e Montalverne; 'Vida entretida'... 'e pouco para quem está de fora'; 'Estoy aguardando que hable...'; No Club Brasileiro; Despedidas; A segunda saudade de Portugal". *Jornal do Brasil* (11 jul. 1925), p. 6, col. 1-2.

_____, "Paris, Versailles e Lisieux: De La Rochelle a Paris; 'Escrevo-te do alto da Torre Eiffel...'; Palmas a Joana d'Arc; Napoleão na intimidade e Galeria dos espelhos; No Carmelo de Lisieux – A fina flor do exército aos pés de Teresinha; A caminho de Lourdes". *Jornal do Brasil* (15 jul. 1925), p. 6, col. 1-3.

_____, "Em Marselha, segunda cidade da França: O grande sanatório de N. Senhora de La Garde; Décima milionésima parte da beleza de Copacabana; A Catedral de Marselha; No Castelo d'If e sob ferros de El-Rei". *Jornal do Brasil* (18 jul. 1925), p. 6, col. 1-2.

_____, "Peregrinação Brasileira em Roma: Banquete no Colégio Pio Latino Americano; Sua Alteza, o Príncipe Dom Pedro de Bragança e Orleães; As Três Pontes e os filhos de S. Bernardo; Subindo de joelhos a Escada Santa; Receção na Embaixada Brasileira junto do Quirinal; Palestra com o Cónego Dr. Caruso". *Jornal do Brasil* (25 jul. 1925), p. 12, col. 1-2.

CASTRO, Padre J. de, "A Peregrinação Brasileira no Vaticano: Na Embaixada junto do Vaticano; A Peregrinação ouvindo missa na Sala Paulina, celebrada especialmente pelo Santo Padre; Audiência na Capela Consistorial à Peregrinação Brasileira; Alocução de Sua Santidade". *Jornal do Brasil* (30 jul. 1925), p. 8, col. 1-2.

_____, "A Peregrinação Brasileira em Roma: Nos museus do Vaticano; Miguel Ângelo não era de meias medidas; Os alunos brasileiros do Pio Latino; Viva o Brasil! clamam os milaneses; Ara Coeli,

Santa Cecília e Santa Maria do Trastenere; No Monte Janículo e Roma a nossos pés”. *Jornal do Brasil* (31 jul. 1925), p. 7, col. 3-4.

_____, “A Peregrinação Brasileira em Roma: Visita às quatro Basílicas; Em frente do túmulo de Pio X; Peregrinação dos brancardiers franceses; Recorda-se Santo Ignacio de Loyola e beijam-se as cadeias de S. Paulo; Desfilando nas catacumbas; Espetáculo maravilhoso; O último argumento e Termas de Caracalla”. *Jornal do Brasil* (2 ago. 1925), p. 12, col. 5-6.

_____, “A Peregrinação Brasileira em Roma: Um feliz encontro e a vida do Santo Padre; A cerimônia da beatificação de Bernardette Soubirous; De como decorreu a beatificação; O Santo Padre desce à Basílica; Um delírio de aplausos e de vivas”. *Jornal do Brasil* (5 ago. 1925), p. 11, col. 7-8.

CASTRO, P. J. de, “No Colégio Pio Latino Americano: Saudades de Roma; A festa em Honra da Peregrinação; O Rev.mo Padre A. Affonseca; Na Estação Terminal de Roma; Recorda-se Mário Alencar; Aprecia-se o Santo Padre; ‘A mão é já uma bênção’”. *Jornal do Brasil* (7 ago. 1925), p. 10, col. 7-8.

_____, “A Peregrinação em Atenas: A Grécia fala do seu passado; Atenas moderna e antiga e os peregrinos brasileiros; O mármore romano e o mármore grego; O que nos doeu o coração; Entrevista, por favor de Sua Alteza Imperial o Sr. D. Pedro, com o Prof. J. Psichari, da Sorbonne e redator da ‘Action Française’”. *Jornal do Brasil* (22 ago. 1925), p. 9, col. 3-4.

_____, “Um grande amor pelo Brasil: Telegramas de convite; O Grande Líbano festeja os brasileiros; Passeando por Beirute e assistindo a grandes reformas; O banquete do Sr. Gabriel Abou Aidar e a fina assistência; Visitando no monte Líbano o Sr. Patriarca de Antioquia; Eloquência do cego de Biblos”. *Jornal do Brasil* (27 ago. 1925), p. 11, col. 7-8.

_____, “Jerusalém, cidade Santa: Bons préstimos ao Brasil pela Peregrinação Nacional; A caminho do Santo Sepulcro e beijando a laje sagrada; A Peregrinação Brasileira faz a Via-Sacra pelos mesmos lugares por onde passou Jesus Cristo; O pranto dos judeus sobre os restos do templo de Salomão”. *Jornal do Brasil* (27 ago. 1925), p. 11, col. 6-8.

_____, “Os cristãos no Santo Sepulcro: Numa prisão dourada e adamascada pela dinastia de chaveiros; De como se originam conflitos e se entorpece o progresso; Epopeia dos Franciscanos na Terra Santa; O que o Brasil pode e deve fazer; Por causa da pena tomar o freio nos dentes...”. *Jornal do Brasil* (17 set. 1925), p. 8, col. 2-3.

_____, “Do Cairo a Marselha: A Mesquita de Mehemet; Aly e a maior Universidade islâmica do mundo; A tromba do elefante pedindo ‘bacc’iche’; O que se viu ao vivo; ‘Lamartine’, terra de gente; Entre as disjuntivas da alegria e do pesar; Palavras de saudade”. *Jornal do Brasil* (29 set. 1925), p. 7, col. 1-2.

_____, “A luz de Belém”. *Jornal do Brasil* (25 dez. 1925), p. 5, col. 7-8.

_____, “S. Francisco o trovador”. *Jornal do Brasil* (1 jan. 1926), p. 6, col. 7-8.

_____, “O Trovador da Umbria: Arauto de um grande Rei; ‘Per l’amore di Dio’; Por entre elmos, couraças e o ritual das reverências; O rei dos versos volve-se em Frei Pacifico; De como um rouxinol vence no canto a S. Francisco”. *Jornal do Brasil* (8 jan. 1926), p. 6, col. 7-8.

_____, “Amor pela Natureza: Ensejo para arroubamentos; Consequências do primeiro artigo do ‘Credo’; Aos ombros de um magarefe; A irmã ovelha da Porciúncula e o lobo de Gubbio; O canto da cigarra e o berço da poesia italiana”. *Jornal do Brasil* (15 jan. 1926), p. 6, col. 7-8.

_____, “A Pobreza Franciscana: Onze razões a favor da Pobreza e quatro a favor dos ricos; Arraial da cavalaria de D. Pobreza; Peregrinas traças de S. Francisco; De como o santo trovador fala aos companheiros das alturas do monte Alverno; Nu sobre a terra nua”. *Jornal do Brasil* (19 fev. 1926), p. 5, col. 6-7.

_____, “Pela Pobreza e pelos Pobres: Conselhos, avisos e pedidos; Vexame ser pobre?; Vê-se S. Francisco jogando ironias e Frei Elias desapontado; Por causa da Pobreza vendem-se alfaias da capela; Amigos, credores e fraude piedosa”. *Jornal do Brasil* (26 fev. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Pela Fraternidade: Viagens de ida e volta em prol da fraternidade; Veja-se o encanto da fraternidade franciscana; De bandoleiro de estrada a Frei Lobo; ‘Irmãos ladrões, vinde sem medo’; ‘Dai-lhe a Bíblia’, ordena o pobrezinho de Deus”. *Jornal do Brasil* (6 mar. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “A Santa Alegria: Do irmão tagarela e tolo; A tristeza era a doença da Babilónia; S. Francisco, o paladino da Santa Alegria; O Pobrezinho de Deus e Frei Leão; ‘Que maravilha o nosso banquete!’”. *Jornal do Brasil* (12 mar. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “A Perfeita Alegria: Cantores e pelotiqueiros de Deus; De Perugia á Porciúncula; Sermão de S. Francisco sobre a Perfeita Alegria; De como o Pobrezinho de Deus dança e finge tocar violino por causa da alegria”. *Jornal do Brasil* (19 mar. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Paladino da Paz: A paz com todos os bens; Uma ideia em terrenos de feição; Uma gota de água, uma bola de neve e uma chispa de fogo; De como S. Francisco, de tanto porfiar, consegue um pacto de paz em Assis; A má influencia dos trovadores e o poeta Dante Alighieri”. *Jornal do Brasil* (26 mar. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Milagres da Paz: Fora, demónios de Avezzo!; À voz de São Francisco, Bolonha fica em paz; Cerco de Damietta, derrota dos Cruzados e cinquenta cabeças de presente ao Sultão; Os herdeiros do espirito franciscano; Por causa da paz, um casamento”. *Jornal do Brasil* (2 abr. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “A Obediência Franciscana: Um cadáver símbolo da obediência; De joelhos e braços cruzados ouve o recado de Santa Clara; Uma criança escolhe os doze e Frei Masseo faz um pião numa encruzilhada; Trovas e castigos; Dão-se ordens a um morto e pede-se brandura ao irmão fogo”. *Jornal do Brasil* (9 abr. 1926), p. 6, col. 1-3.

_____, “O humilde dos humildes: Semão sobre a humildade; Um poder novo; O poder dos mendigos; A Rocha Tarpeia precedendo o Capitólio; Uma boa resposta ao Bispo de Imola e beijam-

se os pés de um camponês; Pedindo azeite para S. Damião e luta travada junto de uma corte de amor”. *Jornal do Brasil* (16 abr. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Amores de S. Francisco: De como por um painel de Murillo se explicam os amores de S. Francisco; Os eleitos no milagre da criação; Cura-se um Leproso e finezas de coração; Apoteose do Pobrezinho de Deus; S. Francisco dá o último adeus à cidade de Assis”. *Jornal do Brasil* (23 abr. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “A Lei do Trabalho: Em torno da regra de Rivo-Toste; São Francisco trabalha e faz trabalhar; O canto servindo o trabalho; A alcunha de ‘Irmão Mosca’ e bons préstimos de Frei Egídio; Um sermão sobre o trabalho e testamento de São Francisco”. *Jornal do Brasil* (30 abr. 1926), p. 5, col. 7-8; p. 6, col. 1.

_____, “O Monte Alverne: De como a natureza alada do Monte Alverne recebe S. Francisco; À sombra das faias do monte; Após tremendas lutas, uma arcada de violino; Em vez de canto, lágrimas, em vez de gorjeios, suspiros; Frei Leão surpreende S. Francisco num êxtase”. *Jornal do Brasil* (7 maio 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “As pobres senhoras: O grande prestígio de Santa Clara; Milagres e sermão silencioso acerca da cinza; Um incêndio na Porciúncula; O cortejo das rainhas e estupenda heroicidade das pobres senhoras; A apoteose de Santa Clara e palavras de Gregório IV”. *Jornal do Brasil* (21 maio 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “S. Francisco no Oriente: Ânias de amor das almas e do martírio; Fala Boussuet; O amor é de sua natureza teimoso; Como Frei Iluminado consegue cativar o Sultão e oferece-se para entrar numa fogueira; De como se realiza uma profecia; O martírio de Marrocos e vantagens do apostolado”. *Jornal do Brasil* (28 maio 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Santo António: O despertar de uma vocação; Numa cela talhada na rocha e isolada do mundo social; Uma carta de S. Francisco; Influência social da pregação e grandes prodígios; Uma língua viva numa sepultura de morto”. *Jornal do Brasil* (4 jun. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “A Ordem Terceira: Entusiasmo geral pela Ordem da Pobrezinha de Deus; Início da Ordem Terceira e milagre do pão; Condições para entrar na Ordem Terceira; O verdadeiro estadista; Vultos eminentes da história com o cordão de S. Francisco”. *Jornal do Brasil* (11 jun. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Importância da Ordem Terceira: A vida do Terceiro; O todo da mesma natureza das partes; Trata-se de testamentos, de amor e de restituição; O juramento pelas cousas santas e o porte de armas; Guelfos e gibelinos; Importância social e política a Ordem Terceira”. *Jornal do Brasil* (18 jun. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Grande Perdão: Influência das indulgências no progresso dos povos; Centro de atracção e de conquista; São Francisco não pede anos mas almas; O estupendo milagre das rosas; O mundo cristão em romaria para a Porciúncula”. *Jornal do Brasil* (25 jun. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “S. Francisco e a Arte: Em face de uma catedral gótica e o seu simbolismo de fé e de amor; Nasce a nova escola no túmulo do Santo Patriarca; As três igrejas sobrepostas; Vêm-se desfilar

Giunta Tisano, Giotto imortal, Cimabue, Puccio Capana e outros de muito mérito”. *Jornal do Brasil* (2 jul. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Presépio de Greccio: De como S. Francisco originou um presépio; O Senhor do Castelo de Greccio; Archotes acesos ardendo no bosque coberto de neve; A missa da meia noite e grande milagre; Crianças do Brasil amai os presépios”. *Jornal do Brasil* (9 jul. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Um abraço histórico: O IV Concílio de Latrão; Um italiano e poeta, outro espanhol e pensador; De como a palavra vale mais do que a espada; Um abraço num encontro inesperado; A amizade através dos séculos”. *Jornal do Brasil* (16 jul. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Irmão Jaquelina: Razão de ser de uma pintura e de uma inscrição; De como se cria uma grande amizade; A ternura incomparável de S. Francisco pelas ovelhas; A ovelha do irmão Jaquelina; Como Magdalena aos pés de Jesus”. *Jornal do Brasil* (23 jul. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Assis e Jerusalém: A Galileia da Itália e a Galileia da Palestina – Assis e Jerusalém são duas palavras unidas pela história; O que a força não fez, conseguiu-o o amor; Benefícios dos franciscanos e Semana Santa em Jerusalém”. *Jornal do Brasil* (30 jul. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Martas e Marias: A riqueza espiritual morando na pobreza; Os primitivos conventos; A opinião do Santo Padre Pio VI; Os Cardeais chamavam-se ‘homens de bem’; Documento de S. Francisco a respeito das Martas e Marias”. *Jornal do Brasil* (6 ago. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cavaleiro de Cristo: Como Santo Agostinho e São Paulo; A primeira e a última palavra do amor; De como São Francisco está entalado entre os dois amores; Foi o próprio Céu que o armou cavaleiro; Uma ovelha entre cabras e bodes”. *Jornal do Brasil* (13 ago. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Herói de Deus: A medida dos heróis; De como S. Francisco se houve no primeiro torneio; Descendo a rampa suave da colina de Assis; Sempre às ordens da voz de Deus; O mundo todo enrolado pelo cordão franciscano”. *Jornal do Brasil* (20 ago. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Eis o Santo!: Cumprindo a principal obrigação da cavalaria; Às ordens de Cristo, suserano do tempo e do espaço; Amou, serviu e imitou; De como o Pobrezinho de Deus imitou em tudo o seu Senhor; O tríplice laurel: o da profecia, o do milagre e o da glorificação”. *Jornal do Brasil* (27 ago. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Apostolado Franciscano: O universo por campo de atividade – A razão da cavalaria e os três passos do Evangelho; Um senhor opulento e um rico prebendado; De como os irmãos se espalham pelo mundo; Como gota que pinga da nascente”. *Jornal do Brasil* (3 set. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O maior conquistador: Alexandre, Júlio Cesar, Carlos Magno e Napoleão; São Francisco de Assis maior que todos eles; Vê-se desfilar a ação franciscana no mundo conhecido; A luta da Cruz com o Crescente”. *Jornal do Brasil* (10 set. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Conquista missionária: O que se averigua de duas castas pontifícias; Os padres da corda na Ásia; Descobertas dos portugueses e conquistas franciscanas; O Novo Mundo e os filhos de S. Francisco; Responde-se a uma pergunta”. *Jornal do Brasil* (17 set. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “O Brasil e S. Francisco: Vê-se a diferença entre descobridores e franciscanos; A sublime epopeia franciscana no Brasil; De como se expande no Brasil a Ordem dos Irmãos Menores; A cooperação franciscana para as glórias nacionais; Cantando a apoteose de S. Francisco”. *Jornal do Brasil* (24 set. 1926), p. 5, col. 6-8.

_____, “As três pérolas: De como na coroa de São Francisco se veem três perolas; Vê-se o dom profético do Santo; Milagres, milagres, muitos milagres; A pérola da glorificação antes e depois da morte”. *Jornal do Brasil* (1 out. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “S. Francisco e a Obra Missionaria: Está em foco o problema missionário; A hora de hoje é a hora missionaria; Ao cair da ampulheta do tempo; O sol não se apaga com um rolo de fumo; O dever individual e coletivo”. *Jornal do Brasil* (15 out. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Falsos perfis de S. Francisco: Puxa-se a brasa à sardinha; Todos querem São Francisco; Dona Culpa morreu solteira; Em torno de uma recomendação; Responde-se aos socialistas e explica-se a pobreza de espirito”. *Jornal do Brasil* (22 out. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Assalto a S. Francisco: Uma coisa em que ninguém... acredita; A Democracia baseia-se na aristocracia da virtude; Uma divisa no velho sino da Catedral de Assis; Vêem-se as coisas às avessas; Nem panteísta nem racionalista”. *Jornal do Brasil* (29 out. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Assaltos e... assaltos: O teatro obra da Igreja; O presépio de Greccio e os Autos; Durma-se com um barulho destes!; São Francisco não é o precursor dos cabelos cortados”. *Jornal do Brasil* (5 nov. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Mais assaltos a São Francisco: Andar no cavalo de S. Francisco; Dois vivos e um morra; A cozinha vegetariana diz-se franciscana; Assalto da meia ciência; Um erro de crítica histórica”. *Jornal do Brasil* (12 nov. 1926), p. 6, col. 2-3.

_____, “De quem S. Francisco?: Vê-se quantos querem a S. Francisco; As palavras, a parte e as ações; As cidades também o disputam; Náusea, estímulo e moda; Responde-se a uma pergunta”. *Jornal do Brasil* (19 nov. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Peregrinação Nacional Franciscana: Grande prova de amor; Prova-se que ir a Assis é um ato de fé católica e de gratidão nacional; ‘O Brasil precisa de ser conhecido’; O Brasil em marcha; De como um brasileiro se faz caixeiro viajante do seu país”. *Jornal do Brasil* (26 nov. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Embaixadas de Patriotismo: O que não fazem os comités de propaganda, conseguem-no as peregrinações; O Brasil ocupou no Ano Santo o primeiro lugar; Prova-se que tomar parte nestas embaixadas é cómodo, proveitoso e económico; Apoteose de São Francisco”. *Jornal do Brasil* (3 nov. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “O Urbanismo: Questão posta, questão resolvida; Os males que decorrem do urbanismo; A crise de habitações; Remédios que vão surgindo; Nos campos melhor que antes”. *Jornal do Brasil* (10 dez. 1926), p. 6, col. 1-2.

_____, “Tradições do Natal: Ninguém é indiferente ao dia de Natal; Manadas de gansos e patos e os pequeninos soberanos; Banquete para o Deus Menino; Na pobre Rússia; De como os pássaros festejam o Natal”. *Jornal do Brasil* (17 dez. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Tradições do Natal: ‘La noche buena’; Culto pelo lar e pelo Altar; Sob uma batuta invisível; De como os pastores franceses celebram o Natal; A milagrosa mentira de Papai Noel”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “Tradições do Natal: O Natal de Cristo não é uma lenda; O doce império da bondade; Todos os presépios do mundo são filhos do presépio de Greccio; As alegrias de Nápoles na quadra do Natal; A Consoada e o brinde da ‘saudade’”. *Jornal do Brasil* (31 dez. 1926), p. 5, col. 7-8.

_____, “S. Ex. a Moda: ‘Que manda Vossa Majestade?’; Por que é que todos se curvam perante a Moda?; A toilette do espirito; O prazer de vestir bem nos selvagens e nas crianças; Desejo de agradar e medo de desagradar”. *Jornal do Brasil* (14 jan. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “Magistério congreganistas: Vê-se como da escola laica periga a França; Argumento aritmético e opinião de Hervé; A França, terra de colonização; Fala em Lyon o Cardeal Maurin; A arma salvadora da escola congreganista”. *Jornal do Brasil* (21 jan. 1927), p. 6, col. 3-5.

_____, “Cinemateca de Artes: Tudo tem o seu peso e medida; ‘Prejudicial para jovens e senhoras’ e ‘Guerra livre’; Como o diabo foge da Cruz; De como do cinema se opera muito bem; O decreto de Mussolini”. *Jornal do Brasil* (28 jan. 1927), p. 5, col. 7-8.

_____, “A perseguição no México: Estranha-se o silêncio acerca da perseguição; O Santo Padre fala ao mundo no Consistório; Fazer o mal e a caramunha; A balela dos católicos armados – À guisa de Voltaire”. *Jornal do Brasil* (4 fev. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “No México perseguido: De como se pede perdão aos imperadores romanos; Infindável rosário de violências; Desmente-se uma afirmação do Sr. Calles; Como vive a liberdade no México; Não queiramos o papel de Pilatos”. *Jornal do Brasil* (11 fev. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “Sangue a Jorros: Cristo esbofeteado; A história do lobo e do cordeiro; O sangue de um vigário e de três moços católicos; Pelo México brotam os clarões do Martírio; Enforcam-se cinco senhoras e fuzila-se um comerciante”. *Jornal do Brasil* (18 fev. 1927), p. 6, col. 1-3.

_____, “Uma resposta: Considerações em torno de uma carta; Preso por ter cão e preso por não ter; À mentira e à calúnia junta-se a arma da audácia; Boa resposta do Cardeal Hayes; Um rapto de grande eloquência”. *Jornal do Brasil* (25 fev. 1927), p. 6, col. 3-4.

_____, “Liberdade de mais... A propósito de um brinde; Uma lei contendo notas explicativas; Maravilhas da lei Calles; A audácia irmã gêmea da ignorância; Morre-se por ódio à liberdade”. *Jornal do Brasil* (4 mar. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “Queima de Crucifixos: General Calles às avessas de Mussolini; Cortando o fio da tradição; No coliseu romano ergue-se o Crucifixo, na praça do México queimam-se os Crucifixos; Uma ideia perseguida é uma ideia vitoriosa”. *Jornal do Brasil* (11 mar. 1927), p. 6, col. 7-8.

_____, “Danças Modernas: Um libelo temível e terrível; Justifica-se a boa dança e dá-se pancadaria na dança má; Cícero, Ovídio, Tertuliano e Petrarca; Tem a palavra a medicina; Uma senhora de Ópera Cômica e um juiz insuspeito”. *Jornal do Brasil* (18 mar. 1927), p. 6, col. 3-4.

_____, “Um país modelo: A Suíça tem todos os encantos; Pequena no tamanho e grande na instrução; Sete Universidades entre velhas e novas; 1.016 professores universitários e 10.300 acadêmicos de cursos superiores”. *Jornal do Brasil* (25 mar. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cousas de Génova: De como se recorda a epopeia dos sinos de Victor Hugo; Outrora D. Velocidade não tinha; Vêem-se desfilar os principais monumentos do Campo Santo e admira-se um capuchinho”. *Jornal do Brasil* (22 abr. 1927), p. 6, col. 5-6.

_____, “No Alto Mar: Donde se vê a fascinação do francês; Caras de respeito, cachorros e crianças; Um parlamento á antiga; ‘Viva o Brasil!’, brada um italiano; Os passageiros de terceira e as violas de Kibir”. *Jornal do Brasil* (29 abr. 1927), p. 5, col. 7-8.

_____, “Sena Medieval: O seculo XX metido num envelope da Idade media; Em Sena não se compra gato por lebre; Consideram-se os motivos da bazófia dos cidadãos senenses e vêem-se cousas extraordinárias; A igreja de São Francisco e a existência de um milagre; São Bernardino, Santa Catarina e o ermitério de Albertino”. *Jornal do Brasil* (13 maio 1927), p. 6, col. 1-4.

_____, “Cortona e Perugia: O verde da Toscana e as ruas de Cortona; Visita-se o ermitério de Cellas e p[r]esencia-se uma feira; Ladeando o largo de Trasimeno, pensa-se em São Francisco; Perugia a capital da confederação etrusca; Assiste-se a uma conferência quaresmal”. *Jornal do Brasil* (20 maio 1927), p. 11, col. 1-3.

_____, “Arredores de Assis: Junto da ponte de São João; As grandes recordações da Porciúncula; Sente-se palpitar um mundo de factos; A capela do Trânsito e a despedida das andorinhas; De como se recorda um episódio de Frei Junípero e se lembram outras coisas; A visita aos cárceres e o milagre das águas”. *Jornal do Brasil* (24 maio 1927), p. 8, col. 1-7.

_____, “De Assis a Monte Luco: De como vendo povoações se recordam episódios franciscanos; Um rio que não tem... água; As torres da comida e do azeite; ‘Il fraticello! Il fraticello!’; Vêem-se coisas de real valor e sobe-se ao Monte Luco; Uma linda tradição!”. *Jornal do Brasil* (28 maio 1927), p. 8, col. 1-4.

_____, “Greccio e Fonte Colombo: De como um tição de fogo anda pelos ares e cai em rochedos escarpados; Faz-se no mundo o primeiro presépio; Grutas, cavernas e oratórios; A glória da missa; De Angellis; O Sinai franciscano e a última palavra do Evangelho; O eco da voz de São Francisco”. *Jornal do Brasil* (14 jun. 1927), p. 8, col. 5-8.

_____, “Assis de São Francisco: A picareta ao serviço da história e da arqueologia; Conta-se o que se passou entre São Francisco e o pai no palácio do Bispo; De como de uma praça cheia de sol e de crianças se chega ao Sacro Convento; Dentro da mais alta maravilha de Assis; O Cântico do Sol em benefício da paz”. *Jornal do Brasil* (21 jun. 1927), p. 10, col. 5-7.

_____, “Veneza por fora: Visita-se a ilha de S. Jorge e ouve-se Parsifal; O cachorro da Suíça ou a Suíça do cachorro; A ilha do Cemitério, vidros de Murano e palestra de um italiano; As rendas venezianas e o valor do sangue das operárias; O pôr do sol em Veneza; A voz dos sinos do Campanário de São Marcos”. *Jornal do Brasil* (17 jul. 1927), p. 9, col. 1-6.

_____, “Veneza por dentro: Passando ao longo do Grande Canal e o documento mais alto do estilo bizantino; Por dentro ainda melhor do que por fora; As pombas de Veneza e as andorinhas de Campinas; De como se mata o desgosto de pagar com o gosto de comer; Pelos meandros da cidade e Panteon de Veneza; Uma serenata no Grande Canal”. *Jornal do Brasil* (24 jul. 1927), p. 9, col. 1-2; 7.

_____, “Rainha do Lemman: Diferença entre Suíça e a Itália; O rio diplomata e o trem, à semelhança de certos corações; O protesto de uma catedral e considerações sobre S. Francisco de Assis; De como um encontro com um grande brasileiro tira o cronista de um embaraço mental; Dizem-se coisas interessantes a respeito do Supremo Tribunal”. *Jornal do Brasil* (7 ago. 1927), p. 14, col. 1-5.

_____, “Em Neuchatel: ‘Até me consta que há quem a beba!...’; Os cuidados para com a água; Limpeza e higiene; Ensino intensivo no cantão de Neuchatel; As escolas profissionais, escolas de donas de casa e indústria dos relógios”. *Jornal do Brasil* (21 ago. 1927), p. 10, col. 1-5.

_____, “A caminho de Luzerna: O lago poético de Brienz; Lugar bonito para fazer versos ou fazer pegureiro; De como as moças vão substituindo os garçons; A moda ainda não está na moda; O verbo barbear na ativa e na passiva; Como é linda a cidade de Luzerna!; Enquanto o povo aplaude por ouvir, o cronista aplaude por ver”. *Jornal do Brasil* (28 ago. 1927), p. 11, col. 1-8.

_____, “O Lago de Genebra: Acima de todas as presunções; Considerações em torno de Calvin, Rousseau e Voltaire; A história põe os pontos no seu lugar; Uma tempestade no lago e um quadro inverosímil; Recorda-se Lord Byron e vê-se o castelo de Chillon; De dia um lago azul, á noite um lago de fogo”. *Jornal do Brasil* (4 set. 1927), p. 16, col. 1-5.

_____, “Leão, cidade da Fé e do Trabalho: Na Basílica de Fourvière; Velha propensão para o martírio; De como em três penadas se descreve o museu das sedas; Recorda-se Lacordaire e fala-se no Guignol; Leão immortaliza os filhos nas estátuas; Visita-se a linda Igreja de São Boaventura”. *Jornal do Brasil* (18 set. 1927), p. 11, col. 1-4.

_____, “Passeando em Paris: Duas estátuas: uma viva e outra morta; De como subindo à Torre Eiffel se fala de milionários e da lei seca; Por dentro e por fora do Trocadero; Pelo interior do museu Grévin; História ao vivo da Revolução francesa e episódios das catacumbas”. *Jornal do Brasil* (25 set. 1927), p. 13, col. 1-7.

_____, “Da porta Maillot a Montmartre: Oui monsieur, diz um portuguesinho; Igreja da Magdalena e um casamento russo; O encanto do parque Monceau e a mulher francesa; Uma igreja em grande gala; O francês não leva a vaidade para os cemitérios; França arrependida e devota e a Basílica de Montmartre”. *Jornal do Brasil* (9 out. 1927), p. 10, col. 1-3.

_____, “Do Arco do Triunfo ao Pantheon: Visita-se o Hotel de Ville; Um soi-disant descendente do rei Clóvis discursa em Notre Dame; O maior sino da França; De como a Sorbonne festejou o centenário franciscano; O Pantheon da França e considerações sobre as suas figuras”. *Jornal do Brasil* (23 out. 1927), p. 15, col. 3-8.

_____, “Malmaison: No tempo das rosas e jasmims cor de neve; Sargetas debruadas de relva, a servir de caixilho a canteiros de rosas; De como se vê um banco de Napoleão em Santa Helena; Passeando pelas salas do Castelo; O salão de música, centro de intelectuais e rosas de Josefina”. *Jornal do Brasil* (13 nov. 1927), p. 12, col. 1-8.

_____, “Os Trianons: De como um mutilado da guerra nos mostra tudo; O museu dos coches reais muito longe do de Lisboa; Num canto de sombra e verdura, sol e gorjeios; Maria Antonieta fabricando manteiga; Ódio dos plebeus e inveja dos cortesãos; A voz da justiça”. *Jornal do Brasil* (20 nov. 1927), p. 10, col. 4-7.

_____, “Versailles – O Rei Sol querendo deslumbrar o mundo; Admiram-se as salas das Cruzadas; Passeando pelos salões de Versailles; As galerias dos Espelhos e das Batalhas; Sai-se de Versailles gritando contra tanto esplendor; A formosura dos inúmeros jardins”. *Jornal do Brasil* (27 nov. 1927), p. 11, col. 1-6.

_____, “Santuário de Teresinha: Trepadeiras, lilases e cravos; A estátua de Santa Teresinha; Os estandartes dos novos aos pés da Flor do Carmelo; O Brasil de Santa Teresinha; De como se examinam lápides, altares, vitrais e inscrições; Duas grandes impressões”. *Jornal do Brasil* (4 dez. 1927), p. 15, col. 1-4.

_____, “Capela do Relicário; A mais santa das democracias; Uma visão de luz, de pureza e de glória; Homenagem à Irmãzinha das trincheiras; A apoteose dos vitrais; Rosas desfolhadas que anjos deitam; Uma cruz sobre uma nuvem coberta de rosas”. *Jornal do Brasil* (11 dez. 1927), p. 11, col. 1-3.

_____, “Recordações de Teresinha; De como se observam, uma a uma, as recordações de Teresinha; Um colégio de estandarte ao vento; À sombra dos castanheiros selvagens; Passeando pela casa da Flor do Carmelo; Vendo brinquedos e cousas lindas; Um soberbo grupo estatuário”. *Jornal do Brasil* (18 dez. 1927), p. 10, col. 1-2.

_____, “Paixão e glória de Teresinha; A caminho do cemitério; O longo calvário de Teresinha; As dores físicas zeros ao lado das penitências do espírito; Rosas de sacrifício à ida, rosas de caridade à volta; De como se desenrola a apoteose de Teresinha”. *Jornal do Brasil* (25 dez. 1927), p. 11, col. 1-3.

_____, “As Senhoras de Caridade: Um assombro de beneficência; [?] socorridos; Maravilha como com tão pouco se faz tanto; A caminho de resolver o problema da mendicidade”. *Jornal do Brasil* (1 jan. 1928), p. 8, col. 7-8.

_____, “Pelas Crianças Pobres; Fala-se no Patronato da paróquia da Lagoa; Um grupo escolar, um jardim de infância e escolas Arcoverde; Vestuário, brinquedos, material escolar e um copo de leite; Menos 3.400 analfabetos e vadios”. *Jornal do Brasil* (4 jan. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Seminário brasileiro em Roma; Como se avalia a importância de um país; Roma o centro e a cabeça do universo; O Brasil tem que fazer valer os seus direitos; O Santo Padre e bispos brasileiros a favor do prestígio nacional”. *Jornal do Brasil* (26 jan. 1928), p. 6, col. 4-5.

_____, “Malthusianismo: Uma questão de miserável egoísmo; Tudo às avessas; Eloquência esmagadora dos algarismos; Uma afirmação atrevida e inconsciente”. *Jornal do Brasil* (15 fev. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “A Casa dos Expostos: Sob o império do sorriso; Vêem-se os pavilhões dos moços; A Irmã Gertrudes; Patronato Alice Calmon; Glória do Rio e do Brasil”. *Jornal do Brasil* (29 fev. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Amparo às Moças Solteiras: Um grupo de almas generosas e amigas da mocidade; Diferença entre internas e externas; 425 moças preparadas; A preferência da sociedade elegante pela casa”. *Jornal do Brasil* (28 mar. 1928), p. 6, col. 3-4.

_____, “Instituto Benjamim Constant: 33.000 cegos no Brasil; Faz-se pouco em relação ao que se precisa fazer; O que se aprende no Instituto; Cousas admiráveis”. *Jornal do Brasil* (11 abr. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Voluntários do sacrifício”. *Jornal do Brasil* (14 abr. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “30 de Abril”. *Jornal do Brasil* (18 abr. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Hora do Clero”. *Jornal do Brasil* (28 abr. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Páscoa dos Intelectuais”. *Jornal do Brasil* (2 maio 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “As Servas do Senhor”. *Jornal do Brasil* (12 maio 1928), p. 6, col. 3-4.

_____, “Rompendo o Silêncio”. *Jornal do Brasil* (19 maio 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “O Cinema”. *Jornal do Brasil* (23 maio 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Padre Manuel da Nóbrega”. *Jornal do Brasil* (30 maio 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Como nas Catacumbas”. *Jornal do Brasil* (6 jun. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Reabilitação Jesuítica”. *Jornal do Brasil* (13 jun. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Colmeia de Caridade”. *Jornal do Brasil* (16 jun. 1928), p. 5, col. 7-8.

_____, “Contra a Moda”. *Jornal do Brasil* (20 jun. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “A Mendicidade”. *Jornal do Brasil* (27 jun. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “A festado Papa”. *Jornal do Brasil* (30 jun. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “O fim de Bismarck”. *Jornal do Brasil* (4 jul. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Portugal que renasce”. *Jornal do Brasil* (7 jul. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Exaltação Italiana”. *Jornal do Brasil* (11 jul. 1928), p. 5, col. 1-2.

_____, “Arte Portuguesa”. *Jornal do Brasil* (14 jul. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “O manifesto do Sr. Arcebispo”. *Jornal do Brasil* (18 jul. 1928), p. 5, col. 1-2.

- _____, “Centenário das Ave-Marias”. *Jornal do Brasil* (21 jul. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Os Barbadinhos”. *Jornal do Brasil* (25 jul. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “A Suprema Magistratura”. *Jornal do Brasil* (1 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Senhoras de Caridade: Um assombro de beneficência; 18.062 famílias socorridas; Tríplice assistência: material, moral e religiosa”. *Jornal do Brasil* (4 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Na jaula dos leões”. *Jornal do Brasil* (8 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Escola Doméstica C[risto] Redentor”. *Jornal do Brasil* (11 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Frei Luiz de Leão”. *Jornal do Brasil* (15 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Del Prete”. *Jornal do Brasil* (18 ago. 1928), p. 5, col. 7-8.
- _____, “A estátua de Foch”. *Jornal do Brasil* (22 ago. 1928), p. 6, col. 7-8.
- _____, “Quem matou Obregon?”. *Jornal do Brasil* (29 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A chuva de rosas”. *Jornal do Brasil* (1 set. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Dois Congressos”. *Jornal do Brasil* (6 set. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A situação Portuguesa”. *Jornal do Brasil* (8 set. 1928), p. 7, col. 1-2.
- _____, “Ensino religioso em Minas”. *Jornal do Brasil* (12 set. 1928), p. 6, col. 4-5.
- _____, “Conde de Tolstoi”. *Jornal do Brasil* (15 set. 1928), p. 6, col. 4-5.
- _____, “Padre e Presidente de Ministros”. *Jornal do Brasil* (19 set. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Congresso da Mocidade”. *Jornal do Brasil* (22 set. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Sociedade Santo Ivo”. *Jornal do Brasil* (26 set. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Santa Teresinha”. *Jornal do Brasil* (8 out. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Escola de ‘Leaders’”. *Jornal do Brasil* (10 out. 1928), [?].
- _____, “A bola de neve”. *Jornal do Brasil* (13 out. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Números eloquentes”. *Jornal do Brasil* (24 out. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Finanças Portuguesas”. *Jornal do Brasil* (31 out. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A crise francesa”. *Jornal do Brasil* (7 nov. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Madre Conchita”. *Jornal do Brasil* (14 nov. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Os sinos de Mascali”. *Jornal do Brasil* (21 nov. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “A estátua de Bento XV”. *Jornal do Brasil* (24 nov. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Mártir da Caridade”. *Jornal do Brasil* (28 nov. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “A dançarina morta”. *Jornal do Brasil* (30 nov. 1928), p. 5, col. 7-8. [Texto atribuído, na chamada da 1ª pág. a P. J. de Castro mas assinado por J. H. de Sá Leitão].
- _____, “Hoover e os Católicos”. *Jornal do Brasil* (5 dez. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Nacionalismo Português”. *Jornal do Brasil* (12 dez. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “O jubileu de Pio XI”. *Jornal do Brasil* (19 dez. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “O Natal de Jesus”. *Jornal do Brasil* (25 dez. 1928), p. 6, col. 3-4.
- _____, “O problema francês”. *Jornal do Brasil* (26 dez. 1928), p. 3, col. 1-2.
- _____, “O problema da natalidade”. *Jornal do Brasil* (2 jan. 1929), p. 5, col. 1-2.

- _____, “Ano Santo Jubilar”. *Jornal do Brasil* (16 jan. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A questão romana”. *Jornal do Brasil* (26 jan. 1929), p. 8, col. 1-2.
- _____, “O Santo dos Jornalistas”. *Jornal do Brasil* (30 jan. 1929), p. 6, col. 7-8.
- _____, “Direito de propriedade”. *Jornal do Brasil* (2 fev. 1929), p. 5, col. 1-2.
- _____, “A utopia socialista”. *Jornal do Brasil* (23 fev. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Patrões e Operários”. *Jornal do Brasil* (2 mar. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Novidades Napolitanas: A vaidade substitui a alegria; Mussolini com o critério do frade; Os três motivos da bazófia napolitana”. *Jornal do Brasil* (23 mar. 1929), p. 6, col. 3-5.
- _____, “Subida ao Vesúvio; Parte das 300.000 espingardas; As cores simbólicas da fé e da inocência; A destra de um funicular; Descreve-se a cratera do vesúvio”. *Jornal do Brasil* (30 mar. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “O Fascismo e a Questão Romana”. *Jornal do Brasil* (3 abr. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A Concordata italiana”. *Jornal do Brasil* (6 abr. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Em Salerno; Recordar-se um barbeiro...; Uma civilização por camadas; Os sete degraus de um trono; À beira da avenida”. *Jornal do Brasil* (10 abr. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: El-Rei no pavilhão brasileiro”. *Jornal do Brasil* (5 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: O Pavilhão de Portugal”. *Jornal do Brasil* (7 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: O Pavilhão da Argentina”. *Jornal do Brasil* (9 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A Exposição de Barcelona: É terrível a gente catalã; Passeando pela Exposição; Uma finalidade toda industrial; A arte espanhola e o encanto do povoado espanhol”. *Jornal do Brasil* (13 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Grutas de Postúmia; Muito acima do que se pode imaginar; Um rio que se engarrafa; Andando por debaixo da terra; Fascinação e deslumbramento”. *Jornal do Brasil* (14 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A Exposição de Milão: Diferença entre a exposição da Itália e do Brasil; A certeza da ordem e do método; De como os pavilhões são oficinas de trabalho e cada caixeiro um pregador; Sai-se sabendo e comprando”. *Jornal do Brasil* (15 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A Exposição Milanesa: Um esforço formidável; No pavilhão dos hotéis e do carvão vegetal; Jornadas de instrução; Visitando os pavilhões da zootecnia e dos automóveis”. *Jornal do Brasil* (16 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A grande obra de Dom Bosco”. *Jornal do Brasil* (18 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A obra de Cottolengo”. *Jornal do Brasil* (19 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: Uma procissão de maravilha”. *Jornal do Brasil* (20 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: Uma cavalgada histórico-mariana”. *Jornal do Brasil* (21 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.

- _____, “Cartas Sevilhanas: O México na Exposição”. *Jornal do Brasil* (25 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas Sevilhanas: Os Estados Unidos na Exposição”. *Jornal do Brasil* (26 jun. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A situação da Igreja em Portugal: Uma entrevista com o Cardeal Patriarca de Lisboa”, *Jornal do Brasil* (18 jul. 1929), p. 8, col. 3-6.
- _____, “As relações de Portugal com a Santa Sé: O General Carmona entre outros assuntos, fala também da situação da igreja no seu país”. *Jornal do Brasil* (25 jul. 1929), p. 6, col. 1-3.
- _____, “As realizações da Ditadura em Portugal; O restabelecimento da ordem; O equilíbrio orçamentário; A política exterior: Entrevista com o Presidente Carmona”. *Jornal do Brasil* (26 jul. 1929), p. 6, col. 6-8.
- _____, “O Senhor Patriarca”. *Jornal do Brasil* (7 ago. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “O Sr. Calles A... Ares”. *Jornal do Brasil* (14 ago. 1929), p. 5, col. 7-8.
- _____, “A saída do Santo Padre”. *Jornal do Brasil* (17 ago. 1929), p. 6, col. 7-8.
- _____, “Manuel Bernardes”. *Jornal do Brasil* (21 ago. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Pétalas de Rosa”. *Jornal do Brasil* (24 ago. 1929), p. 7, col. 1-2.
- _____, “A Irmã Eva”. *Jornal do Brasil* (28 ago. 1929), p. 6, col. 7-8.
- _____, “Casa Santa Inês”. *Jornal do Brasil* (31 ago. 1929), p. 7, col. 1-2.
- _____, “O Congresso de Cartago”. *Jornal do Brasil* (4 set. 1929), p. 5, col. 7-8.
- _____, “Cinema educativo”. *Jornal do Brasil* (8 set. 1929), p. 6, col. 4-5.
- _____, “Um Santo brasileiro: Frei Fabiano de Cristo”. *Jornal do Brasil* (11 set. 1929), p. 5, col. 7-8.
- _____, “Um Santo brasileiro: Frei Fabiano de Cristo”. *Jornal do Brasil* (14 set. 1929), p. 8, col. 1-2.
- _____, “Um Santo brasileiro: Frei Fabiano de Cristo”. *Jornal do Brasil* (18 set. 1929), p. 6, col. 7-8.
- _____, “As cinzas de Dante”. *Jornal do Brasil* (25 set. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “O neto de Renan”. *Jornal do Brasil* (28 set. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Deus nos Sovietes”. *Jornal do Brasil* (5 out. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cristóvão Colombo”. *Jornal do Brasil* (12 out. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Anedotas Pontifícias”. *Jornal do Brasil* (16 out. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “A Semana da Família”. *Jornal do Brasil* (22 out. 1929), p. 6, col. 7-8.
- _____, “Cartas do Oceano: Discorre-se sobre a Bahia e Recife; De como se tem saudades dos portos do Brasil; Aquilo de que os antropófagos mais gostam e o susto de um coronel do Piauí; Cachorros de automóvel”. *Jornal do Brasil* (6 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Oceano: Um navio transformado em Catedral; Recordando séculos de história; Um sermão do Arcebispo-Primaz do Brasil; A glória de São Francisco e o batismo oficial da terra de Santa Cruz”. *Jornal do Brasil* (10 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas de Marrocos: Salpicada de glória portuguesa e franciscana; Três capitães e estrada eletrificada; A pessoa sagrada do Sultão; Recorda-se um comovente episódio da história de Portugal”. *Jornal do Brasil* (17 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Espanha: A visita do Presidente da República de Portugal; O delírio da recepção; Vinte mil soldados que passam; Fundas impressões do Escorial; A riqueza e a arte ao serviço de um milagre”. *Jornal do Brasil* (19 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Espanha A visita do Presidente da República portuguesa; O brilho incedível das recepções; De como se sai fatigado de tanto deslumbramento; Uma palavra elogiosa ao grande Goya; No cenáculo da ciência espanhola”. *Jornal do Brasil* (20 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Espanha: A visita do Presidente da República portuguesa; Cidade da lenda, da arte e da nostalgia; A riqueza surpreendente de Toledo; A visão da Catedral, do Museu e do Tesouro; Evoca-se a heroica figura de um português”. *Jornal do Brasil* (22 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Espanha: A visita do Presidente da República portuguesa; Vendo Barcelona do Tibidaba; Visita-se a Exposição e El Pueblo español; Soberba batalha de flores; O banquete no Ayuntamiento”. *Jornal do Brasil* (26 nov. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Espanha: A visita do Presidente da República portuguesa; O extraordinário encanto de Sevilha; O Presidente Carmona no pavilhão brasileiro; Uma romaria de beleza artística; Um sarau de fino gosto literário”. *Jornal do Brasil* (6 dez. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: Dom Sebastião Leme”. *Jornal do Brasil* (2 nov. 1929), p. 6, col. 6-7.

_____, “Cartas de Portugal: Glorificação do Ministro das Finanças; Ouro de portugueses a quem zela o ouro de Portugal; Política de verdade, de sacrifício e nacional; Como se responde á bofetada de Genebra”. *Jornal do Brasil* (11 dez. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: Cardeal Patriarca de Lisboa”. *Jornal do Brasil* (26 dez. 1929), p. 5, col. 7-8.

_____, “Cartas de Portugal: Latino Coelho; Uma significativa homenagem; O homem dos sete instrumentos; Um polígrafo e um poliglota; Recorda-se José Bonifácio”. *Jornal do Brasil* (2 jan. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: Entrevista com o Presidente da República portuguesa; O milagre das finanças portuguesas; O que tem feito a paixão do regionalismo; Começa o regresso do dinheiro dos particulares ao seio do país”. *Jornal do Brasil* (10 jan. 1930), p. 6, col. 3-6.

_____, “Cartas de Portugal: Entrevista com o Presidente da República portuguesa; Embaixada de amizade e aplauso à obra dos expositores portugueses; Política de aproximação entre Portugal e Espanha; O país sobe em prestígio internacional; Visita ao pavilhão brasileiro; A vinda de Afonso XIII a Portugal”. *Jornal do Brasil* (11 jan. 1930), p. 6, col. 3-6.

_____, “Cartas de Portugal: A morte do Marechal; O Marechal Gomes da Costa no leito mortuário; Flores e lágrimas da família e dos soldados; O Cristo de Neuve-Chapelle; Cheio de honra e de fé”. *Jornal do Brasil* (22 jan. 1930), p. 6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Portugal: A festa da Academia das Ciências; O deslumbramento da sessão inaugural; Desfilam os primeiros fundadores; A exposição Biblio-iconográfica; Três sábios e uma noite de glória”. *Jornal do Brasil* (29 jan. 1930), p. 6, col. 3-6.

_____, “Cartas de Portugal: Centenário de João de Deus; Lirismo é amor; Afeição casta de João de Deus; De como serão as festas centenárias; Poeta e pedagogo”. *Jornal do Brasil* (13 fev. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: O encanto de Lisboa; a festa das gaivotas; Nem velha nem nova; É uma cidade colorida e de clima incomparável”. *Jornal do Brasil* (20 fev. 1930), p. 6, col. 3-6.

_____, “Cartas de Portugal: O Museu Militar; Dupla impressão de guerra e de arte; Na sala de Vasco da Gama; Recordam-se episódios de guerra peninsular; Por entre painéis e coisas bélicas”. *Jornal do Brasil* (26 fev. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: A entrada do Sr. Patriarca – Como se fora no Vaticano; A deslumbrante assistência; A intelectualidade portuguesa aos pés do sacrário; O Cardeal e o Presidente da República”. *Jornal do Brasil* (26 mar. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: Intercambio Luso-Brasileiro; Uma ideia de muitos aplausos; Os portugueses têm a doença das viagens; O que o Brasil lucrará; Vantagens para Portugal”. *Jornal do Brasil* (5 abr. 1930), p. 8, col. 3-4.

_____, “Cartas de Portugal: Centenário de Santo António; Projetam-se grandes festas; O interesse da Itália e do mundo; De como serão as festas centenárias; Motivos de bem querer a Santo António”. *Jornal do Brasil* (9 abr. 1930), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Portugal: Estradas de rodagem; Do Norte ao Sul do país; Passeio a Cintra; Fontes e obras de arte; Expansão agrícola industrial e desenvolvimento de turismo”. *Jornal do Brasil* (22 abr. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: O Dr. Fernando de Magalhães recebe o título de doutor ‘honoris causa’; Nunca em Portugal se fez assim; Horas de delírio ouvindo o mestre; Resultou a apoteose do Brasil; A graça do governo da Republica”. *Jornal do Brasil* (27 abr. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: Em torno de um empréstimo interno; Melhoramento dos portos; De como um Sr. Cruz é crucificado; As vantagens de uma conferência”. *Jornal do Brasil* (27 maio 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Portugal: A Emigração Portuguesa; Alarme sem motivo; O governo não pensa em proibir a emigração; Inocuidade de campanhas jornalísticas; Quem são os propagandistas do Brasil”. *Jornal do Brasil* (12 jun. 1930), p. 13, col. 4-5.

_____, “Cartas de Portugal: O dia de Pombal – Cada município com seu dia de gala; Defeito dos latinos; Más e boas coisas do Marquês de Pombal; O maior benemérito de Lisboa; O Terreiro do Paço”. *Jornal do Brasil* (9 jul. 1930), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Duas canonizações – A maravilha da iluminação; O delírio de 80 mil pessoas; Desfila o cortejo extraordinário; Mais duas glórias no catálogo dos santos”. *Jornal do Brasil* (16 jul. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Prestígio do Sr. Cardeal: Continua em apoteose; As qualidades pessoais do Sr. Dom Sebastião; A amizade do Santo Padre; Sua Santidade vê, com prazer, o Rio, a estátua do Corcovado; O Seminário Brasileiro em Roma”. *Jornal do Brasil* (20 ago. 1930), p. 6, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: Os Sovietes contra Deus; O que está estatuído por lei; Contra a lei o ódio dos comunistas e o sectarismo do Estado; Algarismos de horror e vergonha; Ou dinheiro, ou desterro ou morte”. *Jornal do Brasil* (27 ago. 1930), p. 8, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Coisas do Tempo: O calor de Roma; As preocupações dos romanos no tempo estival; Discorre-se a respeito de gatos; O que a propósito de gatos se vai dizendo”. *Jornal do Brasil* (2 set. 1930), p. 6, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: O progresso desta cidade; De como se expande Roma; Auto-ônibus por dentro, bondes por fora; Grandes obras para os sem trabalho; Uma sarcástica interpretação sem razão de ser”. *Jornal do Brasil* (10 set. 1930), p. 6, col. 5-7.

_____, “Cartas de Roma: As Guardas do Santo Padre; O encanto da Guarda Suíça; Quantos imponentes os Guardas Nobres; Fala-se na Guarda Palatina; As funções da Gendarmaria Pontifícia”. *Jornal do Brasil* (18 set. 1930), p. 8, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Corte Pontifícia; Os grandes postos do Vaticano; A corte eclesiástica; Desfilam as figuras da Corte civil; Por onde se fica tendo uma ideia de um grande deslumbramento”. *Jornal do Brasil* (3 out. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Aspeto Geral de Roma; Porque Roma tem a cor de café com leite; Um episódio que diz muito; Cada cidade tem a sua cor própria; Recordar-se a cor do Rio de Janeiro”. *Jornal do Brasil* (12 out. 1930), p. 8, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Frá Jacopone de Todí; Um centenário encantador; Amor que não é amado; O poeta mais lírico do mundo; Como Dante e melhor do que Dante”. *Jornal do Brasil* (16 out. 1930), p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: Um doido de amor; Entre a ponte Fabrício e a ponte Céstio; Os Fate-Bene-Fratelli; Um centenário de grande importância; Um doido de amor pelos doidos”. *Jornal do Brasil* (21 out. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O sino da glória e da paz; Um campanário no meio dos cemitérios; As romarias da saudade; Lembram-se os militares de todo o mundo; Um colossal aparelho radiofônico”. *Jornal do Brasil* (7 nov. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Clero Indígena; Uma circular de Monsenhor Salotti; A tradição apostólica; O Brasil exige mais clero nacional; Condutores de opinião e de patriotismo”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1930), p. 10, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Igreja de Santo Agostinho; O deslumbramento de uma Igreja; Raphael defende uma obra sua; Nossa Senhora do parto; Um grande artista”. *Jornal do Brasil* (23 jan. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A festa do Santo Padre; Um quadro único de beleza e de som; Recordando os esforços pela paz; A família real italiana; O deslumbramento da Capella Sistina; O Papa das Missões”. *Jornal do Brasil* (6 mar. 1931), p. 5, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Um palácio de maravilha; Duas famílias rivais; Abrem-se os salões do palácio Colona; Nomes de glória na poesia, na arte, na guerra e na santidade; A magnificência das salas”. *Jornal do Brasil* (19 mar. 1931), p. 5, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Festas de Santo António; O perfil do Santo traçado pelo Santo Padre; Intercâmbio de Lisboa e Pádua; Frisa-se a naturalidade de Santo António; Um Cardeal Legado irá a Pádua”. *Jornal do Brasil* (4 abr. 1931), p. 8, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Centenário Antoniano; Por que Mussolini não quis fazer parte da Comissão de Honra?; Responde-se a esta pergunta; O que o governo tem feito pelo centenário; Portugal oficialmente nas festas de Pádua”. *Jornal do Brasil* (25 abr. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Inglaterra e a Santa Sé; A volta da Inglaterra para as antigas glórias cristãs; Cento e cinquenta sábios aos pés do Papa; A influência das Universidades e Colégios católicos; Importância de um discurso”. *Jornal do Brasil* (2 maio 1931), p. 5, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Mais um Santo Milanês; Exame metucioso e difícil; A santidade é incorruptível; Processos em preparo no Arcebispado de Milão; De como de Servo de Deus se chega aos altares”. *Jornal do Brasil* (30 ago. 1931), p. 12, col. 6-8.

_____, “Cartas de Roma: O verão de Roma; Uma verdadeira obsessão; Uma mania como outra qualquer; A descoberta de Fialho ou de Gervásio; Compreendem-se as férias”. *Jornal do Brasil* (9 set. 1931), p. 8, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Roma por fora IV; No bairro de Trastevere; O mirante do Janículo; Uma anedota de Pastor; Em frente da ilha Tiberina”. *Jornal do Brasil* (20 set. 1931), p. 12, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Roma por fora; Um pouco de Alvares Cabral; Os devotos da Senhora do Repouso; Vendo do altar do monte Tarioli; Na avenida Rainha Margarida”. *Jornal do Brasil* (27 set. 1931), p. 12, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Roma por fora; No cemitério de Verona; Uma pasquinada interessante; No planalto do monte Aquilino; Recordando Manzoni”. *Jornal do Brasil* (1 out. 1931), p. 13, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: O saudoso Papa Pio X; O primeiro processo na Congregação dos Ritos; O número nove na vida de Pio X; Boa resposta a um judeu; Quem é o maçador?”. *Jornal do Brasil* (25 out. 1931), p. 14, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: As férias no Vaticano; Os meses preferidos pelos romanos de Roma; Como por meio de um livro se anda à sombra; Diferença entre as férias do Cardeal Gasparri e do Cardeal Pacelli; Como o Santo Padre passa as férias”. *Jornal do Brasil* (6 dez. 1931), p. 14, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: O burrinho do presépio; A origem dos presépios; O elogio do burro; De como se vê o papel importante do burro na história da Redenção; Apoteose do burro”. *Jornal do Brasil* (27 dez. 1931), p. 18, col. 1-5.

_____, “Cartas de Roma: Presépios vivos; A vantagem das figuras animadas; As melodias serranas; Um cortejo de pastores; A imponência dos Reis Magos”. *Jornal do Brasil* (3 jan. 1932), p. 17, col. 4-8.

_____, “Cartas de Roma: A Santa dos Artilheiros; A padroeira da pólvora e das armas de fogo; Santa Maria de Trasmontina; História e lenda; O martírio da virgem cristã; Como nasceu o culto da santa”. *Jornal do Brasil* (10 jan. 1932), p. 12, col. 3-6.

_____, “Cartas de Roma: Um congresso de cinema; A crise do teatro; O cinema aliado e cúmplice de Lenine; Pior que o mau jornal; Ainda pior do que o mau teatro”. *Jornal do Brasil* (17 jan. 1932), p. 12, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: Piccola Casa; 8.000 doentes e 3.000 enfermeiros; Um espetáculo desolador; Nem um vintém de património; Resposta de D. Bosco a Cotelengo”. *Jornal do Brasil* (31 jan. 1932), p. 13, col. 6-8.

_____, “Cartas de Roma: O Paraíso das crianças; As barracas dos presépios, dos brinquedos e das gulodices; Alegria de grandes e de pequenos”. *Jornal do Brasil* (14 fev. 1932), p. 13, col. 4-7.

_____, “Cartas de Roma: O Venerável António Claret; Padre Claret nos domínios da imprensa; O maior missionário do século XIX; Uma herança gloriosa; Impavidez no sofrimento”. *Jornal do Brasil* (28 fev. 1932), p. 20, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Santo António; Ninguém até hoje foi mais cedo canonizado; Nem S. Francisco nem Santa Clara; O que se fez em Portugal e no Brasil; Uma caravana de Fé e de glória; As festas em Pádua por causa da canonização”. *Jornal do Brasil* (13 mar. 1932), p. 16, col. 2-4.

_____, “Cartas de Roma: A festa da coroação”. *Jornal do Brasil* (20 mar. 1932), p. 12, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Pelo Clero Nacional; Trabalhar pelo clero nacional é ato de justiça e prudência; Trata-se de uma questão vital; Dificuldades que o clero nacional não tem; O exemplo de outros povos; O Brasil pode fazer muito”. *Jornal do Brasil* (27 mar. 1932), p. 13, col. 6-8.

_____, “Cartas de Roma: No Palácio dos Museus; Desfaz-se um possível equívoco e diz-se donde veio o recheio da exposição; O que se vê de Pio VII e o que se admira de Leão XIII; Vendo salas e mais salas; Papas, Cardeais e Santos; Diferença de Roma que foi, da Roma que é”. *Jornal do Brasil* (24 abr. 1932), p. 14, col. 5-8.

_____, “Cartas de Roma: A visita ao Santo Padre; Como se consegue o bilhete para se entrar no Vaticano; Na sala Clementina; Salas, salas e mais salas; Na sala Régia e na sala Ducal; Uma visita que se quer sempre repetir”. *Jornal do Brasil* (22 maio 1932), p. 14, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O telefone no Vaticano; Grandes dificuldades a vencer; Trabalhos de perfuração e infiltração; Uma rede completa e perfeitíssima; Os aparelhos do Santo Padre e do Secretário de Estado; O número de aparelhos”. *Jornal do Brasil* (19 jun. 1932), p. 16, col. 1-7.

_____, “Cartas de Roma: A Pinacoteca do Vaticano; Como se chega à Pinacoteca do Vaticano; Depois de uma série de museus; Salas e mais salas; Os grandes quadros da Pinacoteca”. *Jornal do Brasil* (3 jul. 1932), p. 14, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: As Festas de Pádua – A Bula da Canonização de S. António; A partida da Missão Pontifícia e da embaixada portuguesa; No palácio municipal de Pádua condecora-se a cidade e a Missão Pontifícia; Um ato de reivindicação nacional”. *Jornal do Brasil* (24 jul. 1932), p. 12, col. 3-8.

_____, “Cartas de Roma: Apoteose de S. António; No deslumbramento da Basílica paduana; Um cortejo triunfal; À frente a Grã Cruz de Cristo; Descreve-se a procissão; O delírio religioso de um grande povo”. *Jornal do Brasil* (28 jul. 1932), p. 5, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Glorificação de Spoleto; À beira do Adriático azul; Cidades de glória e de beleza; Visão panorâmica de Spoleto; A dentro da formosa catedral”. *Jornal do Brasil* (7 ago. 1932), p. 12, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Palácio Apostólico; O circo de Caio Calígula; Constantino constroem uma basílica soberba; Quando os Papas passaram a residir no Vaticano; O grande elogio feito por Pio XI”. *Jornal do Brasil* (14 ago. 1932), p. 12, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano, a arte e a história; O Beato Angélico e Pinturicchio; Miguel Ângelo e Domingos Fontana; O que fez Casanova; O interesse de todos os pontífices”. *Jornal do Brasil* (21 ago. 1932), p. 12, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano e as comunicações; Os itinerários de Roma, fonte de informações; Os primeiros cristãos, apóstolos e missionários; Consequência das descobertas marítimas; As visitas ‘ad limina’ e os ‘Cursos Apostólicos’”. *Jornal do Brasil* (28 ago. 1932), p. 12, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano e as comunicações; Fazenda uma razão de [p]or ordem; O artigo 6º do Acordo Lat[r]ão; A lentidão das antigas viagens; O valor que o Santo Padre dá aos progressos da ciência”. *Jornal do Brasil* (4 set. 1932), p. 12, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano; A maior coleção do mundo; Centauros, sereias e divindades; Um quadro visto do Belvedere; Alude-se ao Píncio; Os primores estatuários”. *Jornal do Brasil* (11 set. 1932), p. 12, col. 3-6.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano; Um passeio pelas galerias; Os artistas da Toscana e da Umbria; Considerações sobre o juízo final; Os aposentos de Raphael Sânzio”. *Jornal do Brasil* (18 set. 1932), p. 14, col. 4-7.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano; Frescos admiráveis e quadros de estontear; Os aposentos Bórgia; A nobreza da biblioteca; O museu etrusco; Últimas sensações”. *Jornal do Brasil* (25 set. 1932), p. 12, col. 1-5.

_____, “Cartas de Roma: Através da cidade do Vaticano; Percorrendo ruas, pátios e praças; A impressão de assombro que inspira; Atribuições do Governador; Vê-se que nada falta ao Estado do Vaticano”. *Jornal do Brasil* (2 out. 1932), p. 14, col. 5-7.

_____, “Cartas de Roma: Congresso I. de Arqueologia Cristã; Na cidade dos mosaicos de ouro; 500 arqueólogos para apresentar e discutir trabalhos; Uma carta de Sua Santidade; Recordar-se o Padre Rossi, das Catacumbas”. *Jornal do Brasil* (18 out. 1932), p. 17, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Coliseu de Flávio; Descobre-se a casa do Senado Romano; O que digo em vez do que podia dizer; O carácter sagrado do Coliseu; A Via-Sacra de S. Leonardo P. Maurício”. *Jornal do Brasil* (8 jan. 1933), p. 12, col. 3-8.

_____, “Cartas de Roma: Casas Baratas; Casas de resgate e casas operárias; Como se levou a cabo obra tão simpática; A exemplo da Argentina; Alegria e o conforto das casas baratas”. *Jornal do Brasil* (15 jan. 1933), p. 14, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os homens da Ação Católica; Como nasceu a Ação Católica na Itália; Trabalhos de organização intensa; Números pequenos, precursores de números grandes; Atividade dos homens da Ação Católica”. *Jornal do Brasil* (22 jan. 1933), p. 12, col. 1-5.

_____, “Cartas de Roma: Le mie Prigioni”. *Jornal do Brasil* (26 fev. 1933), p. 12, col. 5-8.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Pio X; As declarações do Cardeal Gibbons; A profecia de um irmão leigo jesuíta; Inteligência e bondade; Ditos de espírito; Defesa da dignidade pessoal e da Igreja”. *Jornal do Brasil* (19 mar. 1933), p. 12, col. 1-4.

_____, “Cartas de Roma: Leão XII e Pio X; Diferença entre um e outro; Um otimista e outro pessimista; O espírito de justiça de Pio X; As irmãs do Santo Padre; Unânime consagração em torno de uma sepultura”. *Jornal do Brasil* (2 abr. 1933), p. 12, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: O grande Papa Bento XV; A elegante simplicidade deste Pontífice; Duas profecias que foram excedidas; Diferença entre o cardinal Rampolla e Bento XV; Sempre amigo do seu amigo”. *Jornal do Brasil* (9 abr. 1933), p. 12, col. 1-5.

_____, “Cartas de Roma: Ainda o Papa Bento XV; Grande caridade e discreta; É preciso ouvir tocar todos os sinos; Acusações falsas; O caso do Cardeal Mercier; O monumento da Basílica de São Pedro”. *Jornal do Brasil* (23 abr. 1933), p. 18, col. 1-4.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa”. *Jornal do Brasil* (28 maio 1933), p. 14, col. 1-6.

_____, “Cartas de Roma: A fundadora do Bom Pastor; No dia do Bom Pastor a glória do Bom Pastor; Palavras de Pio X; Número de glória; A festa da Beatificação; Um delírio de aplausos que não acaba mais”. *Jornal do Brasil* (18 jun. 1933), p. 12, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: O Beato José Pignatelli; Coincidência interessante; Uma singularidade, digna de meditação; Beato espanhol e miraculosos espanhóis; Recordar-se acordar em Leão”. *Jornal do Brasil* (2 jul. 1933), p. 16, col. 5-7.

_____, “Cartas de Roma: Procissão Eucarística; Os dignitários da corte papal; Só há o recurso de apelar para a página do Tabor; Espetáculo admirável da multidão; A Bênção Eucarística”. *Jornal do Brasil* (30 jul. 1933), p. 16, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Padre em S. Paulo; O percurso do Santo Padre; Grandes emoções recebidas; Festas em sua honra; Nas salas da Abadia; O espetáculo da Basílica”. *Jornal do Brasil* (13 ago. 1933), p. 13, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Peregrinação de jornalistas; Quatrocentos jornalistas católicos de todo o mundo; Passeio pelos Castelos Romanos; Ouvindo Missas nas Catacumbas; Audiência; Congresso da imprensa católica em 1935”. *Jornal do Brasil* (20 ago. 1933), p. 13, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Missa do Santo Padre; A extraordinária afluência de peregrinos em Roma; A Missa do Santo Padre; A multidão durante o Santo Sacrifício; Hinos de fé e de amor; Vibrantíssimas aclamações”. *Jornal do Brasil* (8 out. 1933), p. 17, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: As ‘férias’ de Sua Santidade; Férias nas Congregações; Lugares preferidos pelos cardiais para repouso; Sua Santidade é todo dinâmico; À noite a janela da biblioteca”. *Jornal do Brasil* (15 out. 1933), p. 17, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: A Peregrinação Brasileira; Uma visita de cortesia agradável; Um excelente modo de matar saudades; Razão por que os peregrinos têm o coração em grande gala; As envaidecedoras exceções do Santo Padre; Palavras de Sua Santidade”. *Jornal do Brasil* (5 nov. 1933), p. 13, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Santa Maria Maior”. *Jornal do Brasil* (12 nov. 1933), p. 13, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Canonização da beata Marillac; Uma linda página de apologética cristã; A razão do meu entusiasmo; Porque há quem embirre com elas; A alegria do Sumo Pontífice; A regra de S. Vicente de Paulo”. *Jornal do Brasil* (26 nov. 1933), p. 15, col. 2-5.

_____, “Cartas de Roma: A Argentina e a Igreja; Nova divisão eclesiástica; Em vez de um Metropolitana e quatro dioceses, cinco Metropolitanas e 13 bispados; Congresso Eucarístico Internacional; Recordar-se o pedido do Rei de Espanha; Esperanças de um Cardeal para Buenos Aires”. *Jornal do Brasil* (3 dez. 1933), p. 16, col. 3-6.

_____, “Cartas de Roma: A Campana do Rovoreto; No meio de cemitérios um campanário; Romarias de fé e de saudade; Evocam-se as glórias das nações aliadas; Badaladas e canções que se radiofonam”. *Jornal do Brasil* (10 dez. 1933), p. 19, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Pio Latino Americano”. *Jornal do Brasil* (17 dez. 1933), p. 16, col. 5-8.

_____, “Cartas de Roma: O Papa em Santa Maria; Passagem privadíssima do Santo Padre; O contentamento do Pai comum dos Fieis; Presente do Cabido Liberiano; O cortejo triunfal na Basílica; Apoteótica bênção a Roma e ao mundo”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1933), p. 13, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Os três mártires da América – As quatro Repúblicas a favor da declaração do martírio; As reduções, campo de heroica atividade; Rápido perfil dos mártires; A cena de selvajaria; O dedo da Providência”. *Jornal do Brasil* (7 jan. 1934), p. 15, col. 3-7.

_____, “Cartas de Roma: São João Bosco; O Padre Aquiles Ratti amigo velho deste santo; Um prognóstico que ninguém fez há sessenta anos; A finalidade da obra salesiana; As formidáveis simpatias que desperta; uma herança gloriosíssima”. *Jornal do Brasil* (21 jan. 1934), p. 13, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: A Missa dos Atores em Roma; O que se faz em Turim, Paris e New York; Quem são os sócios que dela fazem parte; São Genésio, padroeiro dos atores; Houve grandes almas no teatro; Fonte de vocações religiosas; Recorda-se Eva Lavalieri”. *Jornal do Brasil* (11 fev. 1934), p. 13, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Carlos de Foulcauld; Da Trapa à Terra Santa; Benéfica influência dos árabes e sua difícil conversão; Ordem de ficar em vez de partir; O sacrifício da vida; O martírio e a comunhão em pleno deserto”. *Jornal do Brasil* (25 fev. 1934), p. 13, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma”. *Jornal do Brasil* (11 mar. 1934), p. 18, col. 5-7.

_____, “Cartas de Roma: Picola Casa; Cotelengo aos cinco anos de idade; Um quadro desolador; Resolução modesta e oportuna; A casa da ‘Volta Rossa’; Um colóquio com o irmão dominicano; A couve transplantada”. *Jornal do Brasil* (18 mar. 1934), p. 15, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Picola Casa; Picola Casa; Mais famílias da cidade santa; Várias congregações que se dedicam a todos os recolhidos; Respostas admiráveis de Cotelengo aos seus amigos; D. Bosco e Cotelengo”. *Jornal do Brasil* (1 abr. 1934), p. 12, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: O Colégio Brasileiro; A festa da inauguração; A seletíssima assistência; Uma carta do Cardeal Pacelli; Alude-se à peregrinação brasileira; Dados históricos”. *Jornal do Brasil* (6 maio 1934), p. 14, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Clausura da Porta Santa; O cortejo pontifício para a Basílica; O Santo Padre passa pela Porta Santa; Descreve-se como ela se fechou; A iluminação maravilhosa da Basílica; As Igrejas de Roma iluminadas”. *Jornal do Brasil* (20 maio 1934), p. 13, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: A Concordata Austríaca; Depois de um refinado liberalismo a vitória da Igreja; Os pontos mais salientes da Concordata; Ação religiosa nas escolas e nos regimentos; Defesa da Ação Católica; Ontem e hoje”. *Jornal do Brasil* (10 jun. 1934), p. 14, col. 2-4.

_____, “Cartas de Roma: O Centenário de Pio X”. *Jornal do Brasil* (24 jun. 1934), p. 13, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: A festa de São João; Uma anomalia inexplicável; Diferença entre as festas de São João daqui e as festas de outras partes; Como até foguetes servem o patriotismo; Um cortejo de carros e girândolas no firmamento”. *Jornal do Brasil* (15 jul. 1934), p. 12, col. 8.

_____, “Cartas de Roma: Embaixada Pontifícia á Argentina; Razões que provam o interesse do Santo Padre pela Argentina; Quem faz parte da comitiva; Manifestações jubilosas do Governo, do clero e do povo; O perfil do Cardeal Pacelli”. *Jornal do Brasil* (26 ago. 1934), p. 14, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: As Fontes de Roma; Basílicas, palacete e fontes; Diferença entre o calor de Roma e o do Rio; Um pouco de história da água romana; A devoção antiga pela água; Aquedutos construídos, demolidos e restaurados”. *Jornal do Brasil* (9 set. 1934), p. 13, col. 2-4.

_____, “Cartas de Roma: As Fontes de Roma; O fausto das águas de Roma; A fonte de Trevi e o seu encanto; Uma superstição muito singular; O efeito da luz na riqueza dos mármore e das águas; Sempre muita gente estrangeira”. *Jornal do Brasil* (16 set. 1934), p. 17, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: As Fontes de Roma; A fonte da praça Navona; O obelisco e o espírito de Bernini; As fontes da praça de São Pedro; A barcaça da praça de Espanha; A joia da fonte das tartarugas”. *Jornal do Brasil* (30 set. 1934), p. 17, col. 2-6.

_____, “Cartas de Roma: Em Castelgandolfo; A dissertação de um professor num café; Depois de 65 anos; Quando o silêncio era interrompido; O espetáculo impressionante; Contraste do dia de hoje com o de ontem”. *Jornal do Brasil* (7 out. 1934), p. 13, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: O Papa em Castelgandolfo; A vaidade dos habitantes deste castelo; o Papa trabalhador; A mesma vida, o mesmo trabalho e as mesmas cerimónias; As visitas dos recém-casados; Os carros da felicidade”. *Jornal do Brasil* (14 out. 1934), p. 12, col. 1-4.

CASTRO, Mons. José de, “Cartas de Roma: Consistório Histórico”. *Jornal do Brasil* (15 nov. 1950), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Procissão maravilhosa”. *Jornal do Brasil* (22 nov. 1950), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: A última canonização”. *Jornal do Brasil* (1 dez. 1950), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: A definição do Dogma”. *Jornal do Brasil* (5 dez. 1950), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Neste Ano Santo”. *Jornal do Brasil* (12 dez. 1950), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Exposição do Ano Santo”. *Jornal do Brasil* (20 dez. 1950), p. 9, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Uma exposição de arte moderna brasileira na Itália; E entre os quadros da mostra, frases amáveis e repassadas de saudade do embaixador Ugo Sola [...]”. *Jornal do Brasil* (23 dez. 1950), p. 6, col. 6-8.

_____, “Cartas de Roma: Algarismos da glória”. *Jornal do Brasil* (13 jan. 1951), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Presépios romanos”. *Jornal do Brasil* (16 jan. 1951), p. 9, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Triste a Praça de S. Pedro”. *Jornal do Brasil* (14 fev. 1951), p. 6, col. 6-8.

_____, “Cartas de Roma: Exposição da caridade”. *Jornal do Brasil* (15 fev. 1951), p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: Cardeal Vigário”. *Jornal do Brasil* (16 fev. 1951), p. 6, col. 7-8.

_____, “Cartas de Roma: Peregrinos do Ano Santo”. *Jornal do Brasil* (17 fev. 1951), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Exposição d’arte sacra”. *Jornal do Brasil* (18 fev. 1951), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: A Cátedra de São Pedro”. *Jornal do Brasil* (22 fev. 1951), p. 6, col. 5-6.

CASTRO, P.^e José de, “Cartas do Brasil: Onde se fala do Sr. Dom Sebastião de Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro”. *Novidades* (21 nov. 1927), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Onde se continua a falar sobre os festejos ao Sr. Dom Sebastião Leme”. *Novidades* (28 nov. 1927), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: “Onde se discorre sobre a afeição e a saudade do Mons. Mabela por Portugal e pelos portugueses”. *Novidades* (4 dez. 1927), p. 6, col. 1-2.

CASTRO, P. J. de, “Cartas do Brasil: De que modo o Brasil festejou o dia da República”. *Novidades* (12 dez. 1927), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Onde se fala um pouco do grande português que é o Sr. Visconde de Moraes”. *Novidades* (15 dez. 1927), p. 7, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Onde se fala do grande espírito do Conde de Laet”. *Novidades* (3 jan. 1928), p. 4, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Discorre-se sobre o voto feminino no Brasil”. *Novidades* (8 jan. 1928), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: De como aos poucos desaparece a neutralidade nas escolas”. *Novidades* (16 jan. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Onde se vê como se tratam os menores”. *Novidades* (23 jan. 1928), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Aonde se discorre sobre as vantagens do cais de Lisboa”. *Novidades* (31 jan. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Onde se discorre o respeito da honestidade do Sr. Presidente do Brasil”. *Novidades* (6 fev. 1928), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 4-5;

_____, “Cartas do Brasil: De como a nossa língua figura no palco internacional”. *Novidades* (17 fev. 1928), p. 5, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Dizem-se coisas a respeito do Carnaval do Rio de Janeiro”. *Novidades* (21 fev. 1928), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Fala-se dos jesuítas portugueses”. *Novidades* (6 mar. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: De como um português quer morrer ouvindo os sinos da sua aldeia”. *Novidades* (12 mar. 1928), p. 1, col 3-4.

_____, “Cartas do Brasil: Juizado de menores versus Corte de Apelação”. *Novidades* (27 mar. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Fala-se na Santa Casa do Rio de Janeiro”. *Novidades* (2 abr. 1928), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 3.

_____, “Cartas do Brasil: Diz-se algo sobre o turismo”. *Novidades* (8 abr. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Continua a falar-se de turismo”. *Novidades* (16 abr. 1928), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 6.

_____, “A Liga das Nações e o Brasil”. *Novidades* (21 abr. 1928), p. 1, col. 6-7.

- _____, “Cartas do Brasil: Fala-se na adoração perpétua”. *Novidades* (26 abr. 1928), p. 5, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: O homem que baila duzentas horas”. *Novidades* (6 maio 1928), p. 6, col. 3-5.
- _____, “Cartas do Brasil: Fala-se num caso lamentável”. *Novidades* (13 maio 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Um cabaz de notícias”. *Novidades* (17 maio 1928), p. 4, col. 4-5.
- _____, “Cartas do Brasil: O dia do encarcerado”. *Novidades* (22 maio 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: A Pascoa dos militares e dos intelectuais”. *Novidades* (6 jun. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Volta à balha o voto feminino”. *Novidades* (15 jun. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Os portugueses festejam Dom Sebastião Leme”. *Novidades* (23 jun. 1928), p. 4, col. 4-5.
- _____, “Cartas do Brasil: Jesus Cristo nos tribunais”. *Novidades* (24 jun. 1928), p. 3, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: O dia de Santo António”. *Novidades* (5 jul. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Afonso Lopes Vieira foi no Brasil o melhor diplomata do pensamento e da cultura da raça comum. Desta embaixada lusíada Portugal saiu aprovado com distinção”. *Novidades* (17 jul. 1928), p. 1, col. 5-6; p. 5, col. 1-3.
- _____, “Cartas do Brasil: Ainda o Sr. Lopes Vieira”. *Novidades* (23 jul. 1928), p. 4, col. 1.
- _____, “Cartas do Brasil: A confiança que inspiram as finanças de Portugal”. *Novidades* (30 jul. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Cordialidade da Igreja e do Estado”. *Novidades* (7 ago. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Fala-se de que não deve vir ao Brasil”. *Novidades* (14 ago. 1928), p. 5, col. 5.
- _____, “Cartas do Brasil: O descontentamento das Academias”. *Novidades* (16 ago. 1928), p. 4, col. 2-3.
- _____, “Cartas do Brasil: Resposta a quatro cartas”. *Novidades* (23 ago. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Motivos de confiança”. *Novidades* (3 set. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: A apoteose de um aviador (o italiano Carlos del Prete, o 1º a transpor o Atlântico, de Roma ao Brasil)”. *Novidades* (7 set. 1928), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 1.
- _____, “Cartas do Brasil: A exposição Alves Cardoso”. *Novidades* (11 set. 1928), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 4;
- _____, “Cartas do Brasil: O Sr. Dr. Egas Moniz”. *Novidades* (12 set. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: O dia das filhas de Maria”. *Novidades* (18 set. 1928), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Duas causas importantes”. *Novidades* (29 set. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Catecismo, congregações mexicanas e presbitérios *Novidades* (2 out. 1928), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas do Brasil: Homenagem lusa ao Chanceler do Brasil”. *Novidades* (14 out. 1928), p. 1,

col. 4-6; p. 2, col. 2.

_____, “Cartas do Brasil: Chegada de emigrantes”. *Novidades* (20 out. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: A circular do Sr. Craveiro Lopes”. *Novidades* (24 out. 1928), p.1, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Ainda a circular do Sr. Craveiro Lopes”. *Novidades* (26 out. 1928), p. 4, col. 4-5.

_____, “Cartas do Brasil: Em torno de uma praça e de um templo”. *Novidades* (31 out. 1928), p. 1, col. 3-5.

_____, “Cartas do Brasil: A caravana luso-brasileira”. *Novidades* (4 nov. 1928), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 2.

_____, “Cartas do Brasil: Semana social do Rio de Janeiro”. *Novidades* (7 nov. 1928), p. 4, col. 5-6.

_____, “Cartas do Brasil: Deverá vir ao Brasil a Banda Republicana?”. *Novidades* (8 nov. 1928), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Sociedade de Santo Ivo”. *Novidades* (30 nov. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Sociedade de São Lucas”. *Novidades* (3 dez. 1928), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Jackson de Figueiredo”. *Novidades* (5 dez. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Visconde de Moraes”. *Novidades* (9 dez. 1928), p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas do Brasil: Como se arranja dinheiro”. *Novidades* (21 dez. 1928), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 3.

_____, “Cartas do Brasil: Uma consagração e uma desgraça”. *Novidades* (29 dez. 1928), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Conferência nacionalista”. *Novidades* (30 dez. 1928), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Noite de Natal”. *Novidades* (14 jan. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: A visita do Sr. Hebert Hoover”. *Novidades* (20 jan. 1929), p. 5, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: João Grave morto e ressuscitado”. *Novidades* (5 fev. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: O meu automóvel”. *Novidades* (9 fev. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Algo se diz do progresso paulista”. *Novidades* (14 fev. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas do Brasil: Retiros reclusos”. *Novidades* (16 fev. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas do Brasil: Cristo nos tribunais”. *Novidades* (28 fev. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas italianas: A nova Câmara”. *Novidades* (10 mar. 1929), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas italianas: O orgulho da Raça”. *Novidades* (11 mar. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas italianas: Um feixe de notícias”. *Novidades* (16 mar. 1929), p. 4, col. 4.

_____, “Cartas italianas: O fascismo e a questão romana”. *Novidades* (21 mar. 1929), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1-2.

_____, “Cartas italianas: No Montecassino”. *Novidades* (23 mar. 1929), p. 1, col. 5-6.

_____, “Cartas italianas: Um canto de Portugal”. *Novidades* (28 mar. 1929), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas italianas: Entrevista com o decano do Sacro Colégio, Sua Eminência o Cardeal Vicente Vannutelli”. *Novidades* (29 mar. 1929), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 1.

- _____, “Cartas italianas: A Cruz do Coliseu”. *Novidades* (31 mar. 1929), p. 6, col. 5-6.
- _____, “Cartas italianas: O Colégio Português em Roma”. *Novidades* (4 abr. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas italianas: A Páscoa portuguesa”. *Novidades* (7 abr. 1929), p. 1, col. 6-7.
- _____, “Cartas italianas: Os 5000 franceses”. *Novidades* (14 abr. 1929), p. 6, col. 1-2.
- _____, “Cartas italianas: Fala-se de Portugal”. *Novidades* (17 abr. 1929), p. 1, col. 6-7.
- _____, “Cartas italianas: Entrevista com Sua Eminência o Cardial Aquiles Locatelli”. *Novidades* (21 abr. 1929), p. 1, col. 2-3.
- _____, “Cartas italianas: De como, falando de Santo António, se fala dos portugueses”. *Novidades* (26 abr. 1929), p. 1, col. 6-7.
- _____, “Cartas italianas: As maravilhosas grutas de Postúmia são um cofre de joias preciosas”. *Novidades* (28 abr. 1929), p. 1, col. 5-6; p. 2, col. 2-3.
- _____, “Cartas suíças: A propósito da Villa Rhatia”. *Novidades* (4 maio 1929), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1.
- _____, “Cartas suíças: A vila Rhatia”. *Novidades* (6 maio 1929), p. 4, col. 1-2.
- _____, “Cartas espanholas: Cousas de Barcelona”. *Novidades* (13 maio 1929), p. 3, col. 6-7.
- _____, “Cartas espanholas: A abertura da exposição de Sevilha”. *Novidades* (14 maio 1929), p. 6, col. 5-6.
- _____, Exposição Ibero-Americana de Sevilha: O Pavilhão Português. *Novidades* (17 maio 1929), p. 1, col. 3; p. 3.
- [?], “O Congresso Mariano de Sevilha: Desfile do cortejo para a Catedral – Desfile do cortejo para a Catedral; A Giralda em festa; Homenagem à Rainha dos Reis; A apresentação dos Prelados Portugueses. *Novidades* (18 maio 1929), p. 1, col. 3-5; p. 3, col. 4-5. [“Especial para as ‘Novidades’”; artigo não assinado].
- _____, “Cartas espanholas: O Pavilhão de Portugal em Sevilha”. *Novidades* (18 maio 1929), p. 6, col. 4-5.
- _____, “O Congresso Mariano de Sevilha: Continuam as devoções e as sessões de estudo. O deslumbramento das iluminações. Exposição de arte mariana. Visita dos Prelados portugueses ao nosso Pavilhão”. *Novidades* (19 maio 1929), p. 1, col. 6-7.
- _____, “O Congresso Mariano de Sevilha: Hora Santa Mariana. O maravilhoso tesoiro da Catedral. Um eloquente sermão do Sr. Bispo de Lérida”. *Novidades* (21 maio 1929), p. 1, col. 3-5; p. 5, col. 1-2.
- _____, “O Congresso Mariano de Sevilha: Maravilhosa procissão final. Um cortejo histórico. O entusiasmo da multidão. A dança litúrgica”. *Novidades* (23 maio 1929), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 2.
- _____, “O Congresso Mariano de Sevilha: A cavalgada histórica (Especial para as Novidades)”. *Novidades* (24 maio 1929), p. 6, col. 5-6.
- _____, “Cartas de Bragança: Uma reunião de curso”. *Novidades* (17 jul. 1929), p. 4, col. 2-3.

_____, “D. Sebastião Leme: Vinte e cinco anos de glória para a Igreja”. *Novidades* (28 out. 1929), p. 1, col. 4; p. 4, col. 7.

_____, “Às terças e sextas: Do Rio à Baía; Voltando a memória para traz; Entre dois círculos imensos; Uma silhueta verde e branca; A oratória baiana”. *Novidades* (29 out. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Em S. Salvador da Baía: Duas estátuas feridas pela ironia; A eloquência dum púlpito e dum quadro; A maravilha de S. Francisco; Um soberbo episódio de história colonial”. *Novidades* (1 nov. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Na cidade de Recife: O Senhor do Bonfim; Coisas artísticas do Recife; A Veneza brasileira; Fala-se nos Colégios Nóbrega e Vieira; Os jesuítas”. *Novidades* (5 nov. 1929), p. 1, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: Uma catedral ambulante: A vida fastidiosa de bordo; Missa a S. Francisco. O que eu diria se fosse o pregador. Glórias franciscanas e portuguesas”. *Novidades* (8 nov. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: No porto de Dakar: Na terra onde as epidemias não morrem; Do que mais gostam os antropófagos; Justiça aos missionários; De como uma chibata é um talismã”. *Novidades* (15 nov. 1929), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 4.

_____, “Às terças e sextas: Em Casa Branca: A formidável agitação do porto; À memória de Foucauld; Nós pensamos às avessas; A policromia alegre dos vestuários”. *Novidades* (19 nov. 1929), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1.

_____, “Às terças e sextas: Nos bazares de Casa Branca: A algazarra dos bazares; A oração dos filhos de Islam; Enquanto os europeus defendem o progresso... Os nossos braços na casa dos outros”. *Novidades* (22 nov. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Marrocos franciscano; As armas do amor e a força de saber morrer; Franciscanos irmãos gémeos dos navegadores; Raides de glória e raides de paz; As três capitais”. *Novidades* (26 nov. 1929), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1.

_____, “Às terças e sextas: Na cidade de Rabat: E digam que Marrocos é... Marrocos; Cidades, jardins e bairros velhos; De como se despeja um... cadáver; Desfiando contas a... Allah”. *Novidades* (29 nov. 1929), p. 4, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Centenário de Santo António: Il Santo. Santo António o santo mais amado no mundo. Não se explica a nossa inércia. Sejam todos sinetas de Santo António”. *Novidades* (3 dez. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: As festas antonianas. Ação do governo italiano por Santo António. O programa dos festejos em Pádua. Necessidade de Portugal fazer alguma cousa. Deixem-me sonhar...”. *Novidades* (6 dez. 1929), p. 6, col. 1-2;

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António. Sejam campanários do Santo; Um grande sábio, grande pregador e condutor de homens; A voz da caridade, da coragem e da desfronça”. *Novidades* (10 dez. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Ainda por Santo António: A figura da repetição. Aplausos do nosso ministro junto do Vaticano. Um painel de azulejo português. A maquete e a casa de Santo António”. *Novidades* (13 dez. 1929), p. 6, col. 6-7;

_____, “Às terças e sextas: Santo António, o sábio. Santo António na Academia das Ciências. Algo do que ele escreveu. Por Santo António professores e estudantes. Uma ideia vitoriosa”. *Novidades* (17 dez. 1929), p. 6, col. 1-2;

_____, “Às terças e sextas: Santo António, o santo de todos: A sua elegância moral. A sua sabedoria e a sua raça. O tribuno do povo. Fonte de beleza e exemplo culto de santidade”. *Novidades* (20 dez. 1929), p. 1, col. 6-7.

_____, “As Festas do Centenário: Devemos fazer mais do que os outros; Necessidade de uma Comissão Nacional; Não meter a foice na seara alheia; Esperemos pela ordem dos Franciscanos”. *Novidades* (24 dez. 1929), p. 1, col. 3-5.

_____, “Os presépios do Natal: De como S. Francisco de Assis festejou o Natal do Deus Menino”. *Novidades* (25 dez. 1929), p. 9, col. 1-2.

_____, “Santo António pacificador: A Itália em plena batalha; Os triunfos das conciliações; De como se domina um tirano; Auxilia a vitória de Milão”. *Novidades* (27 dez. 1929), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Santo António contra a usura; O vício da usura era o vício dominante; O grande milagre de um coração vivo no cofre de um agiota; Pela liberdade dos devedores insolúveis”. *Novidades* (3 jan. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Centenário antoniano; O país quer festejar Santo António; Sintomas de cooperação; Esperemos a palavra de ordem; Pelo Santo todos podem e devem trabalhar”. *Novidades* (10 jan. 1930), p. 1, col. 5-6; p. 3, col. 4.

_____, “Às terças e sextas: Cristo no Corcovado; Mais de 5000 contos da nossa moeda; Uma ideia bela e atrevida; Um leader e um apóstolo; Algarismos expressivos”. *Novidades* (14 jan. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 4.

_____, “Às terças e sextas: A estátua do Corcovado; Problemas de engenharia e arquitetura; Por dentro cimento armado, por fora mosaico; Um milagre permanente; Palpita nela a alma do Brasil”. *Novidades* (17 jan. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: “Os mártires ingleses; O que se não vê na lista dos novos beatos; De como se torturavam os católicos; Vingança da justiça divina; A fecundidade do sangue mártir”. *Novidades* (24 jan. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: A favor da família; Uma associação oportuna; Os grandes serviços que ela presta; Excesso no pedir e descaro no dar; Lição aos estadistas, sociólogos e moralistas”. *Novidades* (28 jan. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 6.

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António; Uma carta molhada em lágrimas; O que são os alunos do Colégio Português em Roma; Um extrato de carta; Esperemos por ordens”. *Novidades* (7 fev. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Beata Paula Frassinetti – Uma benemérita pedagoga; Recordar-se José Mazzéni; Como surgiu a Congregação das Doroteias; Alegria de muitos lares portugueses”. *Novidades* (11 fev. 1930), p. 6, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: A autoridade do Santo Padre”. *Novidades* (14 fev. 1930), p. 4, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António; Teremos um grande centenário; O que a propósito já ordenou Sua Eminência; Vendam-se e comprem-se só objetos e imagens de Santo António de Lisboa”. *Novidades* (18 fev. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: A maior figura de Portugal; Depois de S. Francisco, Santo António; Fala-se no ato sorbónico; O mais cedo canonizado; Prova-se pela ciência, santidade e benemerências”. *Novidades* (21 fev. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 2.

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António – O Sr. Presidente da República preside à Comissão Nacional; Não será só a Itália, também será Portugal; Santo António tenente-coronel por distinção; Cooperação das academias”. *Novidades* (25 fev. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António – Santo António e Dom Nuno; A universalidade do seu culto; Responde-se a uma objeção; Alude-se a S. Francisco Xavier”. *Novidades* (28 fev. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Por Santo António – A figura da repetição; Silêncio insuportável; O que se está fazendo na França, Espanha, Brasil e Itália; Grite-se a favor de Santo António”. *Novidades* (4 mar. 1930), p. 1, col. 6-7;

_____, “Às terças e sextas: Uma ideia... irrealizável; De como uma coisa simples é... difícil; Imagine-se uma consulta a Pádua e à Itália; O que responderia Mussolini; Onde em Portugal uma Basílica digna de Santo António?”. *Novidades* (11 mar. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Uma ideia... realizável; Na portinhola de um comboio; A ideia de um médico católico; De como viajando se sonha; O cinema de Santo António”. *Novidades* (14 mar. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Modos de ver; Porque se não concorda com o articulista; Recordar-se o feito com S. Francisco e Joana d’Arc; Como Santo, a Igreja; como cidadão, a Pátria”. *Novidades* (18 mar. 1930), p. 1, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: Ainda modos de ver; Falsos perfis inevitáveis; O que sucedeu na Itália; Por fim tudo deu certo; A lenda antoniana é pretexto para campanhas nobres”. *Novidades* (21 mar. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Em marcha... A cooperação da imprensa; O ardor da mocidade; Um filme antoniano; Romarias da América do Norte”. *Novidades* (25 mar. 1930), p. 1, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: Imagens do Santo; Murilo e Santo António; Em França e em Paris; Uma figura cosmopolita; Há muito a fazer em Portugal”. *Novidades* (28 mar. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Santo António Doutor; À guisa de preambulo; Pregador que enche um século; Entre os doutores da Igreja; Ciência de Portugal”. *Novidades* (1 abr. 1930), p. 1, col. 6-7; p.

2, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: A ciência de Santo António; De menino do coro a Cónego Regrante; Dominando a Bíblia e os Santos Padres; Na cátedra e no púlpito; Testemunhos insuspeitos”. *Novidades* (4 abr. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Santo António pregador; Ótimas qualidades físicas; De como se revelou em Forli; Efeitos da palavra e da unção; As multidões em penitência”. *Novidades* (8 abr. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Às terças e sextas: Milagre das línguas. Santo António em Roma; Discorre-se sobre o milagre assombroso; S; Francisco Xavier nas índias; Gregório IX e o nosso Taumaturgo”. *Novidades* (11 abr. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 3.

_____, “Luto do episcopado brasileiro: O Cardial Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, faleceu na passada sexta-feira. As benemerências da sua vida. Alguns dados biográficos. O funeral terá honras nacionais, correspondentes às de vice-presidente da Republica. Sucede ao Cardial Arcoverde o Sr. Sebastião Leme, alta figura do episcopado e grande amigo de Portugal”. *Novidades* (20 abr. 1930), p. 6, col. 3-4.

_____, “Às terças e sextas: Santo António e Pio XI; Uma carta do Santo Padre; Uma exceção honrosíssima; No pé de igualdade de S. Francisco de Assis; Se Santo António fosse francês...”. *Novidades* (25 abr. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 2-3.

_____, “Às terças e sextas: Santo António e o Brasil; Glórias comuns de Portugal e Brasil; Um significativo facto histórico; Santo António tenente-coronel de dois exércitos; Peregrinações brasileiras à casa do Santo”. *Novidades* (29 abr. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: Uma ideia delicada; Lembra-se a figueira de um campanário; Os nomes têm o encanto das pessoas; Milagres de Santo António a crianças; As crianças anunciaram-lhe a morte”. *Novidades* (9 maio 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Às terças e sextas: O Jubileu de Santo António; Como no Jubileu da Porciúncula; A sua importância nos tempos medievais; Mais um motivo para romarias à casa de Santo António”. *Novidades* (16 maio 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Dom Sebastião Leme: O novo Cardeal do Rio de Janeiro”. *Novidades* (3 jul. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O Cardeal do Brasil; Porque me dispenso de uma descrição; Vendo centenas de telegramas; Homenagem de Portugal ao Brasil; Homenagens do Brasil a Portugal”. *Novidades* (16 jul. 1930), p. 6, col. 1-2.

CASTRO, P.^e José de [SANTA RITA, J.], “Cartas de Roma: Duas canonizações – Um quadro feérico; As duas novas santas; Desfila o cortejo maravilhoso; Oitenta mil pessoas delirantes de fé”. *Novidades* (2 jul. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os presentes oferecidos ao Santo Padre – O simbolismo dos círios; Os barris de água e vinho; O que significam o pão e as rolas; Uma gaiola de pássaros”. *Novidades* (7 jul. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Uma carta sem notícias – Fala-se no dito de uma velha; Três grandes preocupações; Os gatos de Lisboa e os de Roma; Por causa dos gatos, lembram-se pombas, cisnes, cães e ursos”. *Novidades* (3 ago. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Duas missas novas – Sobre o túmulo de São Pedro; É desgraçada a palavra «só»; Junto de N. Senhora de Fátima; É terrível a palavra «mas»; Venham alunos para Roma”. *Novidades* (8 ago. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Colégio Português – A melhor obra e Portugal no estrangeiro; A sua importância internacional; Números de ouro e de glória; Uma afirmação estupenda; Se os católicos quisessem...”. *Novidades* (13 ago. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 36, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Trata-se um assunto portuguesíssimo; É preciso que os católicos portugueses salvem uma das suas Dioceses; Um apelo às almas generosas de Portugal”. *Novidades* (21 ago. 1930), p. 1, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A cidade de hoje; O seu grande progresso; Nova organização de tráfego; Medidas esplêndidas para os que não têm trabalho; Uma irónica interpretação que não tem razão de ser”. *Novidades* (23 ago. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A corte militar do Santo Padre; Fala-se na Guarda Suíça; Donde procede a Guarda Nobre; A Guarda Palatina; Os Gendarmes Pontifícios”. *Novidades* (3 set. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A corte Pontifícia – Os grandes postos do Vaticano; A corte eclesiástica; Desfilam as figuras da corte civil; Por onde se fica tendo uma ideia de um grande deslumbramento”. *Novidades* (7 set. 1930), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A cor de Roma – A cor de café com leite; Montanhas de pedra; Vem a propósito um dito de Leão XIII; Cada cidade com a sua cor; O colorido do Porto e de Lisboa”. *Novidades* (15 set. 1930), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: O Senhor Bispo de Macau – Uma grande figura de português; Um apóstolo que dá saúde e converte; Opina-se por um curso na Sociedade de Geografia”. *Novidades* (19 set. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Frá Jacopone de Todi – Um centenário encantador; Amor que não é amado; O poeta mais lírico das letras; Como Dante é melhor do que Dante”. *Novidades* (26 set. 1930), p. 1, col. 5-6; p. 3, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: São João de Deus – Na Ilha Tibrina; Os Fate-Bene-Fratelli de São João de Deus; Um centenário que Portugal não celebra; Um doido de amor pelos doidos; Que pena a falta de memória dos portugueses”. *Novidades* (29 set. 1930), p. 1, col. 2-3.

_____, “O milagre de São Januário – O que São Januário é para os napolitanos; A maravilha da capela; O exótico feito dos seus devotos; O encantamento da visão de Nápoles”. *Novidades* (1 out. 1930), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O dia das Missões – Universal movimento de opinião; As grandes necessidades das Missões; O dia de piedade pelos infiéis; O que as nações coloniais fazem pela civilização do mundo”. *Novidades* (5 out. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O Apóstolo da imprensa – Padre Claret nos domínios da imprensa; O maior missionário do século XIX; Uma herança gloriosa; Impavidez no sofrimento”. *Novidades* (10 out. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: O sino da glória – Em meio de cemitérios um sino; Em torno do sino as romarias da saudade; Sufragaram-se os militares portugueses; Um colossal aparelho radiofónico”. *Novidades* (20 out. 1930), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Química e psicologia – As substâncias químicas resolvendo problemas de uniões conjugais; O homem sódio e o homem cal; Complicações de sais químicos; Coisas estrambólicas”. *Novidades* (22 out. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santa Margarida de Cortona – Porque se gosta de Cortona; Uma história de lágrimas e de penitência; A formosura de um vale; Entre duas apoteoses”. *Novidades* (26 out. 1930), p. 1, col. 1-2; p. 4, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Médicos e artistas – São Lucas, padroeiro de médicos e artistas; O Santo Padre fala aos médicos; A Academia de S. Lucas; Divaga-se em torno dela e dos «virtuosi» do Panteon”. *Novidades* (1 nov. 1930), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: A nova sede da Universidade Gregoriana – Os vaivéns da Universidade; Um episódio muito interessante; Aspeto geral do palácio”. *Novidades* (10 nov. 1930), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Uma festa portuguesa – Uma academia em honra de Nuno Álvares; Poesias e discursos; Canções muito evocativas; Uma Missa Nova em São Pedro”. *Novidades* (12 nov. 1930), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Exéquias pelos Cardiais mortos – Aspeto da Capela Sistina; Chega o Santo Padre; O canto da Capela; Observa-se o Juízo Final de Miguel Ângelo”. *Novidades* (14 nov. 1930), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Os Cavaleiros de Malta - De como nasceu a Ordem; História que parece lenda; De Chipre para Rodes; Páginas de Heroísmo”. *Novidades* (20 nov. 1930), p. 4, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Os cavaleiros de Malta – De como tomaram conta de Malta; A capela portuguesa; Dois Grão-Mestres que honram Portugal”. *Novidades* (21 nov. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Centenário de Santo António – Um «film» antoniano; Grande movimento e peregrinações; Uma exposição de arte sacra; Um Congresso Internacional”. *Novidades* (25 nov. 1930), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Os Portugueses de Roma e Santo António – O Pão de Santo António; Um

tríduo de Pontificais; Uma academia literária; Portugal junto do túmulo de Santo António”. *Novidades* (26 nov. 1930), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Igreja de S. Agostinho – O deslumbramento de uma igreja; Rafael defende uma obra sua; Nossa Senhora do Parto; Um grande artista”. *Novidades* (3 dez. 1930), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Um grande amigo de Portugal – O Com. Pierotti na hora da morte a brindar por Portugal; Como nasceu esta amizade; Um amigo precioso; O pesar dos portugueses”. *Novidades* (5 dez. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: A Peregrinação a Pádua – Uma soberba afirmação nacional; Recordam-se as romarias aos túmulos dos soldados; O que fazem os outros povos; Não temos direito a queixumes”. *Novidades* (9 dez. 1930), p. 5, col. 1-2; p. 3, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Todos podem e devem trabalhar por S. António – Apaixonados das almas belas; Enamorados da ciência; Entusiastas do sangue azul; Doidos pelo povo e fanáticos pela beleza”. *Novidades* (10 dez. 1930), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Padroeira da pólvora e das armas de fogo; Santa Maria de Traspontina; História e lenda; O martírio da Virgem Cristã; Como nasceu o culto da santa”. *Novidades* (15 dez. 1930), p. 8, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santo António em Roma – O que é historicamente certo; A poesia dos «Fioretti»; Os últimos passos evangélicos; Fonte de inspiração e o santuário das minas de sal”. *Novidades* (16 dez. 1930), p. 2, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: A festa da paz de Latrão – Um belo discurso de Mussolini; Verdades como punhos; A nova festa dentro da lógica; As nações agnósticas fora da moda”. *Novidades* (23 dez. 1930), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Escola de ‘Garçons’ – Uma escola interessante; As complicações para quem começa; Estudo prático e teórico; O perigo de um bacharelato...”. *Novidades* (24 dez. 1930), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 7.

_____, “O recente discurso do Santo Padre – A obra das missões e a crise mundial; A legião dos desempregados; O sofrimento da Igreja; Contra a Concordata de Latrão”. *Novidades* (1 jan. 1931), p. 4, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: A fala do Santo Padre – A paz de Cristo; Contra o nacionalismo egoísta; Onde vem a verdadeira paz; A razão da nova Encíclica”. *Novidades* (3 jan. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Presépios Vivos – A vantagem das figuras animadas; As melodias serranas; Um cortejo de pastores; A imponência dos Reis Magos”. *Novidades* (11 jan. 1931), p. 3; col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Congresso Eucarístico de Dublin – A Irlanda a salvo de conquistas; O Apóstolo S. Patrício; Refúgio de Perseguidos; Fonte de luz”. *Novidades* (12 jan. 1931), p. 1; col. 7.

_____, “Cartas de Roma: O Sr. Patriarca das Índias – A caminho de Veneza por Pádua; O banquete do Ministro de Portugal junto da Santa Sé; O caminho do Santo Padre; Saudade e gratidão dos alunos do Colégio Português”. *Novidades* (16 jan. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Centenário de S.^{to} António – Um anúncio vibrante; Um novo Santuário; O que disse um cavalheiro de gravata e colarinho; Abatimento nos preços dos comboios”. *Novidades* (18 jan. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Nova Encíclica – O trinómio de St.^o Agostinho; Erros e perigos morais; As vantagens da indissolubilidade; Os remédios gerais e particulares”. *Novidades* (19 jan. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O que vi em Pádua – O que um português sente em Pádua; Não digo uma coisa para dizer outra; Falando com o Bispo de Pádua; Portugal na Comissão Internacional de Honra”. *Novidades* (21 jan. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O que ouvi em Pádua – A divisa dos festejos; Inauguração do Congresso dos Meninos do Coro e do Santuário de Arcella; Treze Pontificais; Portugal oficialmente nas festas centenárias”. *Novidades* (22 jan. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Grande honra para Portugal – Intercâmbio intelectual e religioso entre a Itália e Portugal; Junto do berço e junto do túmulo; Naquele dia a Basílica pertencerá à pátria de Santo António; Uma subscrição”. *Novidades* (24 jan. 1931), p. 6, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Por alma de Bento XV – Observando o fresco do juízo final; Como se recorda a ação de um grande Papa; O que lhes queria dizer e pouco digo”. *Novidades* (28 jan. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Por alma de Bento XV – Observando o fresco do juízo final; Como se recorda a ação de um grande Papa; O que lhes queria dizer e pouco digo”. *Novidades* (29 jan. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Uma carta que nos honra – A carta do Sr. Bispo de Pádua ao Sr. Cardial; O conceito que se faz de nós; Consequências admiráveis de propaganda; O sucedido na Embaixada de Espanha”. *Novidades* (4 fev. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Como se trabalha na Itália – O argumento de Colombo; O que seria de S. António se não tivesse morrido a Itália?; De como se faz propaganda do centenário; Governo, imprensa e companhias”. *Novidades* (6 fev. 1931), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Uma academia no Colégio Português – De como o Colégio é uma prova da nossa existência geográfica; Assistência brilhantíssima; Música, canto e poesia; Dois discursos de primeira ordem”. *Novidades* (11 fev. 1931), p. 1, col. 1-2; p. 3, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: André del Sarto – Um episódio sucedido em Florença; Duas anedotas de muita significação; Referência especial a dois quadros; O pintor das crianças”. *Novidades* (13 fev. 1931), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A receção no Palácio Colonna – Salões abertos pela primeira vez desde 1870; Recordam-se grandes nomes; A maravilhosa riqueza das salas; ‘Sic transit gloria mundi’”. *Novidades* (15 fev. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Impressão da grande imprensa – De como se recorda o Sr. Bispo de Portalegre; o que os jornais estrangeiros têm dito da carta do Bispo de Pádua; A tristeza do nosso silêncio; O Santo nos domínios religioso, social e político”. *Novidades* (19 fev. 1931), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: A festa da coroação – Atividades em favor da paz; um grande deslumbramento; Deus não pode esperar; O Papa da Ação Católica e das Missões”. *Novidades* (21 fev. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Um Santo de Fraque – Com o prestígio da ciência a auréola da santidade; Sem jeito para bailar; Um episódio de Santa Teresa; Como Contardo Ferrini chegou a ser santo”. *Novidades* (21 fev. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O carnaval romano – Não se faz ideia; A variedade dos costumes; Serpentinhas, rios de luz e cavalos em fúria; Tudo termina a toque de... caixa”. *Novidades* (26 fev. 1931), p. 6, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A quaresma romana – A má imprensa; O cinematógrafo; A profanação dos dias de preceito; A formidável coragem moral de Sua Santidade”. *Novidades* (27 fev. 1931), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: A quaresma romana – A má imprensa; O cinematógrafo; A profanação dos dias de preceito; A formidável coragem moral de Sua Santidade”. *Novidades* (6 mar. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: As festas a Santo António – O que disse o ‘Osservatore Romano’; Retumbante furo jornalístico; Mussolini à frente das festas de S. António; Nações que já aderiram à exposição de arte sacra”. *Novidades* (7 mar. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Padre e Santo António – A Carta Apostólica do Santo Padre; Formidável propaganda de Portugal; O que ela aplaude e exalta; O que nos cumpre fazer”. *Novidades* (15 mar. 1931), p. 1, col. 3-6; p. 3, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: O Beato Angélico – Uma festa encantadora; Ouvindo músicas do século doze; Um filão de arte incomparável; Pouco ou nada adiantámos”. *Novidades* (16 mar. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 2, col. 4.

_____, “Cartas de Roma: Servir a Igreja – Fala o Geral dos Padres Dominicanos; Um silogismo arrojado e verdadeiro; Contra uma distinção maquiavélica; Intelligentibus pouca”. *Novidades* (20 mar. 1931), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Um feixe de notícias – Uma antítese interessante; Desde Nicolau V até nossos dias; Ingresso de máquinas no Vaticano; A estação do Rádio”. *Novidades* (21 mar. 1931), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Pelo prestígio de Portugal – Pela primeira vez se fala ao mundo inteiro em língua portuguesa; A nossa língua nos documentos pontifícios; A hábil diplomacia do nosso ministro junto do Vaticano; Obras na igreja de Santo António dos Portugueses”. *Novidades* (27 mar. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: O belo exemplo da Hungria – Reunião coletiva dos Bispos húngaros; O que ela resolveu; Diferença entre os húngaros e os portugueses; Porque o Congresso Missionário de Barcelos se não intitula de Santo António; Subscrição a favor da romaria do Colégio Português”. *Novidades* (30 mar. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Gregoriana e o Concílio de Éfeso – Um coro de 600 vozes; O credo de «De Angelis»; Uma conferência magnífica; A evocação dos Padres de Éfeso”. *Novidades* (3 abr. 1931), p. 4, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Ruínas de glória – Foro e Mercado de Trajano; O que se deve a Conrado Ricci; A rua Biberatica; De como um cidadão começa a sonhar”. *Novidades* (5 abr. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Semana Santa Portuguesa – A nossa igreja foi das primeiras; A primeira das festas portuguesas; Milagre de Santo António...; A liturgia e o canto na igreja de Santo António”. *Novidades* (11 abr. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Festas e peregrinações Antonianas – A carta do Sr. Cardial de Lisboa ao Bispo de Pádua; O que os P. P. Franciscanos fazem cá fora; Peregrinações neste mês de Abril; Congressos Missionários”. *Novidades* (12 abr. 1931), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Páscoa portuguesa – Diferença da páscoa daqui e da páscoa daí; Recordase um quadro encantador; A páscoa dos portugueses no palácio do Ministro junto da Santa Sé; A presença do Cardeal Bisleti”. *Novidades* (17 abr. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Uma igreja fundada por Santo António – A ilha de São Francisco do Deserto; O santo milagre dos pássaros; Influência de Santo António com a Senhora Sereníssima”. *Novidades* (20 abr. 1931), p. 1, col. 6-7; p. a, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Uma igreja fundada por Santo António – A ilha de São Francisco do Deserto; O santo milagre dos pássaros; Influência de Santo António com a Senhora Sereníssima”. *Novidades* (24 abr. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: A feira de Milão – De como uma feira é um estímulo, um desafio e uma vitória; Uma cátedra, uma oficina e um balcão; Uma série de exemplos; Menos ignorância e desejo de comprar”. *Novidades* (25 abr. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Casa da Divina Providência – 8.000 doentes e 3.000 enfermeiros; Um espetáculo desolador; Nem um ceitel de património; Resposta de Dom Bosco a Cotelengo”. *Novidades* (1 maio 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Más nuvens sobre a Palestina – A visita do Primaz anglicano; Fins desta visita e seus perigos; Quem tem direito à entrada solene; O que se espera para evitar conflitos”. *Novidades* (3 maio 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O pinheiro do Capitólio – Porquê tanto alarido?; A queda de um pinheiro e a morte de um gato; A romaria dos intelectuais; O que se resolveu”. *Novidades* (8 maio 1931), p. 1, col. 3-5; p. 7, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Réplica formidável do Santo Padre – Alfinetadas de Ciarati; Como se denuncia uma injúria; Responde-se a duas objecções; O que é ser católico”. *Novidades* (11 maio 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Festas em Pádua – O Cardeal Legado e a sua comitiva; Gentilezas do Santo Padre com Portugal; Um filme Antoniano; Portugal junto do relicário de Pádua”. *Novidades* (14 maio 1931), p. 1, col. 7; p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: O milagre de S. Januário – A origem da festa; Quarenta estátuas de prata e ouro; A pompa única das procissões; A liquefação do sangue”. *Novidades* (15 maio 1931), p. 5, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A «Rerum Novarum» – 10.000 operários católicos ouvem a missa do Santo Padre; À procura dos operários portugueses; Seis discursos numa tarde; A soberba manifestação no pátio de São Dâmaso”. *Novidades* (22 maio 1931), p. 5, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Festas a St.^o António em Roma – Preparativos para os festejos; O que se tem feito na nossa igreja nacional; Uma série de pontificais; Um livro muito a propósito”. *Novidades* (29 maio 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Vamos a Pádua – Grande número de peregrinações; Vir a Pádua é ato de fé e patriotismo; Um lindo passeio”. *Novidades* (3 jun. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Peregrino do amor antoniano – O Sr. Lopes Vieira entre nós; Uma linda e portuguesa audácia; Através de um roteiro de piedade e glória; A inauguração do Centenário Antoniano”. *Novidades* (6 jun. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As nossas festas a S. António – A ternura portuguesa nas festas; De todas a mais linda; A riqueza e a pompa da liturgia; Afinal Portugal primeiro que a Itália”. *Novidades* (20 jun. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santo António e a Senhora de Fátima – Cardeal Locatelli português honorário; Chegada milagrosa de N. S. de Fátima; Felizes coincidências; O que N. S. de Fátima fará em Roma”. *Novidades* (22 jun. 1931), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Museu Anti-Religioso – Pelas salas de um museu em Moscovo; Revoltante mistura de símbolos opostos; instrumentos de suplício; Uma série de plásticas pervertedoras”. *Novidades* (27 jun. 1931), p. 3, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: A Exposição de Arte Sacra em Pádua – Fora dos moldes clássicos; O prato de resistência; Um milhão de quadros; A secção futurista”. *Novidades* (28 jun. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Assuntos de momento – O ‘caldo’ italiano; A preocupação das férias; Recordar-se o homem que ia ao... Porto; O que eu prefiro”. *Novidades* (3 jul. 1931), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Assuntos de momento – O ‘caldo’ italiano; A preocupação das férias; Recordar-se o homem que ia ao... Porto; O que eu prefiro”. *Novidades* (4 jul. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santa Joana d’Arc – De Domremy a Orleans; Vestida de guerreiro; A traição de Carlos VII; No suplício e na fogueira; Um coração que resiste ao fogo”. *Novidades* (9 jul. 1931), p. 1, col. 5-7; p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Legislação Universitária da Igreja – A Igreja pela ciência; As Universidades de ontem e de hoje; Um dito de Tertuliano; Menos doutores e mais ciência”. *Novidades* (10 jul. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: À volta de Roma – Nossa Senhora do Repouso; À beira do Tibre; Vendo do alto a beleza do Pocio e arredores; Na Avenida Rainha Margarida e em frente do cemitério de Verano”. *Novidades* (18 jul. 1931), p. 6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: À volta de Roma – O que vale a «fraternité et la liberté»; Recordando Manzoni; O Monte Palatino; Às portas da Via Ápia”. *Novidades* (20 jul. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: À volta de Roma – Lembrando as Catacumbas; No bairro Trastevere; Em cima de Janiculo; Uma anedota de Pastor”. *Novidades* (21 jul. 1931), p. 1, col. 5-5; p. 4, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Portugal Missionário – Lembra-se o Padroado do Oriente; O que os amigos estrangeiros dirão; O exemplo da Bélgica e da Holanda; Números significativos”. *Novidades* (27 jul. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Liga de Lepanto – Um livro importante dedicado ao nosso Ministro junto do Vaticano; Fala-se no casamento do Rei Dom Sebastião; Como se organizou a aliança; Vantagens desta Aliança”. *Novidades* (29 jul. 1931), p. 3, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Os portugueses na Gregoriana – Como são difíceis os estudos na Gregoriana; Números de glória; Vantagens patrióticas e religiosas; As razões do meu interesse pelo Colégio Português”. *Novidades* (3 ago. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Na cidade de Gubbio – Uma palestra na estação do comboio; Espírito de apostolado; A cristianização dos soldados portugueses; Um diabo que faz vento; Um panorama magnífico”. *Novidades* (5 ago. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Entrevista com o Sr. Arcebispo de Vila Real – O pensamento e o esforço da Santa Sé; Não temos para a décima parte das nossas necessidades; Interesse do Santo Padre; Não se improvisam missionários”. *Novidades* (8 ago. 1931), p. 1, col. 4-6; p. 3, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Entrevista com o Sr. Arcebispo de Vila Real – Impossível construir um palácio sem pedras; Fecundidade do sacrifício; O exemplo da diocese de Treviso; A União Sacerdotal Missionária; Movimento de opinião”. *Novidades* (9 ago. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Uma Missa Nova – Como no meio da revolução surge uma vocação religiosa; Não se é português por decreto; Como se cria a ilusão da tática; Gentileza patriótica e religiosa”. *Novidades* (10 ago. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O sr. Bispo de Gurza – Motivos de um acto de contrição; O otimismo de um coração moço e apóstolo; Fala-se no P. Matéo; A ida a Gubbio; Uma linda confiança”. *Novidades* (14 ago. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O servo de Deus Pio X – Está concluído o primeiro processo; O número nove na vida de Pio X; Episódio dum judeu; Quem é o maçador?”. *Novidades* (16 ago. 1931), p. 1, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Um convénio missionário – Números de respeito; Somos os primeiros a começar do... um; O convénio de Montecasino; O congresso de Garualas; O que eu faria se fosse do Congresso; O plano do Sr. Arcebispo de Vila Real”. *Novidades* (21 ago. 1931), p. 1, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Padre e os Missionários – Relíquias de Santa Teresinha; Como nasceu uma Congregação; Uma cruzada missionária na América do Norte; Associação similar na Holanda; O que se pode e se deve fazer em Portugal”. *Novidades* (22 ago. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Interesse pelas Missões – Por causa das Missões mais um Bispo em Vila Real; Um Congresso da U. S. Missionária; O que fazem estudantes belgas, espanhóis, etc.; Promete-se um estudo comparativo”. *Novidades* (29 ago. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Ainda o Servo de Deus Pio X – Na cripta do Vaticano; Orações por quem se pede e a quem se pede; Pio X e o Corpo Diplomático; Dois milagres e o conselho de um Mons. português”. *Novidades* (30 ago. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A propósito do Congresso de Barcelos – Falta de Memória ao serviço da inércia; Três motivos para ser ouvido o Sr. Arcebispo de Vila Real; Verdadeira fidalguia missionária; Se os portugueses soubessem...”. *Novidades* (4 set. 1931), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Atmosfera Missionária – Curso missionário aos seminaristas de Asti; A obra mais necessária e mais nacional; O que a Suíça está a Fazer; Movimento austríaco a favor das Missões”. *Novidades* (6 set. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As missões e os académicos alemães – A ideia do Príncipe Lowenstein; Como a ideia tomou vulto; Círculo de estudos missionários; 4.000 sócios académicos; Um instituto de medicina ao serviço das missões”. *Novidades* (11 set. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Missão da Guiné Portuguesa – A eloquência dos números; A obra das missões no Senegal; O que se faz na Guiné francesa; A Serra Leoa e a Costa do Ouro; A atividade da Libéria; Portugal tem... só um Padre na Guiné”. *Novidades* (18 set. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O abandono da Guiné – A nossa Guiné comparada com o Sudão Francês; Três Vicariatos Apostólicos em região árida e insalubre, A prosperidade de Dahomey; A Missão da Costa do Marfim; O confronto esmagador com a Missão de Togo e Fernando Pó”. *Novidades* (19 set. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A vergonha da Guiné – A Guiné comparada as colónias vizinhas; Desde 1431 até hoje; A mais negra ingratidão; Vejam colónias de inferior população; O que se não disse no Congresso de Barcelos”. *Novidades* (25 set. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Jornada missionária – O dia 18 de Outubro a favor das Missões; O que vai pela Índia e pela China; A legislação escolar da África; Novas Necessidades, novas despesas; Os que falam, não... dão”. *Novidades* (28 set. 1931), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Visconde de Morais – Como se resumem todos os elogios; O prazer de dar e a filosofia da bondade; Prodígios de iniciativa; Dois episódios enternecedores”. *Novidades* (1 out. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 4.

_____, “Cartas de Roma: Arquipélago de Cabo-Verde – 471 anos depois da descoberta; Os vendavais da perseguição; O que se faz em possessões insulares de menor população; Portugal tem que se interessar pelas missões”. *Novidades* (2 out. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Estátua a Cristo-Rei – Diz-se o que é a estátua; Explicam-se as vantagens de uma ótima organização; Uma semana de pregações e um Congresso Nacional que sucederá”. *Novidades* (9 out. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Cristo no Corcovado – Um pontifical com setenta Bispos; A adoração perpétua do Rio de Janeiro; Uma velada de amor; Uma comunhão de 30 000 homens; A final apoteose”. *Novidades* (10 out. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Ilhas de S. Tomé e Príncipe – O que é nacional, urgente e inadiável; Pequena história destas ilhas e seus dados estatísticos; A necessidade de mais bispados; Confronto com a possessão holandesa de Curaçao”. *Novidades* (14 out. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As férias no Vaticano – Os meses preferidos pelos romanos de Roma; Como por meio de um livro se anda à sombra; Diferença entre as férias do Cardial Gasparri e do Cardial Pacelli; Como o Santo Padre passa as férias”. *Novidades* (15 out. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As ilhas de S. Tomé e Príncipe – Diferença das ilhas de S. Tomé e Príncipe com a Missão de Gazaki; O exemplo magnífico de Porto Vitória; O Vicariato Apostólico de Majunga; A França na ilha de S. Pedro e Miquelon”. *Novidades* (20 out. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: A Província de Angola – Um pouco de história de Angola; A Bélgica no Congo em 46 anos e nós em Angola em 445 anos; Números contra nós e a favor da Bélgica; De 81 padres, nossos são 43”. *Novidades* (23 out. 1931), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 4.

_____, “Cartas de Roma: As Missões de Angola – Um confronto desolador para nós; As escolas belgas e as escolas portuguesas; Grande diferença na quantidade das escolas profissionais; As obras de assistência social”. *Novidades* (26 out. 1931), p. 2, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Angola e a África Equatorial francesa – Cumpre-se a palavra dada na carta anterior; O que temos espalhado pelo mundo; Números em frente de números; Conclusões pouco agradáveis para nós”. *Novidades* (30 out. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Angola, a Rodésia e Madagáscar – Confronta-se Angola com a Rodésia e Madagáscar; Números a favor e números contra; O esforço dos nossos missionários; Que dirão de nós a França e a Inglaterra? Uma história reduzida a números”. *Novidades* (1 nov. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Província de Moçambique – Um pouco de justiça aos padres seculares; Terra descoberta por Vasco da Gama e pisada por S. Francisco Xavier; Os motivos das nossas desgraças missionárias; Números e mais números”. *Novidades* (7 nov. 1931), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Moçambique e Tanganica – Resposta a quatro cartas; Números de vergonha; Decorem-se algarismos e tirem-se conclusões; Nós em 319 anos fizemos menos que Tanganica em 44”. *Novidades* (9 nov. 1931), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 4.

_____, “Cartas de Roma: Moçambique, Basutolândia e Orange – O gigante e o liliputiano; Um desolador confronto; O que deveríamos ser na proporção da Basutolândia; A magnífica lição que nos dá o Orange”. *Novidades* (13 nov. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Moçambique, Colónia do Cabo e Transval – Uma pequena história eclesiástica; Números impressionantes da Colónia do Cabo; O que temos a mais e o que temos a menos; Passa-se em revista o Transval religioso; Conclusões a tirar”. *Novidades* (16 nov. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Timor, Fidjis, Gilbertina e Guam – O muito que se faz em Timor; O pouco que em Timor se faz, comparado com outras Ilhas; Números, números e sempre números; Mais uma prova a favor do clero secular”. *Novidades* (21 nov. 1931), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Timor e as ilhas Sandwich e Sonda – História das ilhas Sandwich; O que não temos e elas têm; Até capelães militares; Compara-se o nosso Timor com o arquipélago Sonda; Apesar de tudo não há motivo para pessimismo”. *Novidades* (22 nov. 1931), p. 1, col. 4-5; p. 3, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Timor português e Timor holandês – Um pouco de história de Timor; Números de Timor português e números da parte holandesa; O que representa o nosso esforço; Timor comparado com as outras nossas possessões; Necessidade de mais bispados”. *Novidades* (23 nov. 1931), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Aparos e reparos”. *Novidades* (4 dez. 1931), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Aparos a reparos”. *Novidades* (5 dez. 1931), p. 1, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Condestável – Vantagens da propaganda do «Osservatore»; Um livro sobre Nun’Álvares; Festas nos conventos carmelitas; O sarau no Colégio Português; Um discurso do Sr. Ministro junto da Santa Sé”. *Novidades* (9 dez. 1931), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Bispo de Macau e Mons. T. de Gouveia – A ida patriótica do Sr. Bispo à Bélgica; Serviços prestados ao bom nome do nosso Padroado; Nomeação dum Monsenhor Camareiro Secreto; Serviços e sacrifícios de Mons. T. de Gouveia”. *Novidades* (11 dez. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Nossa Senhora de Fátima – A propaganda do «Osservatore Romano»; De como Nossa Senhora de Fátima faz reclamo a Portugal; Edições que se esgotam e imagens que inspiram culto; A festa da Imaculada”. *Novidades* (17 dez. 1931), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Padre e os Universitários Católicos – Grande e notável discurso do Santo Padre; Uma vista retrospectiva; A fé e a ciência de Santo Ambrósio; Os esplendores da pureza e de Nossa Senhora; Recomendações finais”. *Novidades* (18 dez. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As Missões em Paris – A Exposição Colonial e as Missões; O que representa o pavilhão missionário; Ondas novas de espiritualidade; Uma visita vale mais de um livro de apologética”. *Novidades* (23 dez. 1931), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: No dia de Natal – Os três presépios da minha afeição; Fala-se na Gruta de Belém; Os frutos da árvore da ciência do bem e do mal; As laudes a Deus Menino; A Gruta do Leite e a Gruta dos Pastores”. *Novidades* (25 dez. 1931), p. 5, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Paraíso das Crianças – O que é a praça Navona; Uma praça ébria de luz; As barracas dos presépios; Fantástica variedade de brinquedos; Alegria de grandes e de pequenos”. *Novidades* (1 jan. 1932), p. 3, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: Vibrante espetáculo de Fé – Na Basílica de São Pedro; A razão de tanto entusiasmo; As primeiras aclamações; A Missa e o Te-Deum com o canto gregoriano; Maiores manifestações ainda; A parte que nelas teve o Colégio Português”. *Novidades* (8 jan. 1932), p. 2, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: O Sr. Bispo de Pádua – De como uma vez se é saragoçano; As brilhantes qualidades do Sr. Bispo de Pádua; A sua ascensão ao cardinalato; Um pouco de história da sua vida; As suas gentilezas para conosco”. *Novidades* (11 jan. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Vamos a Pádua – Porque se rompe o silêncio a respeito de Santo António; De como com as festas a Santo António lucra o prestígio de Portugal; Um português na comitiva do Cardeal Legado; Tem-se como certa em Roma a vinda do nosso Cardeal Patriarca; A necessidade de vir a Pádua uma grande peregrinação”. *Novidades* (15 jan. 1932), p. 5, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Vamos a Pádua – A colaboração do Governo italiano nas festas de Pádua; A vinda a Pádua será um remate de ouro para as nossas festas; Fonte de grande prestígio internacional para o nosso país; A Basílica será dos portugueses; Caravana da justiça e da glória”. *Novidades* (18 jan. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A conferência de Mons. Salotti – Responde-se a uma pergunta; Vantagens de clero regional; A dificuldade da língua e a adversidade do clima; De como se pode ser amável e desamável com as mesmas palavras; Sete motivos por que gostei da conferência”. *Novidades* (20 jan. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Peregrinação a Pádua – O que digo supondo não ter dito; Facilidades em passaportes; O que representa a nossa ausência em Pádua; Vantagens da nossa presença; Proveito espiritual da visita aos santuários; Razão especial para estarem em Pádua os portugueses”. *Novidades* (21 jan. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Audiência pontifícia ao príncipe herdeiro da Etiópia – Um cortejo magnífico no Vaticano; Na sala do troneto o Santo Padre recebe o príncipe e a comitiva; Resume-se um discurso de Sua Santidade; A predileção pontifícia pelo clero indígena”. *Novidades* (29 jan. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Papa da Paz – A eloquência do fresco de Miguel Ângelo; Recordar-se a estátua a Bento XV; O brilho incomparável da assistência; Três túmulos na cripta de São Pedro; A atitude do Cardeal Gasparri”. *Novidades* (30 jan. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: União Missionária do Clero – União Missionária do Clero; Extratos de um discurso do Santo Padre; O que dele se conclui; Um programa admirável para o ano corrente; Estudos, orações e propaganda; O que a Itália faz e nós não fazemos; 41.000 padres na União Missionária”. *Novidades* (8 fev. 1932), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: A Peregrinação a Pádua – Porque o Arcebispo de Florença foi nomeado Administrador de Pádua; Não podemos e não devemos estar ausentes; É uma questão de Fé; é uma questão de patriotismo; O que é este sentimento; E depois que lindo passeio!”. *Novidades* (9 fev. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Exposição de Paramentos – Uma exposição de trabalhos para igrejas pobres; Filiais no estrangeiro; Como funciona esta associação; Imagine-se o bem que associações destas não fariam em Portugal; A fecundidade do Sacrifício”. *Novidades* (11 fev. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A exposição de oitocentos – Desfaz-se um possível equívoco e diz-se donde veio o recheio da exposição; O que se vê de Pio VII e o que se admira de Leão XIII; Vendo salas e mais salas; Papas, Cardeais e Santos; Diferença de Roma que foi e de Roma que é”. *Novidades* (12 fev. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Visita de Mussolini ao Santo Padre – Uma visita de grande dignificação; Explica-se a Félix culpa de Santo Agostinho; A influência dos bons exemplos; Responde-se as possíveis objeções; Três motivos da alegria dos italianos”. *Novidades* (20 fev. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A festa da Coroação – Um espetáculo extraordinário; Surge na sedia gestatória o Santo Padre; Considerações em torno do que se vê; Mais de 60.000 pessoas; Os Cardeais prestam obediência; Em que pensa Sua Santidade”. *Novidades* (22 fev. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Ainda a festa da Coroação – O que se vê por fora e o que se sente por dentro; Medindo a altura da dignidade pontifícia; As harmonias cristãs do mundo inteiro; Uma lição magnífica de otimismo; Lição de fé, de esperança e caridade”. *Novidades* (24 fev. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Obra das obras – Como nasceu a Obra das Vocações Eclesiásticas; Uma ascensão pecuniária de muita significação; Como seria prodigioso o resultado de uma Obra assim em Portugal; Que ventura para os Bispos portugueses!”. *Novidades* (29 fev. 1932), p. 1, col. 2-3; p. 4, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: As festas de Pádua – Admiram-se uns paramentos riquíssimos; Já está aprovado o programa das festas no centenário da canonização de Santo António; Facilidades aos

peregrinos estrangeiros; Não haverá 200 portugueses com coragem patriótica e religiosa que venham a Pádua?”. *Novidades* (2 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Fazer conhecer Portugal – Um artigo que é uma carapuça boa para nós; Cá e lá, mais fadas há; A ignorância de Portugal em portugueses que tenho encontrado; Os milagres do automóvel e do comboio; O que se faz na Itália; Um belo dito de Eça de Queiroz”. *Novidades* (3 mar. 1932), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Pela Companhia de Jesus – Reitores e Superiores de colégios ao lado Geral da Companhia; Com estes Gerais e Procuradores de Ordens Religiosas; O que disse o Padre Geral; Grande e significativo sintoma a favor dos tempos de hoje”. *Novidades* (9 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Vocações sacerdotais – Do modo como se resolveu em Roma o problema das vocações; Ação espiritual intensa junto da mocidade; Para os Seminários, à moda antiga, vão ricos e pobres; Grande número de vocações tardias; A cooperação das mães”. *Novidades* (12 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A China e o Santo Padre – O que significa o apelo da China; Quem é o delegado da China em Genebra; A impressão das palavras do Santo Padre; Possível aumento de relações entre a Santa Sé e a China e o Japão”. *Novidades* (17 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As Irmãs de Caridade – 21.000 Irmãs de Caridade; As Repúblicas e as Religiosas de S. Vicente; O grande prestígio da touca branca; Episódios interessantes; Duas Irmãs de Caridade portuguesas em Roma”. *Novidades* (18 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Quaresma Romana – A pregação quaresmal em Roma; Vantagens desta pregação; O que são e como se fazem as Estações; Boa consequência do Acordo de Latrão; Exigência do Cardeal Vigário a respeito da Semana Santa”. *Novidades* (25 mar. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Duas novidades – A visita a S. Pedro é um passeio de predileção; Lá tudo se esquece; A primeira novidade: o português S. João de Deus no Vaticano; Segunda novidade: o confessionário «Pro lusitana língua»”. *Novidades* (28 mar. 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A Semana Santa daqui – A beleza das igrejas de Roma; A igreja portuguesa em primeiro lugar; Diferença entre a Semana Santa daqui das de aí; Recordam-se matracas e amêndoas”. *Novidades* (31 mar. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Semana Santa – A beleza das igrejas de Roma; A igreja portuguesa em primeiro lugar; Diferença entre a Semana Santa daqui das de aí; Recordam-se matracas e amêndoas”. *Novidades* (1 abr. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sexta-feira Santa – A cerimónia das três horas de agonia; As procissões do enterro do Senhor; Discorre-se sobre a Escada Santa; A riqueza da igreja de Santa Cruz de Jerusalém; Sentença, espinhos e cravo de Jesus Cristo”. *Novidades* (2 abr. 1932), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Em São João de Latrão – A grandeza e a significação de um quadro; Ecos de vozes portuguesas, ossos de um cardeal português e monumento de Leão XIII; Santo António

abandonado dos portugueses; A ordenação sacerdotal de um português”. *Novidades* (8 abr. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Obra da Santa Infância – Como nasceu esta Obra; Vantagens para quem dá e para quem recebe; O que dela disse Bento XV e Pio XI; Quem deve interessar-se por ela; Insignificantes condições que a Obra exige”. *Novidades* (9 abr. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: À laia de exórdio de uma estatística admirável; O número de alunos que o Colégio Português tem tido; Aprovações, distinções e louvores; Trinta vezes maior classificação da Gregoriana”. *Novidades* (14 abr. 1932), p. 1, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: Estatística de glória – Um resumo da carta anterior; Responde-se a três perguntas; Os alunos que estiveram, e estão, por cada diocese; Nomes gloriosos de um quadro de honra; Fica à luz do sol a vida do Colégio Português”. *Novidades* (15 abr. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Obra de Santa Infância – Como se organiza a Obra de Santa Infância; Interessante decálogo para os associados; O que disse Pio XI; Opiniões autorizadas de Missionários ilustres”. *Novidades* (20 abr. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Obra de Santa Infância – Como se organiza a Obra de Santa Infância; Interessante decálogo para os associados; O que disse Pio XI; Opiniões autorizadas de Missionários ilustres”. *Novidades* (22 abr. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Obra de Santa Infância – Como se organiza a Obra de Santa Infância; Interessante decálogo para os associados; O que disse Pio XI; Opiniões autorizadas de Missionários ilustres”. *Novidades* (27 abr. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A cidade do Vaticano – Um artigo do Tratado de Latrão; Uma obra gigantesca de vários Pontífices; A superfície do Estado do Vaticano; Degraus, janelas e portas”. *Novidades* (29 abr. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O telefone no Vaticano – Grandes dificuldades a vencer; trabalhos de perfuração e infiltração; Uma rede completa e perfeitíssima; Os aparelhos do S. Padre e do Secretário de Estado; O número de aparelhos”. *Novidades* (6 maio 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: As Milícias Pontifícias – Um quadro admirável de luz e de cor; A formosura da guarda suíça; A imponência dos gendarmes pontifícios; Discorre-se sobre a guarda palatina e sobre a guarda nobre”. *Novidades* (7 maio 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Jornada de sofrimento pelas missões – O que se fez o ano passado e o que se fará este ano; O que um doente escreveu num álbum; Apostolado da oração; Semente de novos cristãos”. *Novidades* (13 maio 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os resultados da Santa Infância – Tríplice colheita de orações, vocações e esmolos; Os anjos brancos dos indígenas; Belo elenco de obras de proteção; Milhões de anjos para o paraíso”. *Novidades* (14 maio 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As exéquias de Doumer – Uma frase feliz de Mussolini; Últimas consequências dos Direitos do Homem; O aspeto da igreja de S. Luís; Provas de respeito e solidariedade”. *Novidades* (20 maio 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Pinacoteca Vaticana – Como se chega à Pinacoteca do Vaticano; Depois de uma série de Museus; Salas e mais salas; Os grandes quadros da Pinacoteca”. *Novidades* (21 maio 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Nossa Senhora de Fátima – A concorrência à igreja nacional; A Missa Cantada no Colégio Português e um almoço de festa; Extraordinária assistência à função da tarde; O que isto representa para o prestígio no mundo de Nossa Senhora de Fátima”. *Novidades* (25 maio 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Portugal para Pádua – Portugal na boca de toda a gente; A propaganda feita pela Missão oficial Portuguesa; Provas de carinho para com Portugal; Grandes manifestações; Aplausos à representação oficial”. *Novidades* (4 jun. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Portugal para Pádua – Porque se elogia o governo da República; O que têm dito pessoas eminentes; Palavras do Cardeal Legado e do Santo Padre sobre Santo António; Alusões à Basílica e às obras do Município paduano”. *Novidades* (5 jun. 1932), p. 6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: Pela glória de Portugal – Portugal, mais do que nunca, na ordem do dia; Num deslumbramento de cor e de entusiasmo ainda Portugal; O discurso do Sr. Ministro Trindade Coelho e o efeito produzido; Afirmações do Podestá de Pádua e do Sr. Cardeal Legado”. *Novidades* (6 jun. 1932), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Apoteose a Santo António – No deslumbramento da Basílica; Recordar-se Lopes Vieira; Como se aquieta o espírito e se engana o coração; A homilia do Cardeal Legado; A magnificência de um banquete; Recordar-se o sr. Núncio Apostólico”. *Novidades* (7 jun. 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Glória de Santo António – Junto da missão pontifícia a missão portuguesa; O desfilar da procissão; Homens, homens e só homens; Na praça de St.^a Justina; Receção em honra do Ministro de Portugal”. *Novidades* (8 jun. 1932), p. 1, col. 6-7; p. 2; col. 7.

_____, “Cartas de Roma: No Santuário de Arcelli – O Legado do Papa celebra Missa na cela onde morreu Santo António; Descreve-se a morte do Santo; Onde cabem sete séculos de história; Amabilidades aos Ministro de Portugal”. *Novidades* (9 jun. 1932), p. 1, col. 5-6; p. 6 col. 2.

_____, “Cartas de Roma: A visita a Camposampiero – Nobile e gloriosa nazione portuguese; Lusitânia é o mesmo que Portugal; Fala-se no santuário da Nogueira; A grande manifestação do povo de Treviso”. *Novidades* (10 jun. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: No regresso de Pádua – Ainda maior entusiasmo à volta do que à ida; A visão panorâmica de Spoleto; A dentro da catedral magnífica; Louvores ao nosso Governo”. *Novidades* (11 jun. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Corpus Christi – A origem da festa do Corpo de Deus; A primeira procissão; O deslumbramento da Catedral de Orvieto; Uma grande procissão em Roma e as lições que dela se colhem”. *Novidades* (13 jun. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santo António dos Portugueses – O trabalho patriótico da Legação no centenário de Santo António; As lindas festas na nossa igreja nacional; O sermão magnífico do Padre Fonseca; Evocações históricas”. *Novidades* (26 jun. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sacra visita – Um mandamento importante; Velas que se apagam para sempre; Foram proibidas flores que não sejam naturais; O mesmo sucede às máquinas fotográficas; Desmente-se o que dizem as estátuas da Porta Flaminia”. *Novidades* (30 jun. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Feiras de Livros – Porque são e não são ótimas as feiras dos livros; A sinceridade dos escritores portugueses; Conta-se um episódio de uma tipografia parisiense; Causas da crise do livro; Os que leem emprestado”. *Novidades* (1 jul. 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A festa de São Pedro – Divaga-se em torno dos «romanos de Roma»; Aspeto da Basílica Vaticana; O que o Papa fez ontem à tarde; Correntes de pessoas que entram e saem”. *Novidades* (6 jul. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O milagre de Assis – Assis à noite cheia de archotes acesos; Corporações e confrarias medievais; O desfilar de um cortejo até Santa Clara e S. Damião; A grandeza do cântico do sol”. *Novidades* (6 jul. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As Tochas de Gubbio – As tochas de três santos e a galhardia dos tocheiros; Um ruído de cor e intensidade; As corridas das tochas pela cidade; A uma procissão sucede outra procissão”. *Novidades* (17 jul. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Ordem militar e religiosa das Mercês – Como nasceu a Ordem das Mercês; Conta-se como se inaugurou a Ordem; Quarenta santos e trinta e cinco beatos; O Venerável Manuel de Fias”. *Novidades* (18 jul. 1932), p. 2, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: O Palácio Apostólico – O Circo de Caio Calígula; Constantino constrói uma basílica soberba; Quando os Papas passaram a residir no Vaticano; O grande elogio feito por Pio X”. *Novidades* (19 jul. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano, a arte e a história – O Beato Angélico e Pinturicchio; Miguel Ângelo e Domingos Fontana; O que fez Casanova; O interesse de todos os pontífices”. *Novidades* (21 jul. 1932), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano e as comunicações – Os itinerários de Roma, fonte de informações; Os primeiros cristãos, apóstolos e missionários; Consequências das descobertas marítimas; As visitas «ad limina» e os «Cursors Apostólicos»”. *Novidades* (27 jul. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Vaticano e as comunicações – Fazendo uma razão de ordem; O artigo 6.º do Acordo de Latrão; A lentidão das antigas viagens; O valor que o Santo Padre dá aos progressos da ciência”. *Novidades* (29 jul. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano – A maior coleção do mundo; Centauros, sereias e divindades; Um quadro visto do Belvedere; Alude-se ai Pincio; Os primores estatuários”. *Novidades* (3 ago. 1932), p. 6, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano – Um passeio pelas galerias; Os artistas da Toscana e da Umbria; Considerações sobre o juízo final; Os aposentos de Rafael Sansio”. *Novidades* (4 ago. 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Os Museus do Vaticano – Frescos admiráveis e quadros de estontear; Os aposentos Borgia; A nobreza da biblioteca; O museu etrusco; Última sensação”. *Novidades* (11 ago. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Através da Cidade do Vaticano – Percorrendo ruas, pátios e praças; A impressão de assombro que inspira; Atribuições do governador; Vê-se que nada falta ao Estado do Vaticano”. *Novidades* (15 ago. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Leonardo da Vinci – O que dele diz Vasari; O menino prodígio em Florença; À fascinação do engenho aliava a simpatia pessoal; Leonardo precursor das modernas invenções”. *Novidades* (16 ago. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Explica-se um ditado popular; Em frente da Ceia de Cristo; Miguel Ângelo, rival de Leonardo; As infantilidades do génio; Morre nos braços do Rei de França”. *Novidades* (18 ago. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Quando como o Papa? – Um interessante artigo de uma revista; Uma alegre previsão que se desfaz num sorriso amargo; A criada velha de Sua Santidade; Uma reforma muito bem merecida”. *Novidades* (23 ago. 1932), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Quando como o Papa? – Uma Congregação de grande oportunidade e moderna; O velho servente da Biblioteca compra diariamente pão para o Santo Padre; As refeições do Pontífice; O que faziam Leão XIII e Pio X”. *Novidades* (24 ago. 1932), p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: Universidade Católica de Milão – O reconhecimento jurídico da Universidade; A sua atividade científica; Os cursos extraordinários regidos por sumidades; A população escolar e os seus resultados”. *Novidades* (28 ago. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Universidade Católica de Milão – O Instituto Superior de Magistério; Uma sede nova de grande tradição religiosa; Um autógrafo de Pio XI; Lar da cultura católica italiana”. *Novidades* (29 ago. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Universidade Católica de Milão – As lágrimas de um grande Cardeal; De como Bento XV encoraja o Padre Gemeli; Atividade prodigiosa; Como surge o «Dia Universitário»”. *Novidades* (30 ago. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Universidade Católica de Milão – A colaboração da «Ação Católica»; A

força admirável da fé; A eloquência dos algarismos; Palavras do Santo Padre; Os amigos da Universidade”. *Novidades* (31 ago. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Novecentos sábios no Vaticano – Um congresso fisiológico em Roma; Novecentos sábios aos pés do Papa; O discurso de saudação; Responde Sua Santidade; Aos católicos uma «Benedizione»; Aos outros uma «Dizione di bene»”. *Novidades* (15 set. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: As órfãs de guerra – Romaria de saudade e de glória; À beira do túmulo do Soldado Desconhecido; O que as órfãs dirão por toda a Itália; Palavras ternas de Sua Santidade”. *Novidades* (17 set. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Viagens de núpcias – Casais de noivos a caminho de Roma; Reduções ferroviárias; Por Veneza, Florença, Nápoles e Capri; Medida extensiva aos noivos estrangeiros; Por que não fazer a mesma coisa em Portugal?; Aos outros uma «Dizione di bene»”. *Novidades* (25 set. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Exposição de livros religiosos – Examinando vitrinas e admirando trabalhos; A coleção admirável dos Duques de Bourbon e Parma; Palavras de Sua Santidade; Trabalhos modernos de arte religiosa”. *Novidades* (26 set. 1932), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os jardins de Roma – Diferença entre os jardins de ontem e de hoje; Grande quantidade de vilas, jardins e canteiros; Uma perene primavera; A Lido de Roma e a formosura do mar; Aliança da arte e da natureza”. *Novidades* (3 out. 1932), p. 2, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: O milagre de S. Januário – Uma vez mais se realizou o milagre do Padroeiro de Nápoles; O feito paradoxal napolitano; O que a ciência inventou contra o milagre; A garantia do acontecimento”. *Novidades* (9 out. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Congresso Missionário italiano – Uma carta de Sua Santidade; Como ser a imprensa missionária; A medicina e o cinema ao serviço das Missões; Números do prodígio em 10 anos”. *Novidades* (13 out. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Congresso Internacional de Arqueologia Cristã – Na cidade dos mosaicos de ouro; Quinhentos arqueólogos reunidos para apresentar e discutir trabalhos; Uma carta de Sua Santidade; Recordar-se o Padre Rossi, das Catacumbas”. *Novidades* (17 out. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O dia missionário – Fala-se do Papa branco, negro e vermelho; Quem será o Prefeito; Propaganda Fide; O emprego da aviação ao serviço das Missões; A bela atividade do Bispo de Angola e o clero indígena”. *Novidades* (18 out. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Casas baratas – Casas de resgate e casas operárias; Como se levou a cabo obra tão simpática; 93.400 contos da nossa moeda; A exemplo da Argentina; A alegria e o conforto das casas baratas”. *Novidades* (26 out. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Exaltação italiana – Exposições e mais exposições; Feiras, congressos e concílios; As vantagens de ordem económica, industrial e religiosa; Aumenta a exaltação pelo regime fascista; Alegria dos hoteleiros”. *Novidades* (28 out. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Médicos católicos – Congresso médico em Florença; Uma carta do Santo Padre ao apostolado dos médicos; Um discurso do Arcebispo de Florença; Uma tese do Padre Gemelli sobre o aborto indireto”. *Novidades* (30 out. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Médicos católicos – Uma tese sobre a esterilidade voluntária; Como uma doutora defende a boa doutrina; Excertos importantes de um discurso; A palavra de um grande Arcebispo; Um Congresso Internacional de médicos católicos”. *Novidades* 31 out. 1932), p. 3, col. 1-3.

_____, “Cartas de Roma: A Pinacoteca Vaticana – A riqueza aliada à sobriedade; Nomes de glória imortal; A resistência física do Santo Padre; Como decorreu a inauguração da Pinacoteca; Uma censura às pretensões de certa arte”. *Novidades* (9 nov. 1932), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Dez anos de fascismo – Aumento demográfico; Grandes progressos de produção e exportação; Referências ao progresso de Roma; A Obra Nacional Balila; Atividade cultural e quatro grandes coisas”. *Novidades* (12 nov. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Hora vermelha – Explica-se porque se escreve este livro; Oportunidade da doutrina e das figuras; A empolgante figura de Piparra; A esperança acercada por Nuno de Montemor”. *Novidades* (13 nov. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Hora vermelha – De como o livro é uma fonte de ensinamentos; Obrigada cada um de nós a um ato de consciência e a um propósito de emenda; O que eu desejo ao livro e a Nuno de Montemor”. *Novidades* (15 nov. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Academia Nun’Álvares – Uma linda e simpática festa; Discursos de gente grande e poesias de merecimento; As quatro «Suma Laude» que o Colégio Português alcançou; Canto e música de Portugal”. *Novidades* (19 nov. 1932), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Juventude italiana da Ação Católica – Três mil rapazes nas catacumbas, no Coliseu e em São Pedro; A cúpula de Miguel Ângelo; Dados estatísticos do maior conforto espiritual; A alegria do Santo Padre”. *Novidades* (21 nov. 1932), p. 2, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Exposição Internacional de Arte Sacra – Realiza-se uma exposição sob o patrocínio do Rei de Itália; Os presidentes e o assistente eclesiástico a exposição; As nações que foram convidadas; Que fará Portugal?”. *Novidades* (27 nov. 1932), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Os homens da Ação Católica – Como nasceu a Ação Católica na Itália; Trabalhos de organização intensa; Números pequenos, precursores de números grandes; Atividade dos Homens da Acção Católica”. *Novidades* (28 nov. 1932), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: A Rua do Império – Quem conheceu Roma, não a conhece agora; A magnificência da Rua do Império; A significação da Praça de Veneza; O Altar da Pátria; Por entre ruínas de glória”. *Novidades* (4 dez. 1932), p. 3, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: O Coliseu de Flávio: Evoca-se a Domus Municipalis e Bragança; O que digo em vez do que podia dizer; O carácter sagrado do Coliseu; A Via Sacra de S. Leonardo P. Maurício; Um presente ao ministro de Portugal, dr. Trindade Coelho”. *Novidades* (5 dez. 1932), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Métodos comunistas – Uma conferência que merece ser meditada; A palavra de ordem comunista; O que se fez e faz na Inglaterra, na Bulgária e na Alemanha; A campanha na Bélgica; A palavra de salvação”. *Novidades* (12 dez. 1932), p. 1, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Centenário de Sívio Pellico – Uma obra conhecida dos camponeses; Préstimo das «Minhas Prisões»; Episódios de alto cristianismo; A grandeza do sacrifício; A cadeia escola de liberdade cristã”. *Novidades* (18 dez. 1932), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Concordata de Baden – Desfaz-se o mistério de um repouso na Suíça; Uma Concordata que já não satisfaz; Razões para uma nova; Liberdade de católicos em país protestante”. *Novidades* (19 dez. 1932), p. 1, col. 3-5; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: De Pio IX a Leão XIII – Como a Providência dispõe as coisas; A bondade de Pio IX e a sua firmeza; Um carbonário morto vestido de senhora; A tristeza dos irmãos de Leão XIII; Um dito parvo de um chapeleiro”. *Novidades* (25 dez. 1932), p. 9, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Episódios de Leão XIII – Como a diplomacia acalma os nevos; Rampola, diplomata habilíssimo; Episódios de bom humor; Uma frase famosa a um frade; Últimos momentos do Pontífice”. *Novidades* (30 dez. 1932), p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Pio X – As declarações do Cardeal Gibons; A profecia de um irmão leigo jesuíta; Inteligência e bondade; Ditos de espírito; Defesa da dignidade pessoal e da Igreja”. *Novidades* (31 dez. 1932), p. 1, col. 4; p. 3, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Leão XIII e Pio X – Diferença entre um e outro; Um otimista e outro pessimista; O espírito de justiça de Pio X; As irmãs do Santo Padre; Unânime consagração em torno de uma sepultura”. *Novidades* (4 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Grande Papa Bento XV – A elegante simplicidade deste Pontífice; Duas profecias que foram excedidas; Diferenças entre o Cardeal Rampola e Bento XV; Sempre amigo do seu amigo”. *Novidades* (6 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Ainda o Papa Bento XV – Grande caridade e discreta; É preciso ouvir tocar todos os sinos; Acusações falsas; O caso do Cardeal Mercier; O monumento em S. Pedro”. *Novidades* (9 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – Factos únicos na história do mundo; Comunistas a prender e a fuzilar comunistas; Declaração importante no parlamento inglês; Fome, fome e sempre fome; A triste situação das mulheres”. *Novidades* (15 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sofrimentos e lágrimas – Uma interessante entrevista sobre a Rússia; Por toda a parte uma horrível tirania; Referem-se factos e mais factos; Comida nem para porcos e cães; Melhoria de cultura intelectual”. *Novidades* (16 jan. 1933), p. 4, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: O novo Ano Santo – Comissão Internacional do Ano Santo; Presume-se um Consistório Cardinalício; Grandes trabalhos da Sagrada Congregação dos Ritos; Beatificações e Canonizações”. *Novidades* (21 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Promulgação do Ano Santo – No pórtico da Basílica Vaticana; As palavras do Santo Padre; A promulgação da Bula pontifícia; O que diz a Bula; Os desejos de Sua Santidade”. *Novidades* (22 jan. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga do bolchevismo – Camponeses condenados a trabalhos forçados e à morte; Opinião de Kalinin sobre a depuração comunista; Regiões inteiras condenadas à fome; Operários reduzidos à condição de escravos”. *Novidades* (29 jan. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga do bolchevismo – Consequência da depuração do partido comunista e da imprensa; Vontade de camponeses e operários pela guerra; Como se preparam médicos na Rússia; Escola de espionagem”. *Novidades* (31 jan. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Notícias do Ano Santo – Preparativos para o Ano Santo; Um Consistório em 13 de março; Leitura de um decreto de Beatificação; O que o Santo Padre disse em 1925; A Sacra Visita elogiou muito a nossa Igreja Nacional”. *Novidades* (5 fev. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – A morte de um santo Bispo; Nem ao menos um padre em toda a Sibéria Oriental; Sérias considerações em torno deste facto; Não nos iludamos; Os santos da religião bolchevista”. *Novidades* (6 fev. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – Povoações condenadas à morte pela fome e pelo frio; Exige-se maior crueldade para com os inimigos dos soviets; Custa uma fortuna a assinatura de um jornal; Coisas indiscreíveis contra a religião”. *Novidades* (11 fev. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Notícias do Ano Santo – Como e quando se deve lucrar o jubileu do Ano Santo; Está concedida a Exposição do Santo Sudário; Novos trabalhos da Congregação dos Ritos; Oferta de velas ao Santo Padre”. *Novidades* (13 fev. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Notícias do Vaticano – As festas do Acordo de Latrão e da Coroação do Pontífice; Beatificações e Canonizações do Ano Santo; Progresso das Missões; Uma estatística interessante e grandes obras materiais”. *Novidades* (19 fev. 1933), p. 1, col. 2-3; p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – A trágica situação da Ucrânia; Chumbo nos esfaimados; Juízes operários e tribunais especiais; Carestia de vida, especulação e substituição de dentes de ouro”. *Novidades* (20 fev. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – Ouçam-se as palavras de um Bispo fugido da Rússia; Um plano novo contra Deus; A guerra sem tréguas e exterminadora; A Igreja não morre, morrem muitos dos seus membros”. *Novidades* (22 fev. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Cerimónias do Ano Santo – Reduções ferroviárias; A próxima imponentia do Consistório na Basílica de São Pedro; Pontifical na Páscoa; Beatificações e Canonizações”. *Novidades* (25 fev. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O novo Consistório – Os novos purpurados; Aumento de prestígio para a América do Norte e Roménia; Uma profecia que se realizou; Explicada ansiedade pela alocução pontifícia”. *Novidades* (26 fev. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – A escravidão legalizada; Cálculo de 10 milhões de exilados; Sem direitos, sem trabalho e sem pão; Os nacionalistas levantam a cabeça; Sintoma de esperança”. *Novidades* (4 mar. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Ano Santo – Peregrinações que se esperam em Roma; Romarias à antiga; Peregrinação de jornalistas católicos; Inauguração do Caminho de ferro do Vaticano; Ressurreição de funções litúrgicas em São Pedro”. *Novidades* (6 mar. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Sob a canga bolchevista – A «Revue des Deux Mondes» e os métodos bolchevistas; Razão por que se faz a propaganda antirreligiosa; Como se explica o que se passa em Portugal; Palavra de ordem contra o Ano Santo”. *Novidades* (7 mar. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Atividade bolchevista – Palavras insuspeitas do Comissário da Guerra; Impotência dos soviets diante do êxodo das massas; Estampilhas antirreligiosas; Atitude da América do Norte; Palavras do Chanceler Hitler”. *Novidades* (12 mar. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Nas vésperas do Ano Santo – Cinema sonoro no Vaticano; o novo Consistório; O Santo Padre acenderá as luzes de uma Cruz de Florença; Fala-se no Sr. Dom Agostinho e no Dr. Artur Bivar; A Hora Santa no dia 6 de Abril”. *Novidades* (13 mar. 1933), p. 1, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: O Ano Santo – A abertura da Porta Santa; A cerimónia do reconhecimento das Portas fechadas; A Hora Santa e Semana Santa no Vaticano; Peregrinações fixadas; A Escada Santa subida de joelhos pelo Santo Padre”. *Novidades* (19 mar. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: No Império Vermelho – Soldados solidários com os camponeses; Estudantes também ao lado do povo; Todos eles pagam com a vida a revolta contra os soviets; 15.000 presos numa cadeia; Declarações de um italiano recém chegado da Rússia”. *Novidades* (20 mar. 1933), p. 1, col. 7; p. 6, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: O Consistório – Um espetáculo magnífico; O Papa no meio de grandes aclamações; A obediência dos velhos cardeais; A atitude da assistência; Fala-se do Cardeal Blondi; A imposição do chapéu cardinalício”. *Novidades* (25 mar. 1933), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Violência e miséria na Rússia – A opinião pública inglesa e a Rússia; Passos diplomáticos e a atitude dos soviets; O brado de Alexandra Tostol; Transcreve-se uma carta de um pai amargurado”. *Novidades* (26 mar. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Ano Santo – Já estão anunciadas 180 peregrinações; As peregrinações marcadas para o mês de Maio; Uma peregrinação inglesa muito simpática; Vantagens das transmissões da Rádio Vaticana”. *Novidades* (1 abr. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A desgraça russa – O abandono de milhares de doentes de tifo; Uma vasta organização de espionagem; A Liga dos Povos Oprimidos; Poderes ilimitados ao Presidente dos Soviets; Antes a morte e a carnificina”. *Novidades* (3 abr. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: O Ano Santo A abertura da Porta Santa; A Hora Santa em São Pedro; As cerimónias da Semana Santa no Vaticano; Um grande pontifical; Beatificações e Canonizações”. *Novidades* (5 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa - A cidade de Roma cheia de peregrinos; A multidão na praça de São Pedro; A riqueza decorativa do pátio da Basílica; Descreve-se a majestade do ambiente”. *Novidades* (7 abr. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa – Na sala dos paramentos; O cortejo desfila para a Capela Sistina; A grande emoção do Santo Padre em frente do S.^{mo} Exposto; O cortejo dirige-se para o pátio da Basílica de São Pedro”. *Novidades* (8 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa – Surge o cortejo maravilhoso; A magna corte militar e eclesiástica do Santo Padre; A marcha triunfal de Londres; O Santo Padre na Sédia Gestatória; O martelo de ouro do Ano Santo”. *Novidades* (9 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa – O Papa em frente da Porta Santa; As três marteladas do estilo; 80.000 pessoas na Basílica gloriosa; O alegre Canto de David; A extraordinária ovação ao Santo Padre”. *Novidades* (10 abr. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Abertura da Porta Santa – O cortejo pontifício em direção à capela do Sacramento; O beija pé de Sua Santidade pelas confrarias de Roma-, Em frente das relíquias da Paixão; A «Sancta Sanctorum» da Escola Santa”. *Novidades* (11 abr. 1933), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Falência económica da Rússia – Confissão insuspeita; Antes a morte que a escravidão; Mata-se para comer um bocado de pão; Um relatório elucidativo; A última conspiração da Rússia”. *Novidades* (12 abr. 1933), p. 4, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Hora Santa – Descreve-se o ambiente da Basílica; A vibração de oitenta mil almas; A formosa oração do Cardial Pacelli; O discurso magistral do Cardeal Serafini; Um espetáculo sem igual”. *Novidades* (14 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Missa dos Pressantificados – O aspeto lutuoso da Capela Sistina; O sermão do Geral dos Capuchinhos; O Santo Padre a adorar a Santa Cruz; A procissão eucarística; A procissão de Santa Cruz de Jerusalém”. *Novidades* (22 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Páscoa da Ressurreição – A imponência da Basílica; A entrada do cortejo; Particularidades do Pontifical; A multidão na Praça de São Pedro; A Bênção Apostólica do Santo Padre”. *Novidades* (23 abr. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Graças a Deus! – Explica-se o título desta carta; Um esquecimento involuntário que precisa de ser reparado; Razões contra o esquecimento; Um insignificante aumento de despesa”. *Novidades* (10 maio 1933), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Peregrinações do Ano Santo – Grande movimento nos hotéis; O trabalho exaustivo de Sua Santidade; Uma média de 8.000 peregrinos recebidos por dia; Dados estatísticos sobre peregrinações estrangeiras; Advogados; médicos e jornalistas”. *Novidades* (12 maio 1933), p. 5, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Beata Maria Pelletier – No dia do Bom Pastor a glória do Bom Pastor; Palavras de Pio XI; Duas opiniões a nosso respeito; Números de glória; A festa da Beatificação”. *Novidades* (14 maio 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Audiência a camponeses – O à-vontade dos camponeses no Vaticano; As crianças nas salas dos palácios apostólicos; Súplicas ao Santo Padre; Lágrimas e sorrisos; O encanto do presente ao Sumo Pontífice”. *Novidades* (15 maio 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Portugal na Arcádia de Roma – O que valia a Arcádia de Roma; O grande rei D. João V; Dois altos instrumentos de cultura ao serviço de Portugal; A conferência do Sr. Guido Batelli; Gratidão minha e dele”. *Novidades* (20 maio 1933), p. 1, col.2-3; p. 3, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – Promessas falidas; Em vez da fatura prometida, a miséria; Atraso dos salários das indústrias soviéticas; A debandada da miséria; Cálculos horrorosos; Um regime novo”. *Novidades* (22 maio 1933), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: A gema de Cristo – Um pouco da biografia da bem-aventurada; Os dois milagres do processo de Gema Galgani; O prestígio universal das suas virtudes; Assistência de pessoas que conheceram a nova Beata”. *Novidades* (25 maio 1933), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Beato Pignatelli – Coincidências interessantes; Singularidade digna de meditação; Beato espanhol e miraculosos espanhóis; O a propósito do processo; Recordar-se Lacordaire em Leão”. *Novidades* (28 maio 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Beato Pignatelli – Porque fui assistir à glorificação do novo Beato; Palavras, palavras e só palavras; Apesar de tudo, 150 espanhóis; Depois de um século de história *Novidades* (31 maio 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Beata Catarina Labouré – Uma humilde religiosa que é uma grande religiosa; A novidade da regra de S. Vicente; 42.000 irmãs de Caridade em todo o mundo; Rápidos traços biográficos; O prestígio da santidade”. *Novidades* (14 jun. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santo André Uberto – Em vez da descrição das festas, traços biográficos do Santo: Como a palavra de um pobre revolucionaria a vida dum cidadão; Belos atos e caridade inesgotável: Os milagres escolhidos”. *Novidades* (19 jun. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: A peregrinação dos jornalistas – Quinhentos jornalistas católicos de todo o mundo; Passeio pelos Castelos Romanos; Ouvindo missa nas catacumbas; A audiência do Santo Padre; Congresso da imprensa Católica e 1935”. *Novidades* (20 jun. 1933), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Sagração de cinco Bispos indígenas – O espetáculo da Basílica de S. Pedro; Vivas em todas as línguas e até em chinês; A Missa da sagração; Portugal precursor do clero indígena”. *Novidades* (21 jun. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A procissão do Corpo de Deus – O aspeto da praça de S. Pedro; As grandes impressões que tive; Descreve-se o cortejo eucarístico; Aparece o Santo Padre”. *Novidades* (25 jun. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A procissão do Corpo de Deus – Os dignitários da corte papal; Só há o recurso de apelar para a página do Tabor; Espetáculo admirável da multidão; A bênção Eucarística”. *Novidades* (26 jun. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Entrevista sobre a Espanha – À sombra dos pinheiros da Vila Panfílio; Fala-se na restauração; Os que a querem e porquê; Progresso dos maus e progresso dos bons; A salvação da Espanha pela Ação Católica”. *Novidades* (3 jul. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – Fronteira política entre a Rússia e Ucrânia; A infâmia que isto representa; O que se passa de macabro nos cemitérios russos; O grande palácio dos soviets; Paz entre Estaline e Trotsky”. *Novidades* (7 jul. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Santo Padre em São Paulo – O percurso do Santo Padre; Grandes emoções recebidas; Festas em sua honra; Nas salas da Abadia; O espetáculo da Basílica”. *Novidades* (9 jul. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – Carta dolorosa de um pai a uma filha; O pavor da morte pela fome; Os homens são tratados pior do que as bestas; Na Europa não há lágrimas para estas misérias; Epidemias na Rússia”. *Novidades* (10 jul. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – As primeiras desilusões dos «Sem Deus»; 12.000 operários a trabalhar num palácio que não... existe; Um relatório significativo; O bolchevismo nas colónias portuguesas”. *Novidades* (12 jul. 1933), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Concordata com a Alemanha – Clamores que hão-de surgir; A Concordata é o último triunfo do Centro dissolvido; A existência do Centro e razão da sua morte; Direitos concordatários”. *Novidades* (17 jul. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – Miséria e perseguição religiosa na Rússia; Com risco de morte, fuge-se para a Roménia; Concessões à fé dos camponeses; O renascimento do sentimento religioso”. *Novidades* (21 jul. 1933), p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: No Paraíso Vermelho – A imprensa soviética já não pode manter silêncio; Factos tristes de uma justa revolta; Trabalho de forçados e aldeias transformadas em prisões; Dez milhões de mortos pela fome”. *Novidades* (24 jul. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: A fome na Rússia – Uma carta esclarecedora; Rouba-se, mata-se e morre-se de fome; Centenas e milhares de camponeses desterrados para a Sibéria; A imprensa já não esconde a miséria; Um alvitre significativo”. *Novidades* (29 jul. 1933), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Concordata com a Alemanha – Em face do texto da Concordata; Quais os direitos da igreja; Quais as suas obrigações?; A quem pertence a vitória deste pacto jurídico”. *Novidades* (29 jul. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: O terror na Rússia – A desgraça russa desamparada internacionalmente; Suicídios de trunfos soviéticos; As vítimas da depuração comunista; O pânico dos ferroviários”. *Novidades* (2 ago. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: O Calvário de Mons. Sloskan – Considere-se a série de prisões, de sofrimentos e enxovalhos com que o bolchevismo brindou um Bispo da Igreja Católica”. *Novidades* (7 ago. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A tragédia russa – Morre-se de fome na Rússia; Extratos lancinantíssimos de cartas; Os extremos da miséria na república da Ucrânia; Casos de canibalismo; O horror da Rússia pintado por um jornal belga”. *Novidades* (11 set. 1933), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: A tragédia russa – Provas a favor dos trabalhos forçados; Protestos dos socialistas contra o governo de Moscovo; Condenações à morte por causa de espigas de trigo; Prepara-se nova hecatombe; O mistério da reconciliação entre os dois chefes do bolchevismo”. *Novidades* (13 set. 1933), p. 1, col. 3-5; p. 3, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Coisas da Rússia – Um artigo do «Journal de Genève»; Considerações em torno dos levantes russos; Paradoxos desconcertantes; Contra-senso da Sociedade das Nações; O bolchevismo intelectual”. *Novidades* (19 set. 1933), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Coisas da Rússia – Um brado lancinantíssimo do Episcopado ucraniano; Trotszky também reconhece a triste situação russa; Casas e cidades às escuras; Funcionários do partido e do regime deportados para a Rússia central”. *Novidades* (20 set. 1933), p. 3, col. 2-6.

_____, “Cartas de Roma: Coisas da Rússia – Por que não podem os jornalistas sair de Moscovo; A política da Ucrânia; O que há a esperar desta parte da Rússia; O contentamento do sr. Herriot”. *Novidades* (8 out. 1933), p.3, col. 6-7; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Coisas da Rússia – Um desafio do «Matin» à Rússia; A grande desgraça de 140.000 deportados; Rapidez e trabalhos de uma obra colossal; Eis o respeito dos soviets pelas vidas humanas!”. *Novidades* (9 out. 1933), p.1, col. 5-6; p. 6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: Apelo dos socialistas ucranianos – Manifesto dos socialistas aos camaradas do mundo; Após 14 anos de ditadura soviética; Como é sufocada a Ucrânia; A fantástica miséria de aldeias e cidades; Espionagem das crianças”. *Novidades* (11 out. 1933), p. 3, col. 2-6.

_____, “Cartas de Roma: Santa Maria Maior – A lenda da fundação da Basílica; Asas de sangue em torno das paredes; Peste que foge e anjos que respondem; Círios que ardem e não diminuem de peso; O sino da «perdida»”. *Novidades* (18 out. 1933), p.1, col. 6-7; p. 3, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O Papa em Santa Maria Maior – Passagem privadíssima do Santo Padre; O contentamento do Pai comum dos fiéis; Presente do Cabido Liberiano; O cortejo triunfal na Basílica; Apoteótica Bênção a Roma e ao mundo”. *Novidades* (19 out. 1933), p.1, col. 4-5; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: O Consistório Público – Fala-se na Sala das Bênçãos e em grandes peregrinações; Coincidências singulares; Aparece o Santo Padre; O que diz o Secretário dos Breves aos Príncipes; Novo Consistório”. *Novidades* (28 out. 1933), p.1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Estampilhas soviéticas – Palavras graves e sensatas do «Journal de Genève»; Os protestos de uma assembleia belga; A velhacaria de um boato; Um guardanapo para o Sr. Herriot; A fuga de um aviador”. *Novidades* (30 out. 1933), p.6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: A fome trágica na Ucrânia – Mais um depoimento exaustivo; Sete milhões de mortos pela fome; Mata-se gente para ser comida; Comem-se até cavalos desenterrados; O maior crime do século”. *Novidades* (2 nov. 1933), p. 1, col. 3-5; p. 8, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: A realidade russa – Como Herriot e companhia viram a Rússia; Rússia para estrangeiro ver; A ironia de Bukarin; Realidade e retórica soviéticas”. *Novidades* (4 nov. 1933), p. 1, col. 1-3; p. 6, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Incúria e ferocidade russas – Leninegrado vista pelos bolchevistas; A imundícia na fortaleza de Pedro e Paulo; A miséria do cais do Neiva; Depoimento terrível; A miserável guerra bacteriológica”. *Novidades* (6 nov. 1933), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Canonização da Beata Marillac – Uma linda página de apologética cristã; A razão do meu particular entusiasmo; E, no entanto, em Portugal...; A alegria do Sumo Pontífice; A regra de São Vicente de Paulo”. *Novidades* (9 nov. 1933), p. 1, col. 3-5; p. 6, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Pelos famintos da Rússia – Reunião no palácio do Cardeal de Viena; Uma Comissão internacional e interconfessional; Apelo ao mundo; Um especialista russo fala das doenças e da fome; Conclusão a tirar”. *Novidades* (10 nov. 1933), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: A Argentina e a Igreja – Nova divisão eclesiástica; Em vez de um Metropolita e quatro dioceses, cinco Metropolitas e treze dioceses; Congresso Eucarístico internacional; Recordar-se o pedido do Rei de Espanha; Esperanças de um Cardeal para Buenos Aires”. *Novidades* (18 nov. 1933), p. 1, col. 3-5; p. 3, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Últimas notícias da Rússia – A miséria dos presos da Letónia; Como na Rússia floresce a indústria; Visita a um depósito de tratores; Por que se destrói um livro de Estaline; Presos por fazer versos”. *Novidades* (20 nov. 1933), p. 1, col. 4-6; p. 6, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Desorganização e fome russas – Documento oficial que diz tudo; Um bilhete de comunista vale mais que um diploma de engenheiro; Diz-se que não há fome e prova-se que há; Prisões e condenações à morte”. *Novidades* (27 nov. 1933), p. 6, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: Canonização de Dom Bosco – Quem diria que o Padre Aquiles Ratti canonizaria o amigo Dom Bosco!; A finalidade da obra salesiana; As Formidáveis simpatias que desperta; Uma herança gloriosíssima”. *Novidades* (29 nov. 1933), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Pio XI e a paz entre a Bolívia e o Paraguai – O primeiro passo para o fim do conflito; O que significa a questão do «Chaco»; A iniciativa do Papa acolhida pelos beligerantes; Como respondem as potências a um pedido de Bento XV”. *Novidades* (5 dez. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: Canibalismo na Rússia – Os horrores da fome; Mata-se para comer a carne dos mortos; Duas cartas confrangedoras; Um irmão que escreve a outro irmão; O grande crime de colaborar com os comunistas”. *Novidades* (9 dez. 1933), p. 1, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: As violências russas – O longo martírio dos sacerdotes; No fim do mundo a loucura por causa do sofrimento; Quadro impressionante, pintado por um jornal russo; Pede-se o exame a uma comissão internacional”. *Novidades* (13 dez. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Os três mártires da América – O interesse de quatro repúblicas pela declaração do martírio; As «reduções», campo de atividade heroica; Rápido perfil dos três heróis; A cena de selvajaria; O dedo da Providência”. *Novidades* (14 dez. 1933), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Santa Bernardette – Dentro da Basílica e o pensamento a peregrinar em Lourdes; Um pouco de história e declarações de uma colega de Bernardette; A vantagem dos santos sobre os grandes do mundo”. *Novidades* (18 dez. 1933), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Orações pelo México – A união e a fraternidade na oração; Diante de Nossa Senhora de Guadalupe; O quadro piedoso e recolhido da assistência; Alusão aos mártires mexicanos; Doce hora de esperança”. *Novidades* (22 dez. 1933), p. 1, col. 2-3; p. 3, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Missa dos Atores de Roma – O que se faz em Turim, em Paris e em Nova Iorque; Quem são os sócios que dela fazem parte; São Genésio, o padroeiro dos atores; Sempre houve grandes almas cristãs no teatro; Fonte de vocações religiosas; Recordar-se Eva Lavalière”. *Novidades* (24 dez. 1933), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 5-7.

_____, “Cartas de Roma: Pio XI e as Mães de Itália – O coração do Santo Padre; A honra que Deus dá às mães; Todo o menino traz um bercinho; O presente de uma medalha; Declarações de uma mãe de 17 filhos”. *Novidades* (31 dez. 1933), p. 1, col. 2-3; p. 3, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: A Santa Sé e a Rússia – Informações e deformações; A propósito de Mons. d’Herbigny; Atoardas falsas e perigosas; A verdade sobre este assunto; Trabalhos de valor do Presidente da Comissão Pró-Rússia; O pensamento da Santa Sé”. *Novidades* (1 jan. 1934), p. 11, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Acordo russo-americano – O que vale a cláusula religiosa deste acordo; Palavras claras e definitivas de Litvinoff; O que diz o decreto do comunismo russo; Conflito entre o que se escreve e o que se faz”. *Novidades* (3 jan. 1934), p. 13, col. 3-5; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: A luta antirreligiosa na Rússia – Motivos da atividade antirreligiosa; Extratos da revista «O ateu»; Os dois critérios da luta contra a Igreja; A campanha contra o Natal e contra a Páscoa; Atraso de trinta anos”. *Novidades* (5 jan. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Carlos de Foulcauld – Desfaz-se um engano meu; De oficial estroina a trapista penitente; Como as orações muçulmanas convertem um explorador geográfico; Caminhos da Providência”. *Novidades* (17 jan. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 3, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Carlos de Foulcauld – Da Trapa à Terra Santa; Benéfica influência dos árabes e a sua difícil conversão; Ordem de ficar em vez de partir; O sacrifício da vida; O martírio e a comunhão em pleno deserto”. *Novidades* (20 jan. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Pedagogia Soviética – A conclusão de Eugénio Dévaud; A guerra à tradição; Como se determina a felicidade; Triunfo do Maquinismo; Não um homem, mas um

operário; Técnicos, mas técnicos comunistas”. *Novidades* (25 jan. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: O Natal na Rússia – Violenta campanha comunista contra as festas do Natal; A substituição de brinquedos reacionários; Em vez de livros de fadas, livros de operários; Desprezo das crianças pelos novos brinquedos; Um jogo de palavras”. *Novidades* (26 jan. 1934), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A catástrofe ucraniana – Diz-se algo do movimento extremista português; Tinha todas as características de comunismo; Resposta simples a certos ingénuos; Explica-se a fome da Rússia; Seis milhões de mortos”. *Novidades* (4 fev. 1934), p. 1, col. 5-6; p. 3, col. 2-3.

_____, “Cartas de Roma: A catástrofe ucraniana – Mais depoimentos sobre a fome; O espírito meigo e simples do Sr. Herriot; Infanticídio e canibalismo; Impedimentos políticos à obra dos socorros; A Ucrânia paga as despesas de um grande sonho”. *Novidades* (5 fev. 1934), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Cristianismo e Bolchevismo no Oriente – Uma visita às Missões estrangeiras; Duelo de ideias e de forças; Encontros dramáticos; O ódio soviético contra os sacerdotes; Heroísmos missionários e fidelidade de povoações; Necessidade de obras sociais”. *Novidades* (9 fev. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 3, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: A Canonização de Dom Bosco – Dom Bosco é o grande assunto de Roma; Trinta mil peregrinos certos; O grande entusiasmo na Itália e no estrangeiro; Supõe-se que a concorrência será maior do que a registada por ocasião da canonização de Santa Terezinha”. *Novidades* (11 fev. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: As desilusões da Rússia – Uma cidade falida, fundada pelos bolchevistas; Declarações de comunistas ucranianos; Expulso e chamado aos tribunais por dizer a verdade; Carga violenta de um jornalista inglês contra os «amigos da União Soviética»”. *Novidades* (16 fev. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 2, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Crueldades da Rússia – A falência da indústria; Com elétricos que não servem para nada; Fuzilado o chefe nacionalista do Turquestão; Estaline ordena que se matem os cossacos pela fome; Palavras de um jornalista”. *Novidades* (17 fev. 1934), p. 1, col. 3-5; p. 2, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Quaresma romana – Pregação diária em muitas igrejas; Diárias Estações às sepulturas dos Mártires; As canonizações de Dom Bosco e de Cotolengo; Duas glórias da Igreja e da Itália; A Beatificação do Venerável Padre Claret”. *Novidades* (24 fev. 1934), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A desgraça da Rússia – Confissão de Estaline sobre os defeitos da indústria soviética; Os russos compram os parentes a peso de ouro, tal como cabeças de gado; Um diálogo num consulado soviético; Crianças obrigadas a trabalhos forçados”. *Novidades* (25 fev. 1934), p. 1, col. 5-6; p. 3, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Milagre vivo da Providência – Corolongo dos cinco anos de idade; Quadro desolador; Resolução modesta e oportuna; A casa da «Volta Rossa»; Um colóquio com o irmão dominicano; A couve transplantada”. *Novidades* (26 fev. 1934), p. 1, col. 1-2; p. 6, col. 4.

_____, “Cartas de Roma: Milagre vivo da Providência – O Santo explica o título da sua obra; a profecia de Cotelengo e como ela se realiza; Quem são os donos da Picola Casa? Diz-se que é uma cidade e enumeram-se algumas famílias”. *Novidades* (28 fev. 1934), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: Milagre vivo da Providência – Mais famílias da cidade santa; Várias congregações que se dedicam a todos os recolhidos; Respostas admiráveis de Cotelengo aos seus amigos; Dom Bosco e Cotelengo”. *Novidades* (1 mar. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Exéquias pelo Rei Alberto – O que em Roma se fez pela alma do soberano belga; O espetáculo da Capela Sistina; O que disse Mons. Bacci no seu elogio fúnebre; A absolvição do Santo Padre”. *Novidades* (6 mar. 1934), p. 1, col. 3-5; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: A glória do Beato Claret – Sempre impressionantes as cerimónias do Vaticano; O Santo Padre no meio de grandes aclamações; O Beato Claret na glória de Bernini; O especial entusiasmo dos espanhóis”. *Novidades* (9 mar. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Santa Maria Micaela – A oferta dos presentes ao Santo Padre; No momento solene da Consagração; Como comunga o Sumo Pontífice; O regresso do cortejo; Admira-se a resistência de Sua Santidade e fala-se dos parentes da Santa”. *Novidades* (21 mar. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Hora Santa do Clero – Em torno do Santo Padre o clero de todo o mundo; As três exortações do Cardeal Laurenti; A majestosa missa coral; Apoteótica manifestação ao Santo Padre”. *Novidades* (26 mar. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: Uma nobre ação – Elogio fúnebre de Dom Manuel, o Venturoso; Diz-se a razão da sua importância; Divisão interessante do assunto; Uma sentença de Cícero; Promessa de valor”. *Novidades* (28 mar. 1934), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santa Teresa Margarida – Tenta-se o perfil de três santos; Tríptico admirável; A voz da Reformadora das Carmelitas; A caminho do Monte Alverne; Como se modela uma santa; Porque desejava eu o pincel de Frei João de Fiesole”. *Novidades* (5 abr. 1934), p. 3, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: São José Cotelengo – Um desafio extraordinário ao tempo e à humana sabedoria; Primeiro santo, depois padre; Lágrimas de consolação; O elenco dos internados; Números de confusão e de milagre”. *Novidades* (7 abr. 1934), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Santo Pompílio Pirrotti – Canonização oportuna; Modelo de professor amado e amável; Depois do calvário de perseguições a glória da canonização; Diferença entre Santa Teresinha e Santa Teresa; Os estudantes da solenidade”. *Novidades* (9 abr. 1934), p. 1, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Glorificação de Dom Bosco – A fantástica quantidade de peregrinos; A multidão dentro e fora da igreja; Recompensa de um cortejo maravilhoso; A edificante atitude da assistência”. *Novidades* (10 abr. 1934), p. 2, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Encerramento da Porta Santa – O cortejo pontifício para o peristilo da

Basílica; O Santo Padre passa pela Porta Santa; Descreve-se como ela se fecha; A iluminação maravilhosa da Basílica; As igrejas de Roma todas iluminadas”. *Novidades* (11 abr. 1934), p. 2, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os soviets contra Deus – Heroísmo de sacerdotes e de fiéis; Contra o rito católico oriental; Jovens presos, porque surpreendidos a rezar; O ateísmo na Rússia e o alfabeto antirreligioso”. *Novidades* (21 abr. 1934), p. 4, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: A Páscoa Russa – A ímpia propaganda dos «sem Deus»; Igrejas insuficientes para conter a multidão dos fiéis; Como se educam as crianças; Abjetas manobras contra os crentes”. *Novidades* (23 abr. 1934), p. 6, col. 4-5.

_____, “Cartas de Roma: Horrores da Rússia – Cooperativas agrícolas acusadas de sabotagem; Espionagem doméstica; Continua a perseguição dos católicos; Da cadeia ao manicômio; De como à coronhada se tratam as crianças esfaimadas”. *Novidades* (7 maio 1934), p. 6, col. 6-7.

_____, “Cartas de Roma: O errante Leão Trotsky – O atrevido projeto do «generalíssimo»; A Ceka em atividade; O «18 Brumário» de Estaline; Golpe de audácia; Fim dum duelo Dramático; Assim passa a glória do mundo”. *Novidades* (15 maio 1934), p. 1, col.3-6.

_____, “Cartas de Roma: A dolorosa odisseia de Mons. Malecki – O estado miserável do Bispo; A condenação e a deportação; O pão a 18 escudos o quilo, e o açúcar a 63; «Sinto-me sob a influência dos inimigos; Silêncio, fome e miséria”. *Novidades* (22 maio 1934), p. 6, col.3-5.

_____, “Cartas de Roma: Lenine visto a olho nu – Desafio de atrocidade; Os massacres dos sacerdotes; No tempo dos «brancos»; Ontem e... hoje”. *Novidades* (25 maio 1934), p. 3, col.4-6.

_____, “Cartas de Roma: Os sofrimentos do povo russo – A dramática odisseia de uma família; Especialidade sem partido; Um problema insolúvel; Pregos e uma garrafa; Contra a religião”. *Novidades* (28 maio 1934), p. 6, col.1-3.

_____, “Cartas de Roma: A trágica luta na Ucrânia – A Ucrânia, vítima do imperialismo czarista e soviético; Luta nos campos político, económico e social; Milhares de fuzilamentos e deportações; Um povo de 10 milhões que lutam pela liberdade”. *Novidades* (29 maio 1934), p. 6, col.3-7.

_____, “Cartas de Roma: O Papa em Castelgandolfo – Uma visita de surpresa do Santo Padre; A luz difundida por uma Cruz iluminada a luz elétrica; O itinerário da viagem; Visita ao palácio e às duas Vilas; A beleza do conjunto”. *Novidades* (4 jun. 1934), p. 6, col. 3-5.

_____, “Cartas de Roma: A tremenda luta na Rússia – Motins e fuzilamentos na Ucrânia; Manobras militares e fome; Fechada a Basílica de Santa Sofia; Uma exposição em Londres; Redobra a campanha antirreligiosa”. *Novidades* (9 jun. 1934), p. 6, col.2-4.

_____, “Cartas de Roma: O centenário de Pio X – Flores e velas na cripta do Vaticano; Porquê tanta gente à beira dum túmulo?; A primeira vítima da guerra; A obra dum grande Papa; Feito realidade o sonho de Merry del Val”. *Novidades* (14 jun. 1934), p. 1, col.4-6; p. 4, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: A instrução bolchevista – O verso e o reverso da medalha; Reabilitação da história; Ignorância geográfica; Volta o ensino à antiga; Confissão de um clamoroso insucesso”. *Novidades* (29 jun. 1934), p. 3, col.2-4; p. 4, col. 1.

_____, “Cartas de Roma: Dois casos típicos da Rússia – As dificuldades de dois noivos; A quadratura do círculo; Como se viaja na Rússia; Incentivos e prémios à espionagem; Um filho premiado e a mãe condenada a trabalhos forçados; As tremendas conclusões deste facto”. *Novidades* (13 jul. 1934), p. 3, col.1-2.

_____, “Cartas de Roma: Os jardins do Vaticano – Quem fundou e embelezou os jardins do Vaticano; Um pouco de história dos mesmos; Pio IX e Leão XIII; Pio X e Bento XV; O Papa atual e os jardins”. *Novidades* (20 jul. 1934), p. 3, col.4-5.

_____, “Cartas de Roma: O Papa Leão XIII – Uma grande definição; Como um Cardial tira os escrúpulos a outro Cardial; Aborrecimento da família por causa da eleição de Leão XIII; Uma resposta de muito espírito; Palavras de Bertrin”. *Novidades* (29 jul. 1934), p. 3, col. 3-7.

_____, “Cartas de Roma: O 3.º Reich e a Concordata – Um discurso significativo; Nacional-socialismo e Cristianismo; O valor de uma audiência”. *Novidades* (29 jul. 1934), p. 6, col. 2.

_____, “Cartas de Roma: A Embaixada Pontifícia à Argentina – Razões que provam o interesse do Santo Padre pela Argentina; Quem faz parte da comitiva; Manifestações jubilosas do Governo, do Clero e do povo; O perfil do Cardeal Pacelli”. *Novidades* (11 ago. 1934), p. 1, col. 5-6; p. 3, col. 3.

_____, “Cartas de Roma: Salazar – Duas palavras a respeito dos grandes méritos do tradutor Conselheiro Corrado Zoli”. *Novidades* (13 ago. 1934), p. 1, col. 5-6; p. 6, col. 7.

_____, “Cartas de Roma: Em Castelgandolfo – A dissertação de um professor num café; Ao cabo de 65 anos; Quando o silêncio era interrompido; O espetáculo impressionante; Contraste do dia de hoje com o de ontem”. *Novidades* (14 ago. 1934), p. 1, col. 2-3; p. 6, col. 5-6.

_____, “Cartas de Roma: Em Castelgandolfo – A vaidosa alegria dos habitantes da cidade; O Papa trabalhador; A mesma vida, o mesmo trabalho e as mesmas cerimónias; A visita dos recém-casados; Os carros da felicidade”. *Novidades* (15 ago. 1934), p. 1, col. 3-4; p. 6, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: As fontes de Roma – Basílicas, palácios e fontes; Diferença entre o calor de Roma e o de Lisboa; Um pouco de história da água romana; A devoção antiga pela água; Aquedutos construídos, demolidos e restaurados”. *Novidades* (23 ago. 1934), p. 1, col. 3-5; p. 2, col. 6.

_____, “Cartas de Roma: As fontes de Roma – O fausto das águas de Roma; A fonte de Trevi e o seu encanto; Uma superstição muito singular; Efeito de luz na riqueza dos mármore e das águas; A afluência constante de estrangeiras”. *Novidades* (25 ago. 1934), p. 1, col. 3-4; p. 6, col. 4-6.

_____, “Cartas de Roma: Tomás Roberto Malthus – Uma fama... usurpada; O problema da população; Falsos espectros; Doutrinas de morte”. *Novidades* (2 set. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: As exéquias do Ministro – O que contribuiu para a imponência das exéquias; O ambiente, liturgia e o canto; O número de cardeais presentes; A assistência dos diplomatas, da secretaria de Estado e da nobreza”. *Novidades* (26 out. 1934), p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Tomás Roberto Malthus – Uma fama... usurpada; O problema da população; Falsos espectros; Doutrinas de morte”. *Novidades* (10 nov. 1934), p. 1, col. 6-7; p. 4, col. 5.

_____, “Cartas de Roma: Chegada do Em.^{mo} Cardial Pacelli – Congresso de Buenos Aires acima dos outros; As apoteoses de Montevidéu e Rio de Janeiro; A impressão do alto do Corcovado; A verdadeira Espanha pela Voz das Canárias”. *Novidades* (21 nov. 1934), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Duas semanas de paixão na católica Espanha – O martírio de Oviedo”. *Novidades* (26 nov. 1934), p. 6, col. 3-4.

_____, “Cartas de Roma: Duas horas portuguesas – O Conde de Penha Garcia no Planetário de Roma; A sua elegante conferência; Na Universidade de Roma fala o dr. Fernando E. da Silva; Os três Impérios de Portugal; Defesa brilhante de Portugal”. *Novidades* (12 dez. 1934), p. 3, col. 1-2.

_____, “Cartas de Roma: Duas semanas de paixão na católica Espanha – Na zona das minas asturianas”. *Novidades* (21 dez. 1934), p. 1, col. 5; p. 3, col. 7.

_____, “Portugal e a Santa Sé: A apresentação de credenciais do novo Ministro – No pátio de São Dâmaso e pela escada papal; Pelas salas do Palácio Apostólico; O Santo Padre cercado da sua corte; O discurso do sr. dr. Alberto de Oliveira”. *Novidades* (6 fev. 1935), p. 1, col. 1-3; p. 6, col. 1-2.

_____, “Portugal e a Santa Sé: O novo Ministro no Vaticano – A carinhosa alocução de Sua Santidade; Audiência privada na sala da Biblioteca; A caminho dos aposentos do Cardial Pacelli; As orações do ministro na Basílica de S. Pedro”. *Novidades* (7 fev. 1935), p. 1, col. 5-6; p. 2, col. 6.

Correio Paulistano

CASTRO, Mons. José, “Cartas da Itália: A minha primeira carta”. *Correio Paulistano* (18 ago. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 6, col. 1-2.

CASTRO, José de, “Cartas da Itália: Reações ao Decreto do S. Ofício”. *Correio Paulistano* (23 ago. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 4.

CASTRO, Mons. José, “Cartas da Itália: Um panorama desolador”. *Correio Paulistano* (6 set. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 6, col. 1-2.

_____, “Cartas da Itália: O Ano Santo”. *Correio Paulistano* (23 set. 1949), p. 4, col. 1-8.

_____, “Cartas da Itália: A decadência do Comunismo”. *Correio Paulistano* (5 out. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 10, col. 1-2.

CASTRO, José de, “Cartas da Itália: O Sr. de Gasperi”. *Correio Paulistano* (15 out. 1949), p. 4, col. 1-8.

CASTRO, Mons. José, “Cartas da Itália: O grande perdão do Ano Santo”. *Correio Paulistano* (25 out. 1949), p. 4, col. 1-8.

- _____, “Cartas da Itália: O Santo Padre”. *Correio Paulistano* (1 nov. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Nápoles”. *Correio Paulistano* (12 nov. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A Igreja e o Comunismo”. *Correio Paulistano* (30 nov. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Preparativos do Ano Santo”. *Correio Paulistano* (8 dez. 1949), p. 4, col. 7-8; p. 6, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A Praça de S. Pedro”. *Correio Paulistano* (13 dez. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Pelo Ano Santo”. *Correio Paulistano* (24 dez. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A Basílica de S. Pedro”. *Correio Paulistano* (28 dez. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Cruzada da Bondade”. *Correio Paulistano* (31 dez. 1949), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Salus populini romani”. *Correio Paulistano* (10 jan. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: O Consistório”. *Correio Paulistano* (18 jan. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Abertura da Porta Santa”. *Correio Paulistano* (24 jan. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Peregrinações”. *Correio Paulistano* (4 fev. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 4.
- _____, “Cartas da Itália: As notas da Igreja”. *Correio Paulistano* (7 fev. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 2.
- _____, “Cartas da Itália: As visitas jubilares”. *Correio Paulistano* (10 fev. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 3.
- _____, “Cartas da Itália: A primeira beatificação”. *Correio Paulistano* (17 fev. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A estátua de Pio XI”. *Correio Paulistano* (3 mar. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Apoteose em São Pedro”. *Correio Paulistano* (8 mar. 1950), p. 4, col. 3-8.
- _____, “Cartas da Itália: Na glória de Bernini”. *Correio Paulistano* (16 mar. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 8.
- _____, “Cartas da Itália: Movimento de peregrinos”. *Correio Paulistano* (18 mar. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A mãe das criadas”. *Correio Paulistano* (22 mar. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Na Capela Sistina”. *Correio Paulistano* (28 mar. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Um santo de gravata”. *Correio Paulistano* (31 mar. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A festa da coroação”. *Correio Paulistano* (6 abr. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A beata Paula Isabel”. *Correio Paulistano* (12 abr. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Procissão de penitência”. *Correio Paulistano* (19 abr. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: N. Senhora de Fátima no Vaticano”. *Correio Paulistano* (22 abr. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Meio milhão de peregrinos”. *Correio Paulistano* (29 abr. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Santa Emília de Rodat”. *Correio Paulistano* (10 maio 1950), p. 4, col. 1-8.

- _____, “Cartas da Itália: Mais um santo espanhol”. *Correio Paulistano* (17 maio 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Impressões do Ano Santo”. *Correio Paulistano* (24 maio 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Portugal e Brasil”. *Correio Paulistano* (27 maio 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: O Santo Padre contente”. *Correio Paulistano* (31 maio 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 5.
- _____, “Cartas da Itália: Um grande centenário”. *Correio Paulistano* (3 jun. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 5.
- _____, “Cartas da Itália: O Corpo de Deus”. *Correio Paulistano* (14 jun. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: São Vicente Maria Strambi”. *Correio Paulistano* (21 jun. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Santa Maria Goretti”. *Correio Paulistano* (11 jul. 1950), p. 8, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A santa dos lírios”. *Correio Paulistano* (19 jul. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A assunção de Nossa Senhora”. *Correio Paulistano* (28 jul. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Episódios do Ano Santo”. *Correio Paulistano* (3 ago. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Santo António dos Portugueses”. *Correio Paulistano* (8 ago. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Visitas pontificias a S. António”. *Correio Paulistano* (16 ago. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: O prestígio da nossa Igreja”. *Correio Paulistano* (18 ago. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Visitas pontificias”. *Correio Paulistano* (3 set. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A beatificação de Pio X”. *Correio Paulistano* (5 set. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Assunção de N. Senhora”. *Correio Paulistano* (8 set. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A beatificação de Pio X”. *Correio Paulistano* (4 out. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Noite maravilhosa”. *Correio Paulistano* (7 out. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: O venerável Pio X”. *Correio Paulistano* (8 out. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 6.
- _____, “Cartas da Itália: Uma beatificação”. *Correio Paulistano* (20 out. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A vila de Castelgandolfo”. *Correio Paulistano* (24 out. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Meio século”. *Correio Paulistano* (2 nov. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: O dogma da Assunção”. *Correio Paulistano* (12 nov. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 19, col. 3.
- _____, “Cartas da Itália: Ainda o Palácio de Cera”. *Correio Paulistano* (21 nov. 1950), p. 4, col. 7-8; p. 5, col. 6.

- _____, “Cartas da Itália: O Palácio de Cera”. *Correio Paulistano* (24 nov. 1950), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: Impressões do Ano Santo”. *Correio Paulistano* (7 dez. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A divina Liturgia”. *Correio Paulistano* (10 dez. 1950), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: A festa da Imaculada”. *Correio Paulistano* (20 dez. 1950), p. 4, col. 2-7.
- _____, “Cartas da Itália: Centenário da Via Sacra”. *Correio Paulistano* (29 dez. 1950), p. 4, col. 3-7.
- _____, “Cartas da Itália: A festa da Epifania. *Correio Paulistano* (3 jan. 1951), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Fim do Ano Santo. *Correio Paulistano* (6 jan. 1951), p. 4, col. 7-8.
- _____, “Cartas da Itália: Mais Santos de gravata”. *Correio Paulistano* (17 jan. 1951), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: O meu vizinho S. Gerónimo”. *Correio Paulistano* (23 jan. 1951), p. 4, col. 1-8.
- _____, “Cartas da Itália: A Igreja na Polónia”. *Correio Paulistano* (31 jan. 1951), p. 4, col. 1-8.
- _____, “O milagre do Brasil (Conferência pronunciada ontem à noite, em Santos)”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-8.
- _____, “O milagre do Brasil [conclusão] (Conferência pronunciada anteontem à noite, em Santos)”. *Correio Paulistano* (1 set. 1951), p. 4, col. 1-8.

3. Sobre Mons. José de Castro

- “O nosso Boletim”, *Boletim Diocesano de Bragança*, Ano I, n.º 1 (jan. 1898), pp. 3-4.
- “Diversas: Abertura das aulas do Seminário de S. José de Bragança”, *Boletim Diocesano de Bragança*, Ano I, n.º 10 (out. 1898), pp. 171-172.
- Álerta! por Deus, pela Pátria e pela família: liberdade, justiça, paz e amor*. Prop. e dir. local José António de Castro; Dir. Artur Bivar. Ano I, n.º 1 (3 jun. 1907) – Ano II, n.º 56 (7 jul. 1908). Bragança, 1907-1908.
- “Álerta”. *Gazeta de Bragança* (21 jul. 1907), p. 2, col. 3.
- “Nacionalismo em Bragança”. *Alerta!* (19 jan. 1908), p. 8, col. 1.
- “Dominga 3.ª da Quaresma”. *Gazeta de Bragança* (22 mar. 1908), p. 3, col. 2.
- “Álerta”. *Gazeta de Bragança* (3 maio 1908), p. 3, col. 3.
- “Carteira do «Álerta»”. *Alerta!* (9 jun. 1908), p. 8, col. 3.
- “Solenidades da Semana Santa em Bragança”, *Gazeta de Bragança* (20 mar. 1910), p. 2, col. 2-3.

“Frente a frente! No primeiro recontro os ‘Paivantes’ tiveram 8 mortos e muitos feridos”. *A Capital – Diário Republicano da Noite* (11 out. 1911), p. 1, col. 5-7.

“Novos Vigários”. *Correio Paulistano* (1 fev. 1913), p. 4, col. 6.

“Mala do Interior: Monte Alto”. *Correio Paulistano* (16 mar. 1918), p. 4, col. 8.

André Arcoverde, Cón., “Aos meus paroquianos”. *A Cruz* (21 set. 1919), p. 1, col. 1-2.

“Câmara Eclesiástica: Expediente”. *Jornal do Brasil* (16 abr. 1924), p. 14, col. 8.

Josué Trocado, “Inquérito à vida religiosa no Brasil: Entrevista com o nosso patrício Padre José de Castro”. *Novidades* (11 ago. 1924), p. 4, col. 1-4; (13 ago. 1924), p. 4, col. 1-2; (17 ago. 1924), p. 3, col. 5-6; (18 ago. 1924), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 3. (19 ago. 1924), p. 1, col. 5-6; p.4, col. 3-4.

“Secção Religiosa: Matriz do Bangú”. *Jornal do Brasil* (12 dez. 1924), p. 19, col. 2.

“O centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco: O Centro Transmontano fará realizar amanhã uma grande sessão cívica”. *Jornal do Brasil* (14 mar. 1925), p. 5, col. 7

“Padre José de Castro”. *A Cruz* (17 maio 1925), p. 1, col. 5.

“Agremiações Portuguesas: O movimento da semana nos centros regionais – Centro Transmontano”. *Jornal do Brasil* (25 out. 1925), p. 9, col. 2-3.

“Agremiações Portuguesas: O movimento da semana dos Centros Regionais e noutras Associações Lusas – Centro Transmontano”. *Jornal do Brasil* (8 nov. 1925), p. 12, col. 3-4.

“‘A Roma e à Terra Santa’ (Um livro oportuno)”. *A Cruz* (15 nov. 1925), p. 1, col.1-3.

“A Roma e à Terra Santa”. *Jornal do Brasil* (17 dez. 1925), p. 8, col. 8.

“O Rev. Padre José de Castro que os leitores do *Jornal do Brasil* tão bem conhecem e apreciam, através das suas crónicas [...]”. *Jornal do Brasil* (24 dez. 1925), p. 5, col. 6.

“A Roma e à Terra Santa”. *Jornal do Brasil* (13 jan. 1926), p. 11, col. 5.

Soares Azevedo, “Cartas do Brasil: Um padre e um livro” [Especial para as ‘Novidades’]. *Novidades* (23 jan. 1926), p. 1, col. 6-7.

“Secção Religiosa: Inauguração do grandioso órgão do Santuário do Coração de Maria, no Meyer”. *Jornal do Brasil* (29 jan. 1926), p. 16, col. 7.

“Novidades nas províncias: Distrito de Bragança. Bragança 1 [...]”. *Novidades* (5 mar. 1926), p. 3, col. 2.

“S. Francisco de Assis”. *Jornal do Brasil* (4 jul. 1926), p. 5, col. 6-7.

“Sua Santidade Pio XI e o livro ‘São Francisco de Assis’”. *Jornal do Brasil* (26 ago. 1926), p. 8, col. 2.

“Semana Missionária: A inauguração solene na catedral metropolitana”. *Jornal do Brasil* (9 out. 1926), p. 7, col. 1-3.

“Livros novos: São Francisco de Assis, pelo Padre José de Castro, Rio, 1926, 2.^a edição”. *O Imparcial* (31 out. 1926), p. 2, col. 7.

“Secção Religiosa: Ano Franciscano”. *Jornal do Brasil* (6 nov. 1926), p. 21, col. 2.

“Hóspedes e viajantes: Padre José de Castro”, *Jornal do Brasil* (11 mar. 1927), p. 10, col. 4.

“Regressou ao Brasil o Padre J. de Castro”. *Jornal do Brasil* (18 out. 1927), p. 10, col. 4.

“A passagem de D. Sebastião Leme por Lisboa: Além das excepcionais de apreço com que foi recebido, S. Ex. Rv.^{ma} foi agraciado pelo Governo Português com a Grã Cruz de Cristo”. *Jornal do Brasil* (22 out. 1927), p. 7, col. 2-4.

“Secção Religiosa: Ilha de Paquetá – Festa do Senhor Bom Jesus do Monte”. *Jornal do Brasil* (23 dez. 1927), p. 19, col. 3.

“Avisos Religiosos: Irmandade de Nossa Senhora da Candelária - Novena”. *Jornal do Brasil* (22 jan. 1928), p. 31, col. 6.

“[Sexta Feira Santa]”. *Jornal do Brasil* (6 abr. 1928), p. 8, col. 6-7.

“Secção Religiosa: Irmandade de Santa Cruz dos Militares”. *Jornal do Brasil* (6 abr. 1928), p. 13, col. 5.

“Os funerais de Abel Araújo e sua Esposa – Na câmara ardente e na necrópole de S. João Baptista”. *Jornal do Brasil* (5 dez. 1928), p. 8, col. 1-4.

“Secção Religiosa: Capela da Conceição da Rua de S. Januário”. *Jornal do Brasil* (9 dez. 1928), p. 17, col. 6.

“Crónica Diocesana: Seminário Diocesano”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 4 (mar. 1929), pp. 135-136.

“Uma festa portuguesa em Roma: Homenagem ao Papa. Notáveis discursos dos reverendos Padres Ferreira Fontes e José de Castro”. *Novidades* (19 abr. 1929), p. 4, col. 1-2.

“P. José de Castro”, *A Cruz* (16 jun. 1929), p. 3, col. 3.

“Bragança – Movimento religioso junho-1929: P.^e José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 8 (jul. 1929), pp. 266-267.

“Padre José de Castro”. *A Cruz* (4 ago. 1929), p. 2, col. 2.

“Bragança – Movimento religioso Julho-1929: Reunião de Curso”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano I, n.º 9 (ago. 1929), pp. 292-293.

“Vida social: Padre José de Castro”. *A Cruz* (15 set. 1929), p. 2, col. 5.

“Monsenhor José de Castro”. *A Cruz* (3 abr. 1932), p. 5, col. 5-6.

“Crónica Diocesana: Mons. José de Castro”. *Boletim da Diocese de Bragança*, Ano IV, n.º 9 (set. 1932), p. 286.

“Prestígio de Salazar”. *Terras de Bragança* (10 jun. 1935), p. 1, col. 4-5.

“Monsenhor José de Castro”. *Terras de Bragança* (20 jun. 1935), p. 2, col. 2.

“Monsenhor José de Castro”. *Terras de Bragança* (1 ago. 1935), p. 3, col. 1.

“D. Maria da Conceição de Castro”. *Terras de Bragança* (10 jan. 1937), p. 4, col. 2.

“Homenagem de Zamora a Portugal”. *Terras de Bragança* (10 jul. 1938), p. 1, col. 1.

Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), “‘Portugal em Roma’ por Monsenhor José de Castro”. *Novidades* (25 out. 1939), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 4.

“Portugal em Roma”. *Novidades* (11 nov. 1939), p. 1, cols. 1-2.

Alberto d’Oliveira, “Portugal em Roma”. *A Voz* (11 nov. 1939), p. 1, col. 1-2; p. 2, col.4-5.

“‘Portugal em Roma’ e a imprensa”. *Novidades* (21 nov. 1939), p. 6, col. 5.

J. Fernando de Souza, “Um vasto repositório histórico – ‘Portugal em Roma’ pelo P. José de Castro”. *A Voz* (nov. 1939), pp. 1-2.

“‘Portugal em Roma’ – P.^e José de Castro”. *Renascença* (1 dez. 1939), [p. 9].

Augusto de Castro, “Portugal em Roma”. *Diário de Notícias* (4 dez. 1939), p. 1.

- C. L., “‘Portugal em Roma’ pelo P.^e José de Castro”. *Diário de Notícias* (4 dez. 1939).
- Soares Fonseca, “O livro do momento – ‘Portugal em Roma’ de Monsenhor José de Castro”. *Novidades* (4 dez. 1939), p. 2, col. 1.
- C. L., “‘Portugal em Roma’ de Monsenhor José de Castro e a imprensa”. *Novidades* (11 dez. 1939), p. 6, col. 5-6.
- “Foram nomeados sócios correspondentes da Academia Portuguesa da História, Monsenhor José de Castro e o dr. Luís Vieira de Castro”. *Novidades* (12 dez. 1939), p. 1, col. 6-7 com retrato; p. 2, col. 1.
- C. de B., “Portugal em Roma”. *Novidades* (15 dez. 1939), p. 3, col. 1-2.
- Portugal em Roma”. *Comércio de Jahu* (20 dez. 1939).
- Mons. Conrado Jacarandá, “A Embaixada do Elefante”. *Jornal do Brasil* (30 dez. 1939), p. 6, cols. 7-8.
- M. C., “‘Portugal em Roma’ por Mons. José de Castro, edição da ‘União Gráfica’. - Rua de Santa Marta, 158 – Lisboa”. *Stella* (dez. 1939), p. 326.
- “Bibliografia: Portugal em Roma – pelo padre José de Castro”. *Gazeta de Coimbra* (9 jan. 1940).
- “Livros Novos: Portugal em Roma, do P.^e José de Castro (edição da União Gráfica, de Lisboa)”. *Correio de Coimbra* (13 jan. 1940), p. 2.
- ROSSI, Giuseppe, “Il Portogallo in Roma”. *Il Avvenire d’Italia* (17 jan. 1940), p. 2, col. 1-2.
- “‘Portugal em Roma’ de Monsenhor José de Castro e a imprensa”. *Novidades* (19 jan. 1940), p. 6, col. 5.
- Virgílio Correia, “Portugal em Roma”. *Diário de Coimbra* (22 jan. 1940).
- “Portugal em Roma, Padre José de Castro – 2 volumes. – Lisboa – União Gráfica”. *Jornal do Brasil* (24 jan. 1940), p. 6, cols. 4-5.
- “Portugal em Roma’ na Itália”. *Novidades* (25 jan. 1940), p. 2, col. 4-6.
- “‘Portugal em Roma’ de Monsenhor José de Castro e a imprensa”. *Novidades* (29 jan. 1940), p. 3, col. 1-3.

- “Portugal em Roma’ de Monsenhor José de Castro e a imprensa”. *Novidades* (30 jan. 1940), p. 3, col. 1-2.
- “Portugal em Roma”. *Terras de Bragança* (1 fev. 1940), p. 4, col. 1.
- “Portugal em Roma”. *Evangelho* (10 fev. 1940).
- “Portugal em Roma’ no Brasil”. *Novidades* (13 fev. 1940), p. 5, col. 1-2.
- “Portugal em Roma”. *Mensagem de Bragança* (15 fev. 1940), p. 2, col. 4.
- “Portugal em Roma’ e o dr. Correia Pinto”. *Novidades* (19 fev. 1940), p. 6, col. 4-5.
- O Ocidente – Revista Portuguesa* (fev. 1940), p. 454.
- “Roma e il Portogallo”. *L’Assalto* (13 abril 1940).
- “P. José de Castro: Portugal em Roma, Volumi due. Lisboa (Portugal), União Gráfica, 1939, pp. 438 e 422, s. p.”, [?] (1 maio 1940).
- “Portogallo in Roma”. *Osservatore Romano* (25 maio 1940), p. 2, col. 1.
- João da Ribeira, “Portugal em Roma’ de Mons. José de Castro”. *Voz de Portugal* (1940).
- Virgílio Correia, “Portugal em Roma’ de Mons. José de Castro e a imprensa”. *Novidades* (26 jan. 1940), p. 2, col. 4-5.
- “P. José de Castro, – Portugal em Roma. – 2 vols. De 135 X 190 mm. e respetivamente de 438 e 422 págs. União Gráfica. Lisboa, 1939”. *Brotéria* (jun.1940), pp. 118-119.
- “O Santo Padre e o ‘Portugal em Roma’”. *Novidades* (25 maio 1940), p. 1, col. 2-3.
- “Portugal em Roma’ no Vaticano”. *Novidades* (30 maio 1940), p. 6, col. 3-4, em transcrição do *Osservatore Romano*.
- “Na paz dos justos”. *Mensagem de Bragança* (1 mar. 1941), p. 1, col. 3.
- “D. Sebastião e D. Henrique’ pelo Padre José de Castro”. *Novidades* (14 dez. 1942), p. 1, col. 4-5.
- “Palavras a propósito de dois livros – Bem-haja Mons. José de Castro”. *Novidades* (14 dez. 1942), p. 1, col. 5-7; p. 2, col. 1-2.
- “Dois livros notáveis”. *Mensagem de Bragança* (15 dez. 1942), p. 1, col. 1-2.
- “Figuras e notas: Os dois últimos livros de Mons. José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (1 jan. 1943), p. 4, col. 1.

- L. M., “Monsenhor José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (1 jan. 1943), p. 4, col. 3.
- Costa Brochado, “El-Rei D. Sebastião e a sua época... através das cartas de Mons. Caligari”. *Diário de Lisboa* (9 jan. 1943), p. 2, col. 2-3.
- “Trabalhos Históricos”. *Novidades* (24 jan. 1943), p. 1, col. 1-2.
- “A propósito de um livro – O Prior do Crato, a biografia do vencido”. *Diário de Notícias* (28 jan. 1943), p. 1, col. 1-2; p. 4.
- M. C., “‘Dom Sebastião e Dom Henrique’ e ‘O Prior do Crato’”. *Stella* (jan. 1943).
- “1) D. Sebastião e D. Henrique; 2) O Prior do Crato”. *Renascença/Vida Literária* (1 fev. 1943), p. 14, col. 1-3.
- “Mons. José de Castro – A homenagem em curso”. *Mensagem de Bragança* (15 fev. 1943), p. 1, col. 5.
- D. de M., “‘O Prior do Crato’ e ‘D. Sebastião e D. Henrique’ de P. José de Castro”. *Ocidente/Bibliografia* (fev. 1943), pp. 136-137.
- “Padre José de Castro – ‘D. Sebastião e D. Henrique’ – ‘O Prior do Crato’ – 2 vol. – União Gráfica – Lisboa”. *Estudos/Faca de Papel* (fev. 1943), p. 14, col. 1-3.
- L. M., “A homenagem a Mons. José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (15 maio 1943), p. 1, col. 4-5.
- “Entre as sombras dos Arquivos – Duplo documento”. *Renascença* (15 maio 1943), p. 6; p. 19.
- “Livros Novos: O Prior do Crato – Padre José de Castro – União Gráfica – Lisboa – 1942”. *Jornal do Brasil* (21 maio 1943), p. 8, col. 2.
- “Livros Novos: D. Sebastião e D. Henrique – Padre José de Castro – União Gráfica – Lisboa – 1942”. *Jornal do Brasil* (23 maio 1943), p. 9, col. 1-2.
- “Bibliografia: CASTRO, P. José de. – D. Sebastião e D. Henrique. – Vol. de 175 X 195 mm., e 360 págs. Lisboa, 1942”. *Brotéria* (maio 1943), pp. 553-554.
- P.º Firmino Martins, “O Padre José de Castro”. *Mensagem de Bragança* (1 jun. 1943), p. 1, col. 3-4; p. 4, col. 1-2.
- Cardoso, “A Monsenhor José de Castro – A minha homenagem”. *Mensagem de Bragança* (1 jul. 1943), p. 1, col. 4-5.

Padre J. Cabral, “História Portuguesa”. *A Cruz* (04 jul. 1943), vol. XIX, p. 230.

“A homenagem a Mons. Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 set. 1943), p. 3, col. 1-3.

“A homenagem a Mons. Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 dez. 1943), p. 1, col. 2.

“Homenagem a Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 jul. 1944), p. 1, col. 3-5; p. 4, col. 1-2.

“Nótulas: Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (10 jan. 1945), p. 1, col. 2.

D. Abílio Vaz das Neves (Bispo de Bragança-Miranda), “Exortação Pastoral sobre a preparação para as Festas Centenárias da Fundação da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 fev. 1945), p. 1, col.1-2; p. 2, col. 1-3; p. 4, col.1-3.

“Instantâneo: Mons. José de Castro já ganhou direito às esporas de oiro de benemérito da historiografia nacional. [...]”. *Novidades* (14 abr. 1945), p. 6, col. 5-6.

“Grandiosas e soleníssimas Celebrações Centenárias da Fundação da Diocese na cidade de Bragança nos dias 28, 29, 30 e 31 de Agosto e 1 e 2 de Setembro”. *Mensageiro de Bragança* (20 ago. 1945), p. 1, col. 1-5; p. 2, col. 1-5.

J. A. de Aldama, s.j., “Bibliografia: J. DE CASTRO, Portugal no Concílio de Trento. Lisboa, 1944-1945. En 4.º Vol. I, 503; vol. II, 507; vol. III, 505; vol. IV, 499; vol. V, 495 p.”. *Archivo Teologico Granadino*, n.º 8 (1945), pp. 243-244.

“Um grande homem de letras, um grande diplomata e um grande bispo de Viseu”. *Jornal da Beira* (dez. 1945), p. 4, col. 1-2.

J. C., “Acaba de sair o 1.º volume da História da Diocese de Bragança e Miranda da autoria de Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (1 mar. 1946), p. 6, col. 1-2.

Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, “O livro de Bragança e Miranda”. *Mensageiro de Bragança* (15 mar. 1946), p. 1, col. 1-2.

“‘Portugal no Concílio de Trento’ – Acaba de aparecer o 5.º volume desta Obra de Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (15 jun. 1946), p. 1, col. 1-3; p. 3, col. 5.

S.D., “‘Portugal no Concílio de Trento’ por Mons. José de Castro”. *Novidades/Letras e Artes* (22 set. 1946), p. 1, col. 1-5.

M.V.G., “Monsenhor José de Castro fala-nos da sua obra ‘Portugal no Concílio de Trento’”. *Novidades/Letras e Artes* (12 jan. 1947), p. 3, col. 1-5.

M.V.G., “Livros Novos: Bragança e Miranda e Venerável Bartolomeu dos Mártires por Mons. José de Castro”. *Novidades* (17 mar. 1947), p. 6, col. 3.

Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, “Bragança e Miranda (Bispado) por Mons. José de Castro”, *Mensageiro de Bragança* (1 abr. 1947), p. 1, col. 1.

“A S. Sé concedeu a Monsenhor José de Castro os ‘Louros do Palatino’”. *Novidades* (9 maio 1947), p. 1, col. 7.

“Os louros do Palatino a Mons. José de Castro no Capitólio”. *Novidades* (23 maio 1947), p. 1, col. 5-6; p. 4, col. 3.

“Uma grande figura de Trás-os-Montes e da cultura portuguesa: A vida e a obra do Abade de Baçal foram evocadas por monsenhor José de Castro”. *Comércio do Porto* (14 fev. 1948), p. 6, col. 1-4.

“Homenagem a Mons. José de Castro: Conferência do Sr. P.^o Luís Castelo Branco. Inauguração de uma vitrine com objetos do Abade de Baçal”. *Mensageiro de Bragança* (7 jul. 1950), p. 1, col. 4-5, p. 2, col. 4-5.

Raul Teixeira, org., *Monsenhor José de Castro: Subsídios para a biografia dum ilustre Bragantino*. Bragança. Gráfica Transmontana, Lda., 1950.

“‘Bragança e Miranda’ de Mons. José de Castro: Está publicado o último volume da História da Diocese”. *Mensageiro de Bragança* (10 ago. 1951), p. 1, col. 1-2, p. 2, col. 1-2.

“Testemunho de um sacerdote: ‘Quatro milhões de peregrinos estiveram em Roma no Ano Santo’”. *Correio Paulistano* (22 ago. 1951), p. 12, col. 1-4; p. 2, col. 7-8.

“Relíquias do Passado”. *Correio Paulistano* (29 ago. 1951), p. 11, col. 3.

Francisco Pati, “De Roma a São Paulo”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-2.

“O milagre do Brasil (Conferência pronunciada ontem à noite, em Santos)”. *Correio Paulistano* (31 ago. 1951), p. 4, col. 1-8.

“O milagre do Brasil” [conclusão]. *Correio Paulistano* (1 set. 1951), p. 4, col. 1-8.

Francisco Felgueiras, dir., “Monsenhor José de Castro”. *Boletim do Grupo Amigos de Bragança*, n.º 1 (mar. 1955), pp. 1; 12.

“Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (19 ago. 1966), p. 1, col. 5.

“A morte de Mons. José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (2 set. 1966), p. 3, col. 1-3; p. 8, col. 2-4; p. 5, col. 1-2.

Marquês de São-Paio, *Elogio de Mons. José de Castro*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1969.

João Neto Jacob, “Homenagem – no centenário de Monsenhor José de Castro”. *Amigos de Bragança (Boletim de informação e estudos regionalistas)*, 8.ª série, n.º 1 (mar. 1986), pp. 16-25.

“Notícias em Flash – Trás-os-Montes/Alto Douro: Bragança – O Museu do Abade de Baçal inaugurou uma exposição retrospectiva de Monsenhor José de Castro”. *Mensageiro de Bragança* (21 fev. 1986), p. 2, col. 3-4.

Belarmino Afonso, “Mons. José de Castro (1886-1966)”. *Lumen – Revista de Doutrinação e Informação Eclesial*, Ano 47, n.º 10 (out. 1986), pp. 37-45 [pp. 405-413].

António Maria Mourinho, “Os cem anos de de Mons. José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 445-446.

Belarmino Afonso, “Correspondência epistolar de Mons. José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 455-465.

_____, “Monsenhor José de Castro – Uma figura a recordar”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 297-309.

_____, “Non omnis moriar!”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 295.

Eduardo Carvalho, “Recordando”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 473-476.

Francisco Afonso, “Monsenhor José de Castro (Investigador, Historiador, Jornalista, Escritor e Conferencista)”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 447-454.

Hirondino da Paixão Fernandes, “Bibliografia do Distrito de Bragança – Monsenhor José António de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 329-393.

J. Dias Marques, “Memória de Mons. José de Castro em Roma”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 423-443.

Lúcio Veleda, “Mons. José de Castro no Rio de Janeiro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 467-472.

Luís Ruivo, “Os grandes amores de Monsenhor José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 401-404.

Manuel António Pires, “Monsenhor Castro: o diplomata, o escritor e o padre”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), p. 311-319.

Manuel Joaquim Ochoa, “A jovialidade e a graça de Mons. José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 477-479.

Moreira das Neves, “Historiador e Contador de Histórias”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 395-399.

Raul de A. Rolo, “«A caridade é mais do que uma palavra»”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 4 (out.-dez. 1986), pp. 321-327.

Hirondino Fernandes, “A virtude da esperança”. *Mensageiro de Bragança/Página Cinco* (6 mar. 1987), p. I, col. 3-4; p. III, col. 3-4.

D. António José Rafael, “Monsenhor de Bragança”. *Mensageiro de Bragança/Página Cinco* (6 mar. 1987), p. III, col. 1-2; p. IV, col. 1-2.

Francisco Leite de Faria, “Portugal em Roma na obra de Monsenhor José de Castro” [alocução pelo Académico de Número]. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1987, pp. 53-60.

Luiz Afonso Ruivo, *Para conhecer melhor o grande bragançano e português de lei – Mons. José de Castro*. Bragança: (s.n.), 1996.

D. António José Rafael, “Caminhar com Bragança-Miranda pelo Tempo Nordestino”. In *I Congresso Histórico Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda 1545-1995: atas*, Bragança, 1996. Bragança: Comissão de Arte Sacra de Bragança-Miranda, 1997, pp. XXVII-XXX.

Hirondino Fernandes, “CASTRO, José António de”. In *Bibliografia do Distrito de Bragança – Série Escritores, Jornalistas, Artistas*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2012, vol. II, pp. 308-330.

_____, “TEIXEIRA, Raúl Manuel”. In *Bibliografia do Distrito de Bragança – Série Escritores, Jornalistas, Artistas*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2013, vol. VIII, pp. 234-248.

Henrique Manuel Pereira, “Do homem que cavou o silêncio para explicar a luz”. In *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2014.

José Manuel Garcia Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda, “O Arcebispo Santo”. In *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o venerável*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2014.

Francisco Pimparel, “Passeio anual do clero assinalou Beato Frei Bartolomeu dos Mártires”. *Mensagem de Bragança* (24 jul. 2014), p. 18, col. 2-4.]

Adelino Fernando Paes, “Chamados e enviados – Sacerdotes entre o povo”. In *In Memoriam: P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016.

Henrique Manuel Pereira, “Ver mais e mais longe – Figuras e obras do património cultural português”. In *In Memoriam: P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016.

“José António de Castro (1886-1966) – Subsídios para uma bio-cronologia”. In *In Memoriam: P.º Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016.

Henrique Manuel Pereira, “In memoriam: Um livro, três homenagens”. *Mensagem de Bragança* (23 jun. 2016), p. 7, col. 4-5.

António G. Rodrigues, “Mons. José de Castro foi uma das mais ilustres personalidades de Bragança” [Entrevista a Henrique Manuel Pereira]. *Mensagem de Bragança* (24 nov. 2016), p. 18, col. 1-4; p. 19, col. 1-3.

António G. Rodrigues, “Um dos gigantes da diocese voltou à memória coletiva”. *Mensagem de Bragança* (15 dez. 2016), p. 2, col. 1-5; p. 3, col. 1-3.

Francisco de Almeida Dias, “Monsenhor José de Castro – A História de Portugal em Roma”. In *Alessandrini [et al.], Scigni della memoria: Archivos e Fondos Documentais para o*

estudo das Relações Luso-Italianas. Lisboa: Universidade de Lisboa/Edição Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2016, pp. 53-71.

Ana Maria Afonso; Luís Carlos Amaral, org., “Correspondência recebida pelo Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal; II – Correspondência enviada por Monsenhor José de Castro”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXIV-XXXV (2016-2017), pp. 375-449.

Henrique Manuel Pereira, “Abade de Baçal e Mons. José de Castro – Património e espessura do passado nordestino”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXIV-XXXV (2016-2017), pp. 213-221.

Maria Antónia Lopes, “A monografia da Misericórdia de Bragança do P.º José de Castro: apresentação e revisão científica”. In *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*. 2.ª ed revista e aumentada. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2018.

Henrique Manuel Pereira; Sandra Vale, “Nos 80 anos de Portugal em Roma: ecos de uma receção”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXVI-XXXVII (2018-2019), pp. 27-36.

Sandra Vale, “Os 80 anos de ‘Portugal em Roma’, de Mons. José de Castro. *Mensageiro de Bragança* (21 nov. 2019), p. 24, col. 1-5.

Henrique Manuel Pereira; Sandra Vale, org., *Correspondências – Mons. José de Castro, António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2020.

4. Bibliografia Geral

“A incursão de Paiva Couceiro”. *Ilustração Portuguesa – Edição semanal do jornal O Século*. N.º 296 (23 out. 1911).

“A nossa remodelação”. *Portugal* (1 dez. 1908), p. 1, col. 5-6.

“A nova fase d’ ‘A Cruz’”. *A Cruz* (1 jan. 1925), p. 1, col. 1-2.

ABREU, Luís Machado de; FRANCO, José Eduardo, coord., *Ordens e Congregações Religiosas no contexto da I República*. Lisboa: Gradiva, 2010.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1967-1971.

ALVES, Francisco Manuel, (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português de Museus, 2000, tomo I, II, VII-XI.

AZEVEDO, Joaquim; RAMOS, José, “Inventário da Imprensa Católica entre 1820 e 1910”. *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 3, 1991, pp. 215-204.

AZZI, Riolando -O início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930”, *In Revista Síntese*, v. 4 n.º 10, 1977.

BARBOSA, David Sampaio Dias, “Santa Sé e Portugal”. *In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir., Dicionário de História Religiosa de Portugal [P-V]*. Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 155-164.

Boletim do Museu do Abade de Baçal, n.º 1 (9 abr. 1998).

CABRAL, Clara Bertrand, *Património Cultural Imaterial – Convenção da UNESCO e seus contextos*.

CAETANO, Marcelo, *Minhas Memórias de Salazar*. Lisboa: Editorial Verbo, 2006.

Candidatura “Tombo Diocesano – Monsenhor José de Castro: Memória Descritiva.”, apresentada no âmbito do Concurso Património Cultural, em resposta ao respetivo convite (Aviso N.º Norte-14-2016-03) Bragança: Câmara Municipal de Bragança; CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (set. 2016).

CATROGA, Fernando, *Geografia dos Afectos Pátrios: as reformas político-administrativas (séc. XIX-XX)*. Coimbra: Almedina, 2013.

_____, *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CHOAY, Françoise, *As questões do Património – Antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2015.

CRUZ, Lopes [Mons.], org., *Anuário Católico de Portugal 1957*. Lisboa: Imprimatur, 1957.

CRUZ, Manuel Braga da, “As elites católicas nos primórdios do salazarismo”. *Análise Social*, vol. XXVII (116-117), 1992 (2.º-3.º), pp. 547-574.

_____, *O Estado Novo e a Igreja Católica*. 2.ª Ed.: Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999.

_____, “O integralismo lusitano nas origens do salazarismo”. *Análise Social* vol. XVIII (70), 1982-1.º, 137-182.

_____, “Os católicos e a política nos finais do século XIX”, *Análise Social*, vol. XVI (61-62), 1980-1.º-2.º, pp. 259-270.

FERNANDES, Mário João de Brito; PINHEIRO, Alexandre Sousa. *A Concordata de 1940 e a Constituição da República Portuguesa: evolução histórica, regime constitucional, tratamento internacional, direito interno português, modelos de relacionamento entre o Estado e as confissões religiosas* [Estudo/análise para a celebração da nova Concordata, elaborado por dois assistentes da Faculdade de Direito de Lisboa]. Lisboa: [s.n.], 2000.

FERREIRA, António Matos, “A constitucionalização da religião”. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir., *História religiosa de Portugal*, vol. 3. Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2002, pp. 129-351.

_____, “Repercussões do Ultimatum no meio católico (notas acerca do Nacionalismo Católico)”. *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 6, 1994, pp. 31-45.

“Foi nomeado Bispo Coadjutor de Silva Porto Mons. Manuel António Pires, Vigário da Diocese de Bragança”. *Mensageiro de Bragança* (22 abr. 1955), p. 1, col. 1-3.

FONTES, Paulo F. de Oliveira, “Imprensa Católica”. In Carlos Moreira Azevedo, *História religiosa de Portugal*, [C-I]. Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 423-429.

FRANCO, José Eduardo, “Missionários da Boa Nova”. In Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário História Religiosa em Portugal* [J-P]. Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001, pp. 204-205.

_____, “A ideia Nacionalizante de Portugal na Obra do Abade de Baçal”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. XXXIV-XXXV (2016-2017), pp. 243-249.

GOMES, Pinharanda, “Guarda”. In Carlos Moreira Azevedo, *História religiosa de Portugal*, vol. C-I. Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 309-318.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignácio, *Patrimonio Cultural: conceptos, debates y problemas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

HEINICH, Nathalie, *La fabrique du patrimoine – de la cathédrale à la petite cuillère*. 4.^a ed. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2012.

“Incêndio no Paço Episcopal”. *Mensagem de Bragança* (4 maio 1951), p. 1, col. 2; p. 4; col. 2.

JACOB, João Neto, *Bragança*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

_____, “O Abade de Baçal: a Vida e a Obra”. In Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus, 2000, tomo I, pp. XVII-XLI.

_____, “O Museu do Abade de Baçal: ontem, hoje e amanhã”. *Brigantia – Revista de Cultura*, n.º 1/2 (jan.-abr. 1996), pp. 127-143.

_____; ALVES, Vítor Sá, *Bragança – Roteiros Republicanos*. Matosinhos: QUIDNOVI, 2010.

MARCHISANO, D. Francesco, “El Archivo, el Archivero y la Archivista eclesiástica”, In Maria de Lurdes Rosa e Paulo F. Oliveira Fontes, coord., *Arquivística e Arquivos Religiosos: contributos para uma reflexão*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

MATOS, Sérgio Campos, *Consciência histórica e nacionalismo: (Portugal – séculos XIX e XX)*. Lisboa: Horizonte, 2008.

_____; “Historiografia”. In Carlos Moreira Azevedo, dir., *Dicionário de História Religiosa de Portugal* [C-I], Mem Martins: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 360-373.

“Mons. Cônego Dr. Manuel António Pires Novo Vigário Geral da Diocese de Bragança”. *Mensagem de Bragança* (14 jul. 1950), p. 1, col. 4-5.

MOURA, Maria Lúcia de Brito – *A «guerra religiosa» na I República*. 2.^a ed. revista e aumentada. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2010.

NETO, Vítor, “O Nacionalismo Católico em Jacinto Cândido”. In *Revista de História das Ideias*, vol. 22. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, pp. 395-417.

NUNES, António Jorge, “Nota Breve”, In Hirondino Fernandes, *Bibliografia do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, vol. I, 2012, pp. 9-10.

OLAIO, Nuno, “Jacinto Cândido da Silva (1857-1926): o Nacionalismo Católico através das memórias de um dos seus fundadores”, *Lusitania Sacra*, 2.^a série, 16, 2004, pp. 147-178.

“Os conspiradores fazem por Montalegre uma nova incursão”. *A Capital – Diário Republicano da Noite*, Ano III, n.º 696 (6 de jul. 1912), p. 1, col. 6-7.

PAULO, João Carlos, “Bívar Xavier, Artur da Ascensão”. In NÓVOA, António, dir., *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Asa Editores, 2003, pp. 173-1975.

Roteiro do Museu do Abade de Baçal. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1994.

PEREIRA, Henrique Manuel, org., *Na nossa Catedral para sempre nos encontraremos! – D. António José Rafael e Mário Ferreira da Silva*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016.

_____; Sandra Vale, org., *P.º Francisco Manuel Alves, Natural e Abade de Baçal – Notas do Arquivo Diocesano*. Bragança: Diocese de Bragança-Miranda, 2016.

PEREIRA, Inocêncio, coord., *D. António Rafael – O Bispo da Catedral*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 2002.

PETSCHEN, Santiago, org., *Europa, Iglesia y Patrimonio Cultural: textos internacionales*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

PINHEIRO, Alexandre Sousa; FERNANDES, Mário João de Brito, *A Concordata de 1940 e a Constituição da República Portuguesa: evolução histórica, regime constitucional, tratamento internacional, direito interno português, modelos de relacionamento entre o*

Estado e as confissões religiosas [Estudo/análise para a celebração da nova Concordata, elaborado por dois assistentes da Faculdade de Direito de Lisboa]. Lisboa: (s.n.), 2000.

PIRES, M. Jerónimo, “Notas Históricas: sobre os Seminários e Prelados da Diocese de Bragança, nos últimos tempos – VI – D. António Bento Martins Júnior e os Seminários”. *Mensageiro de Bragança* (7 set. 1951), p. 1, col. 4-5; p. 2, col.1-2.

PIRES, Manuel Jerónimo [Padre], *Institutos Diocesanos de Formação Sacerdotal - Dioceses de Miranda do Douro, e Bragança e Miranda*. Bragança: (s.n.), 1976.

Presidência do Conselho, “Independência de Portugal (Nota oficiosa)”. *Revista dos Centenários*, Ano I, n.º 1 (31 jan. 1939).

RAFAEL, D. António José, “Nota Pastoral ‘Venerável D. Frei Bartolomeu’”. *Mensageiro de Bragança* (13 jul. 1984), p. 5, col. 1-2.

REIS, Bruno Cardoso, “A Concordata de Salazar? Uma análise a partir das notas preparatórias de março de 1937”. *Lusitânia Sacra*, 2.ª série, 12 (2000).

_____, “Portugal e a Santa Sé no sistema internacional (1910-1970)”. *Análise Social*, vol. XXXVI (161), 2001, pp. 1019-1059.

_____, *Salazar e o Vaticano*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

_____, “Vaticano e Portugal uma visão de muito longo prazo” [intervenção no âmbito da conferência *Concordata entre Portugal e a Santa Sé: Realizações e Perspectivas, na celebração do 10.º aniversário da Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé 2004-2014*]. Lisboa: Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros. Imprensa de Ciências Sociais, 2014.

_____; PINTO, Sérgio Ribeiro, “República e Religião, ou a procura de uma Separação”. In Luciano Amaral, org., *Outubro: a revolução republicana em Portugal (1910-1926)*. Lisboa: Edições 70.

ROLO, Raul de Almeida (Fr.), “Dom Frei Bartolomeu dos Mártires por terras de Moncorvo”. *Brigantia – Revista de Cultura*, vol. 1, n.º 3 (out.-dez. 1981), pp. 5-29.

_____, coord., *Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) – Catálogo biblio-iconográfico*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.

S., “Cónego Dr. Manuel António Pires – ‘O Cónego mais novo de Portugal’”. *Mensageiro de Bragança* (1 abr. 1945), p. 4, col. 1-2.

SANTOS, Maria Alcina, *Elites salazaristas transmontanas no Estado Novo – O caso de Artur Águedo de Oliveira (1894-1978)*. [S.l.: s.n.], 2011. Dissertação de Doutoramento em Letras, Área de História, especialidade de História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.

_____, “Introdução à primeira reedição”. In Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português de Museus, 2000, tomo I, pp. CLVII-CLXVII.

SILVA, Amaro Carvalho, *O partido nacionalista no contexto do nacionalismo católico (1901-1910): subsídios para a história contemporânea portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1996.

TORGAL, Luís Reis, “Sob o signo da «reconstrução nacional»”. In TORGAL, Luís Reis [et al.], *História da História em Portugal, Séculos XIX-XX*. [S.l.]: Temas e Debates, 1998, vol. 1, pp. 249-271.

5. Webgrafia

ABREU, João Paulo, “Arquivos eclesíasticos: orientações e normas”. *Theologica*. Braga. 35:1 (2000), pp. 201-225. In http://www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/JPAbreu_Arq_Ecles.pdf (2019-09-11; 17:20).

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde, *A República cristã: fé, ordem e progresso. A República no Brasil e em Portugal 1889/1910*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 272. In <http://hdl.handle.net/10316.2/39047> [2019- 07-02; 12:03:38].

Archivio Segreto Vaticano, *Indice dei Fondi e relativi mezzi di descrizione e di ricerca dell'Archivio Segreto Vaticano*. Città del, 2016. In <http://asv.vatican.va/content/dam/archiviosegreto Vaticano/documenti/Indice%20dei%20Fondi%20e%20relativi%20mezzi%20di%20descrizione%20e%20di%20ricerca.pdf> (2019-02-18; 10:00).

Biblioteca Nacional Digital do Brasil – Hemeroteca Digital. In <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Carta da Vila Vigoni - Sobre a Conservação dos Bens Culturais Eclesiásticos, 1994. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadevillavigoni.pdf>. (2019-02-06; 16:30).

Cartas e Convenções Internacionais sobre Património. In <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/> (2019-02-05; 20:30).

Código de Direito Canónico, 1983. In http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf (2019-09-11; 17:00).

Conferência Episcopal Portuguesa, *Nota Informativa sobre o Património Cultural da Igreja*, 1997. In <https://www.bensculturais.com/documentos/1997-NotaInformativaSobrePatrimonioCulturalDaIgreja.pdf>. (2019-02-11; 10:50).

_____, *Património histórico-cultural da Igreja*. 2.ª ed., Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 1990. In http://www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/CEP_Patrimonio.pdf. (2019-02-06; 19:30).

_____, *Princípios e Orientações sobre os Bens Culturais da Igreja - n.º 25*, 2005. In <https://www.bensculturais.com/documentos/2005-PrincipiosEOrientacoesSobreBensCulturaisDaIgrejaCEP.pdf>. (2019-09-11; 16:00).

Conselho da Europa, *Convenção Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade [Convenção de Faro]*, 2005 In *Diário da República: I série (N.º 177)*, 12 de Setembro de 2008. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf> (2019-03-03; 19:00).

CORDEIRO, D. José (Bispo de Bragança-Miranda), *Arquivo Diocesano da Diocese de Bragança-Miranda «Tombo Diocesano Monsenhor José de Castro»* [Decreto n.º 009/2016 de 26 de agosto]. In http://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/009__arquivo_diocesano__tombo_diocesano_monsenhor_jose_de_castro.pdf (2019-09-14; 18:10).

_____, “Celebração exequial – D. António José Rafael” (30 jul. 2018). In https://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/celebracao_exequial_30.07.pdf (2019-10-11; 14:45).

_____, “Homilia da Solenidade de Nossa Senhora das Graças” (22 ago. 2016). In <https://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/Homilia%2022.08.pdf>. (2019-10-11; 16:00).

FREITAS, Nainôra Maria B., “A ação dos bispos na província eclesiástica de São Paulo/ Paineis A historiografia brasileira e os pactos sociais católicos: os grandes ausentes (1890-

2010)”. In *Congress of the Latin American Studies Association* (Washington, 29 maio a 1 jun. 2013). In https://www.academia.edu/25641587/A_A%C3%87%C3%83O_DOS_BISPOS_NA_PROV%C3%8DNCIA_ECLESIASTICA_DE_S%C3%83O_PAULO (2019-09-02; 17:40).

João Paulo II, Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *Inde a Pontificatus*, 25 mar. 1993. In http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_25031993_inde-a-pontificatus.pdf. (2019-10-03; 18:00).

_____, *Constituição Apostólica Pastor Bonus, sobre a Cúria Romana*, 28 jun. 1988. In http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.pdf. (2019-10-03; 16:00).

Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Diário da República: I série-A (N.º 209). In <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf> (2019-03-02; 17:40).

Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja. *Carta circular A função pastoral dos arquivos eclesíasticos*, 1997. In www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Gru/arquiv/CartaCircular.pdf (2019-09-11; 17:45).

Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja, *II Conselho Nacional dos Bens Culturais da Igreja – Documento Final*. Braga: 17 e 18 de junho de 2009. In <http://www.bcdp.org/v2/images/documentos/doc8.doc> (2019-09-11; 17:00).

UNESCO, *Convenção para a protecção do património*, 1972. In <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturaleNatural.pdf> (2019-03-02; 18:00).